



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANDRÉ MENDES PINI

**DESINFORMAÇÃO E POPULISMO RADICAL DE DIREITA: O CASO
DA ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP EM 2016**

BRASÍLIA

2021

ANDRÉ MENDES PINI

**DESINFORMAÇÃO E POPULISMO RADICAL DE DIREITA: O CASO
DA ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP EM 2016**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Relações Internacionais da Universidade de Brasília
como requisito para obtenção do título de doutor em
Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Castro Santos

BRASÍLIA

2021

ANDRÉ MENDES PINI

**DESINFORMAÇÃO E POPULISMO RADICAL DE DIREITA: O CASO
DA ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP EM 2016**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Relações Internacionais da Universidade de
Brasília como requisito para obtenção do título de
doutor em Relações Internacionais.

Banca examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Maria Helena Castro Santos (Orientadora – IREL/UnB)

Prof. Dr. Guilherme Stolle Paixão e Casarões (FGV-EAESP)

Prof.^a. Dr.^a. Cristina Carvalho Pacheco (CCBSA/UEPB)

Prof. Dr. Juliano da Silva Cortinhas (IREL/UnB)

Prof. Dr. Antonio Carlos Moraes Lessa (IREL/UnB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a meu filho Giuseppe, que nasceu no mesmo ano em que estou concluindo essa tese e me ajudou a compreender o verdadeiro significado da palavra felicidade. O título mais importante da minha vida não é o de Doutor, mas sim, o de Pai. Ao meu lado, ao longo desses longos anos de escrita e de estudos, sempre esteve minha esposa, Ana Luiza, a quem agradeço por acreditar em mim mesmo quando eu perdi a confiança. Eu te amo, obrigado por ser a melhor esposa e mãe que eu poderia pedir a Deus, espero poder te fazer feliz sempre, como você me faz. Minha mãe Vera também foi fundamental para a conclusão dessa etapa, porque foi ela que sempre me apoiou em minhas decisões e me amou incondicionalmente minha vida inteira. Obrigado, mãe, se hoje sei como ser um bom pai e um bom marido é porque você me ensinou mais do que qualquer aula ou qualquer professor. À meu pai Fernando, exemplo de pessoa e profissional que quero ser e que sempre estará vivo dentro de meu coração. Aos meus avós, Oneide e Nelson, que estiveram comigo desde o início dessa caminhada e seguem me guiando. A meus primos-irmãos, Gustavo e Mayra, pela parceria e cumplicidade. À minha sogra, Inez, pelo carinho constante. Aos compadres Kaká e Guga, pela amizade sempre. Àqueles que cuidaram sempre de mim, vó Tereza, vô Pini, vó Cida, vó Judite, tia Dal, tio Zé, Dona Marina. Essa tese é dedicada a todos vocês.

A conclusão de uma tese também é a história da formação de um professor. Quero, portanto, agradecer a tantos professores e professoras que marcaram a minha vida. Aos professores do Colégio T. Parthenon, em especial, Nelson e Eduardo, obrigado por despertarem em mim a vontade de entender o mundo e ajudar a torná-lo um lugar um pouco melhor. Aos professores da ESPM-SP, como Geraldo Godoy e Corival do Carmo, por serem meu primeiro ponto de contato com as relações internacionais. Agradeço também aos professores do Clio, em especial, João Daniel e Ricardo Victalino, cujas aulas incríveis me inspiraram a me tornar o professor que sou hoje.

Agradeço imensamente a meus mestres da UnB, que foram essenciais para minha formação, e destaco alguns a quem devo agradecer de maneira particular: Daniel Jatobá, que me incentivou a prestar o mestrado quando eu achava não ter capacidade, e Alcides Costa Vaz, que dedicou muito de seu tempo para ajudar minha turma. Agradeço a meus ex-orientadores, Antônio Carlos Lessa e Pio Penna Filho, que me ajudaram a consolidar minhas escolhas profissionais e me guiaram ao longo da especialização e do mestrado, respectivamente. Além disso, devo agradecer especiais a minha orientadora, a Prof^a

Maria Helena Castro Santos, que foi fundamental para a elaboração dessa tese, principalmente, ao longo de minhas dificuldades com a parte metodológica. Obrigado por toda a atenção, carinho e paciência, professora.

Agradeço também aos colegas de Doutorado, Angélica Szucko, Bruno Mendelski, Willian Wives, Paulo Menechelli, Laura Urrejola, Thaís Ribeiro, Ítalo Resende e, em especial, meu grande amigo Guilherme Frizzera Loyola; além dos ex-colegas de Mestrado, principalmente, Maíra Fedatto e Ana Paula Rosetto. Agradeço também aos amigos do Senac, Daniel Coronato, Gustavo Menon, Luís Vitagliano e Natália Finger mann, que foram fundamentais quando iniciei minha trajetória na docência. Agradeço também aos colegas da UFPB, UnP e UEPB pela parceria ao longo de minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Agradeço à toda equipe de servidores do iRel da Universidade de Brasília, local que imaginei estudar por apenas 11 meses, ao longo da especialização em 2011, mas que acabou me abrigando por quase uma década e se tornando minha *alma mater*. Agradeço também a CAPES por possibilitar o meu acesso às bolsas de estudo, ao longo do mestrado e do doutorado, sem às quais eu não poderia desenvolver minhas pesquisas e minha carreira.

Agradeço imensamente também a quem um dia me chamou de professor. Estar em sala de aula perante vocês, com o desafio de ensinar, instigar, inspirar, avaliar, orientar, dentre tantas responsabilidades, é o que me move. Espero ter feito a diferença na formação acadêmica, profissional e pessoal de vocês, do mesmo modo que os professores e professoras aqui citados fizeram para mim.

Por fim, agradeço amigos e familiares, que constituem a base de nossas vidas e me ajudaram a seguir em frente, mesmo quando o caminho me levou a São Paulo, Brasília ou João Pessoa. Muito obrigado por me apoiarem e estarem ao meu lado.

RESUMO

Esta tese investiga os efeitos da desinformação e do Populismo de Direita Radical (PDR) Trumpista nas eleições norte-americanas de 2016, com o objetivo de compreender de que modo essas variáveis influenciaram na vitória de Donald Trump. O trabalho se insere no debate acerca da influência da desinformação para a promoção de atores de ultradireita em processos eleitorais. A partir da ferramenta metodológica de *process-tracing*, o estudo de caso é estabelecido a partir da seguinte pergunta de pesquisa: Como a desinformação e o PDR Trumpista influenciaram no crescimento da ultradireita nos EUA e na cooptação de eleitores Democratas para a vitória de Donald Trump em 2016? O argumento da tese é que a desinformação e o Populismo de Direita Radical de Trump atuaram conjuntamente, por um lado, para fomentar o crescimento da ultradireita norte-americana, ajudando a torná-la *mainstream* e a consolidar a radicalização republicana, e, por outro lado, para cooptar parcelas do eleitorado democratas, diminuindo o seu comparecimento às urnas ou convertendo-os em eleitores de Trump efetivamente. A cadeia causal elaborada na tese é composta, também, por variáveis antecedentes importantes, que correspondem a elementos necessários, ainda que insuficientes, para compreender os resultados da eleição de 2016. Essas questões incluem a radicalização do Partido Republicano – fruto da crise do movimento conservador e da eleição de Obama -, o Movimento Birther – que ofereceu o protagonismo político a Donald Trump -, o movimento anti-Clinton, estabelecido desde a década de 1990 – que ofereceu grandes subsídios para Trump antagonizar Hillary Clinton em 2016 - as regras do sistema eleitoral dos EUA, definidos pela decisão *Citizens United* da Suprema Corte – que criou as condições permissivas para a proliferação de desinformação nas eleições do país - e a fragmentação da mídia norte-americana – que determinou o insulamento da mídia de ultradireita nos EUA. Os resultados da tese demonstram que a vitória de Trump deve ser associada a três atores fundamentais: A direita religiosa fundamentalista, a Alt-Right e Steve Bannon. Esses atores convergiram em torno de ideologias de ultradireita e consolidaram as dimensões populistas, nativistas e autoritárias do PDR de Trump. Eles também articularam, conjuntamente, fluxos de desinformação nas eleições de 2016 para a promoção das agendas republicanas, a consolidação da ultradireita do país no *mainstream*, a cooptação de trabalhadores brancos e a dissuasão de eleitores afro-americanos.

Palavras-Chave: Donald Trump; Desinformação, Ultradireita, Populismo de Direita Radical, Estados Unidos, Eleições.

ABSTRACT

This dissertation investigates the effects of both disinformation and Trump's Populist Radical Right (PRR) platform in the 2016 U.S. elections, aiming to understand how these variables influenced Donald Trump's victory. This paper dialogues with the literature on the role played by disinformation in the promotion of far-right actors in electoral processes. Anchored in the methodological tools of *process-tracing*, the case study is developed through the following research question: How did disinformation and Trump's PRR lead to the growth of the far-right in the U.S. and influenced Donald Trump's victory in 2016? The argument we present is that disinformation and Trump's PRR acted together, on the one hand, to foster the growth of the U.S. far-right, making it *mainstream* and consolidating the republican radicalization, while, on the other hand, they engaged Democratic partisans by lowering their turnout or converting them into Trump voters. The causal chain devised in the dissertation is also comprised of important antecedent variables, which correspond to elements needed, albeit insufficient, to understand the results of the 2016 election. We point to the radicalization of the Republican Party – which stems from the conservative movement crisis and the Obama election - the Birther Movement - which gave Donald Trump political prominence - the anti-Clinton movement established since the 1990s - which represented a huge amount of ammo to antagonize Hillary Clinton in 2016 - the rules of the US electoral system as defined by the Citizens United Supreme Court decision - which created the permissive conditions for the proliferation of disinformation in the country - and the fragmentation of the US media - which determined the isolation of the far-right media in the US. This dissertation demonstrates that the 2016 election results must be linked to three key actors: The fundamentalist religious right, the Alt-Right, and Steve Bannon. These actors converged around far-right ideologies and consolidated the populist, nativist, and authoritarian dimensions of Trump's PRR. They also articulated disinformation in the 2016 elections, aimed at promoting republican agendas, consolidating the country's far-right as *mainstream*, converting white workers to vote republican and reducing the turnout of African-American voters.

Keywords: Donald Trump, Disinformation, Far-Right, Populist Radical Right, United States, Election.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Caminhos Dedutivos e Indutivos no <i>Process-tracing</i>	21
Figura 2. O Desenho de Pesquisa.....	23
Figura 3. A representação de um mecanismo causal.....	24
Figura 4. A ação da Desinformação nas variáveis intervenientes.....	24
Figura 5. Ação do PDR Trumpista nas variáveis intervenientes.....	25
Figura 6. O conceito de Ultradireita.....	33
Figura 7. O conceito de Direita Populista Radical.....	35
Figura 8. Anúncios patrocinados incorporados ao Feed dos usuários do Facebook.....	83
Figura 9. Anúncios personalizados de barra lateral no Facebook.....	83
Figura 10. Figura 10. Cadeia Causal da Radicalização Republicana.....	107
Figura 11. Tweets de Donald Trump sobre Movimento Birther.....	137
Figura 12. Polarização norte-americana em meio a votações no legislativo federal.....	150
Figura 13. Mapa eleitoral norte-americano de 2016.....	152
Figura 14. Distritos eleitorais que mudaram o partido vencedor entre 2012 e 2016.....	153
Figura 15. Meme produzido pela Alt-Right contra o Partido Republicano.....	178
Figura 16. As conexões entre atores, ideologias e estratégias do PDR Trumpista.....	204
Figura 17. Temas explorados em anúncios individuais perante a média nacional.....	215
Figura 18. Termos utilizados pela ultradireita no Twitter nas eleições de 2016.....	242
Figura 19. Publicação de Trump no Twitter associada à Alt-Right.....	243
Figura 20. Tweet de Donald Trump antagonizando Hillary Clinton.....	255
Figura 21. Palavras-chave associadas aos candidatos presidenciais no Twitter.....	259

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Ataques da Ultradireita na Europa de 2012 a 2017.....	68
Gráfico 2. Pontos de convergência ideológica da ultradireita.....	69
Gráfico 3. O espectro da ultradireita global.....	70
Gráfico 4. Confiança dos norte-americanos nas mídias de massa.....	91
Gráfico 5. Circulação da Mídia Impressa nos EUA.....	92
Gráfico 6. Número de empregos nas redações de jornais.....	94
Gráfico 7. Porcentagem de adultos nos EUA que utilizam redes sociais.....	96
Gráfico 8. Frequência de uso das redes sociais.....	96
Gráfico 9. Porcentagem de adultos que se informam em cada formato de mídia.....	97
Gráfico 10. Mapa de rede de fontes de mídia eleitoral com base em links de mídia.....	100
Gráfico 11. Mapa de rede de fontes de mídia com base no Twitter.....	101
Gráfico 12. Mapa de rede de fontes de mídia com base no Facebook.....	101
Gráfico 13. Distribuição partidária da mídia por acesso na internet aberta.....	102
Gráfico 14. Distribuição partidária da mídia por compartilhamentos no Twitter.....	102
Gráfico 15. Distribuição partidária da mídia por compartilhamentos no Facebook.....	103
Gráfico 16. Turn-out das eleições de 2016 por grupo racial.....	156
Gráfico 17. Porcentagem eleitoral dos diversos grupos raciais nos EUA.....	157
Gráfico 18. Estilo de utilização do Twitter por candidato nas eleições de 2016.....	232
Gráfico 19. Confiança nas mídias de massa por partido.....	237
Gráfico 20. Cobertura midiática dos candidatos nas eleições de 2016 por tópicos.....	239
Gráfico 21. Cobertura midiática comparada dos candidatos nas eleições de 2016.....	239
Gráfico 22. Tipos de histórias associadas aos candidatos nas eleições de 2016.....	240

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de visitantes únicos no website de jornais nos EUA.....	93
Tabela 2. Porcentagem da renda de jornais advinda de publicidade digital.....	93
Tabela 3. Grupos e Anúncios no Facebook nas eleições de 2016.....	145
Tabela 4. Distribuição de percepção perante o governo Obama entre sub-grupos.....	157
Tabela 5. Lógica do pensamento Tradicionalista de Steve Bannon.....	189
Tabela 6. Temas explorados a nível individual, divididos por estado.....	216

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

4GW – Fourth Generation Warfare

AfD - Alternativ für Deutschland

AFP – Americans for Prosperity

AIP – American Independence Party

ALT-RIGHT – Alternative Right

ANP – American Nazi Party

APA – American Protective Association

CA – Cambridge Analytica

CEO - Chief Executive Officer

CNP – Council for National Policy

CPAC - Conservative Political Action Conference

DFP - Dansk Folkeparti

DHS - Departament of Homeland Security

DNC - Democratic National Committee

EU – European Union

EUA – Estados Unidos da América

FAIR - Federation for American Immigration Reform

FEC - Comissão Eleitoral Federal

FPÖ - Freiheitlichen Partei Österreichs

GAI - Government Accountability Institute

GLBT - Gays, Lesbians, Bisexuals, and Transgender

GOP – Grand Old Party (Partido Republicano)

HAVA - Help America Vote Act

HČSP - Hrvatska čista stranka prava

IRS - Internal Revenue Service

JBS – John Birch Society

KGB - Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti

KKK – Ku Klux Klan

KNM – Know Nothing Movement

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e Mais.

M5S – Movimento 5 Estrelas

MAGA – Make America Great Again

MGTOWs – Men Going Their Own Ways

MRA - Men's Rights Activists

N-AMs – National Anarquists

NA – National Alliance

NAFTA - North American Free Trade Agreement

NDE – Nova Direita Europeia

NDF – Nova Direita Francesa

NEOCONS - Neoconservadores

NRA – National Rifle Association

NRx - Neorreacionários

NSM –National Socialist Movement

NSWPP - National Socialist White People's Party

NWO – New World Order

ONU – Organização das Nações Unidas

PAC - Political Action Committees

PALEOCONS - Paleoconservadores

PEGIDA - Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente

PDR – Populismo de Direita Radical

PRR – Populist Radical Right

PVV - Partij voor de Vrijheid

RAM – Rise Above Movement

RNC – Republican National Committee

RT – Russia Today

SAGE - Spiritually Active, Governance Engaged Conservative Christians

SPLC – Southern Poverty Law Center

TEA – Taxed Enough Already

UE – União Europeia

UKIP - United Kingdom Independence Party

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

US – United States

WASP – White, Anglo-Saxan and Protestant

WWII – Segunda Guerra Mundial

SUMÁRIO

Introdução.....	17
Objetivos.....	18
Metodologia.....	19
CAPÍTULO 1 – ULTRADIREITA E POPULISMO DE DIREITA RADICAL NOS EUA..	31
1.1 Ultradireita, Extrema-Direita e Direita Radical	31
1.1.1 O Populismo de Direita Radical	34
1.2 As Ondas da Ultradireita	37
1.3 A Ultradireita nos EUA	40
1.3.1 As raízes históricas	40
1.3.2 Raízes intelectuais e conexões internacionais	45
1.3.3 A Ultradireita norte-americana no século XXI.....	50
1.3.4 Alt-Right: A Direita Alternativa.....	56
1.4 A ultradireita global e as plataformas digitais	66
CAPÍTULO 2 – A DESINFORMAÇÃO E A FRAGMENTAÇÃO DA MÍDIA NORTE-AMERICANA.....	72
2.1 <i>Fake News</i> e Desinformação	73
2.1.1 Big Data e monetização das plataformas digitais.....	76
2.1.2 Microtargeting e campanhas eleitorais	78
2.1.3 Fragmentação, Filtros-bolha e Câmaras de Ressonância	85
2.2 Fragmentação da Mídia nos EUA	90
2.2.1 Assimetrias do ecossistema midiático norte-americano	98
CAPÍTULO 3 – A RADICALIZAÇÃO REPUBLICANA E O ANTAGONISMO A BARACK OBAMA E HILLARY CLINTON	106
3.1 A Radicalização Republicana e a Crise do Conservadorismo.....	107
3.1.1 O movimento Conservador e suas heterogeneidades	109

3.1.2 A Crise Conservadora e o Fim da Guerra Fria	120
3.1.3 Barack Obama e o Tea Party	123
3.1.4 A Consolidação da radicalização Republicana.....	129
3.2 Trump e a Desinformação	132
3.3 Hillary Clinton e a Decisão <i>Citizens United</i>	138
CAPÍTULO 4 - AS ELEIÇÕES NORTE-AMERICANAS DE 2016 E A ASCENSÃO DE TRUMP DESDE AS PRIMÁRIAS.....	147
4.1 Polarização política e radicalização nas eleições de 2016.....	148
4.2 Os resultados das eleições de 2016.....	151
4.3 As Primárias Republicanas	158
4.4 A cooptação de alianças no Partido Republicano.....	164
4.4.1 A cooptação da direita religiosa fundamentalista.....	166
4.4.2 A atuação de Steve Bannon	172
4.4.3 Alt-Right e o apoio a Donald Trump.....	175
CAPÍTULO 5 – O POPULISMO DE DIREITA RADICAL TRUMPISTA E SEUS IMPACTOS NAS ELEIÇÕES DE 2016.....	182
5.1 O populismo de Donald Trump.....	183
5.1.2 A influência do Tradicionalismo	187
5.1.3 A Metapolítica e a Guerra Cultural	191
5.2 Impactos do PDR Trumpista nas variáveis intervenientes	204
5.2.1 A incorporação da ultradireita dos EUA ao <i>mainstream</i>	205
5.2.2 A cooptação de potenciais eleitores democratas	209
CAPÍTULO 6 – A DESINFORMAÇÃO E SEUS EFEITOS NAS ELEIÇÕES DE 2016....	218
6.1 Histórico digital das disputas entre Democratas e Republicanos	219
6.2 A Campanha de Trump e seu foco digital	224
6.3 Desinformação no ciclo eleitoral de 2016	233
6.3.1 A ultradireita e a amplificação do engajamento de Trump	236
6.3.2 A desinformação e a redução do turn-out democrata	248

Conclusão	261
Bibliografia.....	266
Anexos.....	296

Introdução

Uma das principais características das primeiras décadas do século XXI é o novo ciclo de ascensão de movimentos e ideologias de ultradireita em âmbito global. Esse processo vem ganhando espaço mesmo em Estados democráticos, o que é corroborado pela constatação que, em 2020, quase 2 bilhões de pessoas viviam em Estados governados por lideranças de ultradireita eleitas democraticamente, incluindo os EUA, o Brasil e a Índia. Mudde (2019) define a conjuntura política na qual a presente tese está inserida como sendo parte de uma “Quarta Onda” de ascensão da ultradireita no plano internacional. A singularidade contemporânea desse processo advém do fato de ela ter sido capaz de superar sua tradicional ocupação “às margens” da sociedade, alavancando esse conjunto de ideologias a uma posição *mainstream* e normalizando suas narrativas radicais no âmbito da política cotidiana. Uma parcela da responsabilidade dessa questão pode ser atribuída às dinâmicas recentes das plataformas digitais, que se tornaram os principais meios de comunicação do século XXI.

A presente tese se debruça sob o caso emblemático da eleição de Donald Trump como Presidente dos EUA em 2016, com foco na utilização das plataformas digitais para a promoção de agendas de ultradireita por meio de fluxos de desinformação. Vocaliza-se, também, o impacto do Populismo de Direita Radical de Trump na captação e colimação, a seu favor, não somente de eleitores republicanos, como também de parcelas do eleitorado democrata.

Segundo Mudde (2000), a ultradireita pode ser definida como sendo composta por movimentos – violentos ou não violentos - cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia e autoritarismo. No âmbito do conceito amplo de ultradireita está contido o Populismo de Direita Radical (PDR), que contempla o populismo, o nativismo e o autoritarismo como fundamentos principais (MUDDE, 2019). Identificou-se, ao longo da pesquisa, que a plataforma de Trump consolidou-se em torno de um PDR de características particulares, que será tratado ao longo do trabalho como PDR Trumpista. A “Desinformação” é definida no presente trabalho a partir de autores como Bakir e McStay (2017); Jack (2017) e Wardle e Derakshan (2017). A Desinformação, assim, é definida como a dinâmica de criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais, beneficiando-se de sua rápida e ampla disseminação, com o intuito deliberado de causar danos a atores como indivíduos,

grupos sociais, organizações, religiões, ou até mesmo Estados. Dentro do conceito de desinformação se incluem, ainda, histórias maliciosas divulgadas amplamente, mas que não necessariamente são falsas, podendo deter elementos de verdade retiradas de seu contexto original, mas utilizadas para causar danos de fato a pessoas, grupos sociais, organizações ou países, como vazamentos de documentos, assédio e discursos de ódio (WARDLE; DERAKSHAN, 2017). O elemento fundamental desse conceito, portanto, é a intenção de atingir um ator particular a partir da criação e disseminação de um determinado conteúdo.

Nesse sentido, a pergunta que orientou a pesquisa é: “**Como a desinformação viabiliza projetos Populistas de Direita Radical em processos eleitorais?**”. As eleições presidenciais de 2016 nos EUA constituem o estudo de caso aqui selecionado para elucidar o impacto da desinformação na promoção da ultradireita ao longo de processos eleitorais, e vai contribuir para refinar a literatura acerca dessa temática. O **argumento** da tese é que, no caso das eleições de 2016 nos EUA, a Desinformação e o Populismo de Direita Radical de Trump, a partir de variáveis antecedentes determinantes, atuaram conjuntamente para fomentar o crescimento da ultradireita, impactando tanto os eleitores republicanos e incentivando sua radicalização, quanto certas parcelas de eleitores democratas, diminuindo o seu comparecimento às urnas— como as minorias afro-americanas — ou convertendo-os em eleitores de Trump, como os trabalhadores brancos.

Objetivos

O objetivo principal da pesquisa é “Identificar de que modo os fluxos de desinformação e o PDR Trumpista influenciaram na vitória de Donald Trump ao longo do processo eleitoral de 2016”. Os Objetivos Específicos são:

- Identificar a maneira pela qual a Desinformação promoveu a Ultradireita norte-americana ao longo das eleições presidenciais de 2016 dos EUA;
- Avaliar a maneira pela qual a Desinformação reduziu o comparecimento às urnas de potenciais eleitores do Partido Democrata.
- Analisar a maneira pela qual o Populismo de Direita Radical de Trump obteve sucesso eleitoral a partir da radicalização do eleitorado republicano;
- Delinear o processo de cooptação de parte do eleitorado Democrata para votar em Donald Trump por meio da adesão ao Populismo de Direita Radical de Trump.

Metodologia

O presente projeto reflete a complexidade e a interdisciplinaridade inerente à execução de uma proposta de pesquisa no campo das relações internacionais. De acordo com Silva e Cunha (2015, p.3) o principal objetivo de qualquer estudo com base científica “deve ser o de produzir inferências válidas, ou seja, os dados coletados da realidade devem ser utilizados para produzir uma descrição ou uma relação de causalidade que não pode ser observada de imediato”. A definição dos métodos e processos de coleta de dados é, portanto, imprescindível para que a pesquisa seja confiável e replicável (KING; KEOHANE; VERBA, 1994).

A **metodologia** escolhida para realizar a pesquisa leva em consideração a complexidade dos fenômenos observados, impondo a necessidade de compreensão não somente das interveniências e elos da cadeia causal¹, como também das variáveis antecedentes do desenho de pesquisa. Desse modo, optou-se, metodologicamente, a partir da realização de uma **pesquisa qualitativa de caso único**, pela utilização da ferramenta metodológica de *process-tracing*², voltada às eleições presidenciais norte-americanas de 2016. Para responder à pergunta de pesquisa, deve-se ter em mente que, a partir da aplicação do *process-tracing*, estaremos trabalhando com o efeito combinado do **conjunto de variáveis independentes**, incluídas ali as intervenientes, perante a variável dependente.

Pondera-se que a abordagem qualitativa representa uma interessante mediação nos estudos e pesquisas da área das ciências humanas e sociais, abarcando suas complexidades e contradições, e complementando, assim, os processos quantitativos. Contudo, optar pela abordagem qualitativa não significa abrir mão de dados quantificáveis, superando assim a dicotomia qualitativo-quantitativo, e determinando que as perguntas feitas ao objeto é que marcarão a opção metodológica. Sendo assim, ao longo do trabalho utiliza-se dados quantitativos inerentes ao estudo de caso particular.

O estudo de caso é adequado a situações em que a. a pergunta de pesquisa é voltada a entender “como” ou “por que” um fenômeno ocorre, b. não há controle sobre os eventos comportamentais, e c. o foco do estudo é um fenômeno contemporâneo (YIN, 2018). O estudo de caso é um método empírico que investiga, profundamente, um fenômeno

¹ Beach e Pedersen (2013) definem mecanismos causais como sendo um sistema complexo que produz um resultado – *outcome* – a partir da interação de um número de partes.

² Mais especificamente a “*explaining outcomes process-tracing*”, que será melhor descrita e explicada na parte de metodologia.

contemporâneo – o “caso” – especialmente quando os limites entre o fenômeno e seu contexto não são evidentes de forma clara (YIN, 2018). Além disso, Yin (2018, p. 46) argumenta: “*A case study copes with the technically distinctive situation in which there will be many more variables of interest than data points*”. Assim, o autor aponta que estudos de caso se beneficiam de proposições teóricas prévias para ajudar a montar o desenho da pesquisa e identificar os dados a serem coletados, utilizando múltiplas fontes de evidência para “triangular” esses dados (YIN, 2018).

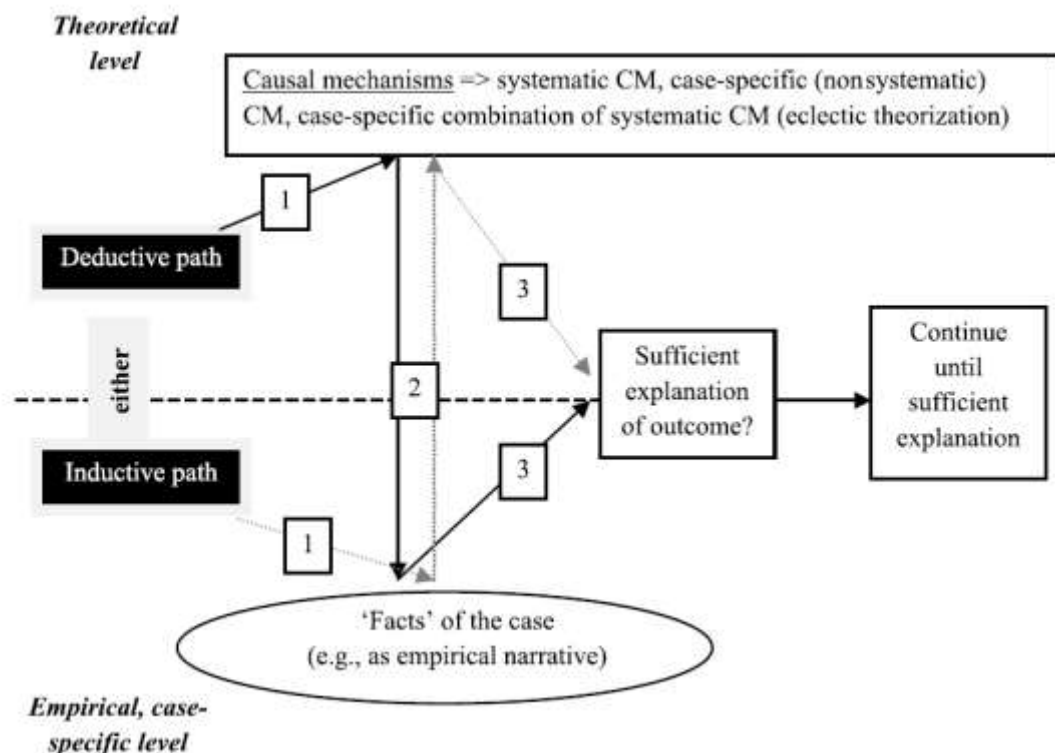
O estudo de caso selecionado, portanto, refere-se às eleições norte-americanas de 2016, que foi paradigmática com relação à maneira pela qual a ultradireita potencializa sua ascensão a partir da exploração de fluxos de desinformação. Em particular, o presente trabalho se debruça sobre os impactos gerados pelas dinâmicas de desinformação no ambiente político dos Estados Unidos da América, avaliando a maneira pela qual a desinformação contribuiu para a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2016, por meio de um Populismo de Direita Radical particular. Ressalta-se, portanto, que os fenômenos observados no presente trabalho correspondem a um recorte de tempo e espaço específico, não havendo a pretensão de estabelecimento de uma teoria geral para além do estudo de caso. Isso é determinado, sobretudo, pelas constantes mudanças tecnológicas presentes nas plataformas digitais nas quais a desinformação se propaga, como, por exemplo, as redes sociais, que têm seus algoritmos atualizados e modificados constantemente e de maneira pouco transparente. No entanto, a tese contribui para a literatura que se debruça sobre a utilização de desinformação por atores de ultradireita em processos eleitorais, seja devido às conclusões obtidas ou ao modelo metodológico adotado para se estudar essa questão.

Nesse sentido, a partir da complexidade do estudo de caso selecionado para a elaboração da tese, optou-se por uma abordagem vinculada à nova metodologia qualitativa de estudo de caso único, com a utilização do método de *process-tracing* (delineamento de processo). O *process-tracing* oferece ferramentas metodológicas para o estudo de mecanismos causais em um desenho de pesquisa de caso único, sendo adequado ao presente trabalho porque permite a validação e o teste de hipóteses perante um caso singular, sendo um método utilizado para articular diferentes fatores causais na análise de fenômenos sociais complexos e historicamente delimitados (GLENNAN, 1996 apud PEDERSEN; BEACH, 2013; GEORGE; BENNET, 2005; CUNHA; SILVA, 2015).

Dentre as possibilidades que essa ferramenta metodológica oferece, optou-se pela variante de “*explaining outcomes process-tracing*”, um estudo de caso único que busca determinar uma explicação minimamente suficiente a partir da determinação das causas de um resultado (*outcome*) particular em um evento histórico marcante. A metodologia de *explaining outcomes process-tracing* tem como etapa inicial a escolha de um caso a ser estudado, cujo resultado seja relevante. Nesse sentido, o caso escolhido foram as eleições presidenciais norte-americanas de 2016, cujo resultado (*outcome*) foi a vitória de Donald Trump. Essa metodologia procura traçar o complexo conglomerado de mecanismos causais do caso que produziu o resultado em questão, até se atingir uma explicação minimamente suficiente (BEACH; PEDERSEN, 2013).

Embora esse método possibilite uma trajetória tanto por dedução quanto por indução, optou-se pelo caminho indutivo, utilizando evidências empíricas para a elaboração de uma explicação acerca dos mecanismos causais (BEACH; PEDERSEN, 2013). A Figura 1 demonstra essas duas possibilidades, sendo que as setas cinzas correspondem ao método indutivo utilizado na presente pesquisa.

Figura 1. Caminhos Dedutivos e Indutivos no *Process-tracing*



Deve-se ter em vista que a compreensão dos mecanismos causais no *process-tracing* se dá a partir tanto de mecanismos sistemáticos quanto não-sistemáticos, ou seja, específicos do caso analisado (BEACH; PEDERSEN, 2013). Os autores ainda ressaltam:

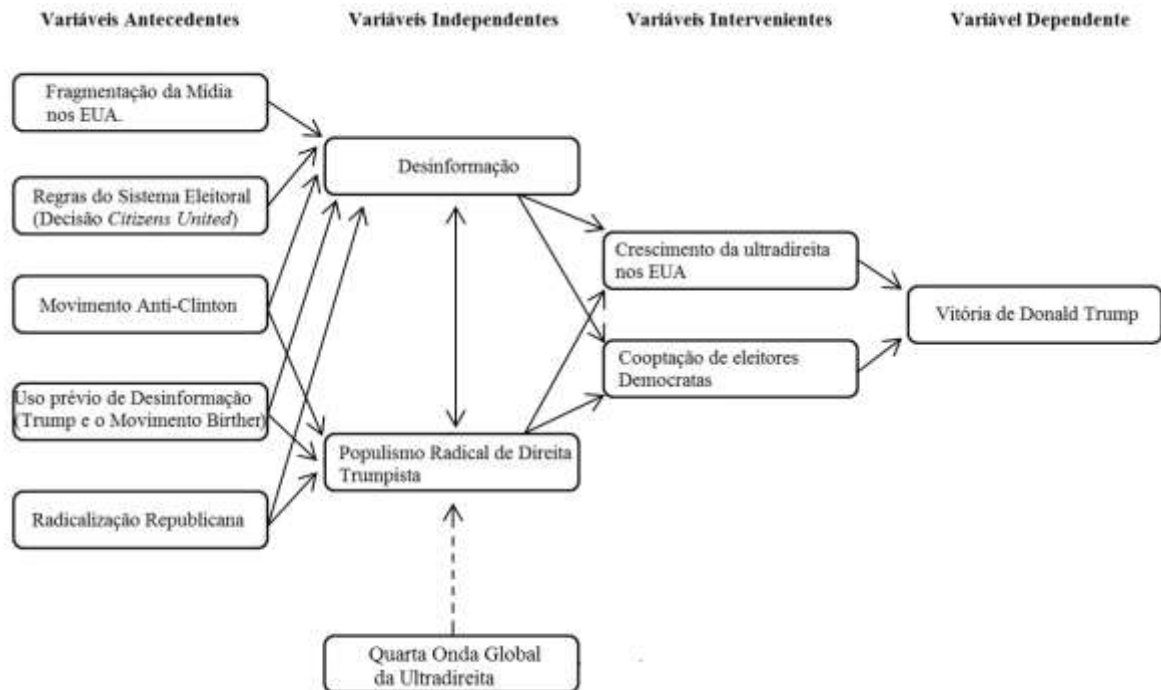
Explaining-outcome *process-tracing* is an iterative research strategy that aims to trace the complex conglomerate of systematic and case-specific causal mechanisms that produced the outcome in question. The explanation cannot be detached from the particular case (BEACH; PEDERSEN, 2013, p. 28).

Portanto, a partir da metodologia de *explaining outcomes process-tracing* busca-se identificar mecanismos específicos relacionados com as eleições norte-americanas de 2016 e seu *outcome* – a vitória de Trump -, compreendendo que eles tem impactos relevantes especificamente para esse estudo de caso. A complexa combinação desses diferentes mecanismos causais existentes é denominada de “teorização eclética”. Essa abordagem é considerada mais pragmática, tendo em vista que é orientada para identificar a multiplicidade de mecanismos que produzem um resultado em um caso específico, e não para o desenvolvimento de uma grande teoria geral (BEACH; PEDERSEN, 2013).

A ferramenta de *process-tracing* envolve tentativas de identificar os mecanismos causais entre uma ou mais variáveis independentes e o resultado (*outcome*) da variável dependente. Com efeito, As **variáveis independentes** identificadas para a pesquisa são a **Desinformação** e o **Populismo de Direita Radical de Donald Trump**, ao passo que se buscou avaliar sua influência e seus efeitos na **variável dependente**: a **vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2016 dos EUA**.

A partir das duas variáveis independentes, percebeu-se que seus efeitos perante a variável dependente – a vitória de Trump – ocorreram por meio de duas variáveis intervenientes, que correspondem a mecanismos causais intervenientes. Essas interveniências são o crescimento da ultradireita nos EUA e a cooptação de eleitores democratas. Ressalta-se o foco no efeito combinado das duas variáveis independentes perante as variáveis intervenientes. Com efeito, a Figura 2 representa a cadeia causal identificada.

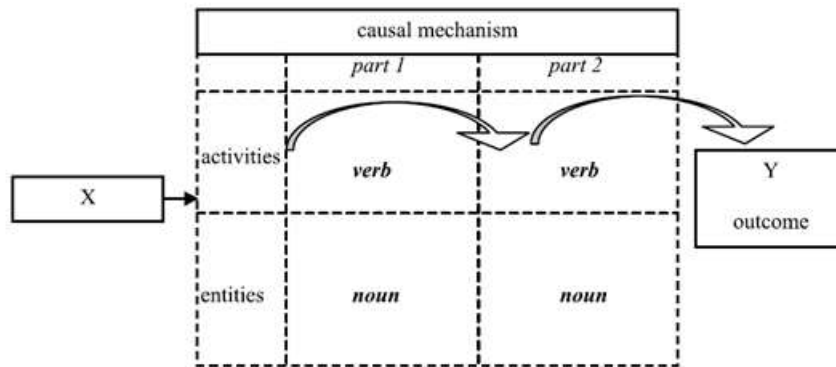
Figura 2. A Cadeia Causal.



Fonte: Elaboração do autor.

Para se compreender a maneira pela qual esse mecanismo causal funcionou, recorre-se à abordagem de Beach e Pedersen (2013), que auxilia na representação visual desse processo, trazendo consigo um aspecto didático importante. Cada parte do mecanismo causal é composto por entidades que desempenham atividades, e essas atividades são as produtoras de mudanças (BEACH; PEDERSEN, 2013). Entidades podem ser atores como indivíduos, grupos, Estados, partidos políticos, e por isso, e sua conceptualização teórica se utiliza de substantivos, ao passo que as atividades incluem verbos que expressem a causalidade das forças sob o mecanismo: “*social entities have causal powers that can be understood as a capacity to produce a certain kind of outcome in the presence of appropriate antecedent conditions*” (LITTLE, 1996 apud BEACH; PEDERSEN, 2013, p. 49). A Figura 3 demonstra essas ideias:

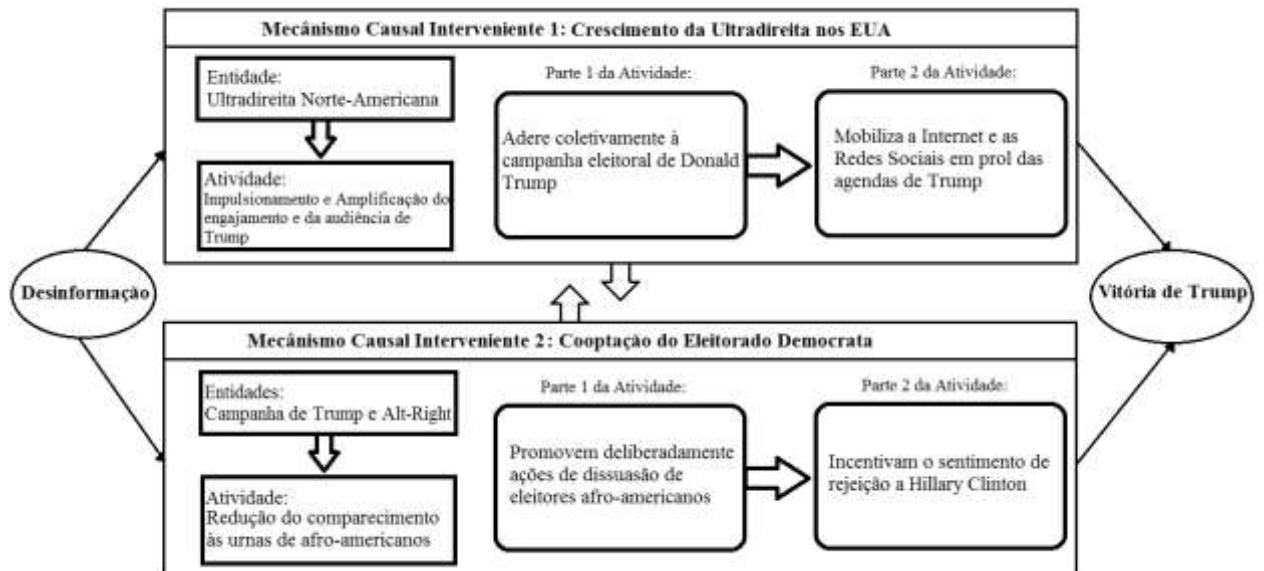
Figura 3. A representação de um mecanismo causal



Fonte: BEACH; PEDERSEN, 2013, p.50.

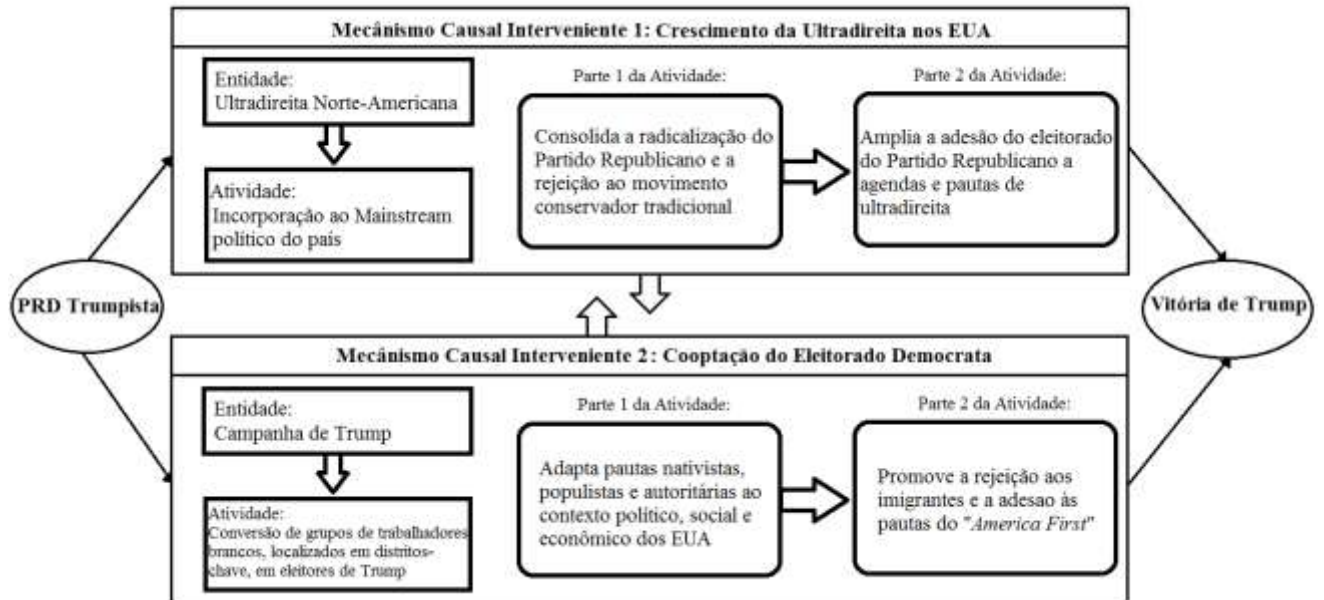
Infere-se, assim, que cada parte do mecanismo deve ser compreendida como uma parte individualmente insuficiente, mas necessária, dentro do contexto mais amplo. Nesse sentido, a atenção deve ser focada nas ações e atividades que transmitem força causal para gerar o efeito/resultado observado. A partir dessa estruturação, chegou-se aos seguintes mecanismos causais intervenientes, demonstrados nas Figuras 4 e 5.

Figura 4. A ação da Desinformação nas variáveis intervenientes



Fonte: Elaboração do autor.

Figura 5. Ação do Populismo de Direita Radical Trumpista nas variáveis intervenientes.



Fonte: Elaboração do autor.

A Figura 4 representa a ação da desinformação nas variáveis intervenientes, demonstrando que, conjuntamente, a desinformação atuou de modo a impulsionar e amplificar o engajamento à campanha de Trump em meio ao crescimento da ultradireita nos EUA, e também foi responsável por reduzir o comparecimento às urnas de parcelas do eleitorado democrata. A ultradireita em crescimento - compreendida de maneira ampla e incorporando atores como o GOP radicalizado, seus eleitores, a direita religiosa fundamentalista e movimentos como a Alt-Right- adere à campanha de Trump e impulsiona uma ampla mobilização nas plataformas digitais referentes às agendas do republicano, explorando, recorrentemente, a desinformação. Esse processo aumenta seu engajamento na internet e nas redes sociais, além de amplificar sua audiência a partir da dominação da agenda midiática. Isso também influenciou no impacto da desinformação perante o público democrata, pois foi capaz de superar a bolha midiática da direita norte-americana. Desse modo, percebe-se que a campanha anti-Clinton, conduzida tanto pelo *staff* de campanha de Trump quanto espontaneamente pela Alt-Right, promoveu a rejeição à candidata democrata, dissuadindo potenciais eleitores, o que, conseqüentemente, reduziu o turn-out de parcelas importantes de seu eleitorado, como os afro-americanos.

A Figura 5, por sua vez, traz consigo o mecanismo causal interveniente que representa a ação do Populismo de Direita Radical de Trump perante a vitória de Trump. Argumenta-se que, a partir da incorporação da ultradireita norte-americana ao *mainstream* político, consolidou-se a radicalização do GOP, o que tornou seu eleitorado adepto a agendas e ideais de ultradireita e potencializou o crescimento da ultradireita norte-americana. Além disso, demonstra-se que os aspectos nacionalistas e nativistas do PDR de Trump cooptaram parcelas do eleitorado democrata para votarem efetivamente em Trump. Isso ocorreu devido aos aspectos econômicos populistas representados pelo “*America First*”, e aos aspectos nativistas de rejeição aos imigrantes, cooptando, em especial, a classe trabalhadora branca localizada em distritos-chave para a eleição de 2016.

Foram identificados, ao longo da pesquisa, três atores fundamentais para a compreensão dos efeitos das variáveis independentes na vitória de Trump: A direita religiosa fundamentalista 2. Steve Bannon e 3. A Alt-Right. Esses atores foram os responsáveis por consolidar o PDR Trumpista, ao consolidar os elementos nativistas, populistas e autoritários presentes na plataforma eleitoral de Trump, a partir de afinidades intelectuais e estratégias, que serão desenvolvidas e apresentadas no trabalho. Esses atores foram fundamentais, também, para a promoção da desinformação no ciclo eleitoral de 2016, impulsionando a campanha de Trump e ajudando na vitória republicana.

Chama a atenção também ao longo da pesquisa que, para explicar grande parte do efeito das variáveis independentes nas variáveis intervenientes, deve-se recorrer a **variáveis antecedentes**, o que evidencia a adequação da metodologia de *process-tracing*, pois elas são consideradas variáveis necessárias, mas não suficientes, para se explicar o resultado do estudo de caso. As cinco variáveis antecedentes são **a.** a Radicalização do Partido Republicano; **b.** A consolidação de Trump enquanto ator político diretamente associado à promoção de Desinformação desde 2008; **c.** O vasto sentimento anti-Clinton; **d.** As regras do sistema eleitoral norte-americano a partir da decisão *Citizens United* da Suprema Corte dos EUA e **e.** A fragmentação da mídia norte-americana.

Com relação a essas variáveis antecedentes, aponta-se que: **a.** O GOP apresentava uma tendência de radicalização previamente ao surgimento de Trump como um potencial candidato nas primárias das eleições de 2016, principalmente a partir da eleição de Barack Obama, a ascensão do Tea Party e o estabelecimento de pautas comuns entre os republicanos e a ultradireita do país; **b.** Donald Trump já havia se consolidado como uma figura política

que recorria à propagação de Desinformação para promoção pessoal antes do ciclo eleitoral de 2016, sobretudo ao assumir protagonismo na oposição a Barack Obama por meio do Movimento Birther; **c.** Desde a presidência de Bill Clinton, na década de 1990, existia um movimento anti-Clinton estabelecido na política norte-americana, que se preparou para a eventual candidatura de Hillary, possuindo muitos instrumentos para promover desinformação contra a democrata; **d.** As regras do sistema de financiamento de campanhas eleitorais nos EUA foram definidas pela decisão *Citizens United* da Suprema Corte dos EUA em 2010, subestimando o potencial de investimentos em comunicação nas plataformas digitais e oferecendo grande permissibilidade para que quaisquer atores, sejam eles domésticos ou mesmo externos, publiquem anúncios pagos vinculados a campanhas eleitorais e temas da agenda pública, sem qualquer limite de gastos e sem prestação de contas. E por fim, **e.** A fragmentação da mídia norte-americana, que teve impactos determinantes ao longo do ciclo eleitoral de 2016 devido a uma tendência de concentração do foco do público dos EUA nas plataformas digitais com fins de acesso a informações e notícias. Isso abriu as portas para a proliferação de desinformação no pleito de 2016, a partir dos filtros-bolha e câmaras de ressonância vinculadas aos mecanismos de monetização e de coleta de dados de usuários das redes sociais.

A vasta fonte de dados primários oficiais torna imprescindível o recurso à análise documental, que “[...] consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais econômicas com as quais podem estar relacionados.” (RICHARDSON et al., 1985). Deve-se ter em mente, todavia, a temática do objeto de estudo, que implica em fontes primárias vinculadas às redes sociais e à internet no geral. Essas fontes podem registrar posições e opiniões de um determinado ator em um determinado recorte temporal, como registros do Twitter de Donald Trump nos quais ele se utiliza de Desinformação para antagonizar Barack Obama durante a gestão do democrata; ou manifestos vinculados à direita religiosa fundamentalista norte-americana e publicados em páginas de instituições ligadas a esses grupos no início dos anos 2000, como o “*The Integration of Theory and Practice: A Program for the New Traditionalist Movement*”, publicado na página da *Free Congress Foundation* em 2001.

Além disso, há fontes primárias que demonstram a atuação de determinados grupos ao longo das eleições de 2016, como manuais da Alt-Right, retirados de fóruns e comunidades de ultradireita, que ensinam as maneiras pelas quais os adeptos do movimento poderiam promover Desinformação em prol de Donald Trump. Nesse sentido, essas informações brutas

publicadas originalmente em fóruns, comunidades, redes sociais ou na internet em geral são tratadas como fontes primárias valiosas, sendo verdadeiros pedaços de evidência acerca das temáticas nas quais estão inseridas. O caráter dessas publicações levou em consideração as plataformas nas quais elas foram feitas e não necessariamente os indivíduos que as escreveram, tendo em vista que a maioria se esconde por trás de perfis falsos e anônimos. Assim, se uma determinada página era utilizada pela Alt-Right para discutir e debater suas ideias - como a “r/The_Donald” do Reddit - torna-se pouco relevante qual indivíduo que fez a publicação, sendo mais importante a constatação que aquela mensagem faz parte de um conjunto mais amplo de ideias, discussões, debates e postagens daquele movimento como um todo, equivalendo a uma fonte primária relevante sobre o estudo de caso.

O trabalho está dividido em 6 capítulos principais, que são vinculados ao desenho de pesquisa e que correspondem às etapas de uma pesquisa que utiliza a ferramenta de *process-tracing* em um estudo de caso único. O Capítulo 1 se dedica a elucidar os principais conceitos da tese, vinculados à ultradireita. A ultradireita está presente ao longo de todo trabalho, e, em particular, em uma das variáveis independentes, sendo necessário pontuar sua distinção entre a direita radical e a extrema-direita, além de definir os motivos pelos quais Donald Trump pode ser caracterizado enquanto um candidato Populista de Direita Radical. Ao longo desse capítulo aborda-se, também, o histórico da ultradireita nos EUA, as suas raízes intelectuais, e as características desse movimento em meio às eleições de 2016, ressaltando o papel da Alt-Right e demonstrando suas filiações a movimentos globais com as mesmas características.

Já o Capítulo 2 abrange a variável independente vinculada à desinformação, mas também representa uma transição para as variáveis antecedentes, abordando, em particular, a fragmentação da mídia. De início, portanto, se estabelece o que se entende por desinformação – e os motivos pelos quais optou-se por essa definição e não por conceitos como “*fake news*” – para depois abordar alguns aspectos tecnológicos vinculados a esse tema, discutindo e explicando termos como *big data*, monetização e microtargeting. A seção aponta, portanto, os impactos desses elementos em meio aos fluxos de desinformação que marcaram as plataformas digitais ao longo do estudo de caso selecionado. Posteriormente, o capítulo aborda uma das variáveis antecedentes do trabalho, que é a fragmentação da mídia e seu impacto no ecossistema midiático dos EUA. Explica-se, assim, de que modo a desinformação atua em meio a um cenário de fragmentação da mídia norte-americana, no qual as plataformas digitais - e o Facebook, em particular – tornaram-se a principal fonte de informação do grande público. Por fim, aborda-se as características do ecossistema midiático dos EUA,

apontando a maneira pela qual a filiação ideológica dos indivíduos determina o tipo de mídia que eles consomem, e como esse processo é caracterizado por uma assimetria na qual a direita do país se mantém insulada e radicalizada.

O Capítulo 3 abrange as outras variáveis antecedentes da pesquisa e seus impactos nas variáveis independentes. Aborda-se, de início, o processo de radicalização do Partido Republicano, a partir da crise do movimento conservador no Pós Guerra Fria e da ascensão de grupos como o *Tea Party*. Além disso, explica-se a maneira pela qual a eleição de Barack Obama representou um gatilho, de fato, para a unificação de agendas da ultradireita, que passam a cooptar o GOP e impulsionar esse processo de radicalização. Depois, a seção seguinte demonstra que, desde a eleição de Obama e, paralelamente à consolidação desse processo de radicalização republicana, Donald Trump se estabeleceu como um ator político importante, explorando estratégias de desinformação para se tornar uma liderança do Movimento Birther, que questionava a legitimidade de Obama. Além disso, demonstra-se no capítulo a conexão entre as outras duas variáveis antecedentes do trabalho: o movimento anti-Clinton e a decisão *Citizens United* da Suprema Corte dos Estados Unidos. Isso ocorreu tendo em vista a formalização de um movimento no Partido Republicano destinado a antagonizar a família Clinton desde a década de 1990, reverberando, décadas mais tarde, em uma disputa judicial acerca de conteúdo midiático de caráter anti-Clinton produzido com fins eleitorais. Essa querela chegaria à Suprema Corte norte-americana, que, por meio da decisão que ficou conhecida como *Citizens United*, determinou as condições permissivas para que a desinformação circulasse em meio às plataformas digitais posteriormente, impactando, por conseguinte, as eleições de 2016.

O capítulo 4 foca em aspectos descritivos do estudo de caso, o que é importante ao se trabalhar com a ferramenta de *process-tracing*. As eleições presidenciais norte-americanas de 2016 são abordadas, apresentando os principais dados sobre esse processo eleitoral e descrevendo-o com detalhes, desde as primárias até as eleições gerais. Explica-se, assim, a disputa pela nomeação republicana e a trajetória de Trump para se consolidar como candidato do partido, focando em seu processo de construção de alianças e de busca por apoio. Destacam-se 1. A cooptação da direita religiosa tradicionalista, 2. A parceria estabelecida com Steve Bannon ao longo da campanha, e 3. A adesão ideológica da Alt-Right à candidatura de Trump. Desse modo, pode-se compreender as particularidades do projeto Populista de Direita Radical de Trump, uma vez que ele foi consolidado a partir da consolidação desses três atores como pilares de sua candidatura.

O capítulo 5, por sua vez, abrange a variável independente relacionada com o Populismo de Direita Radical de Trump, demonstrando seu impacto nas variáveis intervenientes. Explica-se, assim, o que determina as singularidades desse PDR de Trump, assim como suas origens intelectuais e suas características metapolíticas. A partir disso, demonstra-se a maneira pela qual essa ideologia de ultradireita foi adaptada ao contexto social, histórico e político norte-americano e capaz de consolidar a radicalização republicana – tanto do partido quanto de seus eleitores – ampliando a adesão à candidatura de Trump e alavancando a ultradireita dos EUA a uma posição *mainstream*. Avalia-se também o modo pelo qual o populismo econômico de Trump o aproximou de parcelas do eleitorado democrata – como a classe trabalhadora branca – a partir do “*America First*”, e como o nativismo do PDR Trumpista cooptou esse eleitorado democrata, em recortes geográficos específicos, a fim de fomentar, sobretudo, seu temor acerca das imigrações, convertendo esse público em eleitores efetivos de Trump.

Por fim, o Capítulo 6 determina o modo pelo qual a outra variável independente – a Desinformação – impactou nas variáveis intervenientes. O capítulo se inicia a partir da determinação do histórico de uso das plataformas digitais nas eleições norte-americanas, para que, posteriormente, apresente-se a maneira pela qual a campanha eleitoral de Trump foi conduzida, a partir da coordenação de Steve Bannon. Destaca-se que as ferramentas digitais utilizadas por Trump vieram, principalmente, da direita religiosa fundamentalista, que apoiara Ted Cruz nas primárias, oferecendo a Trump, posteriormente, o aparato tecnológico antes voltado para a campanha de Cruz. O impacto da desinformação na promoção da ultradireita é apresentado a partir da mobilização na internet e nas redes sociais de movimentos com a Alt-Right, responsáveis por impulsionar e amplificar a campanha Populista de Direita Radical de Trump. Evidenciam-se, assim, as relações entre as duas variáveis independentes, assim como o papel dos três atores principais que sustentaram a campanha de Trump. A seguir, observa-se o modo pelo qual a desinformação atingiu o público democrata, de modo a antagonizar Hillary Clinton diretamente e diminuir o turn-out – o comparecimento às urnas – de minorias com inclinação potencial a votar na candidata democrata. Demonstra-se que isso ocorreu por meio de estratégias deliberadas de dissuasão desse grupo de eleitores por parte da campanha de Trump.

CAPÍTULO 1 – ULTRADIREITA E POPULISMO DE DIREITA RADICAL NOS EUA

O presente capítulo tem o objetivo de estabelecer os conceitos teóricos utilizados ao longo da tese, principalmente ao definir termos amplamente utilizados, como Ultradireita, Populismo de Direita Radical e Direita Alternativa. Conceitos utilizados em uma análise de *process-tracing* têm de ser definidos cuidadosamente, uma vez que formam as bases das proposições teóricas do trabalho³. Deve-se, portanto, sistematizá-los, tendo em vista que a maioria desses conceitos são debatidos academicamente, apresentando, muitas vezes, características ambíguas em seu nível abstrato (BEACH; PEDERSEN, 2013). Ao se sistematizar conceitos, define-se o que está incluso e o que não está incluso nesses fenômenos, e se determina como suas dimensões constitutivas se relacionam entre si (GOERTZ, 2006 apud BEACH; PEDERSEN, 2013).

Desse modo, a primeira seção do capítulo apresenta os conceitos teóricos utilizados ao longo da tese com relação aos conceitos de Ultradireita e Populismo de Direita Radical, expondo os debates da literatura acerca do tema e justificando a escolha pela definição de Mudde (2018). Em seguida, serão exploradas as raízes históricas da ultradireita norte-americana e as matrizes intelectuais que a influenciaram, destacando, em particular, o papel do Tradicionalismo. Posteriormente, busca-se elucidar a Alt-Right, movimento de ultradireita nativo da internet, relacionando esse movimento às ideologias e aos movimentos típicos da ultradireita dos EUA e estabelecendo sua inserção perante a ultradireita global.

1.1 Ultradireita, Extrema-Direita e Direita Radical

Deve-se levar em consideração que a noção de “direita” e “esquerda” é ampla e vinculada a um contexto histórico iniciado na Revolução Francesa, que ganhou a conotação de Secularismo em oposição à Religião ao longo do século XIX e evoluiu, no século XX, para o embate entre o Estado e o Mercado na atuação perante o combate às desigualdades sociais e econômicas (BOBBIO, 1997). Contemporaneamente, a dimensão socioeconômica, ainda que predominante, vem dando lugar ao âmbito sociocultural no embate entre os conceitos de “direita” e “esquerda”, abrangendo temas como imigração e direitos das minorias (MUDDE,

³ Beach e Pedersen (2013) apontam ainda as especificidades da definição e utilização de conceitos em trabalhos orientados por uma metodologia de *process-tracing*, tendo em vista a seleção de um caso único: “*It is important to note that concept formation when using process-tracing is attentive to the details of cases, resulting in more context-specific conceptual definitions that have a narrower scope than are commonly used in large-n analysis*” (BEACH; PEDERSEN, 2013, p. 46).

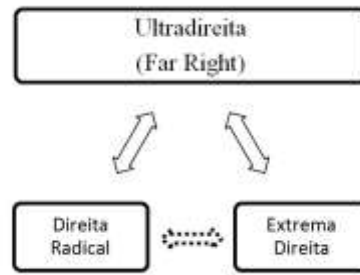
2018). O que caracteriza a Ultradireita no espectro político é o fato de, no geral, defender uma relação social hierárquica entre grupos de uma sociedade, dividindo *insiders* dos *outsiders* a partir de lógicas étnicas ou raciais. Essa dinâmica impulsiona a identificação de “inimigos” dentro de uma sociedade, que supostamente seriam ameaças à sobrevivência da nação ou à sua integridade cultural, resultando em variados graus de comportamentos antissemitas, racistas e xenófobos (JÜPSKAS; LEIDIG, 2020).

Salienta-se a heterogeneidade inerente ao conceito de Ultradireita, que, em sentido amplo, compartilha elementos como nacionalismo, repúdio ao pluralismo sociocultural e um sentimento contrário às imigrações e às elites do *establishment* político (MINKENBERG, 2000; GREVEN, 2016). Sobre a definição do conceito de Ultradireita, Mudde (2000) aponta: “*Almost every scholar in the field points to the lack of a generally accepted definition. Even though the term right-wing extremism itself is accepted by a majority of the scholars, there is no consensus on the exact definition of the term*” (MUDDE, 2000, p.10).

Com efeito, Mudde (2000) identificou vinte e seis definições diferentes do conceito de Ultradireita, apresentando 58 diferentes indicadores para defini-lo, sendo que apenas cinco são mencionados por, no mínimo, metade dos autores: Nacionalismo, Racismo, Xenofobia, Anti-Democracia e Estado Forte. O conceito de Ultradireita pode variar desde definições simples, como um termo coletivo para “quaisquer forças hostis ao progresso” (HARTMANN et al, 1985 apud MUDDE, 2000), ou “ideologia composta por racismo, xenofobia e nacionalismo” (MACRIDIS, 1989, apud MUDDE, 2000). Com efeito, a definição desse conceito pode apresentar até mais de dez variáveis, como “nacionalismo extremo, etnocentrismo, anticomunismo, antiparlamentarismo, anti-pluralismo, militarismo, valorização ultra da ordem e das leis, demanda por líderes políticos fortes, antiamericanismo e pessimismo cultural, sendo necessário, para os autores, a presença de todos os itens (FALTER; SCHUMANN, 1988 apud MUDDE, 2000).

Optamos por adotar o modelo conceitual de Mudde (2000), que define a Ultradireita como movimentos – violentos ou não violentos - cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia ou autoritarismo (MUDDE, 2000). O conceito amplo de Ultradireita, tradução do termo “*Far-Right*”, abrange desde movimentos de “extrema-direita” – *extreme right* – até a “direita radical” – *radical right*, configurando-se, de fato, como um conceito guarda-chuva (MUDDE, 2018). A Figura 6 ilustra a composição do termo Ultradireita:

Figura 6. O conceito de Ultradireita.



Fonte: Elaboração do autor com base em Mudde (2019)

A principal diferença entre a “Direita Radical” e a “Extrema-Direita” são as distintas maneiras com que esses grupos se relacionam com a democracia (MINKENBERG, 2000; LEE, 2017; MUDDE, 2018; JÜPSKAS; LEIDIG, 2020). A Ultradireita, como um todo, é hostil a diversos aspectos do pluralismo inerente ao jogo democrático, contudo, a extrema-direita é totalmente antidemocrática e violenta, enquanto a direita radical é contrária a aspectos específicos da democracia liberal, como os direitos das minorias, a separação dos poderes, o pluralismo e o estado de direito (MUDDE, 2019; JÜPSKAS; LEIDIG, 2020).

Minkenberg (2000) considera que, se uma ideologia representa uma ameaça explícita à constituição e ao ordenamento jurídico, ou se ela utiliza de violência como meio para alcançar fins políticos, será considerada “extrema-direita” ou “extremismo de ultradireita”. Outra definição de “extrema-direita” pode ser encontrada no trabalho de Carter (2018), que a considera uma oposição antidemocrática e violenta perante a igualdade. Além disso, há a visão pautada a partir de uma lógica ideacional, na qual se combina as atitudes antidemocráticas (elemento extremo) com a defesa de hierarquias sociais (elemento de direita) para se consolidar o conceito de “extrema-direita” (JÜPSKAS; LEIDIG, 2020). Nesse sentido, o seu elemento essencialmente contrário à democracia aproxima a extrema-direita do fascismo histórico, levando-a, por vezes, às alcunhas de neofascismo ou fascismo-autocrático, enquanto a direita radical renega vínculos ao fascismo histórico⁴ (MUDDE, 2018, GEORGIADOU et al., 2018).

⁴ Jüpskas e Leidig (2020) apontam para a existência de 3 escolas de pensamento principais para se conceptualizar o fascismo. A primeira se refere às abordagens nacionais, na qual se destaca De Felice (1965 apud JÜPSKAS; LEIDIG, 2020) e que busca diferenciar as experiências fascistas em perspectiva comparada, como a italiana e a alemã por exemplo. A segunda escola é a que prioriza a perspectiva histórica, interpretando o fascismo como um conceito vinculado especificamente às particularidades da conjuntura histórica europeia das décadas de 1920 e 1930, marcada pela Guerra, as crises econômicas e as turbulências políticas e sociais (JÜPSKAS; LEIDIG, 2020). A terceira escola é a genérica, que considera os contextos históricos como

Por outro lado, a “Direita Radical” não necessariamente é antidemocrática em sua totalidade, apresentando características iliberais a partir de concepções como tradição, família e autoridade, que, frequentemente, amplificam o repúdio às noções modernas de igualdade (JÜPSKAS; LEIDIG, 2020). Jüpskas e Leidig (2020, p.12) ressaltam: *“This means that ‘radicals’ will accept popular sovereignty and majority rule, but oppose specific liberal aspects of contemporary democracies, such as are minority rights, checks and balances and/or rule of law”*. Minkenberg (2000) complementa:

In short: right-wing radicalism is defined as a political ideology, the core element of which is a myth of a homogeneous nation, a romantic and populist ultranationalism which is directed against the concept of liberal and pluralistic democracy and its underlying principles of individualism and universalism (MINKENBERG, 2000, p. 5).

Minkenberg (2000) aponta que aspectos do radicalismo de direita podem estar inseridos, por vezes, no aparato jurídico ou mesmo na constituição de um Estado, sendo o exemplo fundamental dessa questão as práticas da escravidão e da segregação racial na sociedade norte-americana. Lee (2017) salienta, porém, que ideologias radicais e extremistas não são mutuamente excludentes, sendo, por vezes, complementares. No âmbito da Direita Radical inclui-se a variação vinculada ao Populismo de Direita Radical, que é importante para a tese e será esclarecido adiante.

1.1.1 O Populismo de Direita Radical

Perante a vasta discussão acadêmica que permeia o conceito de Ultradireita e o de populismo, optou-se pela utilização pragmática de um termo mais específico e que se aplica ao fenômeno identificado ao longo do ciclo eleitoral de 2016. Utiliza-se, portanto, o conceito de Mudde (2017) de Populismo de Direita Radical⁵ (PDR), vinculado às discussões acerca das distintas nuances presentes no âmbito da Ultradireita, para enquadrar Donald Trump em meio ao ciclo eleitoral de 2016.

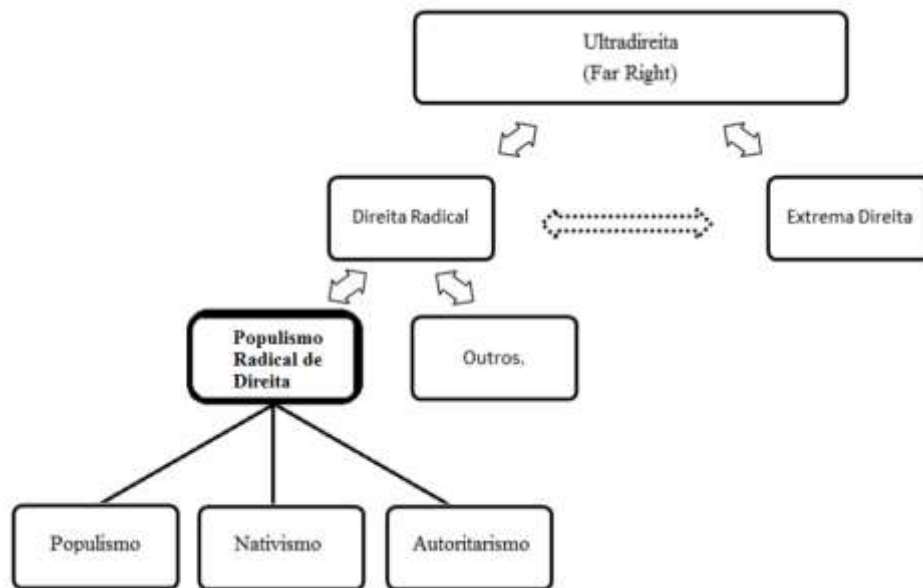
No âmbito do conceito guarda-chuva de Ultradireita, portanto, o Populismo de Direita Radical se enquadra como um sub-tipo da Direita Radical. Sobre o tema, Mudde (2019, p. 12) afirma: *“At least in theory, populism is pro-democracy, but anti-liberal democracy.*

referências importantes, mas aplicáveis a outros casos também, como a visão marxista que conceitua o fascismo como a defesa armada dos interesses capitalistas e a visão que interpreta o fascismo como a versão de direita do totalitarismo (JÜPSKAS; LEIDIG, 2020). No entanto, cada vez mais é obsoleta a utilização dos conceitos de fascismo e neo-fascismo em análises contemporâneas, pois essas definições pressupõem uma continuidade histórica que não é dotada de precisão (MINKENBERG, 2000).

⁵ As definições desse conceito para definir o mesmo fenômeno podem variar enquanto “Populismo de Direita Radical”, “Populismo Radical de Direita”, “Direita Radical Populista” ou “Direita Populista Radical”.

Consequently, the extreme right is, by definition, not populist, while the radical right can be – and, in the twenty-first century, predominantly is”. Percebe-se, portanto, que avaliar a Direita Radical em meio ao contexto das eleições norte-americanas de 2016 implica, necessariamente, em trabalhar com o conceito de PDR. A Figura 7 representa o conceito de PDR e sua inserção perante a Ultradireita.

Figura 7. O conceito de Populismo de Direita Radical



Fonte: Elaboração do autor com base em Mudde (2019)

Como demonstrado na Figura 7, o conceito de PDR apresenta características específicas enquanto fenômeno político, que Mudde (2017) define como sendo composto, necessariamente, por 3 elementos: O populismo, o nativismo e o autoritarismo. O conceito de populismo é definido por Mudde (2004) como uma ideologia que considera a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos - as “pessoas puras” e “a elite corrupta” – sendo que o populista clama para si a expressão da vontade geral do povo (MUDDE, 2004). Esse povo representado no discurso do líder populista seria a única parcela da população dotada de legitimidade, ou seja, essa fração populacional busca funcionar como a totalidade da comunidade (VERGARA, 2019). Já as elites seriam, supostamente, guiadas por interesses particulares, em detrimento dos interesses do povo (BONIKOWSKI; GIDRON, 2016). O líder populista, portanto, clama que a legitimidade para o exercício do poder residiria no povo e não nas elites, em um discurso que busca deslegitimar autoridades, políticos, partidos e mesmo a mídia, a partir de sua compreensão enquanto um insurgente disposto a enfrentar essas elites (NORRIS; INGLEHART, 2019).

Mudde (2004) ressalta a versatilidade do conceito de populismo enquanto uma ideologia:

Though populism is a distinct ideology, it does not possess ‘the same level of intellectual refinement and consistency’ as, for example, socialism or liberalism. Populism is only a ‘thin-centred ideology’, exhibiting ‘a restricted core attached to a narrower range of political concepts’. The core concept of populism is obviously ‘the people’; in a sense, even the concept of ‘the elite’ takes its identity from it (being its opposite, its nemesis). As a thin-centred ideology, populism can be easily combined with very different (thin and full) other ideologies, including communism, ecologism, nationalism or socialism (MUDDE, 2004, p. 4, grifo do autor).

Newth (2021) define o nativismo como sendo composto por discursos racistas e xenófobos estruturados ao redor de uma visão excludente da nação. Mudde (2017) complementa essa visão e define que o nativismo seria a combinação de nacionalismo, racismo e xenofobia, em que se concebe que um Estado deveria ser composto exclusivamente pelos membros de um grupo nativo específico – a nação, definida em termos étnicos, raciais, religiosos, ou por uma combinação entre esses elementos -, e que os não-nativos – podendo ser interpretados tanto como internos quanto externos - seriam uma ameaça a essa homogeneidade (MUDDE, 2017). O nativismo promove a rejeição de tudo que é considerado estrangeiro – pessoas, organizações, ideias – e celebração do que é autóctone e “nativo”. Nativistas tem a percepção acerca de uma constante substituição por parte dos estrangeiros de tudo aquilo que seria nativo ao Estado, defendendo a busca por uma sociedade mais “coesa”⁶: *“It is an ideology that holds that states should be inhabited exclusively by members of the native group (‘the nation’) and that non-native elements, whether persons or ideas, are fundamentally threatening to the homogeneous nation-state”* (MUDDE, 2017, p.8).

Mudde (2017) ressalta:

This does not mean that populism and nativism are identical [...] Whereas the nativist distinction is between (good) ‘natives’ and (evil) ‘aliens,’ the populist division between the (good) ‘people’ and the (evil) ‘elite’ is within the native group. Importantly, it is the combination of all three features that makes an ideology (and party) populist radical right (MUDDE, 2017, p. 27).

As origens das pautas nativistas nos EUA remontam a meados do século XIX, ainda no período anterior à Guerra Civil Norte-Americana. O nativismo era representado pelo partido “*American Party*”, conhecido como “*Know Nothing Movement*” (KNM), devido ao fato de seus membros negarem conhecimento das atividades do Partido quando questionados (LIPSET, 1955; MUDDE, 2018). As pautas do movimento giravam em torno do repúdio a imigrantes católicos, majoritariamente advindos da Irlanda e da Alemanha. O American Party

⁶ Aqui certamente emprega-se um eufemismo de modo a evitar juízos de valor.

chegou a ostentar 52 membros na “*House of Representatives*” e 5 Senadores entre 1854 e 1856 (MUDDE, 2018). Além disso, Lipset (1955) aponta que o movimento angariou um quarto do total dos votos populares na eleição presidencial de 1856. No entanto, como viria a ser comum na história política dos EUA, esse partido seria extinto nos anos seguintes, chegando a nenhum membro no Congresso dos EUA já em 1860 (MUDDE, 2018). No entanto, o anti-catolicismo voltaria à tona na década de 1880, a partir da herança nativista do movimento KNM intitulada “*American Protective Association*” (APA) (LIPSET, 1955). Percebe-se que os grupos nativistas nos EUA são compostos, principalmente, por movimentos anti-imigração, que historicamente se opuseram a católicos, judeus e negros para, mais recentemente, incluir muçulmanos e hispânicos.

O autoritarismo, por sua vez, preza por uma ordem social rígida, lei e ordem, punitivismo severo a crimes – principalmente quando cometidos por indivíduos considerados não-nativos de um Estado – e um apego à tradição e à disciplina (MUDDE, 2017). Norris e Inglehart (2019) consideram o autoritarismo como um conjunto de valores que priorizam a segurança coletiva em detrimento das liberdades autônomas individuais. As ameaças ao coletivo, nessas concepções autoritárias, são consideradas enquanto advindas da instabilidade e da desordem promovidas por minorias, imigrantes e estrangeiros, que roubariam empregos, promoveriam atos violentos e deturpariam os valores daquela comunidade (NORRIS; INGLEHART, 2018). Desse modo, a partir dessas ameaças representadas por atores considerados desvinculados daquele “coletivo”, há a necessidade de obediência e lealdade perante um líder forte, capaz de lidar com essa insegurança e proteger essa sociedade, o que redundava, invariavelmente, em atores políticos autoritários (NORRIS; INGLEHART, 2019).

O conceito de Populismo de Direita Radical, portanto, demonstra-se adequado ao estudo de caso da presente tese, a partir da identificação dos seus 3 elementos fundamentais na plataforma eleitoral de Donald Trump: populismo, nativismo e autoritarismo. Esse PDR de Trump foi identificado como uma variável independente da pesquisa e será melhor desenvolvido no capítulo 5. Com efeito, percebe-se que o PDR Trumpista se insere em um contexto internacional de crescimento de movimentos de Ultradireita, o que será abordado na seção seguinte.

1.2 As Ondas da Ultradireita

Mudde (2019) argumenta que se vivencia contemporaneamente a chamada Quarta Onda de ascensão da Ultradireita em escala global. A Primeira Onda – “*Neo-fascism*” - teria

ocorrido entre 1945 e meados da década de 1950, sendo marginal e voltada a uma nostalgia com relação às ideologias autoritárias fascistas das décadas anteriores, sendo, portanto, dominante na Europa.

A Segunda Onda definida por Mudde (2019) – *Right-Wing Populism* - perdurou entre as décadas de 1950 e 1980 e seria uma reação às alterações de ordem social, política e econômica acarretadas pela intensificação do processo de urbanização e do desenvolvimento do Estado de Bem-Estar social na Europa. O principal representante dessa onda seria o “*poujadisme*” francês, enquanto nos EUA a Segunda Onda ganhou contornos anticomunistas, como demonstra o Macarthismo (MUDDE, 2019).

A Terceira Onda, por sua vez, seria vinculada ao desemprego e à xenofobia, vinculada à Nova Direita Europeia (NDE) e ao crescimento de ações violentas promovidas sob os desígnios de grupos extremistas entre as décadas de 1980 e 1990 (MUDDE, 2019). Minkenberg (2000) salienta que, de maneira crescente, em meio à Terceira Onda, a Ultradireita deixava de se apresentar como antidemocrática, adaptando suas práticas e sua retórica a interpretações jurídicas e constitucionais particulares que priorizassem elementos étnicos e leituras nacionalistas e homogêneas acerca da sociedade. Perante a crescente segmentação da sociedade, fruto da autonomia crescente dos indivíduos, evocava-se elementos de coesão vinculados às comunidades nacionais homogêneas e os papéis tradicionais que os indivíduos desempenhavam nesse contexto (RUCH, 1994 apud MINKENBERG, 2000).

Com efeito, Mudde (2019) defende que atualmente estaria sendo conduzida a Quarta Onda de ascensão da Ultradireita, cujos catalisadores seriam o que o autor chama de “crises definidoras” do século XXI: O terrorismo global a partir do 11 de Setembro, a crise financeira de 2008 - e a consequente recessão global gerada por ela - e a crise das populações deslocadas – imigrantes, refugiados, deslocados internos e apátridas – que teria se intensificado a partir de 2015. Argumenta-se, ainda, que o **elemento que diferencia a Quarta Onda seria o fato de, diferentemente das demais, ela ter alçado a Ultradireita a uma posição *mainstream***, normalizando suas ideias e narrativas extremistas e radicais (MUDDE, 2019). Salienta-se, no entanto, a heterogeneidade da Ultradireita que compõe essa Quarta Onda em âmbito global, abrangendo, em diferentes escalas, a partir da singularidade de cada experiência, partidos políticos, movimentos espontâneos, instituições formais e indivíduos organizados em maior ou menor escala (MUDDE, 2019).

As motivações e as circunstâncias que levam ao apoio a candidatos e partidos de ultradireita, ao longo dessa Quarta Onda, podem corresponder a leituras de viés econômico e social, atribuindo esse fenômeno aos “perdedores da globalização”, assim como às populações que se sentem deslocadas culturalmente (GEORGIADOU et al, 2018; NORRIS; INGLEHART, 2019). A combinação desses elementos ajuda a entender a maneira pela qual o Populismo de Direita Radical se insere perante essa Quarta Onda de crescimento da Ultradireita.

A perspectiva da “desigualdade econômica” – *economic inequality* – associa o apoio em massa a populistas de viés autoritário como resultado das mudanças na sociedade em economias pós-industriais, marcadas pelo colapso da mão-de-obra industrial e por fluxos de trabalho, bens, serviços e capital globalizados, além da erosão das redes de seguridade social características de políticas de austeridade (NORRIS; INGLEHART, 2019). Essa crescente insegurança econômica e privação social promoveriam ressentimentos perante as parcelas excluídas da sociedade – trabalhadores menos qualificados, desempregados, e populações mais vulneráveis no geral -, tornando-as mais suscetíveis a políticos populistas, que exploram sentimentos nativistas e *anti-establishment*, geralmente culpabilizando os imigrantes e as elites pela sua privação de oportunidades e benefícios (NORRIS; INGLEHART, 2019). Desse modo, identifica-se a presença dos elementos nativistas, populistas e autoritários que compõem o PDR.

Ainda sob o ponto de vista do lado da demanda, Norris e Inglehart (2019) exploram o que chamam de “reação cultural” - *cultural backlash* – como outra perspectiva para a compreensão do crescimento global do que chamam de “populismo autoritário” no Ocidente, o que vai ao encontro do conceito de PDR de Mudde (2017). A reação cultural seria fruto das décadas de avanços sociais desde o pós-Guerra, em que valores cosmopolitas e multiculturais avançaram bandeiras progressistas, como os direitos humanos e a igualdade de gênero, impulsionados pelo avanço, no Ocidente, do acesso à educação superior (NORRIS; INGLEHART, 2019). Os autores explicam: “*the cultural backlash thesis suggests that the surge in votes for populist parties can be explained not as a purely economic phenomenon but in large part as a reaction against progressive cultural change*” (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 4). Essa questão suscitou contrarreações em parcelas da população desconfortáveis com essas crescentes mudanças na sociedade, que viam no avanço desse progressismo o enfraquecimento de valores tradicionais, como a família e a religião, e a erosão de seus privilégios e status (NORRIS; INGLEHART, 2019).

Mudde (2019) também incorpora essa questão cultural enquanto uma tendência da Quarta Onda, presente não somente nos EUA, mas também na Europa, de apoio à ultradireita como sendo potencialmente fruto de anseios sociais e culturais de parcelas da população. Sentimentos como o medo, o ódio e o ressentimento a determinados grupos - encarados enquanto “outros”, como imigrantes e minorias em geral - gerariam uma relação dialética que os identificaria como uma ameaça à estabilidade e às perspectivas de futuro de parcelas da sociedade (MUDDE, 2019). Tanto a perspectiva da “desigualdade econômica” quanto da reação “cultural” desempenharam seu papel nessa Quarta Onda de ascensão da ultradireita, sendo marcos conceituais importantes para a presente tese, ajudando a identificar a origem e o desenvolvimento de distintos movimentos relacionados à ultradireita e, mais especificamente, ao PDR.

Uma vez determinada o que se compreende como Quarta Onda global de crescimento da Ultradireita, e como tanto elementos econômicos quanto culturais contribuem para o crescimento do PDR mundialmente, julga-se necessário direcionar o foco do trabalho para os EUA. A próxima seção, portanto, debruça-se sobre as características da Ultradireita norte-americana, a partir de sua trajetória histórica, suas raízes intelectuais e suas características no século XXI.

1.3 A Ultradireita nos EUA

Apesar de as Ondas de Ultradireita formuladas por Mudde (2019) oferecerem um panorama amplo acerca desse fenômeno em escala global, deve-se direcionar uma seção específica para a sua compreensão ao longo da trajetória histórica norte-americana. A ultradireita nos EUA varia, de fato, desde grupos radicais anti-liberais a movimentos extremistas violentos. Tendo em vista o foco do trabalho no Populismo de Direita Radical, a seção buscará direcionar seu olhar a esse tipo de movimento na história dos EUA.

1.3.1 As raízes históricas

Considera-se necessário, no âmbito do presente trabalho, uma contextualização acerca das raízes históricas da ultradireita nos EUA, a partir da definição de Mudde (2000), que engloba movimentos – violentos ou não violentos - cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia e autoritarismo. Ao realizar esse breve resgate, possibilita-se a comparação da ultradireita norte-americana no século XXI com movimentos antecedentes, assim como a identificação de eventuais heranças ou distinções entre esses grupos ao longo de distintos períodos temporais.

A Guerra Civil norte-americana deve ser compreendida como paradigmática no âmbito do estudo dos movimentos de ultradireita dos EUA. O desencadeamento e a resolução desse conflito giraram em torno de uma série de elementos políticos e econômicos da sociedade norte-americana do século XIX, colocando no centro da questão o fim da escravidão e a inserção dos afro-americanos na sociedade. A derrota dos “Confederados”, originários do Sul do país, não colocou fim ao ressentimento de uma grande parcela da sociedade norte-americana com o conflito e seu desdobramento, impulsionando uma tradição de conservadorismo regional do sul dos EUA, com base no segregacionismo e no ressentimento perante o governo federal (NIELI, 2019).

Originou-se, a partir disso, uma escola de pensadores conservadores do sul dos EUA dispostos a legitimar intelectualmente as práticas segregacionistas: “*John C. Calhoun, George Fitzhugh and William Harper developed arguments based on traditionalist and pragmatic grounds for white supremacy, racial segregation, and the subordination of blacks in the slaveholding South*” (NIELI, 2019, p. 149). Não à toa, os símbolos e as referências aos Confederados mantêm-se presentes na política e na cultura do sul dos EUA ainda contemporaneamente, com grupos Neo-Confederados organizados em torno da manutenção dos costumes e tradições da região, associados ao supremacismo branco, segregação, racismo, homofobia e autoritarismo (THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019).

Lipset (1955) aponta para a trajetória histórica norte-americana de ocupação territorial, extensão geográfica e heterogeneidade de fluxos migratórios como sendo responsável pela ausência de uma elite econômica, política e cultural no âmbito nacional. As elites do país teriam profundas diferenças regionais, étnicas e culturais, flagrantes nas constantes divisões entre aquelas do sul, do norte, da costa do Atlântico e da costa do Pacífico, gerando fricções e competição entre elas (LIPSET, 1955). Esse processo também seria responsável pelo apego de diversos desses grupos às suas raízes e tradições, associando suas experiências particulares à própria história dos EUA (LIPSET, 1955). A consequência desse processo explica a maneira pela qual os movimentos de ultradireita do país, historicamente, obtiveram algum grau de abrangência no âmbito regional, mas raramente se expandiram nacionalmente, devido, justamente, a essa dificuldade em representar parcelas grandes de uma sociedade fragmentada.

A Guerra Civil e o conseqüente ocaso do Confederados redundou, de fato, em um ressentimento perante o governo federal, sobretudo, no sul do país, dando origem a

movimentos que questionavam sua legitimidade, recorrendo a interpretações jurídicas particulares para afirmar suas convicções. Para esses grupos anti-federalistas, que existem ainda contemporaneamente, a Constituição proibiria que o governo federal tivesse posse de quaisquer propriedades, criasse quaisquer leis garantindo liberdades civis e punisse crimes de ódio, além disso, afirmam que a Segunda Emenda proibiria qualquer tipo de regulação e controle do acesso, por exemplo, a armas de fogo (NEIWERT, 2017). Essa ideologia vai ao encontro dos grupos de ultradireita que creem que o governo americano seria na verdade um órgão ilegal e uma entidade inconstitucional, que teria assumido o controle dos Estados Unidos na Década de 1930 e, através do corrupto *Federal Reserve*, controlaria a moeda da nação para a manutenção dos poderes de uma suposta elite corrupta (NEIWERT, 2017). Essa interpretação é voltada para a autonomia das autoridades locais, como os xerifes, únicas figuras públicas consideradas com legitimidade para forçar a aplicação de leis, como demonstra o movimento *Posse Comitatus* (JACKSON, 2019).

O ressentimento aos afro-americanos também é um grande catalisador de movimentos de ultradireita nos EUA. Essa questão foi acentuada ao final da Guerra Civil Norte-Americana, dando origem à Ku Klux Klan (KKK), um dos movimentos de extrema-direita mais emblemáticos da história do país. A KKK surgiu como uma reação dos grupos derrotados na Guerra Civil do país à incorporação das populações negras na sociedade, tendo sua atuação expandida para além do sul dos EUA ao longo do momento de prosperidade da década de 1920. Ao longo da década de 1870 o Presidente Ulysses Grant combateu a KKK, prendendo e julgando seus membros e empreendendo políticas públicas voltadas à sua contenção, como o *Ku Klux Klan Act*, no entanto o sul do país manteve-se como um reduto para esse grupo (JONES, 2018).

A KKK adquiriu dimensão nacional e adaptou-se às peculiaridades regionais dos EUA, expandindo seu ódio para o “cosmopolitismo” - imigrantes chineses, católicos e judeus, que seriam uma suposta ameaça às virtudes da classe média protestante - antes de se enfraquecer a partir da década de 1930 com a depressão (LIPSET, 1955; MUDDE, 2018). A KKK ganharia notoriedade novamente no sul dos EUA a partir da década de 1950, como uma reação à ascensão dos movimentos negros que demandavam Direitos Civis. Ao longo das décadas seguintes, ocupando postos importantes na polícia e na política, a KKK seria responsável por uma série de incidentes violentos contra as populações negras, a partir da liderança de figuras como David Duke, se consolidando como um dos movimentos paradigmáticos da ultradireita do país (MUDDE, 2018).

A questão racial está presente na história dos EUA, de fato, desde antes da Revolução Americana e da formulação da Declaração de Independência, na qual a questão da escravidão foi uma das temáticas mais sensíveis aos *founding fathers*. Interpreta-se que mesmo figuras como Thomas Jefferson, que optaram pragmaticamente pela manutenção da escravidão de modo a manter a unicidade dos EUA, compreendiam a imoralidade dessa opção, embora sustentassem concepções acerca da inferioridade das populações negras perante as brancas e da necessidade que, ao fim da escravidão, as populações negras voltassem à África (HAWLEY, 2017). De fato, tanto Thomas Jefferson quanto Abraham Lincoln são apontados como céticos com relação às possibilidades de convivência harmônica entre as populações brancas e os negros nos EUA, o que foi explorado, posteriormente, pela ultradireita norte-americana, que argumenta que a concepção de uma nação branca de origem europeia estava presente desde seu alvorecer (NIELI, 2019). Além disso, marcos jurídicos históricos também fortalecem concepções voltadas à interpretação dos EUA enquanto uma nação branca, como demonstram o *Chinese Exclusionary Act* de 1882 e o *Immigration Act* de 1924, servindo como munição a grupos de ultradireita do país ao longo da história (HAWLEY, 2017).

Os imigrantes italianos e alemães em particular, ao longo da década de 1930, foram os responsáveis pelo desenvolvimento de movimentos nazistas e fascistas no país. Posteriormente, alguns grupos neonazistas, sob à bandeira da liberdade de expressão, mantiveram suas atividades nos EUA, como o *National Socialist White People's Party* (NSWPP), a *National Alliance* (NA) o *National Socialist Movement* (NSM) e mesmo o efêmero *American Nazi Party* (ANP) (HAWLEY, 2017; MUDDE, 2018). A Segunda Guerra Mundial é apontada por Hawley (2017) como o marco do fim da concepção jurídica de uma sociedade norte-americana segregada que, a partir de então, passou a aceitar formalmente a imigração de não-europeus. No entanto a questão racial se mantinha latente e, a partir das décadas seguintes, exerceu protagonismo na vida política, social e cultural norte-americana.

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, o movimento negro norte-americano ganhou força, organizado em torno da luta por direitos civis e combate à segregação racial, o que gerou reações evidentes por parte da ultradireita do país. Se o fim da escravidão após a Guerra Civil Norte-Americana e a incorporação dos afro-americanos na sociedade haviam sido o estopim para o surgimento de grupo como a KKK, na metade do século XX as raízes supremacistas e nativistas, sobretudo no sul do país, novamente se manifestariam em torno de uma nova fase de crescimento da ultradireita. Não somente se percebe, no período, a impulsão das atividades de grupos e movimentos informais, como a KKK, como também a organização

formal de instâncias públicas coletivas, como os “*Citizens’ Councils*”⁷, que chegaram a reunir 60 mil membros no país em meados da década de 1950, opondo-se à incorporação dos negros nas escolas públicas e ao registro dessa população como eleitores (NEIWERT, 2017).

Na década de 1960 a ultradireita do Sul do país ofereceu o momento de maior contestação ao bipartidarismo tradicional da política norte-americana. Uma candidatura fora do binômio Democrata-Republicano não ocorria, com algum grau de expressividade, desde que Theodore Roosevelt disputara as eleições de 1912 pelo “*Progressive Party*”, até que o então governador do Alabama George Wallace candidatou-se à Presidência da República pelo *American Independence Party* (AIP). Baluarte do segregacionismo e do “modo de vida sulista”, Wallace filiou-se ao AIP após perder as primárias pelo partido Democrata, recebeu 13,5% dos votos nas eleições de 1968 e venceu em cinco estados: Alabama, Arkansas, Georgia, Louisiana e Mississippi (MUDDE, 2018). O relativo sucesso da candidatura de Wallace deve ser compreendido como um marco na trajetória da ultradireita norte-americana, que passava a lograr êxitos eleitorais. Um candidato independente, após Wallace, só apareceria com força no cenário nacional nas eleições de 1992, com Ross Perot e seu *Reform Party*, ainda assim, Perot foi incapaz de vencer em qualquer estado, o que realça o feito de Wallace em 1968 (MUDDE, 2018).

O ambiente da Guerra Fria foi bastante propício para assimilação de grupos de ultradireita na cultura política dos EUA a partir de um ideal comum e abrangente vinculado ao anticomunismo e sua leitura mais radical vinculada ao “Macarthismo” (LIPSET, 1955). A ultradireita que se fortaleceu nesse período, diferentemente de conservadores moderados, é claramente associada ao isolacionismo, questionando a participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial, e condenando os acordos estabelecidos nesse período com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como traição, além de, conseqüentemente, questionar a participação do país na Organização das Nações Unidas (ONU) (LIPSET, 1955). Esses movimentos associavam a essa trajetória norte-americana um suposto movimento comunista interno, pró-soviético, cuja subversão estaria presente no seio do Partido Democrata e teria como seu grande representante Franklin Roosevelt, cujo *New Deal* teria sido claramente inspirado no comunismo. Nesse sentido, entre distintos grupos e ideologias da ultradireita anticomunista no país, os elementos mais comuns são o repúdio à figura do Estado, em uma concepção libertária e laissez-faire (LIPSET, 1955).

⁷ Conhecidas como “*White Citizens’ Councils*”.

O anticomunismo ofereceria também espaço para a ascensão de teorias conspiratórias, como as elaboradas pelo então líder da *John Birch Society*, Robert Welch, que acusava Eisenhower de ser um agente da *Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti* (KGB) soviética e o governo federal norte-americano como sendo controlado por comunistas (NASH, 1996). Percebe-se nesse movimento uma mistura de sentimentos anticomunistas juntamente às tendências nativistas de contestação da legitimidade do governo federal dos EUA, o que demonstra a maneira pela qual, frequentemente, ideologias de Ultradireita nos EUA se sobrepõem. Além disso, evidencia-se que informações falsas e teorias da conspiração já faziam parte do jogo político norte-americano.

O período marcado pelo fim da Guerra Fria e a transição para o século XXI traria consigo uma série de incertezas vinculadas à nova ordem política, econômica e social vivida nos EUA. Ao final do século XX, o fim da União Soviética determinaria a ausência de “bodes-expiatórios” explícitos, fazendo com que os movimentos de ultradireita orientados por esse paradigma perdessem espaço, passando a ocupar um espaço marginalizado na vida pública norte-americana (MUDDE, 2018). Nesse sentido, os movimentos de ultradireita vinculados a pautas anti-imigração, Neo-Confederadas e “patriotas” ganham espaço, explorando os temores e receios de parcelas da população com relação à globalização que se consolidava (LYONS, 2017). Neiwert (2017) aponta para o governo Clinton como o início de um novo ciclo de ascensão da ultradireita norte-americana, sob a bandeira do “patriotismo”.

Com efeito, percebe-se que os movimentos de ultradireita norte-americanos são heterogêneos e vinculados a ideais como o racismo, a xenofobia e o nacionalismo, a partir de experiências particulares da trajetória histórica do país. No entanto, a Ultradireita dos EUA também foi influenciada por ideias externas, o que será elucidado adiante.

1.3.2 Raízes intelectuais e conexões internacionais

De maneira geral, deve-se compreender a ultradireita contemporânea como um fenômeno internacional – apesar das singularidades distintas em diferentes nações – e essencialmente vinculado à sociedade moderna (MINKENBERG, 2000). O sincretismo ideológico da ultradireita norte-americana advém da mescla de correntes intelectuais históricas dos EUA com influências também de movimentos e grupos de ultradireita da Europa (HAWLEY, 2007; LYONS, 2017). Apesar da heterogeneidade dessas influências intelectuais, denota-se que, em comum, elas apresentam uma percepção de declínio dos

valores ocidentais, opondo-se à Modernidade e a seus valores liberais, como o multiculturalismo e a pluralidade racial, cultural e identitária.

Os autores norte-americanos que influenciaram a ultradireita do país são vinculados, principalmente ao “realismo racial”, e ao “nacionalismo branco”, como Samuel Francis, Kevin MacDonald, Jared Taylor, Wilmot Robertson, Paul Gottfried, Richard Lynn e Patrick Deenen (HEIKKILÄ, 2017; BAR-ON, 2019). Ao longo do trabalho grande parte desses autores serão mencionados, sendo o foco da seção, portanto, as influências intelectuais internacionais da ultradireita norte-americana.

Inicialmente, deve-se citar Alain de Benoist, principal pensador da *nouvelle droite*, a Nova Direita Francesa (NDF), originada em 1968. Benoist e Champetier (1999) denunciam as falsas dualidades e antíteses presentes na oposição entre tribalismo e globalismo, liberalismo e marxismo, individualismo e coletivismo, nacionalismo e internacionalismo; e defendem que essas oposições artificiais ocultam a crise dos modos de pensar, decidir e agir no Ocidente ao longo dos últimos séculos (BENOIST; CHAMPETIER, 1999). Benoist, portanto, antagoniza diretamente o que chama de “elites liberais”, responsáveis por privar o “povo soberano” da sua verdadeira “identidade europeia” (PRADO, 2021). Percebe-se que essa oposição aos valores modernos é dotada de elementos nativistas, populistas e autoritários típicos de Populistas Radicais de Direita.

A NDF claramente se insere no que Norris e Inglehart (2019) chamam de “reação cultural”, demonstrando a insatisfação de parcelas da sociedade ocidental, sobretudo na Europa, com o avanço dos valores progressistas liberais, como os direitos humanos e o multiculturalismo. Esse movimento reverberou ao longo do século XX, exercendo influência não somente na França, quanto nos vizinhos europeus, como demonstra a *New Right Action*, fundada na Alemanha em 1972 (PRADO, 2021). Desse modo, Faye, Benoist e outros pensadores da Nova Direita Europeia (NDE), como Dominique Venner, impulsionariam o surgimento de outros ideólogos da ultradireita ao redor do mundo, como Alexander Dulgin, e Jonathan Bowden (BAR-ON, 2019). A NDE defende interpretações antiliberais e antiglobalização, questionando a universalidade dos direitos humanos e propondo conceitos como a “diversidade biocultural”, que seria, na realidade, um eufemismo para defender a ideia de segregação racial a partir da suposta “proteção” às particularidades de cada cultura. Mais uma vez percebe-se a oposição a valores modernos, a partir da perspectiva de “reação cultural”, proposta por Norris e Inglehart (2019).

Percebe-se, de fato, que as principais influências intelectuais da ultradireita, apesar de heterogêneas, têm em comum a preocupação com a sociedade ocidental e seus rumos após a incorporação dos valores Modernos, abordando temas como o combate às influências culturais do igualitarismo e do multiculturalismo, assim como os fracassos e as fraquezas da democracia liberal. Isso pode ser visto na influência perante a ultradireita global do trabalho de autores como Friedrich Nietzsche, considerado por esses movimentos o profeta do declínio ocidental a partir de valores multiculturais e Carl Schmitt, considerado o pai do ultranacionalismo (BAR-ON, 2019). Além disso, destacam-se autores como Fabrice Robert, Markus Willinger, Oswald Spengler, Leo Strauss, Ernst Jünger e Martin Heidegger (BAR-ON, 2019).

No entanto, a corrente anti-Moderna internacional mais influente no âmbito do estudo de caso do presente trabalho é o movimento Tradicionalista, de autores como Julius Evola e René Guénon. O Tradicionalismo seria um importante componente intelectual que estaria presente ao longo da estruturação do PDR Trumpista, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, demandando uma seção específica para explicá-lo.

1.3.2.1 O Tradicionalismo

O Tradicionalismo é um movimento ideológico pouco estruturado, sem lideranças formais, e que comumente é referenciado como “Tradicionalismo Guénoniano” ou “Tradicionalismo Integral”. René Guénon é um dos fundadores de uma das correntes do Tradicionalismo⁸, uma espécie de “esoterismo religioso” conservador, que preza pela manutenção de práticas antigas e “tradicionalistas”, que teriam supostamente sido esquecidas ao longo da modernidade (SEDGWICK, 2004). Teitelbaum (2020) define o Tradicionalismo como uma escola filosófica e espiritual *underground*. Essa corrente se apega a tradições, conhecimentos e práticas passadas de geração em geração desde suas concepções por autoridades divinas, e considera que o Ocidente moderno teria se afastado desse passado e dificultado a transmissão dessas tradições (SEDGWICK, 2004). Seu apego religioso se refere a uma suposta religião “Tradicional”, cujos valores e conceitos teriam se perdido, sobrando apenas fragmentos de sua concepção original, considerada um emaranhado de práticas e

⁸ Sedgwick (2004) aponta que existem distintos movimentos “Tradicionalistas”, sendo sua principal concepção unitária, de modo geral, o pensamento de Guénon. O Tradicionalismo não se confunde com a vertente tradicionalista do movimento conservador, também elucidado no trabalho, e que será referenciado sem o T maiúsculo.

crenças que variam desde o Hinduísmo ao paganismo Europeu pré-cristão ⁹(TEITELBAUM, 2020).

O pensamento de Guénon é, de fato, um dos poucos alicerces que sustentam esse conjunto de pensamentos e ideologias heterogêneas, cujas influências prévias advém, por exemplo, de Oswald Spengler e sua obra principal *The Decline of the West*, de 1918, que fornecera algumas das bases intelectuais ao nazismo (SEDWICK, 2004). Nas palavras de Green (2017, p.6): “*What Guénon hoped for, he wrote in 1924, was to restore to the West an appropriate traditional civilization*”. A rejeição à modernidade é, de fato, a principal característica do Tradicionalismo:

While we tend to think of modern as meaning something that is new or updated, they speak about modernity the way a historian or a social scientist would, as both a method for organizing social life and a period of time when that method came to predominate Europe and the Europeanized world, which is to say generally the 1800s and forward. Modernization, to paint in broad strokes, involves the retreat of public religion in favor of reason (TEITELBAUM, 2020, p. 15).

Além disso, autores vinculados ao Tradicionalismo adotam uma percepção temporal cíclica, que enxerga eventos como a destruição dos Cavaleiros Templários em 1312 e a Paz de Westfália em 1648 como os marcos do declínio espiritual ocidental. Essa interpretação apocalíptica defende que o Ocidente estaria se aproximando de uma era final¹⁰, na qual as tradições ancestrais seriam totalmente esquecidas e a sociedade estaria totalmente afastada de seus laços sagrados (GREEN, 2017). Ao mesmo tempo, devido à natureza cíclica do tempo, isso apenas precederia a retomada da “tradição”, que seria um destino inequívoco da humanidade (GREEN, 2017). Esses ciclos temporais seriam marcados por períodos de colapso, seguidos de regeneração, sendo a modernidade parte do ciclo de degeneração.

Se, para o Tradicionalismo, a contemporaneidade é marcada por uma “Era das Trevas”, qualquer avanço vinculado à modernidade, na realidade, seria um retrocesso. Nesse sentido, quaisquer ideias vinculadas a ideais modernos, como o Iluminismo, por exemplo, ou a movimentos emancipatórios, como a luta por direitos civis ou o movimento feminista, seriam, na realidade, grandes retrocessos (TEITELBAUM, 2020). Essa é a base da chamada “teoria da inversão”, desenvolvida por Guénon, que considera que qualquer componente da modernidade considerado bom, na realidade seria ruim, qualquer mudança considerada como progresso, na realidade seria um regresso e qualquer ato supostamente de justiça, na verdade,

⁹ Isso levou Guénon, inclusive, a se converter ao Sufismo Islâmico (TEITELBAUM, 2020).

¹⁰ A partir de influências Hindus, acerca dos ciclos temporais vivenciados pela humanidade, essa era seria denominada “Kali Yuga”, uma nova idade das trevas que duraria 6 mil anos (GREEN, 2017).

seria opressão (TEITELBAUM, 2020). Esse tipo de pensamento seria um dos alicerces fundamentais de importantes correntes da ultradireita norte-americana, principalmente aquelas vinculadas ao apoio a Donald Trump em 2016, como será demonstrado adiante na tese.

Sedgwick (2004) aponta que a obra de Guénon repercutiu ao longo da década de 1930, influenciou o fascismo na Europa, e, a partir da década de 1960, começou a permear a cultura ocidental, expandindo, posteriormente para influenciar o mundo islâmico e a Rússia (SEDGWICK, 2004). Uma das principais influências de Guénon se deu sob o pensamento do italiano Julius Evola, que se consolidou como seu sucessor, embora sua versão do Tradicionalismo apresente algumas diferenças com relação ao de Guénon (TEITELBAUM, 2020).

O Tradicionalismo, na concepção de Evola, seria universal e perene, tendo natureza transcendente, e, sendo assim, todas as visões metafísicas de mundo, assim como as religiões, seriam derivadas dessa origem divina (HAKL, 2019). Se o Tradicionalismo advém do sagrado, seria a autoridade final, não podendo ser questionado ou alterado, desse modo, todos os aspectos da vida social deveriam estar subjugados a ele (HAKL, 2019). Percebe-se que esse tipo de argumento oferece bases sólidas para a estruturação de pensamentos autoritários na ultradireita em âmbito global.

O mundo moderno, na forma da civilização Ocidental, representaria a total oposição a essa Tradição integral de Evola, tendo em vista a materialidade de seus princípios e de sua tecnologia (HAKL, 2019). Para Evola, o Catolicismo Medieval seria o último suspiro da Tradição, sendo a Renascença e a Revolução Francesa os marcos da nova “Era das Trevas” de declínio (HAKL, 2019). Hakl (2019) conclui:

World history thus appears not as evolution but as devolution, to the point of the Iron or Dark Age (kāli-yuga) of today. **A true restoration of tradition would be possible only after the utter collapse of the modern world.** There can be no gradual transition between traditional and modern culture because they are utterly separate and have developed entirely different concepts of time, value, and the sacred (HAKL, 2019, p. 61, grifo nosso).

Evola segue grande parte da base do Tradicionalismo de Guénon, como a busca pela transcendência espiritual e a crença nos ciclos temporais. No entanto, estabelece, em sua versão do Tradicionalismo, que os princípios hierárquicos das sociedades deveriam estar voltados às identidades raciais, como a cor da pele, o que reverberaria, conseqüentemente, em ideias nativistas antissemitas e misóginas, privilegiando a raça ariana masculina como superior (TEITELBAUM, 2020). Não à toa o Tradicionalismo de Evola chamou a atenção de

Mussolini, que se interessou pela noção de um “racismo espiritual” como contrapeso ao racismo científico proposto pelos Nazistas alemães (HAKL, 2019). Percebe-se, portanto, a conexão estabelecida por Evola com ideologias de ultradireita, a partir da identificação de que “castas superiores” deveriam, de fato, serem dominantes em determinados ciclos temporais, e que essa hierarquia teria origem racial. Desse modo, o Tradicionalismo de Évola é particularmente importante no caso da presente tese, levando em consideração que os componentes identitários e raciais foram muito presentes no Populismo de Direita Radical de Donald Trump.

O Tradicionalismo exerceria, de fato, grande influência na ultradireita norte-americana ao longo do século XXI, consolidando-se como uma herança intelectual comumente referenciada por esses grupos. Além disso, o Tradicionalismo teria papel importante ao longo do ciclo eleitoral de 2016, sendo uma das principais bases ideológicas de atores que apoiaram a candidatura de Donald Trump, como Steve Bannon e a Alt-Right, o que será demonstrado adiante ao longo da tese.

1.3.3 A Ultradireita norte-americana no século XXI

A ultradireita norte-americana, historicamente, estruturou-se como uma série de movimentos heterogêneos, a partir do compartilhamento em distintos graus de ideais nacionalistas, racistas, nativistas, antidemocráticos e autoritários, como demonstrado anteriormente. Ao longo do século XXI, esses ideais se mantiveram predominantes em meio à ultradireita do país, consolidando-se a partir de novos gatilhos. Esses tópicos incluem 1. O aprofundamento da globalização, e suas consequências para a inserção norte-americana na divisão internacional do trabalho, que incentivaram o nacionalismo 2. As transformações culturais e sociais sofridas pelos EUA, principalmente com a ampliação da imigração ao país, que estimularam o nativismo 3. Os eventos de 11 de Setembro de 2011 e a consequente Guerra ao Terror, que promoveram a xenofobia e o autoritarismo e, 4. A eleição de Barack Obama, que gerou diversas reações racistas e antidemocráticas no país (ABRAMOWITZ, 2012; HAWLEY, 2017; NEIWERT, 2017; ALEXANDER, 2018; MUDDE, 2018).

Ao longo do século XXI, os distintos movimentos de ultradireita dos EUA se fortaleceram a partir da oposição ao “liberalismo cultural” e às transformações culturais e sociais do país. Isso ocorreu pois os EUA, no período, consolidou-se, paulatinamente, como uma nação multicultural, composta por negros, hispânicos, indígenas, asiáticos, judeus e todos os outros tipos de minorias. Apesar disso, a ultradireita norte-americana não é crítica apenas

aos liberais-progressistas do país, como também ao movimento conservador em si, e, conseqüentemente, ao Partido Republicano, que consideram complacentes com os crescentes fluxos de imigrantes que os EUA vêm recebendo nas últimas décadas.

Ao longo do século XXI, a principal influência intelectual da Ultradireita norte-americana advém do movimento Paleoconservador. Os Paleocons são importantes na trajetória histórica dos EUA porque representaram, por décadas, a maior ameaça ao *mainstream* conservador e serviriam, posteriormente, de arcabouço ideológico e raiz intelectual a movimentos da ultradireita norte-americana (HAWLEY, 2017; LYONS, 2017). Emblemático nesse sentido é a influência do ícone paleocon Paul Gottfried no pensamento do fundador da chamada Alt-Right¹¹, Richard Spencer, com quem Gottfried editaria a obra *The Great Purge: The Deformation of the Conservative Movement* (BARTEE, 2019).

Isso pode ser validado também a partir da análise das principais pautas dos Paleoconservadores, que defendem fortemente o nacionalismo, tanto do ponto de vista econômico, quanto social e cultural, além da aproximação, de fato, a ideias da ultradireita, como o nacionalismo branco (LYONS, 2017; TEIXEIRA, 2018). Ashbee (2019, p. 126) vincula esse movimento ao pensamento radical de alguns de seus principais líderes, como Pat Buchanan: “*In practice, Buchanan’s paleoconservatism also rested upon the belief that there is an American nation structured around a white, European heritage*”. Buchanan trabalhara no governo de Nixon e o considerava um *outsider* derrubado pelo *establishment* (ASHBEE, 2019). Após servir no governo Reagan e se sentir deslocado por seus colegas na administração, Buchanan aderiu ao movimento Paleoconservador, fundando a *The American Conservative* (ASHBEE, 2019).

A sinergia Paleoconservadora com a ultradireita norte-americana no século XXI passa a se evidenciar também ao se observar as concepções de Buchanan acerca da identidade branca e sua relação com o Ocidente, explícitas por exemplo em sua obra “*The Death of the West*”. Ashbee (2019, p. 127) ressalta: “*A deeply felt sense of white dispossession is never far from the surface. Indeed, white identity and identitarianism tie the American future together with the fate of the West*”. A obra de Buchanan flerta com o conspiracionismo anti-modernidade típico da Ultradireita, atribuindo o colapso da moralidade e a expansão do feminismo ao suposto declínio do Ocidente, vinculando esse processo ao marxismo e à obra de Antonio Gramsci (ASHBEE, 2019). Nesse sentido, os Paleocons rejeitam concepções

¹¹ Que será explicada e contextualizada na seção 1.3.4.

multiculturais, defendendo valores tradicionais e adotando posturas de ressentimento não apenas às minorias raciais como também às elites brancas, anglo-saxãs e protestantes (WASP), o que os enquadra enquanto parte da direita radical (ASHBEE, 2019).

A questão migratória e suas repercussões demográficas também foram frequentes na retórica paleoconservadora, que se preocupava, especialmente, com os fluxos de hispânicos em direção aos EUA. Os Paleocons viam a imigração mexicana em particular como “um novo chauvinismo étnico”, que representaria um perigo à identidade norte-americana (ASHBEE, 2019). Diversos elementos conectam, portanto, o pensamento Paleoconservador e lideranças como Buchanan às retóricas estabelecidas por Donald Trump em 2016. Não à toa, o slogan de campanha de Buchanan ao longo das primárias Republicanas de 1992 era “*America First*” e suas propostas incluíam a construção de uma cerca nas fronteiras com o México.

No século XXI, a ultradireita norte-americana acumulou ressentimentos com relação tanto aos liberais quanto aos conservadores, o que foi acentuado perante uma conjuntura internacional pós 11 de Setembro, a partir de uma percepção de declínio do poder relativo dos EUA (ALEXANDER, 2018). Os eventos ocorridos em 11 de Setembro de 2001 seriam um dos marcos de um novo processo de crescimento de grupos e movimentos de ultradireita, motivados pela associação das populações muçulmanas ao ataque terrorista em Nova Iorque e por uma onda de teorias da conspiração que se proliferariam no período (NEIWERT, 2017). Nesse período também se consolidou o rompimento dos Paleocons com o Partido Republicano, a partir da oposição à Guerra ao Terror, e sua trajetória de radicalização e consolidação enquanto um movimento de ultradireita.

Ao final da primeira década do Século XXI, a nomeação de Obama enquanto o candidato do Partido Democrata à corrida presidencial em 2008 e sua eventual vitória representaram o gatilho para que a ultradireita dos EUA consolidasse sua força em torno de uma pauta comum, inflamada pelo fato de o país ter um Presidente negro e liberal (NEIWERT, 2017). Abramowitz (2012) elucida as características desse ressentimento perante Obama:

Obama’s mixed racial heritage, his ambitious policy agenda, and the extraordinarily diverse coalition of liberals, young people, and racial minorities that supported him in 2008 all contributed to a powerful negative reaction on the part of many economic and social conservatives aligned with the Republican Party and perhaps among whites who were simply upset about having a black man in the White House (ABRAMOWITZ, 2012, p. 2).

Mudde (2018) aponta para a eleição de Obama como um ponto de inflexão na atuação de grupos supremacistas, “patrióticos” e os chamados “*sovereign citizens*”¹², que se mobilizaram em repúdio à eleição do primeiro Presidente negro do país, aderindo, paralelamente, a pautas islamofóbicas perante a herança da chamada “Guerra ao Terror” e o temor do “terrorismo islâmico”. Com efeito, Neiwert (2017) aponta para esse momento como o elo de conexão entre os diferentes grupos e movimentos da ultradireita dos EUA, que, mesmo em meio à sua heterogeneidade, organizaram-se perante pautas comuns, a partir de ideologias nativistas, racistas e autoritárias.

Obama foi o principal elemento – ou “bode expiatório” - que ofereceu coesão à ultradireita norte-americana no século XXI, pois, em torno dele, orbitava não somente o racismo e a xenofobia contra um Presidente negro, como também toda a miríade de ressentimentos que esses movimentos acumulavam historicamente: Desprezo às pautas liberais-progressistas e ao Partido Democrata, decepção com o Partido Republicano e com o movimento conservador que não conseguiram derrotar Obama nas eleições, e, por fim, o racismo perante um Presidente negro e a islamofobia direcionada ao fato de Obama supostamente ser muçulmano¹³.

Tendo em vista esse cenário ao longo do século XXI, deve-se chamar a atenção ao fato de que houve, no período, um aumento substancial de atos de terrorismo orientados por agendas da ultradireita nos EUA¹⁴, nesse caso, mais especificamente, da extrema-direita. Jones (2018), por exemplo, apresenta dados quantitativos referentes a atividades terroristas e atos violentos vinculados a grupos de ultradireita na última década, apontando um aumento de 400% do número de ataques desse tipo entre 2016 e 2017 nos EUA. O número total de ataques vinculados à ultradireita teria sido de menos de cinco por ano entre 2007 e 2011, crescendo para uma média de 14 ao ano entre 2012 e 2016, e subindo para 31 em 2017 (JONES, 2018).

Neiwert (2017) identifica que entre 2008 e 2015 houve um aumento de 300% de ataques violentos, atentados e massacres nos EUA – enquadrados pelo autor enquanto

¹² Indivíduos que compõem um grupo heterogêneo de libertários contrários a determinadas funções do Estado como a cobrança de impostos, adotando prédios públicos ou representantes políticos como seus alvos (JONES, 2018)

¹³ A associação de Obama ao islamismo foi uma teoria da conspiração muito presente perante a ultradireita norte-americana, o que será elucidado de maneira mais densa adiante.

¹⁴ Jones (2018) define o “terrorismo de ultradireita” como sendo a violência – ou ameaça de uso da violência - por parte de grupos supremacistas brancos, racistas, antissemitas, extremistas anti-governo, milícias, “cidadãos soberanos” sob motivações raciais, religiosas, étnicas e/ou políticas.

“terrorismo doméstico” – sendo 115, de um total de 201, relacionados a pautas da ultradireita¹⁵. Além disso, o autor identificou também, ao longo desse período, a formação de mais de 874 grupos “patrióticos” e 873 organizações ligados a crimes de ódio, como o KKK, skinheads e neonazistas em solo norte-americano (NEIWERT, 2017).

Os alvos desses ataques foram figuras religiosas ou instituições religiosas judias ou islâmicas – 31% - indivíduos ou propriedades de indivíduos vinculados a minorias – 29% - prédios públicos, seja dos EUA ou de outros países -14% - como o ataque ao Consulado do México em Austin, no Texas; e clínicas e instituições vinculadas com a prática de abortos – 10% (JONES, 2018). Jackson (2019), por sua vez, demonstra que, desde os eventos do 11 de Setembro de 2001 até junho de 2016, extremistas de direita – representados por grupos e indivíduos racistas, nativistas ou anti-governo – foram responsáveis por mais fatalidades em ataques violentos em solo norte-americano que qualquer outro tipo de extremismo.

A violência orquestrada por pautas de ultradireita de fato caracterizou a maioria dos ataques de cunho terrorista nas primeiras décadas do século XXI nos EUA. Argumenta-se que grande parte do processo de radicalização desses indivíduos e grupos responsáveis por ataques terroristas vinculados a pautas de ultradireita ocorreu nas plataformas digitais (HAWLEY, 2017; NEIWERT, 2017). O atentado a uma igreja em Charleston, em 2015, que ocorreria no dia seguinte à declaração de Trump que concorreria à presidência, é emblemático desse processo (NEITWERT, 2017). Com menções ao nacionalismo branco, e às organizações Neo-Confederadas do país, o manifesto de suicídio do terrorista reuniu uma série de elementos vinculados à ultradireita, resumidos em torno do combate ao multiculturalismo, tendo sido influenciado pela página na internet do grupo de ultradireita “*Council of Conservative Citizens*” - releitura dos “*Councils’ of Citizens*” da década de 1950 - e pelo fórum online de ultradireita *Daily Stormer* (NEIWERT, 2017).

Apesar das profundas influências de suas raízes históricas, a principal característica da ultradireita norte-americana no século XXI, de fato, é sua presença digital. A radicalização, a mobilização e, eventualmente, a ação, seja ela em grupo ou individual, ganhou nas redes sociais, nos fóruns de internet e em sites específicos de ultradireita um componente fundamental. Essa nova característica da ultradireita norte-americana ao longo das primeiras décadas do século XXI promoveu uma alteração no panorama geral de atuação e mobilização

¹⁵ Outros 63 casos estariam conectados com ações orientadas por ideologias extremistas islâmicas e 19 casos relacionados a pautas como ambientalismo e defesa dos direitos dos animais (NEIWERT, 2017).

desses grupos, que passaram a se concentrar na internet. Neiwert (2017) apresenta dados fundamentais para essa interpretação, demonstrando que, entre 2013 e 2015 o número de grupos formais identificados com pautas “patrióticas” declinou de 1360 para 874, vinculando esse declínio à migração para as atividades online.

Neiwert (2017) aponta:

In 2012–13, the SPLC counted 1,360 active Patriot groups and 873 other hate groups of various stripes, such as the Ku Klux Klan, skinheads, neo-Nazis, antigay groups, anti-Muslims groups, and so forth. But then along came a sharp decline between 2013 and 2015, of Patriot groups in particular; the new total was 874. At first it looked like an aberration, but eventually the reason became clear: **radicals were taking their acts out of organizations and going online.** [...]the advent of social media and other more dispersed means of sharing information had created a shift in how extremists shared their ideologies and how they recruited, too (NEIWERT, 2017, p. 15, grifo nosso).

Algumas das razões para essa migração são relacionadas com os custos sociais atribuídos à participação efetiva, no mundo real, em grupos e movimentos de ultradireita. Os movimentos de ultradireita tradicionais na história dos EUA, por vezes, eram organizações formalizadas, com membros associados e líderes, que, desse modo, podiam ser identificados e, conseqüentemente, responsabilizados na esfera pública e civil, o que limitava seu potencial de crescimento (HAWLEY, 2017). Nas plataformas digitais, movimentos de ultradireita se aproveitam da identidade anônima para manifestarem suas ideias de maneira mais livre, sem a formalidade e a hierarquia dos grupos organizados, e com a possibilidade de ampliar o impacto de suas mensagens de maneira mais rápida e efetiva (POTOK, 2015 apud NEIWERT, 2017).

Jones (2018) identifica que, de fato, a ultradireita vem recorrentemente se utilizando da internet e das redes sociais para promover suas ideias, coordenar treinamentos, organizar viagens para ir a protestos e outros eventos, captar fundos, recrutar membros e manter suas redes de comunicação, o que representa uma oportunidade sem precedentes de atingir audiências maiores. As atividades desses grupos, movimentos e indivíduos abrange desde as redes sociais amplas, como o Facebook, o Youtube e o Twitter, até comunidades destinadas especificamente ao propósito de facilitar sua comunicação e mobilização, como a rede social Gab, em que a “liberdade de expressão¹⁶” é absoluta, e fóruns radicais como o *Daily Stormer* (JONES, 2018). Nesse sentido, deve-se chamar a atenção com relação ao papel exercido pela

¹⁶ O que representa um eufemismo para se defender a ideia de liberdade para disseminar discursos de ódio e ideais antidemocráticos.

Alt-Right, o movimento de Ultradireita cuja ação é pautada, sobretudo, pela sua presença digital e que influenciou diretamente nas eleições de 2016.

Nesse sentido, a partir da compreensão o papel das plataformas digitais no crescimento da ultradireita norte-americana ao longo do século XXI, a próxima seção se debruça sobre a Alt-Right, principal movimento de ultradireita dos EUA a influenciar nas eleições de 2016.

1.3.4 Alt-Right: A Direita Alternativa

A Alternative-Right¹⁷ (Alt-Right) é um movimento de ultradireita nacionalista e supremacista-branco, composto por um conjunto frouxo de ideologias, grupos e indivíduos que se articulam, majoritariamente, nas plataformas digitais. O movimento ganhou notoriedade nos EUA a partir de sua atuação ao longo das eleições de 2016, mas atuava, digitalmente, desde o início da década de 2010. A Alt-Right é crítica tanto dos valores progressistas liberais quanto dos conservadores tradicionais, sendo sua crença principal a de que a "identidade branca" estaria sendo supostamente atacada por forças multiculturais, por meio de plataformas "globalistas", usando o "politicamente correto" e a "justiça social" para "sobrepular a identidade e a civilização branca" (HAWLEY, 2017; LYONS, 2017; THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019). Sentimento comum aos membros e aos ideólogos da Alt-Right é o de "desapropriação cultural" dos brancos norte-americanos, a partir das noções supostamente impostas de igualdade racial e multiculturalismo nos EUA (BAR-ON, 2019). Percebe-se, assim, a herança intelectual de autores e movimentos citados anteriormente, como os da NDF, da NDE e do Tradicionalismo.

Bar-On (2019) defende que, para além da oposição a liberais e conservadores, a Alt-Right se opõe, fundamentalmente, ao que considera "elites cosmopolitas do *establishment*", responsáveis por tornar os EUA uma nação multicultural, em detrimento da identidade branca "original". Hawley (2017) aponta que as alas menos radicais do movimento têm como objetivo de longo prazo apenas colocar fim às imigrações em massa para os EUA, o fim do "politicamente correto" e a aceitação de políticas identitárias brancas como um elemento comum às políticas públicas, enquanto as alas extremistas apontam a necessidade de "limpezas raciais e étnicas" por meios violentos, com o fim de obter a secessão para criação de um novo "Etno-Estado" exclusivo às populações brancas na América do Norte. Isso atribui

¹⁷ Tanto em referência a uma direita não tradicional quanto uma alternativa política, social e cultural à direita conservadora. Ao longo do trabalho será utilizado também o termo, traduzido pelo autor, "Direita Alternativa" como sinônimo de Alt-Right.

ao grupo um caráter Populista de Direita Radical, devido às suas características nativistas, autoritárias e populistas.

A Alt-Right tem um caráter heterogêneo oriundo dos distintos movimentos e das distintas bases intelectuais da ultradireita dos EUA. Além disso, ela não foi o primeiro nem o único movimento norte-americano de ultradireita originário nas plataformas digitais, sendo influenciado por distintos outros grupos, o que, em alguns casos, gerou sobreposições entre eles. Destaca-se, inicialmente, os Neorreacionários (NRx)¹⁸, pioneiros do ativismo digital e da utilização de um tipo de humor irreverente para espalhar uma ideologia antiprogressista a partir do domínio das tecnologias e ferramentas de comunicação oferecidas pela internet. Também deve-se citar a Manosphere¹⁹, definida como uma “subcultura antifeminista” (LYONS, 2017, p. 8) composta por movimentos organizados como o *Men’s Rights Activists* (MRA) e o *Men Going Their Own Ways* (MGTOWs). Além disso, os Nacional-Anarquistas (N-AMs)²⁰ também influenciaram a Alt-Right, sendo um movimento que prega a divisão da sociedade em comunidades autogovernadas e segregadas racialmente, defendendo que essas distinções raciais são categorias atreladas à biologia e, portanto, algumas raças são naturalmente superiores a outras (LYONS, 2017).

De fato a Alt-Right não pode ser analisada a partir da concepção binária comum à política dos EUA, em que as dicotomias Democratas-Republicanos e Liberais-Conservadores são comumente utilizadas para ilustrar o cenário amplo da agenda pública. As ideias da Alt-Right são contrárias tanto à esquerda liberal norte-americana, quanto à direita conservadora, rejeitando valores como o livre-mercado, a globalização e os direitos humanos (HAWLEY, 2017; CAMUS, 2019). Para a Alt-Right, as tradições políticas liberais, progressistas, conservadoras e libertárias dos EUA seriam todas parte da “família liberal”, que compartilhariam a crença de que, em diferentes níveis, as noções de “igualdade” e “liberdade” seriam a solução para quaisquer problemas da sociedade (HAWLEY, 2017).

A Alt-Right se enquadra no âmbito da ultradireita a partir da negação dos conceitos de “igualdade” e “liberdade”, demonstrando sua desvinculação aos preceitos da sociedade

¹⁸ Os NRx defendem que as habilidades e a inteligência humanas são determinadas geneticamente pelas diferentes raças, rejeitando as noções de igualdade entre os indivíduos e de democracia e remontando seu modelo ideal de sociedade à ordem monárquica pré-iluminista, levando-os a se autodenominar como *Dark Enlightenment*, ou “*Reactionary Enlightenment*” (TAIT, 2019).

¹⁹ Grupos cujas bandeiras giram em torno do combate à suposta discriminação jurídica e midiática contra o gênero masculino, assim como a suposta vitimização masculina perante a opressão feminista que estaria colocando fim às famílias tradicionais (LYONS, 2017).

²⁰ Movimento que, diferentemente dos demais grupos, configura-se como um movimento nacionalista-branco de escala global, cuja atuação em solo norte-americano se formalizou em 2010 (LYONS, 2017).

moderna pós-iluminista e sua afinidade, por exemplo, com a NDE, a NDF e, principalmente, a concepção Tradicionalista de Evola. Isso não implica, no entanto, em afirmar que a Alt-Right adota, de maneira coletiva, um ideal religioso. A vertente “anti-modernidade” da Direita Alternativa, composta pelas parcelas mais “intelectualizadas” do movimento, é crítica, por exemplo, do cristianismo, considerada uma religião universal aberta à incorporação de todos os povos, o que prejudicaria a habilidade de etnias particulares e grupos raciais favorecerem suas causas específicas (HAWLEY, 2017). A postura antirreligiosa de parcelas da Alt-Right também adquire uma faceta deliberadamente antisemita, determinando hostilidades perante às populações judias, o que acaba sendo um objeto de tensão dentro do grupo. Essa ala do movimento identifica mesmo o cristianismo como tendo origem judaica, sendo, portanto, um elemento exógeno à cultura europeia, devendo, assim, ser rejeitado (HAWLEY, 2017).

O antissemitismo é, de fato, um dos temas centrais de debate dentre os diversos atores que compõem a Alt-Right, com alas do movimento relacionadas a plataformas claramente identificadas com o antissemitismo, como o *Daily Stormer* e o *Counter-Currents*. Essa parcela da Alt-Right vê os judeus como parte de uma suposta elite corrupta, responsável pela eventual degradação da cultura branca e pela articulação de diversos movimentos de esquerda historicamente, ao passo que há vertentes do movimento que incorporam os judeus às causas do nacionalismo branco, galvanizadas em torno do *American Renaissance* de Jared Taylor e do Breitbart News (HAWLEY, 2017; LEE, 2017; NIELI, 2019; THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019). De modo geral, a maneira com que a Alt-Right lida com o antissemitismo é contraditória, pois, embora haja uma ala extremista e conspiracionista pautada pelo racismo e o receio perante os judeus, também há, por outro lado, uma parcela que considera os judeus como brancos, e, portanto, aliados no combate às minorias “não-brancas” (LYONS, 2017).

Percebe-se, portanto, a heterogeneidade presente no grupo, mesmo dentro de suas pautas de maior convergência. É o caso da distinção, por exemplo, entre os “supremacistas brancos”, que consideram as populações brancas de origem europeia como superiores em meio ao convívio com as diferentes raças, e os “nacionalistas brancos”, que defendem a criação de um Estado racialmente homogêneo, sem presumir necessariamente a superioridade branca (HAWLEY, 2017).

Nesse sentido, Main (2018) oferece um resumo acerca das principais ideologias da Alt-Right: A rejeição às democracias liberais modernas, a partir da concepção de que nem

todos os homens são iguais; o racionalismo branco, em que um regime só seria legítimo se os brancos forem politicamente dominantes; o Antiamericanismo, que defende que as populações brancas devem transferir sua lealdade para a raça branca e não para a nação norte-americana, que estaria decadente devido aos seus aspectos multiculturais; e, por fim, o padrão retórico ácido: “*The movement rejects the standard ethics of controversy and indulges in race-baiting, coarse ethnic humor, prejudicial stereotyping, vituperative criticism, and the flaunting of extremist symbols*” (MAIN, 2018, p. 8).

A Alt-Right é paradigmática na história da ultradireita dos EUA pois representa um movimento que obteve sucesso em superar o isolamento nas franjas da sociedade e se tornar *mainstream*, principalmente ao longo das eleições de 2016, em uma dinâmica prevista por Mudde (2017) como sendo típica da Quarta Onda da ultradireita global, explicada anteriormente. Embora dotada de características inovadoras – como a irradiação de uma imagem descolada e jovem – a Alt-Right reproduz uma ampla gama de elementos presentes historicamente nos movimentos de ultradireita norte-americanos, sempre utilizando tons provocativos para se referir aos temas presentes em sua agenda, como o antissemitismo, o supremacismo branco, a postura anti-imigração e a rejeição a noções como o igualitarismo e o universalismo (LEE, 2017).

Mediante um cenário coletivo vago, cujas agendas principais coincidem em grande maneira com as pautas da ultradireita de modo geral, na seção seguinte destacam-se atores que desempenham funções enquanto lideranças individuais e mesmo alguns grupos de comunicação que fazem parte da estrutura da Alt-Right. Busca-se compreender, também, algumas das heranças e influências intelectuais da Alt-Right a partir, sobretudo, de fontes primárias vinculadas ao próprio movimento.

1.3.4.1 Atores influentes e heranças intelectuais da Alt-Right

O termo Alt-Right foi inserido no vocabulário político dos EUA em 2008, a partir da atuação de Richard Spencer, buscando representar ideais de ultradireita excluídos da política tradicional norte-americana (LYONS, 2008). A Alt-Right se estruturou por meio de Richard Spencer e do Paleoconservador Paul Gottfried, a partir de sua colaboração conjunta em meio ao “*The H. L. Mencken Club*”, organização que contava ainda com membros como Pat Buchanan e Patrick Deenen (HAWLEY, 2017; BAR-ON, 2019; PRADO, 2021).

No ano de 2010, após abandonar o doutorado, Spencer criaria o site *AlternativeRight.com*, ganhando notoriedade gradualmente a partir de então (HAWLEY,

2017; MUDDE, 2018). Lyons (2017) identifica as principais influências que pautaram a página, como o Tradicionalismo:

AlternativeRight.com quickly became a popular forum among dissident rightist intellectuals, especially younger ones. The magazine published works of old-school “scientific” racism along with articles from or about the European New Right, Italian far right philosopher Julius Evola, and figures from Germany’s interwar Conservative Revolutionary movement” (LYONS, 2017, p. 12).

Após o encerramento do AlternativeRight.com em 2013, Richard Spencer se tornaria editor da revista nacionalista branca *Radix*²¹ e fundador da *National Policy Institute*²², organização identificada como propulsora de ideias de ultradireita, com temáticas raciais e antissemitas, voltada para a arregimentação e convivência entre indivíduos de perfil social elevado identificados com essas pautas. (LYONS, 2017; BAR-ON, 2019; THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019). Bar-On (2019, p. 226) ressalta as características radicais das ideias de Spencer: “*In short, Spencer’s Alt Right is not merely conservative. In their desire to smash liberalism, administrative equality, multiculturalism, and capitalism, as well as create ethnically homogeneous “homelands,” Spencer’s Alt Right is indeed revolutionary*”.

Spencer foi fundamental para o fortalecimento da Direita Alternativa, estabelecendo, desde o início, não somente suas pautas ideológicas e heranças intelectuais, como também seu *modus operandi* nas plataformas digitais:

[...] use of the internet as a main vehicle for provoking both conservatives and liberals with politically incorrect language and ideas; a rejection of liberal multiculturalism; a disdain for capitalism because of its tendency to homogenize diverse peoples and cultures; support for political communities wedded to white, European identities; a challenge to “heroic,” white, and European elites to create a revolution in mentalities and values (i.e., a right-wing metapolitical struggle) against multiculturalismo and immigration; and a desire to create white, homogeneous ethnostates (“homelands”) on both sides of the Atlantic (BAR-ON, 2019, p.225).

Ao longo da década de 2010, o conceito de Direita Alternativa transitaria de uma descrição genérica de qualquer um à direita que rejeitasse tanto liberais quanto o movimento conservador, para ser associado explicitamente com políticas identitárias nacionalistas e supremacistas (HAWLEY, 2017). De fato, o termo “Alt-Right” manteve-se presente em

²¹ Revista online que defende a criação de um Estado unicamente composto por população branca.

²² Criado em 2011, algumas publicações do *National Policy Institute* incluem os seguintes trechos, retirados do site em 2014: “*Martin Luther King Jr., a fraud and degenerate in his life, has become the symbol and cynosure of White Dispossession and the deconstruction of Occidental civilization. We must overcome!*”, “*Immigration is a kind of proxy war—and maybe a last stand—for White Americans, who are undergoing a painful recognition that, unless dramatic action is taken, their grandchildren will live in a country that is alien and hostile.*”

parcelas restritas de fóruns nacionalistas e supremacistas online, como o 4chan e o Reddit entre 2013 e 2015 (HAWLEY, 2017).

A segunda fase da Alt-Right caracterizou-se, posteriormente, como um movimento que ampliou-se, gradualmente, pela internet, sobretudo, nas redes sociais e fóruns online (HAWLEY, 2017). Hawley (2017) escreve acerca da maneira pela qual a Alt-Right cresceu de maneira espontânea:

It does not appear that any one person can be credited for the resurgence of the Alt-Right as a popular term. From what I can tell, there was no strategy or plan behind it. Rather, in the years after Spencer shuttered the first Alternative Right, there was a growing white-identity movement online that did not really care for the term “white nationalist.” It seems that people simply gravitated to the term Alt-Right because most people with those views were already aware of it and there was no obviously superior label (HAWLEY, 2017, p. 69)

Essa evolução espontânea da Direita Alternativa geraria a percepção, a partir de 2015, que ela se tornara um emaranhado de ativistas online e indivíduos identificados com pautas de ultradireita, focando em leituras científicas de ideias racistas, na romantização do nacionalismo e em releituras neofascistas de movimentos supremacistas históricos, como a KKK (LYONS, 2017). Isso fica explícito no texto retirado do AlternativeRight.com em 2010:

We’ve known for a while through neuroscience and cross-adoption studies—if common sense wasn’t enough—that individuals differ in their inherent capabilities. The races do, too, with whites and Asians on the top and blacks at the bottom. The Alternative Right takes it for granted that equality of opportunity means inequality of results for various classes, races, and the two sexes. Without ignoring the importance of culture, **we see Western civilization as a unique product of the European gene pool** (HOSTE, 2010 apud LYONS, 2017, p. 14, grifo nosso).

A atuação do grupo, de fato, se dá por membros que se utilizam do anonimato de sua identidade para impulsionar suas mensagens e recrutar novos apoiadores, como descreve Hawley (2017, p. 70): “*It is a disorganized mob that broadly shares a number of goals and beliefs*”. Isso não significa, contudo, que não haja atores influentes em meio ao grupo, assim como ideologias bem estabelecidas no imaginário político da ultradireita norte-americana. Com efeito, pode-se mapear os atores que exercem papéis proeminentes na Alt-Right, tanto individualmente quanto na forma de grupos de comunicação, páginas na internet e até editoras.

Destacam-se, nesse sentido, para além de Richard Spencer, Andrew Anglin – vinculado ao site *Daily Stormer*, um dos principais portais da Alt-Right-, Jared Taylor – editor do site *American Renaissance*, conhecido por representar um suposto “supremacismo

intelectualizado” - Greg Johnson – doutor em filosofia, nacionalista branco e fundador da editora *Counter-Currents*-, Matthew Parrot e Matthew Heimbach – fundadores da *Traditionalist Youth Network* – e Mike Peinovich – do site que teria herdado a posição de sucessor do AlternativeRight.com, o *The Right Stuff*²³ (HAWLEY, 2017; LEE, 2017; THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019).

Ao se analisar a Alt-Right pode-se recorrer ao conteúdo produzido por integrantes desse grupo e publicado em portais de referência para o movimento como uma fonte primária. Destaca-se, nesse sentido, o “manifesto” da Alt-Right, produzido por Richard Spencer em 2017 e publicado em sua página Alt-Right.com²⁴ com o título “*What It Means To Be Alt-Right: A meta-political manifesto for the Alt-Right movement*”. Em 20 pontos, Spencer (2017) apresenta suas concepções raciais enquanto o fundamento da identidade dos indivíduos e das sociedades, argumentando a favor da necessidade de Estados-Nação definidos sob contornos étnicos e raciais e defendendo um EUA homogêneo e branco, sob a herança europeia e valores familiares e patriarcais. Spencer (2017) ainda exclui judeus do que compreende como “brancos”, defendendo que os judeus são um povo distinto dos europeus, com identidade própria e dificilmente assimilada às sociedades europeias e norte-americanas. Spencer (2017) endossa a posse de armas e a liberdade de expressão em sentido absoluto e condena a esquerda, que considera uma “ideologia da morte”, a educação moderna – que teria sido corrompida por valores liberais - e a globalização, demonstrando afinidade com ideais Tradicionalistas. Não à toa, Julius Évola era a figura presente na capa do AlternativeRight.com (HAWLEY, 2017).

Outro autor importante da Alt-Right, Jared Taylor, já possuía trajetória intelectual vinculada a concepções identitárias em prol do nacionalismo branco, expressas, sobretudo, na fundação da *American Renaissance* em 1990 e na obra *Paved with Good Intentions* de 1992 (NIELI, 2019). Taylor defende que a essência humana é, naturalmente, tribal, em seus sentimentos e associações, diferenciando-se, substancialmente, nos tipos de civilização e sociedade que consolidam, a partir, também, de aspectos genéticos (NIELI, 2019). Jared Taylor tornou-se um dos ideólogos da Alt-Right, sendo um dos responsáveis por atribuir um

²³ O trecho a seguir foi retirado desse site: “*The new left doctrine of racial struggle in favor of non-Whites only, a product of decolonization and the defeat of nationalists by egalitarians after WWII, must be repudiated and Whites must be allowed to take their own side in their affairs. A value system that says Whites are not allowed to have collective interests while literally every other identity group can do so and ought to do so is unacceptable.*” (THE RIGHT STUFF, 2016)

²⁴ Disponível em [https://altright.com/2017/08/11/what-it-means-to-be-alt-right/]. Acesso em 25/01/2020.

viés intelectual a esse movimento, a partir de suas contribuições no *American Renaissance* e em obras publicadas como *White Identity*, de 2011, influenciando, inclusive, na Nova Direita Europeia (NIELI, 2019).

Taylor defende que a homogeneidade cultural, explícita, por exemplo, em aspectos raciais e linguísticos, seria fundamental para a consolidação de uma nação, o que teria caracterizado os EUA até meados da década de 1950 (NIELI, 2019). Taylor atribui as instabilidades culturais e políticas vivenciadas pelo país contemporaneamente como advindas das tensões raciais causadas pela diversidade racial e cultural, fruto das imigrações ao país, defendendo que elas fossem limitadas e até cessadas (NIELI, 2019). Nieli (2019, p. 140) desenvolve acerca da visão de Taylor sobre a diversidade: “*Multiracial, multiethnic, multilingual societies are inherently unstable and more conflict-ridden than more demographically homogeneous ones, Taylor believes, and a major goal of Taylor’s White identitarian efforts is to get this idea widely circulated*”.

Em artigo de 2018 intitulado “*What is the Alt-Right*”, escrito após a vitória de Trump e o consequente sucesso da Alt-Right, Taylor (2018, sem página) descreve o movimento como “*a broad, dissident movement that rejects egalitarian orthodoxies*”. O autor ainda defende que, apesar de sua heterogeneidade, a Alt-Right teria como convicção comum o desprezo à noção de que as raças são construções sociais, valorizando, por sua vez, os aspectos biológicos que as distinguem: “*The entire Alt-Right is united in contempt for the idea that race is only a “social construct”. Race is a biological fact. The world makes no sense without an understanding of race.*” (TAYLOR, 2018, sem página).

Taylor (2018, sem página) desenvolve, adiante, de maneira mais aprofundada, seus ideais de ultradireita:

No coherent social policy can be based on egalitarian dogmas about race. That is why everything from education to welfare to housing to policing to immigration policy yields deformed results. If you cannot understand race you cannot understand anything else [...] Since orthodoxy has decreed that all groups are precisely equal, it permits only one explanation for non-white failure: white oppression. We are not responsible for the shortcomings of others and we despise those who claim we are. [...] Race is not just real: it is central to group and individual identity (TAYLOR, 2018, sem página).

Com efeito, o discurso de Taylor (2018) advoga a favor da identidade branca, que supostamente estaria sob escrutínio há décadas. Ele se considera parte de um grupo oprimido, que não teria mais o direito de manifestar o orgulho acerca de suas raízes culturais, concluindo que, de modo a não se tornar uma minoria nos EUA, os brancos deveriam se unir

para resistir às imigrações: “*The Alt-Right recognizes that whites have legitimate interests as a people. One of the most obvious is to resist the waves of non-white immigration that are dispossessing us.*” (TAYLOR, 2018, sem página).

Outra figura importante para a Alt-Right é Greg Johnson, editor-chefe da *Counter-Currents*, página criada em 2010 com características esotéricas e metapolíticas, buscando ser um espaço para a emergência de um movimento intelectual de contracultura que formasse uma nova direita norte-americana sob a influência do Tradicionalismo e da Nova Direita Europeia (MACKLIN, 2019). Lyons (2017) aponta para o nacionalismo branco típico da Alt-Right presente no texto de Greg Johnson, publicado no *Counter-Courrents*:

The survival of whites in North America and around the world is threatened by a host of bad ideas and policies: egalitarianism, the denial of biological race and sex differences, feminism, emasculation, racial altruism, ethnomasochism and xenophilia, multiculturalism, liberalism, capitalism, non-white immigration, individualism, consumerism, materialism, hedonism, anti-natalism, etc. (JOHNSON, 2010, apud LYONS, 2017).

O que caracteriza o pensamento de Johnson, que, inicialmente ele chamara de “Nova Direita Norte-Americana”, como vinculado à Alt-Right é a centralidade da questão racial, utilizando termos como o “genocídio branco” para se referir à suposta desapropriação cultural e geográfica sofrida pelas populações brancas nos EUA. Isso o diferencia, por exemplo, da Nova Direita Europeia, sobretudo pelo fato de a vertente do velho continente e de autores como De Benoist refutarem os apelos presentes na obra de Johnson acerca da “superioridade biológica e genética” das populações brancas que, invariavelmente, acaba adotando tons antisemitas (MACKLIN, 2019). Bar-On (2019) ressalta que tanto Spencer, quanto Taylor e Johnson acreditam que essa consciência racial e a solidariedade política entre os brancos norte-americanos pode ser atingida sem recorrer à violência, oferecendo um legado intelectual importante para a Alt-Right.

Bokhari e Yiannopoulos (2016), outros autores identificados com a Alt-Right, publicaram um artigo no portal Breitbart intitulado “*An Establishment Conservative’s Guide to the Alt-Right*”, permitindo compreender o movimento sob a interpretação de seus representantes, ainda que eles sejam considerados vinculados à vertente mais “branda” do movimento, a *Alt-Light*. Não à toa o artigo de Bokhari e Yiannopoulos (2016) sofreu retaliações por parte de setores mais radicais do movimento, sobretudo os antisemitas, devido ao fato de Yiannopoulos ser judeu e homossexual (LYONS, 2017). Apesar disso, os

autores negam que o grupo é composto por supremacistas e antissemitas e afirmando que a Direita Alternativa é apenas “viciada em provocar” (BOKHARI; YIANNOPOULOS, 2016).

Bokhari e Yiannopoulos (2016) afirmam, ainda, que o que os distancia de movimentos extremistas seria sua suposta inteligência e suas bases intelectuais advindas dos Paleocons, da NDE e de autores como Oswald Spengler, H.L Mencken, Julius Evola e Sam T. Francis (BOKHARI;YIANNOPOULOS, 2016). Os autores desenvolvem:

There are many things that separate the alternative right from old-school racist skinheads (to whom they are often idiotically compared), but one thing stands out above all else: intelligence. Skinheads, by and large, are low-information, low-IQ thugs driven by the thrill of violence and tribal hatred. The alternative right are a much smarter group of people (BOKHARI; YIANNOPOULOS, 2016, sem página).

Bokhari e Yiannopoulos (2016) buscam distanciar a Alt-Right de movimentos mais extremistas, apontando que as alas antissemitas mais radicais da ultradireita norte-americana são os “1488ers”, em referência aos slogans nazistas das 14 palavras “*We Must Secure The Existence Of Our People And A Future For White Children.*” e à oitava letra do alfabeto, “H”, referenciando o termo “*Heil Hitler*”. Os autores apontam que, comumente, os críticos da Alt-Right tomam os “1488ers” como membros do movimento, defendendo a distinção entre os dois grupos:

Based on our research we believe this stands in stark contrast with the rest of the alt-right, who focus more on building communities and lifestyles based around their values than plotting violent revolution. Those looking for Nazis under the bed can rest assured that they do exist. On the other hand, there’s just not very many of them, no-one really likes them, and they’re unlikely to achieve anything significant in the alt-right. What little remains of old-school white supremacy and the KKK in America constitutes a tiny, irrelevant contingent with no purchase on public life and no support even from what the media would call the far-Right (BOKHARI;YIANNOPOULOS, 2016, sem página).

Hawley (2017) buscou compreender esse movimento por meio de uma metodologia etnográfica. O autor conclui que a Alt-Right se trata, majoritariamente, de um público masculino, branco e de até 35 anos, desde estudantes do ensino médio até figurões do vale do Silício (HAWLEY, 2017). Essa percepção difere da autoimagem oferecida por Bokhari e Yiannopoulos (2016, sem página), que definem os integrantes do movimento como tendo outras características: “*Although the alt-right consists mostly of college-educated men, it sympathises with the white working classes and, based on our interviews, feels a sense of noblesse oblige*”.

Lyons (2017) chama a atenção para o fato de a heterogeneidade da composição dessa Direita Alternativa permitir a utilização de diferentes linguagens, em diferentes meios, para se

atingir diferentes públicos. O site *The Right Stuff* – que produz também conteúdo audiovisual em formato de vídeos e podcasts - seria o responsável pela propagação de mensagens irônicas em tom de deboche e ideias simples como “*Life isn’t fair. Sucks for you, but I don’t care.*”, enquanto o Radix adota um tom acadêmico e intelectualizado com suporte do *National Policy Institute*, organizando eventos, seminários e até concursos de artigos acadêmicos sobre as pautas da Alt-Right (LYONS, 2017, p.6). A Direita Alternativa americana ainda conta com editoras, como a *Counter-Currents* e a *Washington Summit Press*, responsáveis por distribuir material de autores vinculados ao movimento, tanto clássicos quanto contemporâneos, como Aleksandr Dugin, Corneliu Codreanu, Guillaume Faye, Alain de Benoist, F. Roger Devlin, Andy Nowicki, Greg Johnson e o fundador do movimento, Richard Spencer (THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019).

Apesar disso, o que popularizou, de fato, a Alt-Right foi sua capacidade de transitar nas redes sociais por meio da linguagem e do comportamento típicos dessas plataformas. Diferentemente das vertentes acadêmicas e supostamente intelectualizadas das lideranças individuais da Direita Alternativa, a parcela espontânea do movimento adotou a linguagem típica das redes, utilizando tons humorísticos, ácidos e sarcásticos para expressar de maneira mais vulgar – porém, didática - os ideais supremacistas e nacionalistas brancos que unificavam seus membros (HAWLEY, 2017).

Ayerbe (2018) aponta que a agenda da Direita Alternativa norte-americana vai ao encontro de um movimento bastante semelhante presente na Europa, focando em pautas como o renascimento do Estado-nação, a anti-globalização, a anti-imigração e o anti-multiculturalismo. A agenda da Alt-Right nos EUA corresponde de fato a um fenômeno observado também na Europa, com o diferencial de, no velho continente, as ideias do movimento serem expressas de maneira formal, com partidos políticos. A próxima seção debruça, portanto, de maneira mais aprofundada a essas conexões com a ultradireita em âmbito global, principalmente, a partir do intercâmbio nas plataformas digitais.

1.4 A ultradireita global e as plataformas digitais

O desenvolvimento das tecnologias digitais vem sendo um elemento catalisador de mudanças profundas nos panoramas políticos e sociais ao redor do mundo, aferindo maior grau de complexidade aos movimentos de ultradireita (LEE, 2017). Esses grupos, apesar de serem heterogêneos, caracterizam-se pela congregação em torno de redes políticas difusas compostas por uma multiplicidade de atores, cuja capacidade de articulação e conexão se

beneficiou das redes digitais de comunicação (LEE, 2017). A presença de grupos de ultradireita nas plataformas digitais não é uma exclusividade norte-americana, sendo um fenômeno presente de maneira global.

Grupos e movimentos de ultradireita, no entanto, não são em sua maioria formalizados e institucionalizados como partidos políticos ou *think tanks*, tornando sua identificação e análise uma tarefa mais subjetiva e complexa. Lee (2017) pondera que, perante esse desafio, deve-se focar em declarações públicas e no comportamento de indivíduos e ativistas, o que é facilitado pela rastreabilidade de suas ações digitais. Essa metodologia de análise é utilizada por Davey e Abner (2017), que se utilizam de algoritmos e métodos quantitativos para fazer uma análise de discurso mapeando temas, ideologias e propostas desses grupos.

Davey e Ebner (2017) examinam os pontos de conectividade, colaboração e interação entre diferentes grupos de ultradireita, apontando para as características do que chamam de “nova” ultradireita, tanto na Europa quanto nos EUA: alto grau de sofisticação tecnológica, amplitude internacional e pragmatismo na incorporação de novas agendas, ideologias e pautas. Os autores analisaram mais de 5 mil peças de conteúdo – postagens, memes²⁵, vídeos, etc – ao longo de mais de 50 plataformas para mapear o funcionamento transnacional da ultradireita, mapeando suas técnicas de colaboração e identificando as pautas e objetivos convergentes por meio de algoritmos de processamento linguístico e pesquisa etnográfica em canais utilizados pela ultradireita como 4Chan, 8Chan, Reddit, Voat, Gab e Discord (DAVEY; EBNER, 2017). A atuação de grupos e movimentos de ultradireita em redes interconectadas por diversas plataformas, sob diferentes alcunhas e em estruturas porosas sem líderes aparentes, definidas por Lee (2017) como “grupúsculos”, permite uma grande adaptabilidade a novas oportunidades e circunstâncias, assim como os protege de ações judiciais e dificulta seu banimento e controle por diferentes plataformas (LEE, 2017).

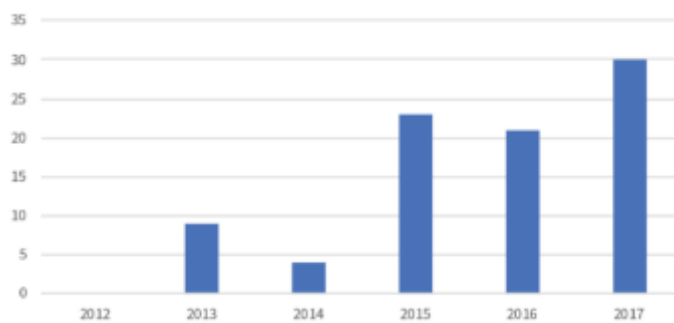
Tanto Davey e Ebner (2017) quanto Jones (2018) identificam que grupos de ultradireita em todo o mundo estão colaborando ativamente para alcançar objetivos comuns, como manter refugiados e imigrantes fora da Europa e dos EUA, influenciar na remoção de leis de discursos de ódio em nome da liberdade de expressão e alavancar a campanha de políticos populistas de ultradireita. Percebe-se, nesse sentido, a criação de plataformas alternativas online, que funcionam como redes sociais, criadas explicitamente para uso da ultradireita – como o Gab -, fomentando mecanismos de intercâmbio transnacional de

²⁵ Entendidos como imagens justapostos a textos, modo de comunicação bastante comum nas redes sociais.

conhecimento e até captação de recursos. A capacidade de coordenação desses grupos possibilita também operações conjuntas de desinformação em larga escala com efeitos no mundo real²⁶ (DAVEY; EBNER, 2017).

Lee (2017) vê o ativismo de ultradireita como sendo composto por um senso comum de solidariedade e proteção. Além disso, o autor ressalta que a extrapolação da atuação digital para a ação real pode engajar ativistas em ações violentas e, por vezes, benefícios financeiros (LEE, 2017). Nesse sentido, para além da coordenação de ações conjuntas, apontadas por Davey e Ebner (2017), Jones (2019) aponta para um aumento no número de ataques violentos no continente europeu vinculados a ideologias de ultradireita desde 2012, como demonstra o Gráfico 1, que mapeia essas ações desde o ataque de 2011 em Oslo, em que 77 jovens foram assassinados na ilha de Utoya. Esses dados vão ao encontro do panorama norte-americano, elucidado anteriormente, no qual o terrorismo doméstico vinculado a pautas de ultradireita também apresentou crescimento acentuado ao longo da década de 2010.

Gráfico 1. Ataques da Ultradireita na Europa de 2012 a 2017.



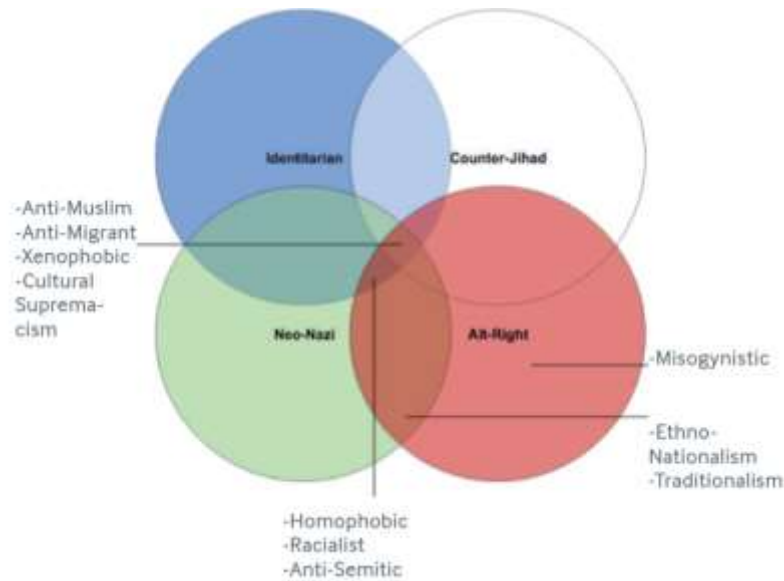
Fonte: JONES, 2018, p.6

As principais características que unificam a ultradireita global são a convergência de plataformas utilizadas para difusão de ideias e mobilização de ações, a convergência ideológica em torno de temas comuns e a convergência de táticas de operação (DAVEY; EBNER, 2017). A semelhança da ultradireita global com a Alt-Right gira em torno de temas

²⁶ Davey e Abner (2017) identificam as eleições norte-americanas como um ponto de inflexão no qual os movimentos de ultradireita foram impulsionados para além da atuação online, adquirindo características ativistas no mundo real. Paradigmáticos nesse sentido são os casos das Campanhas “Defend Europe” – uma missão financiada por indivíduos globalmente voltada para a utilização de embarcações no combate a ONGs e ativistas que resgatavam refugiados e imigrantes no mar mediterrâneo com destino à Europa -, assim como a “Unite the Right” – ação orquestrada em agosto de 2017 por doze entidades de ultradireita nos EUA com pautas como o protesto ao “genocídio branco”, promoção do conservadorismo, combate ao marxismo, defesa irrestrita da liberdade de imprensa e manutenção dos símbolos Confederados – que levou ao confronto histórico na cidade de Charlottesville.

como migrações, deslocamento cultural – ressentimento com o suposto efeito nocivo da invasão islâmica ao Ocidente -, terrorismo, xenofobia, islamofobia e nativismo, como demonstra o Gráfico 2 (DAVEY; EBNER, 2017). A exploração de teorias da conspiração também é um tema comum entre os grupos de ultradireita, sendo recorrente o fenômeno da aplicação regional de teorias da conspiração globais (DAVEY; EBNER, 2017).

Gráfico 2. Pontos de convergência ideológica da ultradireita global

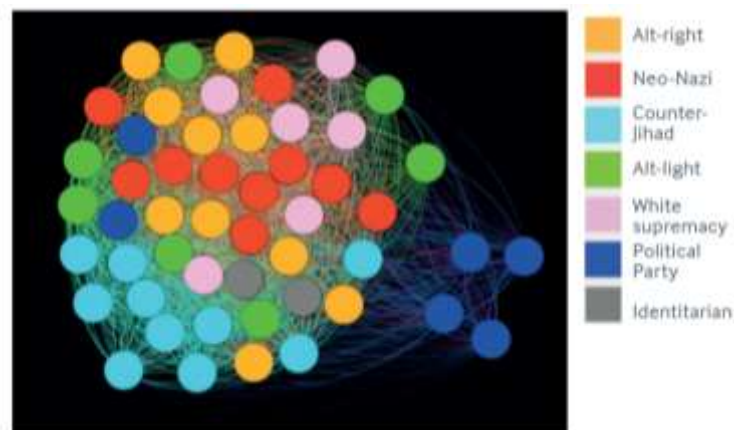


Fonte: DAVEY; EBNER, 2017, p.12.

Com relação ao conteúdo das ideias e mensagens das pautas dos grupos de ultradireita, é recorrente a incorporação de temas mais brandos para tornar esses movimentos mais bem aceitos socialmente. Geralmente essa tática gira em torno da exploração do conceito de liberdade, utilizando uma retórica em defesa da “liberdade de expressão”, contrária ao “politicamente correto”, e crítica às “elites globalistas” (DAVEY; EBNER, 2017). Partidos políticos, por sua vez, além de se valerem amplamente dessa retórica, podem adotar diferentes variantes de ideias populistas e nacionalistas para defender ideologias de ultradireita, como demonstram a Frente Nacional Francesa, o Partido da Independência do Reino Unido (UKIP) a Alternativa para a Alemanha (AfD), o Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), o Partido para a Liberdade da Holanda (PVV), o Movimento 5 Estrelas (M5S) na Itália, o Aurora Dourada na Grécia, os Verdadeiros Finlandeses, os Democratas da Suécia, o Partido Popular Dinamarquês (DFP), o Jobbik (“Os melhores”) da Hungria e o Partido Croata dos Direitos Puros (HČSP) (AYERBE, 2018; MUDDE, 2019).

O Gráfico 3 representa a nuvem que ilustra as convergências entre os movimentos de ultradireita globais em torno de suas visões, queixas e atividades, demonstrando que a Alt-Right é o elo de ligação entre grupos identitários europeus e os movimentos neonazistas e supremacistas. A Alt-Right teria seu equivalente na Europa identificado com o PEGIDA (Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente), uma rede de extremistas de direita que ganhou proporções continentais e se organizam em torno de retóricas islamofóbicas a partir da concepção de que o Ocidente estaria ameaçado pelas populações muçulmanas (JACKSON, 2019). O Gráfico 3 também demonstra a maneira pela qual partidos como o AfD na Alemanha – à direita inferior da imagem - estão taticamente desvinculados da maioria das redes, apesar de se conectarem com plataformas islamofóbicas e anti-imigração, consideradas seu mínimo denominador comum (DAVEY; EBNER, 2017).

Gráfico 3. O espectro da ultradireita global.



Fonte: DAVEY; EBNER, 2017, p.14.

Davey e Ebner (2017) concluem que apesar da heterogeneidade de pautas e ideologias que compõem a ultradireita, existem evidências de que esses grupos superam suas diferenças de modo pragmático para atingir objetivos comuns. Três elementos são elencados pelos autores para explicar esse fenômeno: 1. A visibilidade do sucesso, ou seja, a ampla cobertura, inclusive por parte da mídia tradicional, de ações orquestradas por esses grupos, sendo um chamariz para a atração de novos movimentos; 2. O entretenimento, entendido como a utilização de jogos, memes, piadas, referências à cultura pop, e vocabulário militar nas plataformas digitais, ampliando suas mensagens e cativando indivíduos e grupos a colaborar com esses movimentos; e por fim, 3. a atuação anônima, que gera poucos, ou nenhum, custo social de participação e atuação nesses movimentos (DAVEY; EBNER, 2017).

Percebe-se, assim, que a utilização das plataformas digitais para a promoção de ideologias e para a organização de movimentos de ultradireita é comum tanto aos EUA quanto ao continente Europeu. A diferenciação fundamental desse fenômeno nessas regiões advém do fato de, na Europa, as características políticas de diversos Estados abrirem espaço para a representação partidária de movimentos de ultradireita, enquanto que nos EUA, justamente a ausência de representação política desses grupos fomentou o desenvolvimento e fortalecimento da chamada Alt-Right. Essa demanda por representação política por parte da ultradireita seria, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, um dos trunfos de Donald Trump em meio à disputa pela Casa Branca, o que será desenvolvido ao longo da tese.

Ao longo do capítulo inicial buscou-se explicar os conceitos utilizados na tese, como “Ultradireita” – compreendido como sendo movimentos, violentos ou não violentos, cujas pautas apresentam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia e autoritarismo - e Populismo de Direita Radical, que está contido no âmbito da Ultradireita e abrange 3 elementos fundamentais: O nativismo, o autoritarismo e o populismo (MUDDE, 2000; 2017). Demonstrou-se a maneira pela qual se vivencia, em meio ao contexto do estudo de caso analisado na presente pesquisa, uma “Quarta Onda” de ascensão da ultradireita em plano global (MUDDE, 2017), cuja característica mais marcante é sua normalização em meio ao jogo político, sendo um fenômeno observado tanto na Europa quanto nos EUA. O histórico da ultradireita norte-americana também foi apresentado, a partir de seus principais movimentos e ideologias, cujas características principais são a rejeição aos valores liberais modernos, o que implica em uma oposição direta tanto aos movimentos progressistas quanto ao movimento conservador. Elucidou-se, em seguida, a Alt-Right, um dos movimentos de ultradireita que mais influenciaram nas eleições norte-americanas de 2016, e que foram responsáveis por inserir a ultradireita no *mainstream* político do país, o que converge com as características da Quarta Onda da ultradireita global. Demonstrou-se que as principais características dessa Direita Alternativa são sua forte presença nas plataformas digitais e uma concepção ideológica voltada à identidade branca, o que redundou, de modo geral, em plataformas nacionalistas, nativistas e supremacistas. Por fim, buscou-se apurar as conexões internacionais da ultradireita norte-americana, demonstrando suas afinidades ideológicas. O próximo capítulo dá sequência ao estabelecimento de conceitos teóricos, abrangendo o conceito de desinformação, introduzindo, também, a primeira variável antecedente da pesquisa, a fragmentação da mídia norte-americana.

CAPÍTULO 2 – A DESINFORMAÇÃO E A FRAGMENTAÇÃO DA MÍDIA NORTE-AMERICANA.

Hodiernamente o acesso e o processamento de informação, matérias primas básicas para a construção do conhecimento, vêm se tornando um processo que demanda, cada vez mais, cautela. Castells (2007) atribui o conceito de “sociedade em rede” para as dinâmicas de comunicação da sociedade contemporânea, nas quais os indivíduos exercem papel ativo tanto de emissores quanto de receptores de mensagens, atuando de maneira independente de mediadores ou mesmo de canais tradicionais. Os fluxos de informação na era digital são emitidos e multiplicados em velocidade instantânea, através da internet, no entanto, a descentralização característica dessas plataformas oferece as condições permissivas para a ampliação de informações erradas, notícias falsas, conteúdo manipulado, e uma série de outras práticas que necessitam ser apresentadas e explicadas.

O presente capítulo representa uma transição entre alguns dos marcos conceituais da tese e as variáveis antecedentes que compõem a pesquisa. De início, o capítulo busca definir o conceito de “Desinformação”, demonstrando o que se compreende a partir desse termo e os motivos pelos quais se optou pela não utilização do termo “*fake news*”. A partir disso, discute-se os aspectos tecnológicos inerentes às plataformas digitais, explicando a maneira pela qual a monetização dessas ferramentas se relaciona diretamente com a exploração dos dados individuais dos seus usuários. Essa vasta gama de dados, por sua vez, traz implicações políticas, possibilitando a utilização de estratégias de microtargeting – que serão explicadas adiante – aplicadas a processos eleitorais. A última seção do capítulo, portanto, aborda a maneira pela qual essas questões tecnológicas têm impactos políticos a partir da fragmentação da mídia.

Em seguida, a segunda parte do capítulo abrange uma das variáveis antecedentes do trabalho, que, assim como as demais, representam condições necessárias, porém, insuficientes para se explicar os efeitos das variáveis independentes na variável dependente. Esse antecedente se refere ao panorama midiático norte-americano, no qual cada vez mais as plataformas digitais vêm concentrando a atenção do público, seja para fins de entretenimento ou, principalmente, para acesso a informação. Esse processo resulta em um enfraquecimento de veículos de imprensa tradicionais, como os jornais impressos, que passam a competir pela atenção do público com diversos outros atores, principalmente nas redes sociais. Desse modo,

poderá se dimensionar de maneira mais precisa o impacto que a Desinformação pode ter em uma sociedade cuja penetração da internet perante a população é extremamente ampla, o uso de redes sociais é bastante difundido e a maneira com que o público se informa cada vez mais concentrado na direção das plataformas digitais. Por fim, apresenta-se uma análise acerca de como o ecossistema midiático norte-americano apresenta um panorama assimétrico, no qual a ultradireita se mantém insulada e, conseqüentemente, radicalizada, argumento fundamental para o desenvolvimento da tese.

2.1 *Fake News* e Desinformação

Em meio à desordem informacional contemporânea, há diversas nomenclaturas utilizadas para se definir, por vezes, os mesmos fenômenos. A utilização de conceitos específicos sem critérios bem estabelecidos pode torná-los imprecisos, sendo paradigmático desse processo o termo “*fake news*”. Ressalta-se, portanto, que esse conceito não será utilizado ao longo do trabalho. Essa opção foi escolhida devido às conotações e aos usos políticos que a utilização desse termo recebeu ao longo do estudo de caso da presente tese, quando Donald Trump se apropriou do termo “*fake news*” para definir quaisquer notícias e coberturas midiáticas que o desagradasse, sem necessariamente se referir a conteúdo ou informações falsas de fato. Apresenta-se, assim, uma breve reflexão teórica acerca desse conceito, demonstrando as razões pelas quais se optou pela utilização do termo “Desinformação”.

A utilização do termo “*fake news*” popularizou-se a partir do ciclo eleitoral norte-americano de 2016, sobretudo, a partir da apropriação do termo por Donald Trump. Desse modo, a amplitude de situações às quais esse conceito foi associado adquiriu conotações políticas, tornando-o, de certo modo, impreciso no âmbito acadêmico. Benkler et al. (2018, p. 23) apontam: “*The initial surge in “fake news” usage by observers from the center and left was quickly superseded by the term’s adoption by President Trump to denote coverage critical of him, and has since essentially lost any real meaning*”.

Allcott e Gentzkow (2017) chamam a atenção para o fato de a disseminação de notícias falsas não ser um fenômeno novo. Os autores apontam incidentes como a série de notícias publicadas pelo *New York Sun*, em 1835, relatando o suposto descobrimento de vida em Marte. Foram catalogadas, ainda, cerca de doze histórias falsas que ganharam notoriedade nos últimos cinquenta anos (ALCOTT; GENTZKOW, 2017). No entanto, esses autores também demonstram a maneira pela qual hoje há maior facilidade para que as “*fake news*” se

proliferem, por meio, principalmente, das plataformas digitais, compostas por redes sociais, mecanismos de busca, sites de notícias online, dentre outras.

Como explicado anteriormente, optou-se pela utilização do conceito de Desinformação para se referir à criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais. Esse conceito, necessariamente, abrange as histórias criadas e compartilhadas com o intuito de causar danos a quaisquer atores, como indivíduos, grupos sociais, organizações, religiões, ou até mesmo Estados. No entanto ressalta-se que não existe consenso acadêmico em torno da melhor definição acerca do conceito a ser utilizado para representar essa situação. Dourado (2020, p. 54), por exemplo, optou por utilizar o conceito de “*fake news*” ao longo de sua tese, definindo-o como “um tipo de informação inverídica ou distorcida que simula uma notícia – ou novidade – para narrar fatos políticos e assim conquistar maior visibilidade no trânsito entre plataformas de mídias sociais”. Ressalta-se, também, que a Desinformação pode estar presente não apenas nas plataformas digitais, como também em outros veículos midiáticos, no entanto, é na internet e nas redes sociais que suas características são acentuadas, determinando, assim, que o foco do trabalho reside, majoritariamente, na esfera digital.

Allcott e Gentzkow (2017) delimitaram as “*fake news*” em torno de artigos, notícias e reportagens que são intencionalmente falsas e cuja falsidade pode ser verificada, representando, sobretudo, uma distorção plena e desvinculada da realidade. Esses autores também deixam claro o que não está incluído em sua abordagem de “*fake news*”, como situações em que há erros não-intencionais em notícias, rumores não originados por notícias específicas, teorias da conspiração, notícias satíricas, declarações falsas de políticos, e reportagens que apenas distorcem parcialmente a verdade (ALLCOTT; GENTZCOW, 2017). Já Conroy et al. (2015) oferecem um aparato teórico para a compreensão desse fenômeno, e distinguem as “*fake news*” em cinco diversas categorias diferentes, abrangendo desde aquelas intencionalmente enganosas, até as piadas compreendidas de maneira literal, os boatos em larga escala, os fatos reportados sob clivagens ideológicas e as histórias controversas (CONROY et al., 2015).

O conceito de Desinformação, por sua vez, foi explorado por diversos autores, como Jack (2017, p.3) “*Disinformation is information that is deliberately false or misleading*”, Tucker et al. (2018, p.3) “*Disinformation is intended to be a broad category describing the types of information that one could encounter online that could possibly lead to*

misperceptions about the actual state of the world.” e Benkler et al. (2017, p.2) *“the purposeful construction of true or partly true bits of information into a message that is, at its core, misleading”*. Optou-se, portanto, para os fins do presente trabalho, pela utilização do conceito de **“Desinformação”**, definido a partir do conjunto de autores como Bakir e McStay (2017); Jack (2017); Wardle e Derakshan (2017) e Tucker et al. (2018). **A Desinformação é definida, portanto, como a dinâmica de criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais**, beneficiando-se de sua rápida e ampla disseminação, **com o intuito deliberado de causar danos a atores** como indivíduos, grupos sociais, organizações, religiões, ou até mesmo Estados.

Ainda no âmbito do conceito de Desinformação se incluem histórias maliciosas divulgadas de maneira ampla, mas que não necessariamente são falsas, podendo deter elementos de verdade retiradas de seu contexto original. Quando essas histórias são utilizadas para causar danos de fato a pessoas, grupos sociais, organizações ou países, como vazamentos de documentos, assédio e discursos de ódio, portanto, são definidas como Desinformação (WARDLE; DERAKSHAN, 2017). Por outro lado, informações falsas, porém não criadas com a intenção de causar danos deliberadamente, sendo sua imprecisão fruto de algum erro não intencional, são caracterizadas de maneira distinta, e classificadas como misinformação (JACK, 2017; WARDLE; DERAKSHAN, 2017). A misinformação, portanto, não está contida dentro do escopo do conceito de Desinformação utilizado no presente trabalho.

Deve-se esclarecer que, embora os fluxos de Desinformação sejam produzidos e impulsionados, inicialmente, por algum ator que tem o conhecimento acerca da falsidade daquela informação, por vezes muitos dos outros atores que a compartilham e a espalham de maneira espontânea não sabem que se trata de uma informação falsa. Esse é o elemento que torna a Desinformação perigosa: seu potencial de disseminação, sobretudo pelas plataformas digitais, a partir de percepções errôneas acerca de sua suposta veracidade.

Além disso, as próprias mecânicas de monetização das plataformas digitais incentivam, por vezes, a exploração da Desinformação, a partir da possibilidade de se lucrar em cima desse comportamento, rentabilizando, por vezes, verdadeiros conglomerados dedicados a essas práticas. Soma-se a isso a possibilidade, também, de se comercializar os vastos dados coletados por diversos atores a partir da navegação por meio das plataformas digitais, sendo esse elemento diretamente responsável pelo panorama de ampla desinformação

ao longo da segunda metade da década de 2010. A seção seguinte, portanto, vai se aprofundar nesses aspectos.

2.1.1 Big Data e monetização das plataformas digitais

O ambiente digital contemporâneo é caracterizado não somente pela facilidade na criação de conteúdo, como também pela ampliação dos dados gerados por usuários de internet ao redor do mundo. A partir da ampla utilização de plataformas móveis – como celulares e *smartphones* – para acessar redes sociais, mecanismos de busca e sites de notícias no geral, os dados gerados pela navegação de cada usuário crescem em uma escala na qual a produção de dados dobra de tamanho a cada ano. Isso significa que, por exemplo, em 2018 se produziu mais dados nas plataformas digitais do que todo período observado desde o advento da rede mundial de computadores até 2017 (HELBING, et al, 2017). O termo “*big data*” define esse cenário, criando oportunidades para diversos atores capazes de processar essas informações e torná-las, de certo modo, inteligíveis, em uma revolução que Cukier e Mayer-Schönfelder (2014) comparam com a invenção da prensa de Gutemberg.

Os dados gerados pelos usuários da internet possibilitam um conhecimento aprofundado de diversos aspectos de suas personalidades, comportamentos e relações, sejam sociais, culturais, políticas, econômicas, etc. A monetização dessa informação nas plataformas digitais, no entanto, se dá por meio da remuneração a partir do tráfego de visitantes e “cliques” que determinadas páginas recebem, principalmente por meio de plataformas de anúncios patrocinados, como o “*Google Ads*”. Essa é a chamada “economia da atenção”, no qual o conteúdo mais valorizado é aquele que tem a maior capacidade de atrair atenção, sobretudo em um cenário de excesso de informação e de conteúdo circulando nas plataformas digitais (MARWICK; LEWIS, 2017).

O fato é que se deve compreender o modelo de negócios de empresas como *Google* e *Facebook*, basicamente, como plataformas de mídia que lucram a partir da venda de publicidade. Esses serviços são gratuitos justamente porque os cliente dessas empresas não são os usuários, mas sim, os anunciantes. A partir, portanto, do uso dessas plataformas, essas empresas coletam dados acerca de cada usuário e os utilizam para estabelecer seu perfil particular, vendendo essas informações aos anunciantes que querem atingir aquele determinado público. De acordo com Guilbeault (2018, p. 4), “*Facebook designed its interface with the intention of making the platform addictive to maximize the extraction of lucrative data from users*”. Benkler et al. (2018, p. 269) também apresentam questões

importantes acerca de plataformas como o Facebook: “*The fundamental problem is that Facebook’s core business is to collect highly refined data about its users and convert that data into microtargeted manipulations (...) aimed at getting its users to want, believe, or do things*”.

Jack (2017) explica essa questão e aponta que ela esteve bastante presente no ciclo eleitoral de 2016:

Digital platforms systematize incentives that can drive the spread of problematic information. Consider the flourishing of questionable news sites that published unsourced, unverifiable, or fabricated stories during the 2016 election cycle. Many of these were money-making ventures, whose owners were driven less by politics than by the prospect of profit from clicks. These sites’ curators were not necessarily aiming to deliberately mislead the public; rather they had a specific plan to game Google’s AdSense system which overrode any concerns about whether the stories they posted were true or false. Misleading the public was an incidental side effect of the primary goal: making Money (JACK, 2007, p. 3).

Utilizando-se dessas dinâmicas de monetização online, que remunera páginas na internet com os maiores tráfegos de usuários por meio de verba de publicidade, “empreendedores” ao redor do mundo souberam, de fato, capitalizar o potencial de exploração do ambiente político norte-americano em meio ao ciclo eleitoral de 2016. Esses atores se especializaram nos chamados “*clickbaits*²⁷” – ou “caça-cliques” – para atrair a atenção dos usuários de plataformas como o Facebook, mobilizando um imenso tráfego em suas páginas (BENKLER et al., 2018). Essa possibilidade configurou um mercado em escala global, sendo o exemplo mais paradigmático o caso de jovens da Macedônia que converteram notícias deliberadamente falsas acerca de Donald Trump em milhares de dólares a partir de milhões de acessos do público norte-americano em meio às eleições de 2016 (BENKLER et al., 2018).

Os fundadores do *Google*, Sergey Brin e Larry Page, desde o alvorecer do surgimento da empresa, preocupavam-se com as implicações da “contaminação” de lógicas publicitárias a seu serviço de busca. Eles argumentaram, ainda em 1998, que o modelo comercial vinculado à venda de anúncios a públicos-alvo cada vez mais filtrados poderia corromper a tecnologia de busca, gerando incentivos cruzados – e antagônicos – entre o conteúdo que o usuário gostaria de ter acesso e o que a empresa teria sido paga para divulgar (BRIN; PAGE, 1998).

²⁷ *Clickbaits* correspondem a conteúdo com chamadas e títulos sensacionalistas de supostas notícias ou informações que não necessariamente condizem com o anunciado, podendo configurar desinformação. Essas páginas têm o único objetivo de aumentar seu tráfego de visitantes, sejam eles em termos absolutos ou em termos de visitantes únicos, de modo a potencializar sua remuneração advinda de espaços de publicidade.

Brin e Page (1998) ampliam essa discussão no sentido das distorções que as plataformas de busca patrocinada poderiam gerar:

Currently, the predominant business model for commercial search engines is advertising. The goals of the advertising business model do not always correspond to providing quality search to users, [...]we expect that advertising funded search engines will be inherently biased towards the advertisers and away from the needs of the consumers [...]. This type of bias is very difficult to detect but could still have a significant effect on the market [...] But we believe the issue of advertising causes enough mixed incentives that it is crucial to have a competitive search engine that is transparent and in the academic realm (BRIN; PAGE, 1998, p. 12).

Tendo em vista esse cenário de crescente utilização das plataformas digitais pelo público norte-americano e a maneira pela qual essa ampla penetração na sociedade gera um enorme fluxo de dados e informações pessoais, deve-se apontar o potencial de exploração eleitoral de informações pessoais de modo extremamente segmentado, o que será elucidado a seguir.

2.1.2 Microtargeting e campanhas eleitorais

A partir da quantidade de dados gerada pela utilização ampla das redes sociais – principalmente após sua incorporação às plataformas *mobile* de smartphones e tablets – e da facilidade no comércio desses dados no mercado norte-americano, tornou-se imperativo para o mercado publicitário a exploração da possibilidade de segmentar seu público-alvo a nível individual. As informações colhidas pelas chamadas *Big Five* – Google, Microsoft, Facebook, Apple e Amazon – superam quaisquer banco de dados ou sistema de arquivos existentes na história da humanidade, compondo o que se conceituou anteriormente como *big data* (D’ANCONA, 2018 apud AYRES PINTO; MORAES, 2020). Invariavelmente essa questão seria explorada com fins eleitorais, o que será ilustrado adiante.

A partir da coleta de dados individuais por meio de plataformas digitais é possível estabelecer perfis bastante aprofundados acerca de cada usuário, desde traços de sua personalidade, comportamento e preferências até seu posicionamento político. Essa possibilidade se vincula ao conceito de microtargeting, que foi uma ferramenta amplamente utilizada no âmbito das campanhas eleitorais nos EUA em 2016. Guilbeault (2018, p. 3) aponta a relação existente entre esse tipo de ferramenta e as dinâmicas inerentes à monetização das plataformas digitais: “*With digital ad revenues as their primary source of profit, social-media companies have designed their platforms to influence users on behalf of marketers and politicians, both foreign and domestic*”.

O conceito de microtargeting é definido a partir de uma estratégia que consiste em uma mensagem customizada em termos de conteúdo e de veiculação a partir de métricas identificadas no nível individual do público-alvo identificado pelo emissor (KIM et al., 2018). O microtargeting não seria possível sem a disponibilização de vastos dados pessoais de milhões de indivíduos, o que é ofertado a partir do crescente uso das redes sociais e das ferramentas de comunicação digital. Kim et al. (2018, p. 7) apresentam a tendência ampla possibilitada pelas estratégias de microtargeting: *“the term encompasses a general trend: the shift in targeting, placement, and customization from the aggregate (such as a media market) to the individual, as narrowly as possible”*. Isso implica que anunciantes podem segmentar seu público-alvo de maneira individual, a partir de filtros geográficos, temáticos, etários, demográficos, dentre outros.

Por meio do microtargeting pode-se, portanto, determinar quais tipos de mensagem um determinado perfil é mais suscetível, a partir de uma estratégia política que busque converter esse indivíduo em eleitor. Desse modo, o que o microtargeting representa é a possibilidade de se estabelecer campanhas políticas extremamente distintas para um mesmo candidato, adaptadas aos perfis individuais de possíveis eleitores a partir de suas preferências, personalidade ou mesmo localização geográfica (GORTON 2016 apud AYRES PINTO; MORARES, 2020). Por outro lado, esse cenário abre o caminho para a exploração da desinformação, que se torna muito mais efetiva a partir da adaptação dessas mensagens, notícias ou informações falsas ao perfil do receptor e aos temas que mais têm potencial de impactá-lo e transformá-lo em um transmissor dessa desinformação para outros indivíduos de sua rede.

As possibilidades representadas pela utilização de microtargeting foram logo incorporadas a campanhas eleitorais, não somente nos EUA, como no mundo todo (RAYNAUD; TURCOTTE, 2018). Os desafios vinculados às campanhas eleitorais em um ambiente de crescente avanço tecnológico foram abordados por Baldwin-Philippi (2017, p. 6): *“Contemporary political campaigns are operating in a data-rich environment. Every e-mail and ad, every word of copy or image used, can provide a data point for who can be persuaded to take a particular action at any given time”*. Sob esse assunto, Ayres Pinto e Moraes (2020) desenvolvem:

Atualmente, o marketing político emprega uma combinação entre análise de dados e campanha política personalizada, estratégia denominada microtargeting político. Nela, os rastros do comportamento on-line de cada indivíduo — posts que curte, páginas que segue e pesquisas que faz nos sites de busca, bem como os testes de

personalidade aos quais responde — são coletados pelos mais diversos sites e vendidos a empresas de marketing político (AYRES PINTO; MORAES, 2020, p. 74).

Kreiss e McGregor (2017) apontam que empresas como o Facebook, Twitter e Google possuem grande interesse em atuar ao longo de processos eleitorais, sobretudo nas eleições presidenciais dos EUA. Isso ocorre não somente devido à mídia gerada e aos retornos colhidos em termos de lucros, como também devido à possibilidade de desenvolvimento da relação entre as empresas e os candidatos, tendo em vista que, apesar de serem empresas globais, elas pagam impostos e obedecem a marcos jurídicos nos EUA (KREISS; MCGREGOR, 2017). Essas empresas, ao atuar em processos eleitorais, recrutam e desenvolvem equipes alinhadas ideologicamente e politicamente a cada campanha, buscando inserir nessas equipes indivíduos cujas carreiras demonstrem essa proximidade ou mesmo aqueles que trabalharam em algum momento para o partido em questão (KREISS; MCGREGOR, 2017).

Com efeito, Kreiss e McGregor (2017), ao analisar o ciclo eleitoral norte-americano em 2016, concluem que essas empresas acabaram tendo um papel de protagonismo nas estratégias digitais de diversos candidatos aos cargos do executivo e do legislativo:

Facebook, Twitter, and Google go beyond promoting their services and facilitating digital advertising buys, actively shaping campaign communication through their close collaboration with political staffers. We show how representatives at these firms serve as quasi-digital consultants to campaigns, shaping digital strategy, content, and execution (KREISS; MCGREGOR, 2017, p. 19)

Por outro lado, Hersh e Schaffner (2013) argumentam que essa comunicação de nicho pode ter efeitos limitados perante outras parcelas do público atingidas indiretamente, apresentando, em alguns casos, resultados negativos e com efeitos adversos à campanha emissora. Isso ocorre tendo em vista que as mensagens, mesmo quando fruto de uma segmentação por microtargeting, acabam por transbordar a outros perfis, gerando rejeição por parte desse público atingido indiretamente (HERSH; SHAFFNER, 2013). Os autores concluem: “*Our results suggest that voters rarely prefer targeted pandering to general messages and that “mistargeted” voters penalize candidates enough to erase the positive returns to targeting*” (HERSH; SHAFFNER, 2013, p. 1).

Há autores como Baldwin-Phillipi (2017, p. 3) que demonstram ceticismo com relação aos impactos do uso de microtargeting no processo eleitoral de 2016, afirmando que “*campaigns do not microtarget individual voters, especially due to the lack of sufficient resources and skills, low efficiency, and uncertainty on outcomes*”. Apesar disso, há autores

como Kim et al. (2018) que demonstram que as ferramentas de microtargeting, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, tornaram-se extremamente acessíveis, sendo incorporadas, por exemplo, às plataformas nativas de anunciantes do Facebook. Essa rede social, de fato, disponibiliza uma ferramenta de microtargeting para seus anunciantes, oferecendo opções de segmentação a partir de elementos como dados demográficos, geográficos, padrões de consumo de mídia, perfil político, interesses, hobbies, perfis dos amigos, quantidade de amigos na rede, padrões de curtidas e compartilhamentos ou páginas acessadas (KIM et al., 2018).

Kreiss e McGregor (2017) identificam que, em 2008, o Facebook tentou se inserir nas campanhas presidenciais, encontrando dificuldades nesse processo, o que mudou já quatro anos depois, quando atuou colaborando diretamente junto às campanhas de Barack Obama e Mitt Romney. Apesar do sucesso de 2012, Hillary Clinton optaria em 2016 por não incorporar uma equipe do Facebook à sua campanha, ao passo que Donald Trump aceitou funcionários dessa rede social junto de seu *staff* de campanha. Ressalta-se, portanto, o papel exercido pelo Facebook ao longo do processo eleitoral de 2016 como sendo, de fato, de uma consultoria de comunicação digital, inserida diretamente junto à equipe republicana para maximizar e potencializar a utilização de sua plataforma²⁸ (KREISS; MCGREGOR, 2017).

As redes sociais, em particular, vem sendo ferramentas importantes nas eleições dos EUA desde a primeira década do século XXI, no entanto, a cada ciclo eleitoral as dinâmicas mercadológicas, comportamentais e tecnológicas promoveram alterações no panorama de uso dessas plataformas e, conseqüentemente, no seu potencial eleitoral. Em 2008, tanto as campanhas democrata quanto republicana utilizaram-se do Facebook, YouTube, MySpace e Flickr, o que foi alterado substancialmente ao longo das eleições de 2012, com a relevância adquirida por plataformas como o Twitter, levando a campanha de Obama a se utilizar de 9 redes sociais distintas (ENLI, 2017). No ciclo eleitoral de 2016 as dinâmicas fluídas das plataformas digitais levaram a uma concentração da atenção e do foco do público em um menor número de redes sociais, levando a campanha de Trump a se utilizar apenas do Twitter, Facebook, YouTube e Instagram: *“In the past decade or so, then, US campaigns have seen a period of expansion and experimentation, then a period of consolidation around the most widespread social media platforms”* (ENLI, 2017, p.3).

²⁸ Ressalta-se que essa possibilidade também foi oferecida aos democratas, que recusaram a inclusão de membros do Facebook em seus escritórios de campanha.

A importância das redes sociais em 2016 pode ser evidenciada pelo fato de Hillary Clinton ter anunciado sua campanha a partir de uma publicação no Twitter, seguida de um vídeo no Youtube, ao invés da tradicional forma de se chamar uma coletiva de imprensa (ENLI, 2017). Bendle et al. (2018) apontam que a vantagem da comunicação feita por meio das mídias sociais em campanhas eleitorais é que há a possibilidade de o usuário/eleitor optar espontaneamente por receber o conteúdo do candidato, ao segui-lo no Twitter ou curtir-lo no Facebook, por exemplo. Desse modo, a partir desse chamado *opt-in*, a comunicação é estabelecida de maneira direta e consensual entre o emissor e o receptor, garantindo que o candidato controle a narrativa que quer construir e aumentando a percepção de credibilidade daquelas mensagens (BENDLE et al., 2018). Além disso, as ferramentas de comunicação digital oferecem a possibilidade de a comunicação entre candidatos e eleitores ser realizada sem a necessidade de se recorrer aos canais do partido, imprimindo grande dose de autonomia aos candidatos desde as primárias (BENDLE et al., 2018).

No entanto, nos EUA, as mensagens publicitárias envolvendo campanhas eleitorais dentro das plataformas digitais, como o Facebook, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, não eram de autoria exclusivamente das campanhas oficiais dos candidatos. As regras eleitorais dos EUA permitem que quaisquer atores veiculem mensagens de viés político em meio às eleições do país – o que será aprofundado adiante, tendo em vista que essa é outra variável antecedente da pesquisa -, mobilizando, conseqüentemente, as redes sociais e, em especial, o Facebook, devido à concentração da atenção do público nessa plataforma.

Kim et al. (2017, p. 6) argumentam que o Facebook foi terreno fértil para a potencialização dos componentes da Desinformação, a partir de anúncios desvinculados das campanhas oficiais: “*A digital platform such as Facebook offers technological feature and capacity that contribute to the amplification of anonymous groups’ secretive, divisive issue campaigns: native advertising and microtargeting capacity.*” Isso ocorre devido ao fato de a publicidade nativa da plataforma em 2016 poder ser aplicada em uma barra lateral de conteúdo publicitário ou ser inserida na *timeline* dos usuários de forma a se assemelhar a um conteúdo regular do *feed*, com apenas uma discreta marca demonstrando que o conteúdo é patrocinado. As Figuras 8 e 9 demonstram a diferença desses dois tipos de anúncios no Facebook por meio de conteúdo retirado ao longo do processo eleitoral de 2016 nos EUA:

Figura 8. Anúncios patrocinados incorporados ao Feed dos usuários do Facebook



Fonte: KIM et al., 2018, p.7

Figura 9. Anúncios personalizados de barra lateral no Facebook.



Fonte: KIM et al., 2018, p.7

Assim, a maneira pela qual esses anúncios no *feed* foram veiculados dificultou a distinção por parte dos usuários com relação ao que era conteúdo original e orgânico de sua rede de conexões e o que era conteúdo publicitário, como afirma Kim et al. (2018, p. 5) “*Users then are prone to share the messages that look like a regular post and thus amplify the disinformation campaign on Facebook*”. Além disso, as ferramentas de microtargeting permitiram a segmentação do público alvo de um anúncio ao nível individual, explorando temas controversos a públicos sensíveis a esse conteúdo, como apontam Kim et al. (2018, p. 4) “*Facebook also noted that the ads primarily focused on divisive social and political issues such as guns, gay, lesbian, bisexual, and transgender (GLBT) rights, immigration, and race, and targeted specific categories of individuals*”. Essa questão é fundamental para os argumentos da tese e serão explorados de maneira mais profunda adiante.

A discussão acerca das capacidades e dos impactos relativos às estratégias de microtargeting vem sendo conduzida desde antes de as redes sociais serem tão difundidas. Hillygus e Shields (2009) compararam mensagens dirigidas a eleitores via mala direta daquelas vinculadas a anúncios de televisão, concluindo que, ao segmentar o público-alvo de uma campanha eleitoral de maneira mais restrita, a tendência é a radicalização do conteúdo da mensagem e a adoção de posições mais extremas por parte de candidatos em temas de políticas públicas. Kim et al. (2018) compartilham da mesma conclusão após analisar a campanha eleitoral de 2016: “*microtargeting further moves political elites to extreme policy positions, and the electorate is sharply divided within a wide range of conflicting policy options*”. Benkler et al. (2018) demonstram, por exemplo, que o Facebook, de fato, apresentou, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, uma maior radicalização político-partidária de seus usuários quando comparado tanto a outras redes sociais, como o Twitter, quanto à internet aberta. Esse tópico também será melhor desenvolvido adiante.

Além das possibilidades de manipulação do debate político por meio de estratégias de microtargeting, as redes sociais vêm sendo utilizadas para a promoção de desinformação por meio de outros recursos tecnológicos, a partir da exploração de seus algoritmos e seu design. O Twitter, por exemplo, tornou-se uma plataforma extremamente vulnerável à utilização de *bots* para a divulgação de desinformação e manipulação da opinião pública. *Bots* correspondem a contas e perfis falsos, coordenados de maneira automática por meio de operadores e algoritmos específicos, cujo objetivo é impactar a opinião pública, simulando uma participação ativa no debate de tópicos sensíveis, dominando a agenda de debates e alterando a percepção coletiva acerca de determinados temas (FERRARA, 2017).

Ciampaglia et al. (2017) concluem que contas que ativamente espalham desinformação possuem mais chances de serem vinculadas a *bots*, e que a atuação desses robôs é preponderante para a fase inicial de “viralização” de conteúdo falso, a partir do direcionamento a usuários reais influentes. Jack (2017) aponta para outra possibilidade de utilização de *bots* em plataformas como o Twitter, que, ao invés de buscar prejudicar alguém, são direcionadas para a promoção de mensagens positivas e de uma boa imagem de algum ator, como é o caso, por exemplo, do governo chinês, que frequentemente usa essa estratégia para influenciar na opinião pública do país, o que ficou conhecido como *xuanchuan*.

Ao se analisar o design de plataformas digitais como o Facebook, Instagram, Youtube e Twitter, percebe-se que os algoritmos utilizados para filtrar o conteúdo disponível a cada usuário são personalizados de acordo com o seu grau de interação com cada tipo de postagem, de modo a maximizar o tempo de permanência de usuários em suas plataformas. Isso corresponde à monetização dessas plataformas, discutida anteriormente, no ambiente de economia da atenção. Essa preocupação acerca da fragmentação – e consequente alienação - impulsionada pelos algoritmos da internet e eventuais filtros-bolha surgiu no início dos anos 2000, a partir do crescimento do conteúdo jornalístico nas plataformas online, e, atualmente, refere-se às dinâmicas de monetização de tráfego e comercialização de dados de usuários nas redes sociais (ALLCOTT; GENTZCOW, 2017). Identifica-se, portanto, padrões de comportamento e afinidade, explorados pelos algoritmos de modo a filtrar o chamado *feed* com tópicos de interesse particular de cada indivíduo. Esse processo pode ser elucidado por meio do conceito de **fragmentação da mídia**, que será desenvolvido na seção seguinte.

2.1.3 Fragmentação, Filtros-bolha e Câmaras de Ressonância

O panorama midiático do estudo de caso da presente tese apresenta uma característica extremamente fragmentada, o que significa que o público possui uma enorme quantidade de escolhas acerca do que irá consumir, diferentemente do cenário anterior de mídias de massa, que oferecia poucas escolhas (FLETCHER; NIELSEN, 2017). O conceito de fragmentação da mídia descreve essas situações em que o uso das mídias é absolutamente personalizado e se dá apenas entre pequenos grupos de indivíduos, que interagem entre si e compartilham visões políticas, sociais e culturais iguais, operando de maneira isolada do restante do ambiente midiático (FLETCHER; NIELSEN, 2017).

Fletcher e Nielsen (2017) contextualizam essa questão:

One of the most important questions of our time is whether the forces that drive us apart are more powerful than those that hold us together. [...] The underlying concern is whether a fast-changing media environment characterized by more and more abundant information, and more and more sources to choose from, will provide the kind of shared space of information, debate, and engagement that various political theorists argue a well-functioning democracy needs (FLETCHER; NIELSEN, 2017, p. 477).

Desde o início do século XXI preocupações acerca das características das estruturas digitais foram levantadas e debatidas academicamente. A compatibilidade dos ambientes online com a pluralidade de ideias e culturas foi questionada, pois nesses espaços seriam operados mecanismos de seleção homogênea, que favorecem o agrupamento de indivíduos com ideias semelhantes, o que recebeu o nome de homofilia da internet (MCPHERSON et al., 2001 apud AYRES PINTO, MORAES, 2020). O efeito desse processo de fragmentação da mídia é a acentuação dos “filtros-bolha”, ou “câmaras de ressonância” - *eco-chambers* – que são gerados pelos algoritmos utilizados nas redes sociais mais populares (SUNSTEIN, 2007; PARISER, 2011).

Pariser (2011) introduziu o conceito de filtro-bolha academicamente, apontando-o como o resultado do design de plataformas digitais, como mecanismos de busca e redes sociais, nas quais o próprio usuário é responsável pela curadoria do conteúdo a que tem acesso. O argumento de Pariser (2011) indica que a tendência dos usuários, explorada pelos algoritmos dessas plataformas, alinha-se com os princípios da psicologia social que indicam a tendência de se obter maior prazer e sensação de recompensa quando o conteúdo apresenta evidências que se alinham às ideias e visões pré-concebidas dos usuários e evita a exposição a ideias contrárias. Isso seria impulsionado adiante por meio das conexões estabelecidas com as “redes” de pessoas que compartilham das mesmas opiniões e visões de mundo, em uma dinâmica organizada de modo a maximizar a presença dos usuários nessas plataformas²⁹ (PARISER, 2011).

Os filtros-bolha resultam no processo em que ideias vinculadas a uma determinada visão de mundo, ideologia, ou religião são reforçadas e repetidas, refletindo as mesmas visões do usuário de volta para seu *feed*, ou impulsionando tendências identificadas a partir dos padrões de seu comportamento na rede (HELBING, et al., 2017). Esse processo redundante em espaços de afirmação de opiniões e visões de mundo previamente compatíveis,

²⁹ E quanto maior o tempo de uso dessas plataformas digitais, mais as redes sociais rentabilizam os dados coletados dos usuários.

desestimulando o acesso a opiniões, visões e ideologias diferentes. Além disso, essas câmaras de ressonância fornecem a falsa percepção que determinados tópicos detêm apoio majoritário dentre uma determinada amostragem – selecionada pelos algoritmos – mas que, aos olhos do usuário, representa o universo em si, enquanto ideias opostas seriam tão periféricas e minoritárias que não seriam relevantes. As consequências disso são apresentadas por Sunstein (2007; p. 8) “*when people talk only to like-minded people, and do not get exposed to opposing views and arguments except in the context of oppositional argument, each group gets more entrenched in its own views and perceptions*”.

Esse processo e suas implicações vêm sendo estudados em diversas áreas do conhecimento, chegando até à neurociência:

O Google coloca à nossa disposição mais informações do que nunca, as quais estamos constantemente acessando [...]A maioria das pessoas não têm ideia da capacidade de nossos cérebros de filtrar informações a partir da imensa quantidade que se recebe [...]Há a tendência de confirmação, por exemplo, do processo em que priorizamos informações que apoiamos ou que já pensamos/acreditamos, enquanto ignoramos qualquer coisa que não corrobora com nossa crença. Esse processo é disseminado e persistente, sustentando claramente grande parte da dificuldade e da polarização que vemos online, particularmente na esfera política (BURNETT, 2018).

A inovação do argumento de Pariser (2011) reside não somente na definição acadêmica do conceito de filtro-bolha, como também na identificação de que essa é uma característica inerente ao design das plataformas digitais, sendo a auto-segregação dos usuários uma consequência desse processo, e não a sua causa. Nesse sentido, compreende-se que os algoritmos desenvolvidos pelas companhias vinculadas à internet e às redes sociais são determinantes na maneira pela qual os indivíduos interagem digitalmente e consomem plataformas de mídia.

Nesse sentido, há uma linha cada vez mais tênue entre um fato e uma opinião, e o discernimento para distinguir esses dois conceitos fica cada vez mais submetido às lógicas das câmaras de ressonância e dos filtros-bolha, que tornam análises necessariamente profundas acerca de tópicos políticos, por exemplo, cada vez mais superficiais (KEEN, 2009 apud AYRES PINTO; MORARES, 2020). Esse comportamento, quando visto sob a ótica política, estimula a demagogia e o populismo. Benkler et al. (2018, p. 301) concluem: “*What drives us to see content that reinforces our views were not our own choices, but algorithms that observed us, learned our responses, and fed us more of what increased our engagements*”.

Benkler et al. (2018) chamam a atenção para a trans-nacionalidade desse processo e para as suas consequências:

Technological processes beyond the control of any person or country— the convergence of social media, algorithmic news curation, bots, artificial intelligence, and big data analysis— were creating echo chambers that reinforced our biases, were removing indicia of trustworthiness, and were generally overwhelming our capacity to make sense of the world (BENKLER et al., 2018).

Os filtros-bolha determinam as condições fundamentais que potencializam a disseminação de notícias falsas e amplificam os seus efeitos. Dados dos EUA apontam para a utilização de redes sociais como principal meio de informação por parte de 62% da população adulta do país, o que, de certo modo, ajuda a quantificar o número de indivíduos expostos aos efeitos das “câmaras de ressonância” das redes sociais (GOTTFRIED; SHEARER, 2016). Jack (2017) explica:

As the preceding examples illustrate, both misinformation and disinformation spread readily via social media; this is due to a combination of social and technical factors. Digitally networked information environments can amplify the circulation of media content, and social media sharing often complicates the question of intent. Computational systems can incentivize or automate media content in ways that result in broader circulation regardless of accuracy or intent (JACK, 2017, p.3).

Raynauld e Turocotte (2018) atribuem ao que chamam de “hiper-fragmentação” da mídia à crescente polarização política na sociedade norte-americana. Os autores afirmam que no período em que as mídias de massa eram dominantes de certo modo havia uma nivelção acerca do conhecimento e compreensão do público acerca das atividades políticas, o que foi dramaticamente alterado conforme a audiência migrou para as mídias digitais, o que, para eles: *“has enabled members of the public to independently tailor their political information intake by having access to a diversity of information sources catering to their personal wants and needs (e.g. ideology, partisanship, issues, tone, sources)”* (RAYNAULD; TURCOTTE, 2018).

Justwan et al., (2018) inserem as redes sociais nas discussões vinculadas à formação de câmaras de ressonância e os impactos desse processo na polarização da sociedade:

While social media networking sites have created an easily accessible venue for political engagement, scholars have warned that many of the political conversations that take place on Facebook or Twitter occur in “echo chambers. These are ideologically congruent and homogenous environments in which political views are not debated but instead reinforced and amplified thus paving the way to increased polarization (JUSTWAN et al., 2018, p. 3)

Argumenta-se que indivíduos inseridos em “bolhas políticas” tendem a absorver menos informações negativas com relação aos seus candidatos de preferência, desenvolvendo

sentimentos positivos mais intensos perante aqueles que compartilham seus valores e negativos com aqueles que se enquadram no eixo ideológico oposto (JUSTWAN et al., 2018). Nesse sentido, fica claro o modo que essa dinâmica pode intensificar polarizações dentro das sociedades, separando grupos em distintas bolhas que não dialogam e nem se entendem entre si, potencializando conflitos latentes que, por vezes, extrapolam o ambiente virtual.

Esse fenômeno, definido como hiper-fragmentação da mídia, é elucidado por Raynauld e Turcotte (2018) com relação a seus impactos nos EUA:

They have affected how and to what degree individuals and organizations are exposed to, seek out and share information about, perceive, understand, and take part in US politics [...] The “seemingly unlimited political media” environment of the post-broadcast era especially with the growth, development, and popularization of social media—has contributed to the hyper-fragmentation, or compartmentalization, of political audiences [...]social media have provided them with outlets to be active politically on their own terms, such as by acquiring, producing, and sharing information as well as connecting and interacting with their peers in highly decentralized and selective ways (RAYNAULD; TURCOTTE, 2018, p. 24)

A polarização da sociedade, que, de acordo com Pierce e Lau (2019), pode ter o efeito de tornar eleitores mais rígidos e menos receptivos a ideias diversificadas, somada com a crescente tensão impulsionada pelos filtros-bolha e perfis falsos, pode redundar no recrudescimento da crescente insatisfação com a política de modo geral. Além disso, esse processo torna-se ainda mais perigoso quando é influenciado por contas e perfis falsos, que agem de maneira coletiva e coordenada, dedicando-se exclusivamente a influenciar os rumos do debate público. Evidencia-se, assim, o potencial desse efeito na fragmentação e desintegração da coesão social das sociedades, principalmente naquelas em que há maior liberdade de acesso a dados pessoais de usuários da internet, como nos EUA (HELBING, et al., 2017).

A complexidade da temática em questão no presente trabalho fica flagrante na análise de Benkler et al., (2018), que relaciona essa polarização política aos filtros-bolha e aos processos de microtargeting:

The internet destabilized established institutions— most importantly, political parties and media— allowing marginalized voices and outsiders to reach out directly to audiences, but equally so allowing demagogues and nihilists to disseminate propaganda and “fake news.” [...]. And the internet enabled not only hypertargeted advertising but also the development of filter bubbles and echo chambers that made users embrace their side’s partisan messaging without question (BENKLER et al., 2018, p. 289).

Pode-se inferir, portanto, que, em um cenário no qual as mídias digitais se consolidaram enquanto a principal fonte de informação da população norte-americana, e a

desinformação se propaga como uma consequência das possibilidades inerentes ao microtargeting e à monetização dessas plataformas digitais, a fragmentação da mídia vem adquirindo a capacidade de influenciar, diretamente, na política e, conseqüentemente, em processos eleitorais (JUSTWAN et al, 2018).

2.2 Fragmentação da Mídia nos EUA

O panorama midiático norte-americano e sua fragmentação compõem uma das variáveis antecedentes do trabalho. Compreende-se essa variável como uma condição necessária, mas não suficiente, para que a desinformação tenha desempenhado seu papel preponderante de influenciar o ciclo eleitoral norte-americano de 2016. Isso ocorre porque, em um cenário de dispersão da mídia, cada vez mais as plataformas digitais concentram a atenção do público, servindo não somente como ferramenta de comunicação e entretenimento, como também de acesso a notícias e informações de modo geral. Essa tendência é crescente e se consolida em detrimento da mídia tradicional, como a televisão e o rádio, além das mídias físicas, como o jornal impresso (ENLI, 2017). Sobre o tema, Guess, Nyhan e Reifer (2018, p.1) afirmam: *“tendencies toward selective exposure to politically congenial content are likely to extend to misinformation and to be exacerbated by social media platforms”*. Com efeito, demonstra-se o potencial da desinformação de afetar diversos aspectos da sociedade, e, em particular, de processos eleitorais, como o dos EUA em 2016.

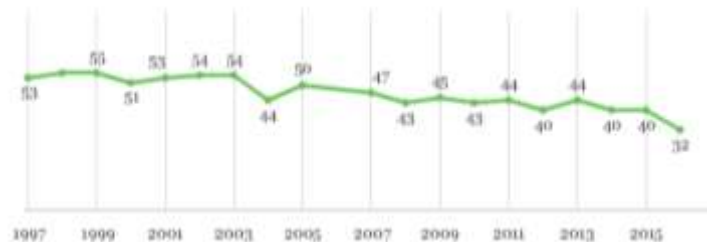
Os EUA foram os bastiões da cultura de massas historicamente, em um processo potencializado pelas mídias de massa e sua ampla penetração perante uma audiência em escala nacional. Essa tendência vem sendo superada há décadas, a partir da fragmentação midiática que se iniciou com a televisão à cabo na década de 1970 – e a partir do foco de emissoras como a Fox News, por exemplo, em determinadas audiências partidárias – e se consolidou com as mídias digitais no século XXI. Isso impactou, inevitavelmente, na esfera política, como aponta Iyengar (2016):

With the revolution in information technology and the emergence of thousands of news providers, what was once a national audience has fragmented into multiple niche audiences. The availability of cable television in the 1970s provided partisans with the first opportunity to obtain their news from a “friendly” source (Fox News first and later MSNBC). The development of the Internet and the active blogosphere provided a much greater range of media choices, which not only facilitated partisans’ ability to seek out information and commentary consistent with their leanings, but also enabled the apolitical strata to tune out all things political (IYENGAR, 2016).

De fato, o crescente direcionamento de mídias voltadas a públicos de nicho acabou por impulsionar uma crescente insatisfação com a mídia de massas nos EUA. Pesquisa da Gallup,

conduzida em meio às eleições norte-americanas de 2016, identifica uma grande redução na confiança do público norte-americano com relação aos meios de comunicação em massa, atingindo o menor número histórico desde o início das análises em 1972. O autor do relatório argumenta: *“Americans' trust and confidence in the mass media "to report the news fully, accurately and fairly" has dropped to its lowest level in Gallup polling history, with 32% saying they have a great deal or fair amount of trust in the media.”* (SWIFT, 2016, p.1). O Gráfico 4 demonstra que essa confiança do público norte-americana na mídia de massa apresenta de fato uma trajetória de declínio desde meados da década de 1990:

Gráfico 4. Confiança dos norte-americanos nas mídias de massa.



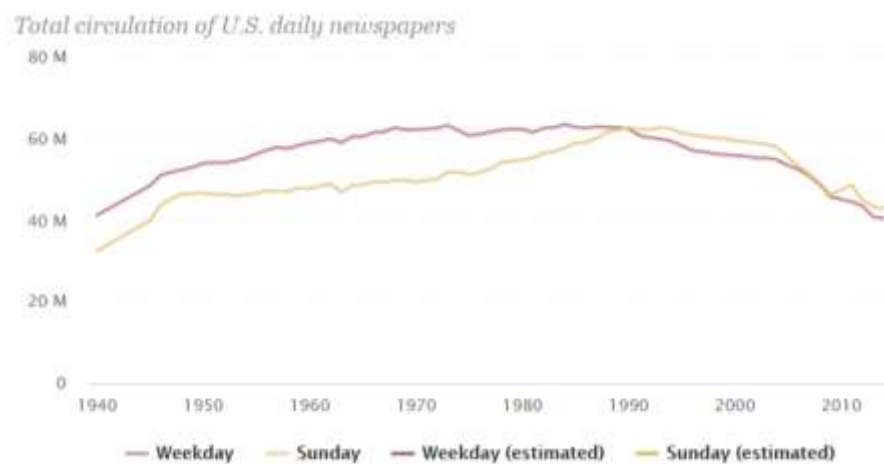
Fonte: SWIFT, 2017, p.6.

A televisão, principalmente, enquanto fonte de notícias, vem sendo colocada em xeque em termos de sua confiabilidade pelo público norte-americano, como demonstra a Gallup (2016), que identificou, de fato, no biênio 2015-2016 o maior nível de desconfiança com relação a essa mídia ao longo de sua análise histórica, iniciada em 1993. Os índices de desconfiança com relação à televisão nesse período superaram a marca dos 40% pela primeira vez, o que vai ao encontro da tendência apresentada pelo público norte-americano de migração para outras mídias, como as plataformas digitais.

Na direção oposta a essa tendência, porém, Kim et al. (2018) argumentam que as mídias digitais são reconhecidas por seus usuários como fontes de informação mais confiáveis, sobretudo as redes sociais, por serem formadas por redes de contatos compostas por familiares, amigos e conhecidos. Com efeito, a maneira pela qual o público norte-americano utiliza as redes sociais vem impactando todo o panorama midiático do país, tendo em vista que, paulatinamente, a internet não é utilizada somente para fins de lazer, mas também para o consumo de notícias, e esse consumo, por sua vez, se concentrando cada vez mais nas plataformas digitais.

A maneira pela qual a sociedade norte-americana se informa, cada vez mais, pelas plataformas digitais, vem afetando negativamente a mídia impressa. O Pew Research Center (2019, p.2) corrobora essa ideia: *“Newspapers are a critical part of the American news landscape, but they have been hit hard as more and more Americans consume news digitally.”* Os impactos disso são perceptíveis a partir do Gráfico 5, que mostra o declínio na circulação de mídia impressa nos EUA desde a década de 1990, atingindo os menores números absolutos em 2014, desde o início dessa mensuração na década de 1940³⁰:

Gráfico 5. Circulação da Mídia Impressa nos EUA



Fonte: Pew Research Center, 2019.

Por outro lado, o número de visitantes únicos que acessam as edições digitais dos 50 principais jornais norte-americanos vem crescendo desde 2014, como demonstra a Tabela 1, embora a métrica utilizada leve em consideração apenas os jornais que possuem edição impressa e não contabilize plataformas nativas da internet³¹.

Os ganhos advindos de receita com publicidade e com a circulação da indústria jornalística obtiveram seu pico no início do século XXI, apresentando uma trajetória de declínio constante a partir de 2006, o que coincide com a migração do público para as plataformas digitais e a popularização das redes sociais. Isso fica evidenciado na Tabela 2,

³⁰ A título de comparação, o auge da impressão diária de jornais foi em 1984, chegando a 63,3 milhões de cópias diárias (PEW RESEARCH CENTER, 2019).

³¹ *“Gauging digital audience for the entire newspaper industry is difficult since many daily newspapers do not receive enough traffic to their websites to be measured by Comscore, the data source relied on here. Thus, the figures offered above reflect the top 50 U.S. daily newspapers based on circulation”* (PEW RESEARCH CENTER, 2019, sem página).

que demonstra o crescimento da participação da renda gerada por publicidade digital de jornais, que correspondia a 17% em 2011 e passou a representar 35% em 2018.

Tabela 1. Número de visitantes únicos no website de jornais nos EUA

Year	Average monthly unique visitors
Q4 2014	8,233,544
Q4 2015	9,709,071
Q4 2016	11,734,536
Q4 2017	11,527,744
Q4 2018	11,600,124

Fonte: Pew Research Center, 2019.

Tabela 2. Porcentagem da renda de jornais advinda de publicidade digital

Year	Advertising revenue coming from digital advertising
2011	17%
2012	19%
2013	20%
2014	21%
2015	25%
2016	29%
2017	31%
2018	35%

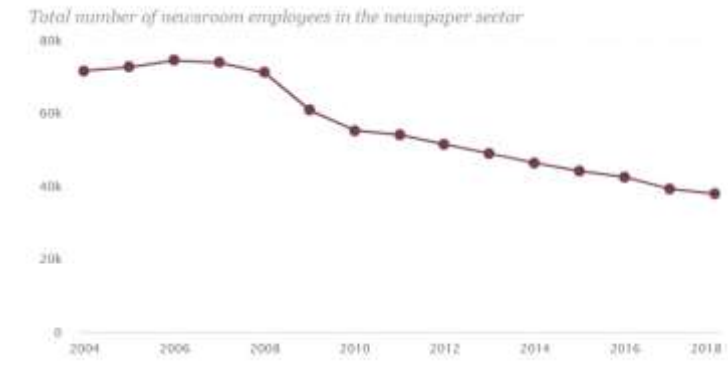
Fonte: Pew Research Center, 2019.

Nelson (2019, p. 65) descreve esse processo: “*The public moved online, and digital advertising was waiting for them: on their searches, in their emails, on their phones*”. Mesmo o setor de classificados representou uma queda no âmbito do faturamento dos jornais, principalmente a partir da possibilidade de condução desse tipo de atividade em plataformas digitais, como é o caso do Craigslist nos EUA, que atingiu valor de mercado de \$ 4 bilhões em 2018 (NELSON, 2019).

Nelson (2019, p. 64) aponta para um efeito da trajetória de queda de circulação e rentabilidade dos jornais impressos: De modo a cortar custos e otimizar lucros, as corporações de mídia norte-americanas passaram a reduzir sua cobertura em regiões menos atrativas economicamente: “*firing thousands of reporters, slashing circulations in underserved communities with commercially unattractive demographics[...]*The result was devastating. *Local voices were silenced, local populations abandoned*”. Essa trajetória pode ser observada a partir do corte de empregabilidade nas redações do setor jornalístico, como demonstra o

Gráfico 6, com o ápice de empregos no setor sendo atingido em 2006, com 74,4 mil empregos, enquanto o ano de 2018 registrou apenas 37,9 mil.

Gráfico 6. Número de empregos nas redações de jornais.



Fonte: Pew Research Center, 2019.

Concomitantemente, à medida que a imprensa regional capitulava, a indústria jornalística passou a se concentrar cada vez mais na mão de grandes conglomerados midiáticos, formando um oligopólio. Nelson (2019) aponta que, já na década de 1990, quatorze empresas controlavam sozinhas metade dos 1600 jornais diários que circulavam nos EUA, em uma tendência de afunilamento que apenas se consolidou nas décadas seguintes, com grandes empresas de outros setores adquirindo redes midiáticas, como demonstram a Viacom com a CBS, a General Eletric com a NBC e a Disney com a ABC.

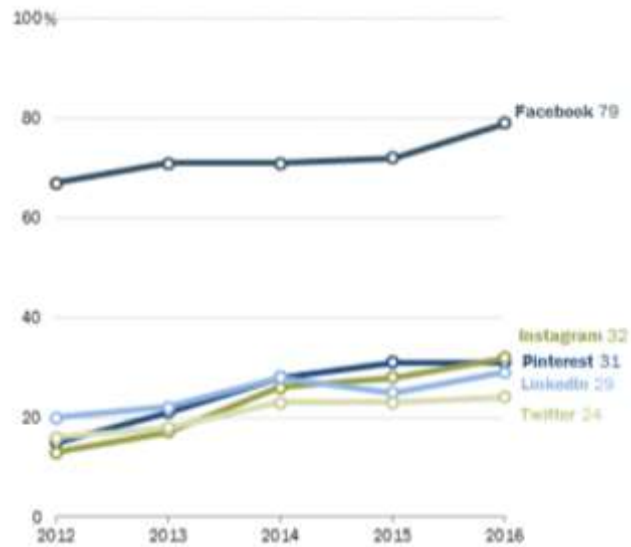
Nesse sentido, pode-se observar que os grandes jornais de grandes metrópoles norte-americanas, apesar dos desafios inerentes à digitalização do consumo jornalístico, puderam se adaptar e manter suas atividades, mas o mesmo não ocorreu no âmbito da mídia regional. Esse processo teve especificidades geográficas inerentes à própria fragmentação econômica dos EUA, garantindo que a mídia do corredor Boston-Washington e da Costa Oeste sobrevivesse, enquanto o centro menos dinâmico do país perdeu representatividade na mídia, declinando em 35% entre 2003 e 2014. Esse processo foi descrito por Nelson (2019, p. 65): *“The rest of the country’s newspaper culture suffered a colony collapse. One of the most significant casualties was statehouse reporting, the traditional purview of midsize newspapers in Middle America”*. Compreende-se que esse cenário propicia a circulação de Desinformação nessas regiões, uma vez que não há cobertura jornalística adequada para fazer a curadoria de notícias e informações locais.

No outro lado desse processo encontram-se as gigantes digitais. De modo a se estabelecer, definitivamente, a importância desse tópico, deve-se compreender a dimensão que empresas como o Google e o Facebook adquiriram nas últimas décadas. O faturamento dessas empresas, somente em publicidade, foi de, respectivamente, U\$73 e U\$40 bilhões em 2017, o que corresponde à metade da fatia do mercado global (SALAS, 2018). Somando, em 2017, o valor de mercado das quatro gigantes Apple, Google, Amazon e Facebook, chega-se a um valor superior ao PIB da França (OSNOS, 2018). Ainda em 2017, somente o Facebook detinha 2,2 bilhões de usuários, que utilizavam o serviço ao menos uma vez ao mês, o que correspondia a um terço da humanidade, abrangendo uma população maior que o cristianismo, e, apesar de lucrar com publicidade mais que os valores somados de toda mídia norte-americana junta, a empresa não admitiu seu caráter de plataforma de acesso a notícias até 2017, ou seja, o período posterior à eleição de Trump (ALLCOTT; GENTZCOW, 2017).

Para se complementar a compreensão desse fenômeno, deve-se apontar, primeiramente, a abrangência do uso de internet nos EUA. Tendo em vista que a sociedade norte-americana é composta por 325,7 milhões de pessoas, das quais 246 milhões possuem acesso à internet, percebe-se que mais de 76% da população utilizava plataformas digitais no período. Desse total, 214 milhões possuíam perfil no Facebook em 2016, o que corresponde a praticamente 88% dos norte-americanos com acesso à internet e 68% da população total do país, sendo que três quartos desses usuários acessavam a plataforma ao menos uma vez ao dia (PEW RESEARCH CENTER, 2016).

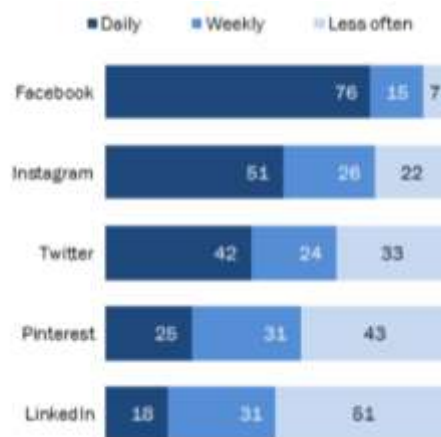
A Pew Research Center, por meio do estudo “*Social Media Use in 2016*”, aprofunda esses dados, a partir da identificação de quais foram os aplicativos e redes sociais mais acessados pelos norte-americanos entre março e abril de 2016, com uma ampla liderança para o Facebook, como demonstra o Gráfico 7. A pesquisa da Pew Research Center em 2016 também apontou que a assiduidade entre os usuários do Facebook era a maior dentre as plataformas analisadas, com 76% dos usuários admitindo acessar essa rede social ao menos uma vez ao dia, como demonstra o Gráfico 8.

Gráfico 7. Porcentagem de adultos nos EUA que utilizam redes sociais



Fonte: Pew Research Center, 2016.

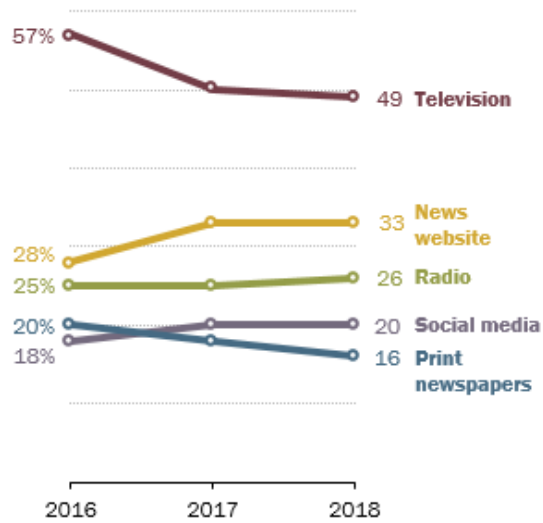
Gráfico 8. Frequência de uso das redes sociais



Fonte: Pew Research Center, 2016.

A partir da assiduidade da utilização que as redes sociais, e, em especial, o Facebook, consolidaram, era de se esperar que essas plataformas se tornassem não apenas fonte de entretenimento, como também fontes de informação e de notícias. Nos EUA isso de fato se consolidou, com a porcentagem de americanos que usam as redes sociais para se informar tendo ultrapassado os jornais impressos entre 2016 e 2017, como demonstra o Gráfico 9. Deve-se ressaltar, ainda, que, somando as redes sociais com os sites de notícias online, chega-se a 53% do público, com essas plataformas digitais, portanto, representando uma fatia maior até que a televisão enquanto fonte de notícias e informação.

Gráfico 9. Porcentagem de adultos que se informam em cada formato de mídia



Fonte: Pew Research Center, 2019.

A partir dos elementos abordados acima, deve-se abordar a maneira pela qual as dinâmicas das plataformas digitais geraram a ausência de “intermediários” entre a elaboração e a divulgação de uma notícia, o que resultou em uma queda na capacidade de controle do conteúdo jornalístico por parte dos *gatekeepers* tradicionais, como os editores e as redações (BARKUN, 2017). Barkun (2017) argumenta ainda que, se esses *gatekeepers* tradicionais da mídia, presentes nos jornais, periódicos, rádio e televisão, eram os responsáveis pela manutenção de linhas editoriais baseadas na credibilidade de sua apuração e fidelidade aos fatos, logo, o conteúdo que circula online não possui qualquer tipo de “curadoria”.

Van Elteren (2013) desenvolve:

The demise of newspapers—along with that of book publishing — has created a culture in which verifiable fact no longer forms the basis of public discourse or America’s collective memory. In place of it the blogosphere, the social media universe, and cable television have come to dominate the everyday life-world of citizens. It has culminated in a culture in which facts, opinions, lies, and fantasy are interchangeable (VAN ELTEREN, 2013, p. 18).

Os desafios inerentes à viabilização do trabalho jornalístico a partir da crescente possibilidade de acesso a conteúdo gratuito nas plataformas digitais cobrou seu preço no EUA, sobretudo, aos grupos jornalísticos menores e de características regionais. Esse processo foi impulsionado no território central entre as costas leste e oeste. Nelson (2019, p. 19) faz referência a essas regiões como “*flyover country*”, demonstrando a maneira pela qual essa região é negligenciada e considerada, por vezes, apenas um território de trânsito entre os

centros dinâmicos das costas atlânticas e pacíficas. Essa região central foi uma das mais afetadas pelas sucessivas quebras de emissoras, rádios e jornais locais, e conforme esse território perdeu seus veículos de comunicação regionais, tornou-se menos visível às elites moradoras das regiões mais dinâmicas. A partir desse processo, abriu-se caminho para que essas regiões fossem dominadas por mídias locais, principalmente por meio do rádio, cuja capacidade de rentabilização de seus serviços advinha de sua filiação a grupos conservadores, como, principalmente, os religiosos (NELSON, 2019).

Essa trajetória foi abordada por Martin (1999), que explica a maneira pela qual o ressentimento perante esse “abandono” foi explorado por esses grupos de modo a fidelizar sua audiência e disseminar desconfiança perante a mídia tradicional:

Bound together by intense personal networks common among Evangelical and Pentecostal churches, members tend to rely on a few sources of information - particularly the pulpit, print, Websites, direct mail, and specialized mass media - that deliver a clear and highly partisan theological and political message. The number and reach of such media are truly impressive (MARTIN, 1999, p.6).

Isso se potencializou, de fato, a partir da negligência das grandes empresas com o setor radiofônico em diversos mercados menos pujantes: “*ABC, NBC, and CBS began to dump their radio stations, especially in small and midsize markets, and their news programs disappeared. The Great American News Desert grew drier by the year*” (NELSON, 2019, p. 69). Percebe-se assim que, mesmo em meio ao domínio das plataformas digitais como fontes de informação, não se pode subestimar o fato de que 26% dos norte-americanos – ou seja, mais de um quarto da população – utiliza o rádio de modo a se obter informações e notícias, sendo esse mercado dominado por grupos evangélicos e conservadores.

De fato, Benkler et al., (2018) apontam que os apoiadores de Trump se informaram ao longo do ciclo eleitoral de 2016 por meio de uma combinação de Fox News, televisão aberta, rádio e Facebook. Assim, a seção seguinte vai se debruçar a compreender melhor como se organiza o ecossistema midiático de ultradireita norte-americano, principalmente nas plataformas digitais.

2.2.1 Assimetrias do ecossistema midiático norte-americano

Tendo em vista o cenário consolidado anteriormente de fragmentação da mídia de modo geral, deve-se buscar compreender a maneira pela qual isso impactou nos EUA em meio ao ciclo eleitoral de 2016. Destaca-se, desse modo, a concentração da mídia em torno de grandes conglomerados, assim como a assimetria existente entre o consumo de mídias

tradicionais por parte de um grupo heterogêneo de indivíduos identificados desde a centro-direita do campo ideológico até a esquerda, enquanto a direita se posiciona de maneira insular e, portanto, radicalizada. O isolamento desse público de ultradireita é um elemento importante, portanto, para se compreender os impactos potenciais da desinformação nas eleições de 2016.

Benkler et al. (2018) alertam para um erro comum em análises acerca dessa temática que sugerem haver uma suposta polarização na mídia dos EUA. O termo “polarização” não seria adequado para essa situação, pois pressupõe uma suposta simetria entre os espectros políticos. O que ocorre, na realidade, seria uma radicalização e insulamento do ecossistema midiático de ultradireita que não encontra equivalência perante a esquerda. Benkler et al. (2018, p. 25) argumentam:

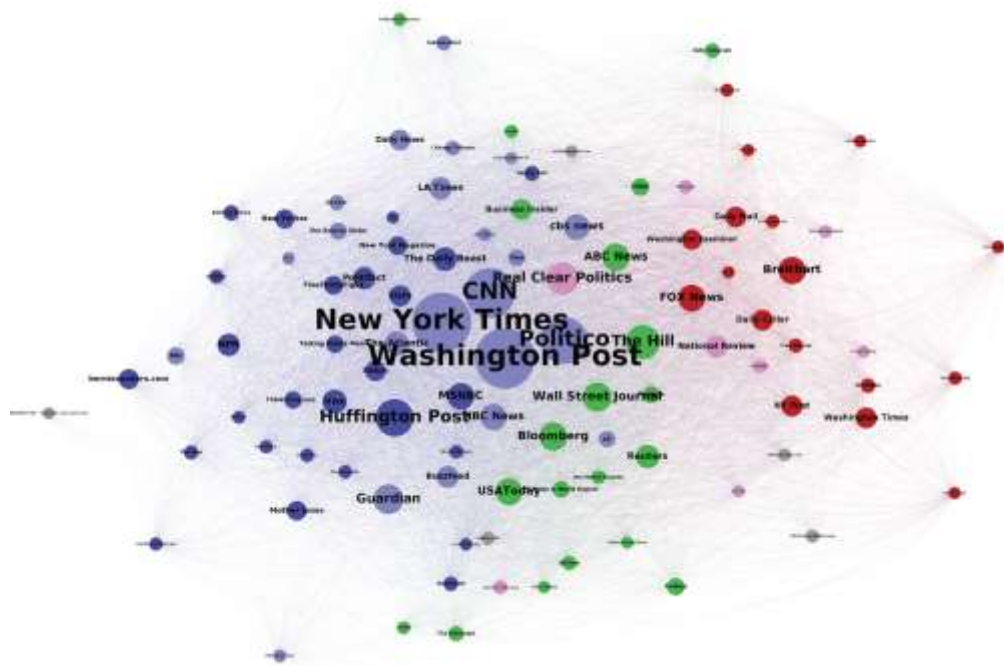
(...) to speak of “polarization” is to assume symmetry. No fact emerges more clearly from our analysis of how four million political stories were linked, tweeted, and shared over a three-year period than that there is no symmetry in the architecture and dynamics of communications within the right-wing media ecosystem and outside of it (BENKLER et al., 2018, p. 25).

Os gráficos abaixo, elaborados por Benkler et al. (2018), buscam mapear a mídia norte-americana de acordo com sua inserção e sua conexão no espectro ideológico³². Inicialmente, deve-se perceber que há uma clara concentração midiática em torno de portais-chave, que se destacam perante um ecossistema extremamente numeroso: *“the media ecosystem in both the right and the rest is largely dominated by top-performing media sites, their publication decisions, and their interactions with each other”* (BENKLER et al., 2018, p. 225).

O Gráfico 10 demonstra que há claras conexões e uma marcante justaposição entre os portais considerados, nos EUA, de esquerda (azul escuro), centro-esquerda (azul claro), centro (verde) e centro-direita (rosa), ao longo do ciclo eleitoral de 2016. Enquanto isso, a direita (vermelho) se posiciona de maneira insular, com poucas ou nenhuma conexão com outros espectros políticos. Além disso, os autores ainda chamam a atenção para o fato de, na internet “aberta”, existir um predomínio de fontes midiáticas vinculadas ao jornalismo profissional, com destaque para o Washington Post, New York Times e CNN (BENKLER et al., 2018).

³² Nos Gráficos 10, 11 e 12 cada nóculo representa um ator midiático cujo tamanho do círculo é representado de acordo com o número de menções e links direcionados a esses portais na internet como um todo, buscando, assim demonstrar sua relevância. Mais detalhes metodológicos em Benkler et al. (2018, p. 46)

Gráfico 10. Mapa de rede de fontes de mídia eleitoral com base em links de mídia.

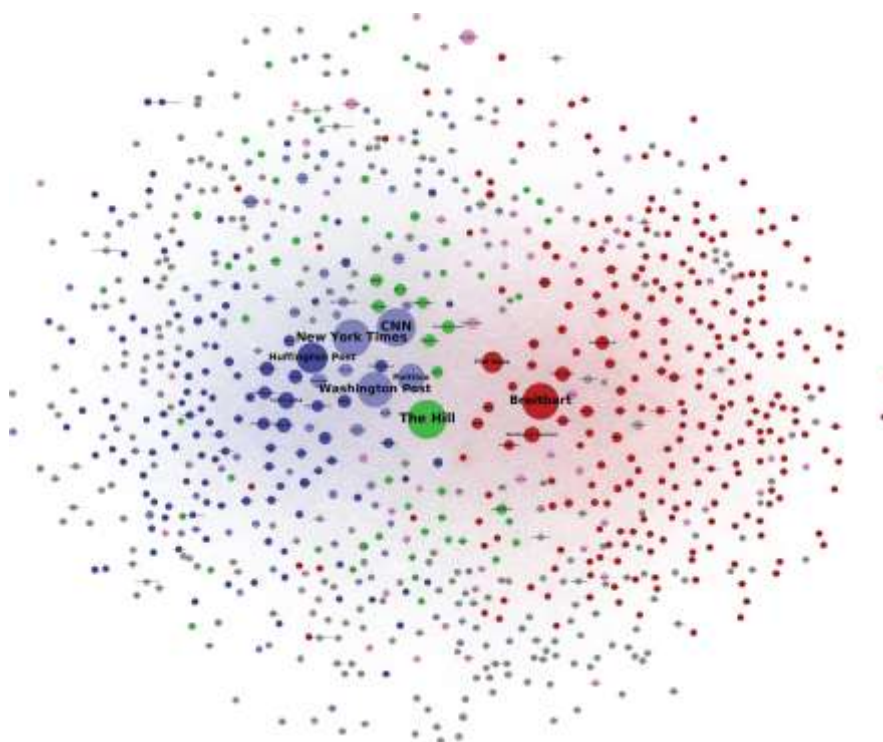


Fonte: BENKLER et al., 2018, p. 225.

Por outro lado, os Gráficos 11 e 12 demonstram o compartilhamento de postagens dessas diferentes mídias no Twitter e no Facebook, respectivamente. Pode-se observar que nessas redes sociais há uma maior distância entre os espectros ideológicos, com a esquerda adquirindo um insulamento visto também na direita, o que, segundo Benkler et al. (2018), indica uma maior polarização nessas redes sociais. Ademais, percebe-se também uma presença relativamente menor de *outlets* jornalísticos profissionais no Twitter e no Facebook, abrindo espaço, por exemplo, para que, no espectro da direita, a Breitbart tenha uma presença maior que a Fox News (BENKLER et al., 2018).

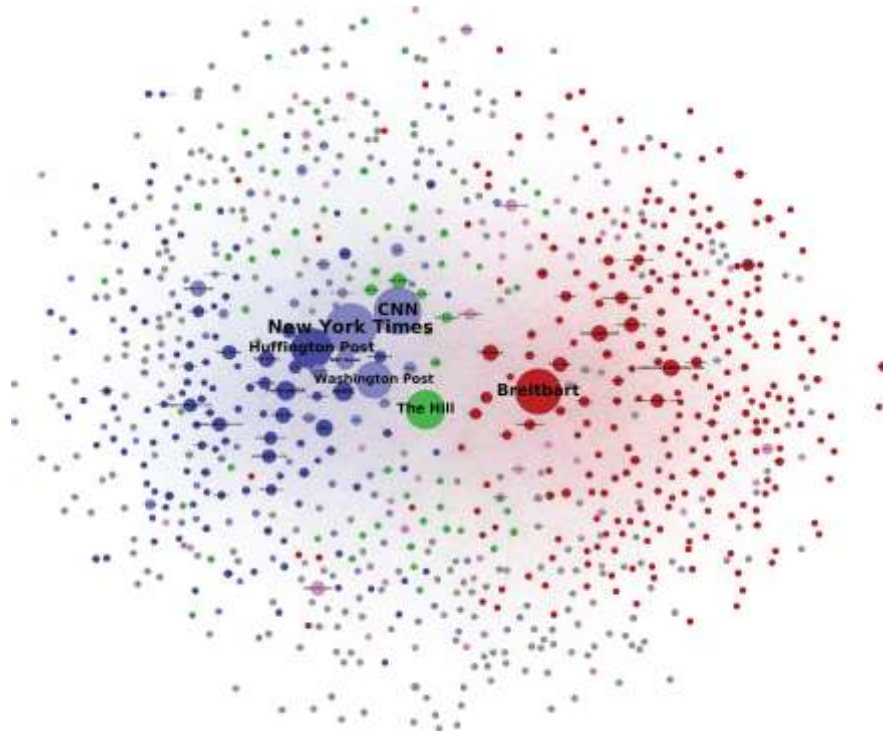
Ao se analisar esses mapas de redes, Benkler et al. (2018) expõem a assimetria do ecossistema midiático norte-americano ao longo do período no qual se insere o ciclo eleitoral de 2016. Além disso, oferecem subsídios quantitativos para corroborar os argumentos que sugerem que a mídia de ultradireita é mais radicalizada e insulada que as demais. No entanto, os autores salientam que os mesmos padrões podem ser encontrados tanto no Facebook quanto no Twitter, o que evidencia que essa radicalização da direita é fruto de escolhas humanas e campanhas políticas, e não apenas dos algoritmos das empresas (BENKLER et al., 2018).

Gráfico 11. Mapa de rede de fontes de mídia com base no Twitter.



Fonte: BENKLER et al., 2018, p. 226.

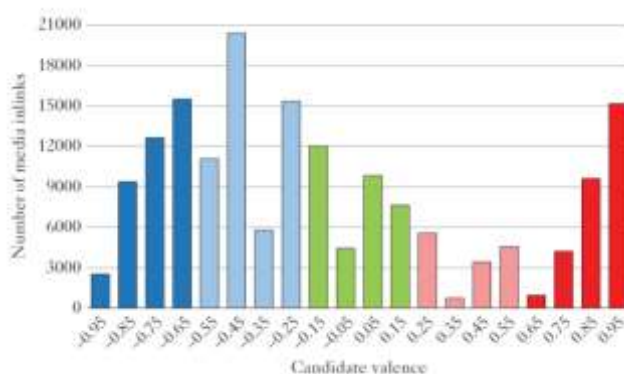
Gráfico 12. Mapa de rede de fontes de mídia com base no Facebook.



Fonte: BENKLER et al., 2018, p. 226

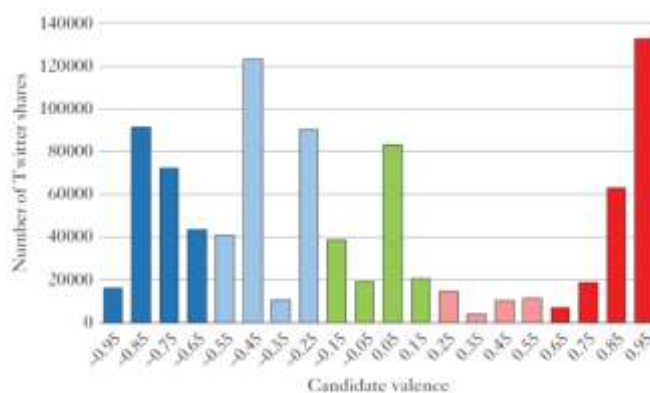
Benkler et al. (2018) oferecem ainda outros elementos visuais que auxiliam na percepção dos argumentos descritos previamente. Os Gráficos 13, 14 e 15 demonstram, respectivamente, o número de links na internet aberta, de compartilhamentos no Twitter e no Facebook de diferentes mídias inseridas em um espectro político-partidário ao longo das eleições de 2016. A distribuição dos gráficos demonstra, novamente, padrões distintos na internet aberta e nas redes sociais. Em particular, no Twitter e no Facebook há um maior isolamento daqueles que se informam por meio de mídias de direita, com este indicando uma tendência maior de radicalização que aquele: *“This pattern suggests that social media sharing in general is more partisan than hyperlinking, and sharing on Facebook is more partisan than on Twitter”* (BENKLER et al. 2018, p. 56)

Gráfico 13. Distribuição partidária da mídia por acesso na internet aberta.



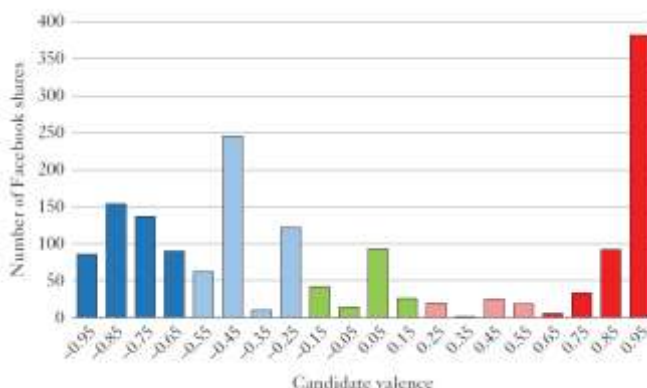
Fonte: BENKLER et al., 2018, p. 57.

Gráfico 14. Distribuição partidária da mídia por compartilhamentos no Twitter.



Fonte: BENKLER et al., 2018, p. 57.

Gráfico 15. Distribuição partidária da mídia por compartilhamentos no Facebook.



Fonte: BENKLER et al., 2018, p. 57.

Benkler et al. (2018, p. 56) corroboram que há um maior intercâmbio de acessos e compartilhamentos entre a esquerda e o centro do que entre a direita e o centro, sendo que quanto mais à direita um veículo de comunicação estiver mais atenção ele irá receber de seu público: *“media producers and social media users on the right read, share, and quote almost only right-oriented media, and even among sites in the right quintile, the further right a site is the more attention it gets”* (BENKLER et al., 2018, p. 56).

Os autores concluem, portanto, que o panorama midiático dos EUA é composto por dois ecossistemas distintos:

(...) One part is the rightwing, dominated by partisan media outlets that are densely interconnected and insular and anchored by Fox News and Breitbart. The other part spans the rest of the spectrum (...) and is anchored by media organizations on the center and center-left that adhere to professional standards of journalism. There is no distinct left-wing media ecosystem that parallels the right in its internal coherence or insularity from the center (BENKLER et al., 2018, p. 75).

De fato, o ecossistema midiático dos EUA sugere que a mídia de ultradireita dos EUA é altamente insulada, ou seja, pouco dialoga com as mídias posicionadas em outros espectros ideológicos, sendo, assim, muito mais suscetível à reprodução de conteúdo classificado como desinformação (BENKLER et al., 2018). Foi recorrente, nesse ecossistema midiático de ultradireita, a utilização de desinformação de modo a deslegitimar a mídia tradicional. Benkler et al. (2017) apontam:

Attacks on the integrity and professionalism of opposing media were also a central theme of right-wing media [...] Over the course of the election, this turned the right-wing media system into an internally coherent, relatively insulated knowledge community, reinforcing the shared worldview of readers and shielding them from journalism that challenged it (BENKLER et al., 2017, p 3).

Os autores deixam claro que a mídia *mainstream* não esteve livre de publicar e repercutir notícias falsas ao longo do ciclo eleitoral de 2016, sendo isso, no entanto, fruto de equívocos associados às dinâmicas da cobertura jornalística desse período (BENKLER et al., 2017). Desse modo, esses eventuais erros de apuração não se enquadram no âmbito da desinformação, tendo em vista que esse conceito se aplica a informações criadas e compartilhadas de maneira deliberadamente falsa de modo a prejudicar alguém.

Benkler et al. (2018) identificaram um padrão comum em meio à trajetória da desinformação ao longo do pleito de 2016 nos EUA. Histórias falsas surgiam na periferia da internet por meio da atuação da Direita Alternativa, até que, posteriormente, eram amplificadas pela própria campanha de Trump, ou mesmo por ele diretamente em seu perfil do Twitter. Isso reverberava em portais de notícias como o Breitbart, o Infowars e a Fox News e ganhava, assim, notoriedade perante o público mais amplo (BENKLER et al., 2018).

A vinculação entre Trump e a mídia conservadora desencadeou nos EUA, portanto, um processo mútuo de amplificação, uma vez que o então candidato passou a utilizar ferramentas como o Twitter para comentar ao vivo as notícias de emissoras como a Fox News, que, por sua vez, passaram a direcionar conteúdo diretamente de modo a influenciar Trump:

Both as candidate and as president Trump has used Twitter in a feedback loop with the media. There have been several stories that document Trump “live tweeting” cable news, picking up talking points from what the president sees every morning on Fox and Friends, and tweeting them back out to the world. There are many signs that guests that appear on the president’s favorite Fox News, for example House Speaker Paul Ryan promoting a spending bill, are in effect performing for an audience of one; others have documented how coverage is crafted to influence Trump. The influence flows in both directions in an unusual multimedia relationship (BENKLER et al., 2018, p. 19).

A identificação desse processo demonstrou que, de fato, o ecossistema midiático da ultradireita foi fundamental na amplificação dessas informações de modo que elas atingissem o grande público, a partir tanto da atuação formal da campanha de Trump, quanto da atuação espontânea de grupos de Ultradireita como a Alt-Right. De fato, os autores identificaram que cerca de 30% da audiência norte-americana esteve engajada com o ecossistema midiático da ultradireita, concluindo que não se pode afirmar que os resultados das eleições vieram unicamente da atuação dessa mídia radical, mas que ela certamente deve ser levada em consideração nas análises acerca do tema (BENKLER et al., 2018). Desse modo, vincula-se essa questão ao âmbito das variáveis antecedentes do trabalho, pelo fato de serem, de fato,

necessárias para a compreensão dos resultados das eleições norte-americanas de 2016, ainda que insuficientes para explicar a vitória de Trump.

Conclui-se o capítulo 2 a partir do estabelecimento de marcos conceituais importantes para o desenvolvimento da tese, como a “Desinformação”, entendida como a dinâmica de criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais, com o intuito deliberado de causar danos a quaisquer atores. Apresentaram-se, também, informações importantes vinculadas ao macroambiente tecnológico no qual o estudo de caso está inserido, o que é relevante devido à velocidade com que essas dinâmicas são alteradas, sendo necessário esse esforço para delimitar suas características no contexto do estudo de caso. Essas questões se vinculam aos mecanismos de monetização das plataformas digitais, que exploram grandes bases de dados coletadas dos usuários, oferecendo ferramentas de microtargeting muito presentes em campanhas eleitorais. Ao mesmo tempo, essas características, presentes, principalmente, nas redes sociais, geram processos de insulamento dos usuários, que ficam presos em bolhas e câmaras de ressonância, reafirmando suas próprias ideologias e convicções, e tendo pouco contato com quem pensa diferente. Por fim, o capítulo introduziu a primeira variável antecedente da pesquisa, a fragmentação da mídia dos EUA, que foi apresentada nesse capítulo por se relacionar diretamente com os processos descritos anteriormente. Isso ocorre porque o panorama midiático dos EUA, no contexto das eleições de 2016, apresenta uma ampla penetração das plataformas digitais no cotidiano dos norte-americanos, que a utilizam enquanto fonte principal de informação, ao passo que há uma crescente desconfiança perante a mídia tradicional. A partir disso, demonstra-se que a mídia de direita, em particular, é mais insulada que a mídia de centro-direita e esquerda nos EUA, o que é um dos fatores responsáveis pela radicalização dessa audiência e pela ampla penetração de fluxos de desinformação ao longo das eleições de 2016. O capítulo seguinte apresentará as demais variáveis antecedentes identificadas ao longo da pesquisa.

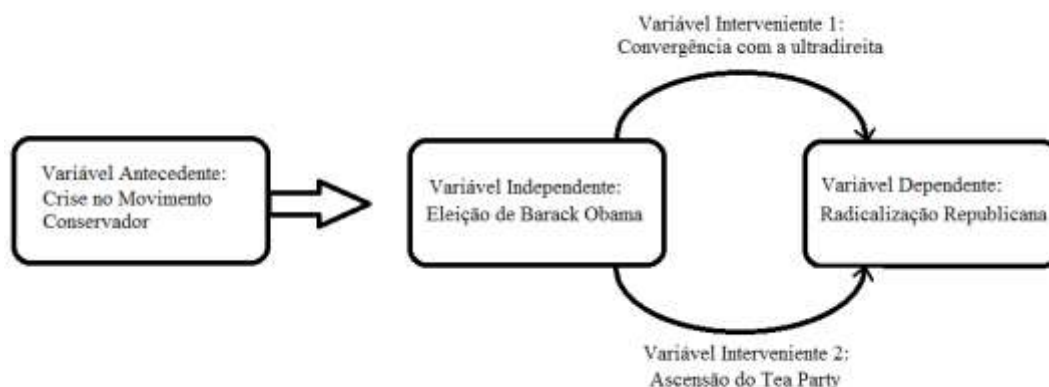
CAPÍTULO 3 – A RADICALIZAÇÃO REPUBLICANA E O ANTAGONISMO A BARACK OBAMA E HILLARY CLINTON

O presente capítulo identifica e analisa os mecanismos causais que ligam as variáveis antecedentes identificadas ao longo da pesquisa, às variáveis independentes: A desinformação e o Populismo de Direita Radical Trumpista. Ressalta-se que as variáveis antecedentes da pesquisa são condições identificadas como sendo necessárias – mas não suficientes - para explicar a vitória de Trump. Pondera-se que essas variáveis antecedentes devem ser analisadas de maneira combinada com relação a seus impactos nas variáveis independentes. Desse modo, no presente capítulo não se procura isolar o impacto de cada variável antecedente em cada variável independente, mas sim, busca-se conectar as variáveis antecedentes e demonstrar as relações de umas com as outras, e dessas com as independentes.

Além da variável antecedente vinculada à fragmentação da mídia norte-americana, descrita no capítulo anterior, apresenta-se, de início, o processo de radicalização do Partido Republicano, que antecedeu Trump e foi fundamental para que sua retórica Populista de Direita Radical cooptasse parcelas importantes do eleitorado e do próprio partido. Analisa-se esse processo, sobretudo, a partir da crise do movimento conservador, gerada pelo enfraquecimento da concepção anticomunista, que centralizava as pautas do movimento. A partir disso, indica-se que o enfraquecimento do movimento conservador abriu um vácuo ideológico que foi preenchido, gradualmente, pela ultradireita, reverberando na trajetória de radicalização do Partido Republicano. O gatilho principal para esse processo foi a eleição de Barack Obama, que provocou a criação do Tea Party e em uma crise de liderança no partido. O antagonismo a Obama criou pontos de convergência entre o GOP e a ultradireita do país, em um processo conduzido, principalmente, por sua base eleitoral. Foi identificada uma cadeia causal vinculada à radicalização republicana, demonstrada na Figura 10.

A seguir, indica-se a maneira pela qual Donald Trump emergiu como um ator político, recorrendo ao uso de desinformação para antagonizar Barack Obama como estratégia principal de promoção pessoal desde o início da década de 2010. O Movimento Birther é paradigmático nesse sentido, demonstrando que a ampla promoção de desinformação ao longo do ciclo eleitoral de 2016 já compunha o *modus operandi* da atuação política de Trump.

Figura 10. Cadeia Causal da Radicalização Republicana



Fonte: Elaboração do Autor.

As demais variáveis antecedentes – as regras do sistema eleitoral norte-americano e o movimento anti-Clinton - serão abordadas na última seção do capítulo. Indica-se, assim, que havia já a expectativa, por parte do GOP, de nomeação de Hillary Clinton enquanto candidata democrata à Casa Branca há, ao menos, uma década, o que gerou um arsenal de histórias a serem exploradas pelos republicanos para enfrentar Clinton e manchar sua reputação. Essa questão se conecta com a decisão *Citizens United* da Suprema Corte norte-americana, que tratou, inicialmente, de uma ação envolvendo Hillary Clinton e uma campanha de difamação contra ela, orquestrada por atores ligados ao GOP em meio às primárias democratas de 2008. Essa decisão é a responsável pelo alto grau de liberdade inerente às campanhas eleitorais nos EUA, em que quaisquer atores podem investir quaisquer valores para influenciar o pleito e promover candidatos ou agendas específicas, abrindo as portas para o cenário de 2016. Por fim, demonstra-se a maneira pela qual atores externos influenciaram, de fato, no ciclo eleitoral de 2016.

3.1 A Radicalização Republicana e a Crise do Conservadorismo.

A presente seção visa contextualizar a maneira pela qual Donald Trump se insere no *Grand Old Party* (GOP) já previamente radicalizado, tanto do ponto de vista de seus representantes quanto de seu eleitorado. Esse processo deve ser compreendido em algumas fases distintas, abordadas ao longo da seção: 1. A crise do movimento conservador ao final da Guerra Fria, 2. As sucessivas derrotas para Barack Obama na disputa pela Casa Branca 3. A ascensão do Tea Party e 4. O estabelecimento de pontos de contato entre as agendas do GOP e a ultradireita do país. Tendo em vista a ferramenta metodológica de *process-tracing*, percebe-

se, assim, que esse processo deve ser investigado e descrito detalhadamente, pois influenciaria, diretamente, nas eleições de 2016.

Os Republicanos tradicionalmente representam os conservadores norte-americanos desde a década de 1960, quando o apoio do Partido Democrata ao Movimento dos Direitos Civis levou as populações brancas do sul dos EUA a uma insatisfação generalizada. Esse ressentimento perante os “liberais” foi rapidamente apropriado pelo GOP na chamada “*Southern Strategy*” de Richard Nixon (STEWART, 2020). Ashbee (2019) aponta que a inspiração para essa estratégia, implementada por Nixon, fora a campanha eleitoral de George Wallace, em 1968, pelo *American Independent Party*. Wallace recebera 13,5% dos votos populares e demonstrara que o nacionalismo, o apelo populista de desconfiança das elites, o receio com relação a imigrações, a busca pela lei e ordem e o ressentimento com relação a políticas de ações afirmativas geravam ganhos eleitorais substanciais (ASHBEE, 2019). A cooptação desse grupo pelo Partido Republicano significou a consolidação de sua identidade conservadora, o que, porém, não ocorreu sem resistências no âmbito do GOP, tendo em vista sua outra base de sustentação: Os “*Rockefeller Republicans*”, cujas pautas sociais eram mais moderadas e cuja visão conservadora restringia-se mais a questões econômicas (STEWART, 2020).

Abramowitz (2012) identifica que a base eleitoral do Partido Republicano radicalizou-se a partir da década de 1980, tornando-se, paulatinamente, mais conservadora. O autor identifica ainda que o perfil do eleitorado do GOP, quando comparado à média nacional, representava mais a população branca, masculina, mais velha, melhor educada, mais rica, mais religiosa e mais conservadora que a média nacional (ABRAMOWITZ, 2012). No entanto, Hawley (2017) aponta um aspecto demográfico interessante ao demonstrar que essa base de eleitores conservadora vem diminuindo percentualmente perante o total do eleitorado ao longo do século XXI.

O Partido Republicano do final do século XX tinha como paradigma de liderança Ronald Reagan e como agenda fundamental a vertente econômica, vinculada ao livre mercado, a menos regulamentação estatal e a menos impostos. Além do livre-comércio, o GOP, desde a década de 1980, adotara também uma política de imigração relativamente aberta. Porém, a crescente influência da ultradireita tornou os Republicanos mais sensíveis a questões como a identidade branca e os valores evangélicos, conduzindo o partido a um processo, de fato, de radicalização (BENKLER et al., 2018). Cosgrove (2018) atribui a

Trump a responsabilidade perante um reposicionamento de marca com relação ao GOP da mesma maneira que Ronald Reagan havia realizado na década de 1980. Se Reagan consolidara o Partido Republicano enquanto um partido vinculado ao movimento conservador, Trump o converteu em um partido populista vinculado à identidade branca (COSGROVE, 2018; FUKUYAMA, 2018).

Com efeito, ao se abordar o movimento conservador deve-se salientar sua heterogeneidade, explícita em seus diferentes componentes, como seu eixo libertário e seu eixo tradicionalista³³. Posteriormente, para se elucidar a crise vivenciada no movimento conservador, no início do século XXI, aborda-se a eleição de Barack Obama, identificando as inflexões suscitadas na política norte-americana pela eleição do primeiro Presidente afro-americano do país. Por fim, a última parte do capítulo busca demonstrar o processo de radicalização que permeou o *Grand Old Party* (GOP) nas últimas décadas, concluindo os esforços de estabelecimento do pano de fundo geral que permitiu a ascensão de Donald Trump.

3.1.1 O movimento Conservador e suas heterogeneidades

O conservadorismo norte-americano tem suas origens enquanto um movimento intelectual, ainda que heterogêneo, no pós-Guerra, a partir de uma percepção de que diversos espaços da sociedade dos EUA – da academia à mídia – estavam sendo cooptados pelos movimentos progressistas (NASH, 1996; BARTEE, 2019). Deve-se ter em vista que esse movimento abrangeu, historicamente, distintas correntes, com diferentes origens intelectuais, que, por vezes, entraram em choque, gerando dissidências. Ao sintetizar o movimento, Nash (1996, p. 11) argumenta que ele dificilmente pode ser definido de maneira satisfatória, por, essencialmente, variar no espaço e no tempo, mas aponta que a experiência norte-americana gira em torno de objetivos comuns: “*An intellectual movement in a narrow sense it certainly was, yet one whose objective was not simply to understand the world but to change it, restore it, preserve it*”.

O conservadorismo norte-americano se opõe, essencialmente, ao liberalismo e ao poder burocrático centralizado em Washington, valorizando o papel dos indivíduos, da família e de instituições locais, como as igrejas e as organizações comunitárias (BELT; HUNT, 1996). Grande parte da mobilização conservadora, historicamente, vem de seus ressentimentos com relação aos “liberais”, como aponta Alexander (2020, p.4): “Desde os

³³ Que não se confunde, a princípio, com o Tradicionalismo com T maiúsculo elucidado anteriormente.

anos 1960, os conservadores, frustrados, vêm criticando o que eles percebem como a expansão aparentemente inexorável do liberalismo - social, cultural, sexual, ambiental, religioso e político” (ALEXANDER, 2020, p.4).

A crença dos conservadores norte-americanos é que uma menor intervenção do governo na economia é fundamental para garantir oportunidades, e, sobretudo, liberdade aos norte-americanos, sendo as questões sociais para esse grupo relacionadas mais a valores morais e religiosos do que efetivamente a políticas públicas (BELT; HUNT, 1996). No entanto, para compreender, de fato, as distintas ideias que formam essa tradição de pensamento deve-se remontar às suas origens, sobre as quais Nash (1996) pondera:

In 1945 no articulate, coordinated, self-consciously conservative intellectual force existed in the United States. There were, at most, scattered voices of protest, profoundly pessimistic about the future of their country. Gradually during the first postwar decade these voices multiplied, acquired an audience, and began to generate an intellectual movement (NASH, 1996, p. 13).

Nash (1996) aponta, ainda, as origens do conservadorismo norte-americano como vinculado a três tradições intelectuais distintas. A primeira seria a corrente dos “liberais clássicos”, ou “libertária”, cuja matriz principal de pensamento é a resistência e o ceticismo perante o Estado e seu potencial de “ceifar” as liberdades individuais. A segunda corrente de pensamento que iria compor o conservadorismo dos EUA seriam os “novos conservadores” ou “tradicionalistas” da direita religiosa norte-americana. Essa corrente teria sua representação inicial em intelectuais como Russel Kirk, Robert Nisbet e Richard Weaver, defendendo valores tradicionais vinculados à civilização cristã ocidental, com forte apelo religioso e ceticismo perante os avanços da sociedade industrial moderna, sem, no entanto, necessariamente estarem vinculados à política norte-americana (NASH, 1996; BARTEE, 2019). Os tradicionalistas rejeitavam o relativismo e defendiam princípios éticos e morais absolutos, os quais estariam em xeque perante ideologias “demoníacas” de um Estado que se distanciara da religiosidade (NASH, 1996).

A terceira vertente originária do conservadorismo é a corrente anticomunista, representada por ex-radicais de esquerda, nomeadamente Whittaker Chambers, James Burnham e Frank Meyer. Esses indivíduos, no pós-Guerra, dedicaram-se a denunciar o perigo que o Ocidente enfrentava perante o que consideravam a maior ameaça já enfrentada em sua história: o comunismo (NASH, 1996). Ao longo da Guerra Fria, perante a heterogeneidade do movimento conservador, seria o anticomunismo o elemento central que empreenderia um sentido comum a esse grupo.

Embora composta por correntes heterogêneas, a trajetória do movimento conservador se consolidaria a partir da década de 1950 a partir do antagonismo comum perante a sociedade liberal que se consolidava e da busca por uma herança comum (NASH, 1996). Nash (1996) aponta que a trajetória do movimento conservador seria impulsionada, de fato, a partir da década de 1960, com maior participação na política e na cultura norte-americana, sobretudo por meio da ampliação crescente do sentimento anticomunista. Essa trajetória se consolidaria no início da década de 1970, em que Nash (1996, p. 14) aponta que “*conservatives had gained a national audience and had won a chance to exercise national leadership*”.

O anticomunismo centralizou, de fato, a pauta conservadora, devido ao fato de o modelo soviético representar uma ameaça tanto à tradição cristã quanto às liberdades econômicas, antagonizando tradicionalistas e libertários, respectivamente (TEIXEIRA, 2018). Desse modo, surge a perspectiva “fusionista” no âmbito do movimento conservador, termo consolidado pelo editor da *National Review* – publicação paradigmática do movimento conservador - Frank Meyer em 1962. Meyer considerava necessário articular os conservadores perante imperativos comuns: uma ordem moral objetiva; liberdades individuais que se contraponham às tentativas liberais de usar o Estado para impor padrões ideológicos nos seres humanos, concordância com a percepção de que o Estado deve ser limitado; ceticismo perante tentativas de planejamento e centralização do poder; defesa da constituição como “concebida originalmente” e a aversão ao comunismo e a ameaça que ele representava aos valores ocidentais (NASH, 1996).

Embora libertários e tradicionalistas tivessem ressalvas entre si, o anticomunismo galvanizou os anseios de ambas as correntes, uma vez que a URSS representava uma ameaça tanto às liberdades econômicas quanto à tradição cristã (TEIXEIRA, 2018). Soma-se a isso o fato de que, mesmo dentro do tradicionalismo, há uma concepção econômica voltada ao mérito individual oriunda do Calvinismo, que também torna o tradicionalismo compatível com os ideais libertários (BERLET, 2012).

A heterogeneidade do movimento conservador implicou que suas concepções, por vezes, entraram em conflito não somente por questões intelectuais, como também por divergências em torno de políticas públicas, tanto domésticas quanto externas. Com efeito, ao longo da década de 1980, a política externa passaria a ser o objeto de uma nova cisão perante o movimento, tendo em vista a crescente adoção pelos conservadores do GOP de posturas favoráveis a uma atuação mais internacionalista dos EUA, de modo, sobretudo, a conter a

expansão soviética (TEIXEIRA, 2018). Essa trajetória representa uma inflexão dos postulados conservadores, associados, tradicionalmente, ao isolacionismo (MONTGOMERY, 2012). As distintas correntes Neoconservadoras e Paleoconservadoras são paradigmáticas nesse sentido.

A corrente Neoconservadora (Neocon) teve sua origem em dissidências liberais do Partido Democrata, identificando-se com o anticomunismo, a promoção da democracia, os direitos humanos e a supremacia militar norte-americana, sendo favoráveis a uma postura militar ativa dos EUA no combate ao comunismo no plano global. Os Neocons aderiram ao Partido Republicano em meio à disputa eleitoral entre Nixon e McGovern, diversificando então os quadros do GOP (CALANDRELLI; TEIXEIRA, 2017). De fato os Neocons dominariam o Partido Republicano a partir de então, ganhando notoriedade a partir de trabalhos intelectuais ao longo das décadas de 1960 e 1970 e representatividade política nos governos Reagan e em ambos os governos Bush (NASH, 1996; BARTEE, 2019).

Os Neocons representaram, de fato, um novo perfil associado ao movimento conservador, mais urbano e secular, que, ao longo do século XX, entraria em conflito com as alas mais vinculadas ao tradicionalismo, principalmente aquelas baseadas no sul dos EUA, às quais a religião era indissociável ao conservadorismo (TEIXEIRA, 2018). É o caso flagrante dos Paleoconservadores (Paleocons), devotos da “Old Right”³⁴ do sul dos EUA da década de 1930 e do Macarthismo do início da Guerra Fria, aos quais Mudde (2019) enquadra no âmbito da direita radical. Os Paleocons se ressentiam da ala Neocon devido às suas origens predominantemente judias e católicas, além de seu histórico de origem em movimentos intelectuais associados à esquerda e ao apoio à globalização, às imigrações e ao livre mercado (LYONS, 2017). Além disso, os Paleocons eram contrários à postura de expansão da atuação militar norte-americana ao redor do mundo em prol do combate ao comunismo, defendendo uma política externa isolacionista (BARTEE, 2019).

Embora tenham coexistido no âmbito conservador, os Neocons e os Paleocons tinham divergências substanciais que os levaram a entrar em um processo de disputa pela cooptação do movimento conservador em um sentido mais amplo (HAWLEY, 2017). Essa disputa por influência foi vencida, sucessivamente, pelos Neocons, que passaram a atuar de maneira mais intensa no GOP e nas sucessivas administrações Republicanas, tornando-se a facção

³⁴ Movimento contrário ao *New Deal*, por ser associado a plataformas de esquerda, e simpáticos ao nazismo e fascismo, devido a uma crença enraizada em supostas conspirações de judeus e ingleses (LYONS, 2017).

mainstream e alijando o grupo rival às franjas do movimento conservador (TEIXEIRA, 2018).

A partir dessa cisão entre Neocons e Paleocons percebe-se que a frágil miríade de correntes ideológicas que compunham o conservadorismo estava prestes a se romper. Isso demonstrava os limites do “fusionismo” e representava a abertura de um vácuo de poder, que teria seu preenchimento disputado pelas diversas correntes do movimento conservador, sendo a influência no seio do GOP o grande prêmio a ser disputado. A seguir se aponta os principais eixos do movimento conservador e os principais atores representantes dessas correntes.

3.1.1.1 O Movimento Libertário e os irmãos Koch

O movimento libertário teve participação direta ao longo do ciclo eleitoral de 2016, sendo necessário, portanto, compreender suas características. Os libertários norte-americanos são, originalmente, representados por homens de negócio preocupados com a interferência do governo em seus empreendimentos e com políticas econômicas expansionistas, como aquela vislumbrada no *New Deal* de Roosevelt (POSTEL, 2012).

A parcela intelectual do movimento libertário norte-americano consolidou-se ao longo da década de 1940, quando a tradição econômica liberal estava em baixa e havia uma percepção de que o Estado expandia-se, gradualmente, de modo a mitigar as liberdades individuais (NASH, 1996). A principal influência desse movimento nos EUA viria da Europa, a partir de obras como “O Caminho da Servidão”, do economista austríaco Friedrich A. Hayek, que argumentava acerca da incompatibilidade entre o planejamento da economia e as liberdades individuais (NASH, 1996). Libertários temiam, portanto, que as forças espontâneas da sociedade fossem cerceadas pelas sucessivas intervenções estatais, em uma trajetória que, a seu ver, caminhava, inequivocadamente, rumo ao autoritarismo (NASH, 1996).

A influência de Hayek na trajetória do movimento libertário, e, conseqüentemente, do movimento conservador norte-americano foi fundamental para que esse tipo de ideologia fosse incorporado ao arcabouço intelectual *mainstream* tanto no meio acadêmico quanto político (NASH, 1996). A tradição libertária, portanto, consolida-se a partir da defesa ferrenha do capitalismo *laissez faire*, incorporando pautas como o livre comércio internacional, a redução do Estado e a desregulamentação de atividades financeiras. Percebe-se, nesse sentido, a afinidade com o anticomunismo que se fortalece ao longo do período da Guerra Fria, ajudando a consolidar a vertente econômica do movimento conservador.

Ao final da década de 1950 seria criada a John Birch Society, de forma a combater o coletivismo e a “tirania socialista” imposta por sindicatos e por leis trabalhistas, como o salário mínimo e a seguridade social (POSTEL, 2012). A JBS seria um dos exemplos do flerte do movimento libertário com a ultradireita, por incorporar às suas agendas elementos nativistas e xenofóbicos, principalmente por meio de seu líder, Robert Welch, sendo, por esse motivo, constantemente alijado por conservadores mais tradicionais, como William Buckley Jr. (POSTEL, 2012). Apesar disso, essa tendência radical daria origem a movimentos como o paleolibertarianismo, a partir do diálogo e interação entre autores libertários e paleoconservadores, sendo paradigmático disso Murray Rothbard, que defendia um populismo de direita anarco-capitalista (PRADO, 2021).

Dentre os fundadores da JBS estaria o patriarca da família Koch, Fred Koch, responsável pelo estabelecimento de um império bilionário. Os Koch, posteriormente, assumiriam protagonismo perante o movimento libertário norte-americano, influenciando diretamente o Partido Republicano. Os irmãos empresários David e Charles Koch são empresários bilionários e ultraconservadores, responsáveis pelo estabelecimento de uma rede de instituições e ativistas voltadas à promoção da ideologia libertária e da influência dessas ideias nas políticas públicas, principalmente por meio do GOP (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016).

A agenda da rede dos irmãos Koch é voltada, sobretudo, para as questões econômicas libertárias ligadas às interpretações mais radicais acerca do livre mercado e do Estado mínimo, evitando discutir temáticas mais amplas do movimento conservador como aborto, imigração e temáticas LGBTQIA+ (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016). Charles Koch chegou a concorrer à vice-presidência dos EUA pelo Partido Libertário na década de 1980 e a influência da rede construída por eles na política norte-americana é crescente, como argumentam Skocpol e Hertel-Fernandez (2016, p. 4): *“Explicitly or implicitly, the Koch network is usually treated as a corporate darkmoney “front group” shoveling funds through dozens of conduits and conservative groups into national elections”*.

A partir dos anos 2000 os irmãos Koch se dedicam à formação de organizações voltadas à mobilização de círculos eleitorais com o estabelecimento da *Americans for Prosperity* (AFP) e da captação de doações perante indivíduos abastados por meio de Seminários: *“invited wealthy people, chiefly business leaders, are exposed to ultra-free*

Market and libertarian ideas as well as to practical political strategies” (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016, p. 5).

Skocpol e Hertel-Fernandez (2016) identificam a atuação dessa rede por meio de diversos tipos de organizações, conectando-se também a outros atores vinculados ao movimento conservador dos EUA, como a *National Rifle Association* (NRA) e a Direita Religiosa. A crescente influência da rede Koch na agenda republicana ao longo do século XXI é identificada por Skocpol e Hertel-Fernandez (2016), mais especificamente em sua guinada ao libertarianismo:

[...] because of its massive scale, tight integration, ramified organizational reach, and close intertwining with the GOP at all levels, the Koch network exerts a strong gravitational pull on many Republican candidates and officeholders, re-setting the range of economic issues and policy alternatives to which they are responsive (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016, p. 2).

Os Anexos 1 e 2 comparam o orçamento de diversos atores que financiam o Partido Republicano, realçando aqueles ligados à rede dos irmãos Koch. Com relação às mudanças nos tipos de atores que financiaram o GOP, percebe-se que entre o biênio 2001-02 e 2013-14 houve um aumento considerável na participação relativa de financiadores não-partidários, enquanto os comitês partidários apresentaram uma trajetória oposta, como demonstra o Anexo 3. Além disso, percebe-se, a partir desses dados, que essa alteração na composição dos principais doadores do Partido Republicano foi consolidada, principalmente, por atores fundados após 2002, em especial aqueles vinculados à rede dos irmãos Koch: *“the most resourceful new political organizations built on the right in recent years are tied to the wealthy industrialists David and Charles Koch”* (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016, p. 4).

No entanto Skocpol e Hertel-Fernandez (2016) não associam a crescente influência da rede dos irmãos Koch no GOP somente à sua crescente influência econômica no partido, demonstrando que, para além disso, há um vasto intercâmbio de indivíduos em posições de liderança entre os Koch e os Republicanos. Isso se dá principalmente por meio da *Americans for Prosperity*, definida por Nelson (2019, p. 132) como *“the hub of Koch-sponsored political activity”*. A pesquisa de Skocpol e Hertel-Fernandez (2016) identificou um grande intercâmbio entre indivíduos em posições de liderança, como diretores e executivos, que transitam entre cargos na AFP e no Partido Republicano. Esse movimento flui tanto da AFP em direção ao GOP quanto no sentido inverso, permitindo uma influência e penetração da rede dos irmãos Koch em diversos escalões do Partido Republicano nacionalmente.

Nelson (2019) aponta que a eleição de Barack Obama em 2008 impulsionou as doações e o financiamento tanto aos projetos dos irmãos Koch quanto da Direita Religiosa, levando a um maior engajamento entre essas duas frentes, consolidadas a partir de sua atuação conjunta na organização *The Conservative Action Project*. De fato, Skocpol et al. (2018) demonstram que o financiamento aos Seminários Koch saltou de cerca de \$100 milhões entre 2007-08 para mais de \$400 milhões em 2011-12 e mais de \$700 milhões no biênio 2015-16. A seção seguinte irá explorar os tradicionalistas da Direita Religiosa.

3.1.1.2 A direita religiosa tradicionalista e o *Council for National Policy*

Para a compreensão do movimento conservador norte-americano deve-se levar em consideração uma parcela influenciada por um componente extremamente sensível na sociedade norte-americana: a religião. O movimento tradicionalista, conhecidos também como “novos conservadores” ou “direita religiosa”, foi fundamental para a consolidação do conservadorismo norte-americano. Também oriundos do momento traumático do pós-guerra, eles se organizam em meados da década de 1940, céticos com relação à modernidade e convictos do declínio moral e intelectual da sociedade ocidental liberal (NASH, 1996).

O movimento tradicionalista foi impulsionado, inicialmente, no sul dos EUA, explorando o ressentimento da região com relação à Guerra Civil Norte-Americana e às profundas alterações promovidas pelo governo federal na sociedade sulista. O tradicionalismo incorporou ao movimento conservador as leituras religiosas baseadas na tradição e nos valores da civilização cristã ocidental, em especial, a protestante. O protestantismo, de fato, é um dos pilares de fundação dos EUA, orientando valores históricos do país e dominando a sociedade ao longo de dois séculos (LIPSET, 1955; NELSON, 2019).

Deve-se salientar, porém, a heterogeneidade dos protestantes norte-americanos, com alas mais fundamentalistas, como a *Southern Baptist Convention*, que não faz parte da *National Council of Churches*, mantendo sua influência e representatividade concentradas no sul do país e o movimento Reconstrucionista Cristão, que se opõe à secularização do Estado por conceber que as leis de Deus estariam acima das leis dos homens (SCAMINACI, 2017; NELSON, 2019). Isso permite identificar que as alas mais fundamentalistas da direita religiosa claramente mantêm pontos de contato com ideais de ultradireita, vinculados, principalmente, à refutação dos avanços sociais e culturais do Ocidente moderno. De fato, o elemento que mais aproxima parcelas da direita religiosa à ultradireita são as pautas que questionam a separação entre o Estado e a Igreja, em uma agenda que interpreta de maneira

radical questões como o direito à vida, a liberdade religiosa e os valores tradicionais da família, gerando agendas autoritárias e antidemocráticas (MONTGOMERY, 2012).

O sentimento de perda de representatividade dos tradicionalistas norte-americanos em meio à sociedade foi constante no imaginário político desse movimento desde a década de 1960, opondo, principalmente, o Sul do país aos órgãos legislativos e judiciais federais. Nelson (2019, p. 20) enfatiza: “*as American Protestants began to lose their social dominance, U.S. courts increasingly ruled to secularize the public sphere. There was an inevitable backlash, especially among evangelicals*”. Os protestantes mais radicais do sul dos EUA consideraram intromissões diretas em seu modo de vida regional uma série de mudanças impostas em âmbito federal ao longo dessa década, como o avanço dos direitos civis de afro-americanos – que colocava em xeque o segregacionismo das sociedades do sul – e a evolução da interpretação de que o Estado não deveria promover quaisquer religiões, colocando fim à obrigatoriedade da reza e do ensino bíblico nas escolas públicas (NELSON, 2019). Os tradicionalistas norte-americanos perceberam, portanto, que teriam de resistir às alterações no seio da sociedade a partir do estabelecimento de iniciativas conjuntas.

Isso resultou em uma mobilização fora do sistema partidário dos EUA, com a criação de instituições voltadas a contrabalancear os liberais progressistas, como a *Heritage Foundation* e a *Free Congress Foundation*, fundadas por Paul Weyrich e movimentos como a *Moral Majority* de Jerry Falwell. No entanto seria o *Council for National Policy* (CNP), fundado por Morton Blackwell, uma das principais instituições responsáveis por amplificar a influência do movimento tradicionalista e arregimentar seu público enquanto uma base eleitoral influente na política norte-americana (MARTIN, 1999; KIRKPATRICK, 2004; NELSON, 2019).

O CNP tem origem na “*Conservative Resurgence*” do início da década de 1980, a partir do fundamentalismo protestante da *Southern Baptist Convention*, implicando em uma reversão da tendência de liberalização religiosa que afastou os moderados das instituições religiosas evangélicas. Estabelecido por ultraconservadores protestantes descontentes com a secularização da vida política e jurídica dos EUA, o CNP tornou-se o principal *hub* de ativistas e lideranças da Direita Religiosa ao longo das últimas décadas, tendo atuado, sobretudo, por meio do Partido Republicano. Foi identificado, ao longo da pesquisa, que o CNP é um ator de fundamental importância tanto para a compreensão do processo de radicalização do GOP quanto da bem-sucedida campanha eleitoral de Trump em 2016.

O objetivo do CNP é promover valores ultraconservadores e implementá-los por meio da atuação no âmbito do legislativo, do executivo, do judiciário e da mídia norte-americana. O perfil elevado dos membros do CNP e o conseqüente poderio econômico, religioso e político adquirido pelo grupo os tornariam extremamente influentes, tornando-se uma espécie de organização guarda-chuva para outros diversos grupos conservadores nos EUA³⁵ (KIRKPATRICK, 2004). Desse modo, essa rede de Instituições e lideranças organizadas pelos tradicionalistas teria a missão de converter a insatisfação dos evangélicos dos EUA em uma rede ampla de eleitores dispostos a apoiar candidatos que demonstrassem apreço por seus valores, tanto no âmbito do executivo quanto do legislativo e também do judiciário.

Essa direita tradicionalista organizada buscou influenciar diretamente na política norte-americana. Martin (1999, p. 5) aponta a capacidade desse movimento de penetrar em suas comunidades e angariar apoio eleitoral: *“The ability to mobilize the electorate rapidly, coupled with an effective lobbying apparatus, has endowed the Religious Right with a level of influence that is unique in American politics”*. A atuação dos fundamentalistas protestantes, assim, focou-se na influência política a partir da sua inserção no GOP: *“The CNP set its sights on the Republican Party, conducting a decades-long crusade to promote right-wing extremists and drive moderates out of office.”* (NELSON, 2019, p.13).

A estratégia do CNP para influenciar o Partido Republicano se dera, inicialmente, de maneira regional, sobretudo a partir da cooptação do legislativo de estados do sul, capazes de influenciar nas leis local e nas dinâmicas políticas (NELSON, 2019). Nelson (2019) aponta a maneira pela qual os vínculos estabelecidos pelo CNP formularam, gradualmente, uma constelação de instituições que acabaram por se alinhar ao Partido Republicano e garantir uma ampla base eleitoral ao partido:

Their ensemble of single-issue organizations harmonized like a well-tuned choir. The CNP leadership set the agenda, the donors channeled the funding, the operatives coordinated the messaging, and the media partners broadcast it unquestioningly. Every element of the operation worked toward getting out specific votes in support of hand-picked candidates (NELSON, 2019, p. 100).

A década de 1980, porém, marcou também a alteração do perfil do eleitorado religioso do sul dos EUA, que passa a apoiar majoritariamente o Partido Republicano, o que ficou evidenciado nas eleições de Reagan, na qual a proporção de votos das populações evangélicas brancas foi o dobro com relação aos democratas, perante um cenário de empate anteriormente em 1976 (NELSON, 2019). O *Council for National Policy*, de fato, adquiriu sua primeira

³⁵ E mesmo o fundador do TCC, Howard Phillips, auxiliaria e participaria na criação do CNP (NELSON, 2019).

vitória política formal com a eleição de Ronald Reagan, candidato que o CNP apoiara substancialmente ao longo do pleito (BLACKWELL, 2015).

O CNP clamou para si grande dose de influência no apoio massivo que Reagan recebera dos eleitores evangélicos do sul do país, emplacando diversos de seus membros nessa gestão e se aproximando de diversas lideranças republicanas. A partir de então a organização tornou-se de fato a principal representante formal do ultraconservadorismo no âmbito do GOP e passou a ampliar sua influência a partir do estabelecimento de um grande conglomerado midiático: “*Conservatives, evangelicals, and media: it was a perfect convergence of interests*“ (NELSON, 2019, p. 52). A autora segue:

The architects of the Council for National Policy, Paul Weyrich and Richard Viguerie, wanted to activate millions of unengaged evangelical voters to advance their takeover of the Republican Party. Pastors sought ways to increase their followers, their influence, and their revenues while the broadcasters pursued profits by selling airtime to their fundamentalist clientele and leveraging political interests (NELSON, 2019, p. 52).

O escopo de atuação do CNP tinha foco tanto no nível federal quanto estadual, atuando no legislativo e judiciário para limitar o poder do governo federal, fortalecer os governos estaduais, e instalar juízes simpáticos às suas causas nas cortes federais (NELSON, 2019). O raciocínio do CNP nesse sentido era sólido: “*Presidents are limited to two terms, congressmen come and go, but judges are forever—or more precisely, federal judges can serve for life*” (NELSON, p. 143).

O SPLC (2016, sem página) conecta diretamente o CNP a diversos movimentos e lideranças de ultradireita nos EUA, e ao analisar a composição dos membros do CNP, estipula: “*What is most remarkable about the directory is that it reveals how the CNP has become a key meeting place where ostensibly mainstream conservatives interact with individuals who are, by any reasonable definition, genuinely extremist.*” O SPLC (2016) identifica membros do CNP vinculados a David Duke – líder nacional da KKK -, a grupos supremacistas brancos como o *Council of Conservative Citizens* e a *League of the South*, associações anti-LGBT como a *American Family Association*, a *Alliance Defending Freedom* e o *Liberty Counsel* – que busca criminalizar o sexo entre pessoas do mesmo gênero. O CNP seria, portanto, um dos responsáveis pela guinada do GOP à ultradireita, o que fez parte de um processo mais amplo, descrito por Nelson (2019, p. 61): “*The architects of the radical right studied the art of the “soft coup d’etat”—not just to take over the Republican Party but to weaken various public institutions that challenged their “biblical values.”*”

Deve-se ponderar, no entanto, que, frequentemente, a Direita Religiosa demonstrou sua frustração com a representação política do movimento no âmbito do Partido Republicano. Com isso, por vezes, o CNP demonstrou sua insatisfação com o GOP, flertando com partidos independentes nos EUA, como o *Libertarian Party* e o *Constitution Party* (KIRKPATRICK, 2004). O sentimento desse grupo é que, sucessivamente, as agendas econômicas sobrepõem as questões sociais e morais defendidas pela Direita Religiosa nos momentos em que o GOP está no poder e tem que definir prioridades. Montgomery (2012) desenvolve essa questão:

For years, religious right leaders and activists have complained that Republican politicians embraced their issues to gain electoral support but rarely made passage of their policy goals, such as eliminating legal abortion and restricting marriage to a man and a woman in the U.S. Constitution, a sufficiently high priority (MONTGOMERY, 2012, p. 3).

Essa insatisfação com o *mainstream* republicano reverberaria em um processo gradativo de radicalização dos tradicionalistas. Isso será melhor desenvolvido nos próximos capítulos, pois trouxe impactos diretamente nas eleições de 2016.

3.1.2 A Crise Conservadora e o Fim da Guerra Fria

O fim da Guerra Fria enfraqueceria o maior elemento de coesão do conservadorismo norte-americano, o anticomunismo, consolidando, assim, rachaduras no seio do movimento (NASH, 1996). A partir da impossibilidade de unificar as pautas em torno do anticomunismo, a perspectiva fusionista se enfraqueceu e foi estabelecido um vácuo ideológico, acentuando as diferenças de interesses entre distintas alas conservadoras, como as tradicionalistas e as libertárias. Essa crise no movimento conservador teria efeitos no Partido Republicano, principalmente após a instabilidade vivenciada nos EUA ao longo da gestão Bush Filho e a eleição de Barack Obama. Com efeito, o antagonismo a Barack Obama seria o novo elemento de convergência do GOP, estabelecendo, desse modo, um ponto de contato crucial com a ultradireita do país, que, por meio de aspectos racistas, xenófobos, nativistas e autoritários, também se unificava a partir da rejeição ao primeiro presidente negro dos EUA. As seções seguintes, portanto, buscam elucidar esse processo.

Os conservadores, desde a década de 1980, haviam obtido sucesso não somente do ponto de vista eleitoral, como também por meio do controle dos termos do debate político nos EUA, principalmente pela mobilização de suas vertentes libertárias e tradicionalistas. Os republicanos ocuparam a Casa Branca entre 1981 e 1989 com Ronald Reagan e depois entre 1989 e 1993 com George H. W. Bush. O fato de Bush não ter sido reeleito pode ser associado a esse momento de crise conservadora no início da década de 1990 (ASHBEE, 2019). Isso

pode ser percebido desde as primárias do GOP em 1992, voltadas para a reeleição de Bush, que foram contestadas por David Duke, supremacista branco líder da KKK, levando a um processo no qual o Paleoconservador Pat Buchanan quase foi eleito o candidato republicano após obter sucesso em New Hampshire e na Geórgia (ASHBEE, 2019). A atuação de lideranças da KKK e dos Paleocons em meio a esse processo demonstra a penetração que a ultradireita norte-americana detinha no seio do GOP já no início da década de 1990.

A partir da candidatura de Buchanan às primárias Republicanas, angariando alguns milhões de votos, tanto em 1992, quanto em 1996, os Paleocons voltariam a ganhar força (LYONS, 2017). Ícone do paleoconservadorismo, Buchanan fora um grande entusiasta do Macarthismo para muito além apenas do elemento anticomunista, considerando-o, de fato, uma revolta populista legítima contra as classes políticas corruptas (ASHBEE, 2019). Percebe-se, assim, raízes de um Populismo de Direita Radical no seio do GOP, ao qual Ashbee (2019) desenvolve:

Buchanan's electoral showing in the 1992 [...] and the 1996 primary campaigns suggested that there was a significant constituency among grassroots Republicans or at least those who could be drawn into the Republican primary electorate for a message structured around a reassertion of the nation state and hostility to both globalist elites and immigration (ASHBEE, 2019, p. 132).

O Paleoconservadorismo teria ainda grande importância ao longo da década de 1990 na construção das pautas anti-imigração, neo-confederadas e patrióticas na vida pública dos EUA, cooptando congressistas vinculados ao libertarismo, como Ron Paul, às suas posições. No entanto, o movimento foi sendo, gradativamente, marginalizado no âmbito da corrente conservadora, o que reverberou, paulatinamente, no GOP (HAWLEY, 2017; LYONS, 2017). Percebe-se, assim, que os Paleocons mais radicais, gradualmente, abandonaram o Partido Republicano. Paradigmático nesse sentido é a trajetória de Paul Gottfried, que, a partir de seu legado intelectual Paleoconservador, rompe com o GOP e torna-se um crítico veemente tanto da esquerda liberal quanto do movimento conservador em si: *“skepticism and disillusionment with late modernity are the only two principles worth maintaining”* (BARTEE, 2019, p.116). Pat Buchanan também se desfilia do Partido Republicano por discordar dos rumos do movimento conservador e concorreria nas eleições de 2000 pelo *Reform Party*, sem sucesso (ASHBEE, 2019).

Ao longo da década de 1990 as tensões entre Neocons e Paleocons chegaram a seu ponto de ruptura, vinculada, principalmente, a distintas concepções acerca da política externa dos EUA. Os Neoconservadores, que até então eram defensores de posturas ativas

militarmente ao redor do mundo, expandindo a influência dos EUA por meio do combate ao comunismo, passam a enxergar aquele “momento unipolar” como uma possibilidade de consolidar o papel dos EUA e das democracias liberais, atuando contra ditadores globalmente (ASHBEE, 2019). Por outro lado, os Paleocons rejeitavam essa concepção universal acerca dos valores norte-americanos, defendendo uma espécie de “novo nacionalismo”, com uma postura militar isolacionista, buscando uma verdadeira inflexão na postura dos EUA (ASHBEE, 2019).

Após o 11 de Setembro os Neocons consolidaram seu espaço no GOP sob a gestão Bush filho, relegando os Paleocons à posição de *outsiders* do jogo político tradicional norte-americano (LYONS, 2017; CALANDRELLI; TEIXEIRA, 2017). Os Neocons, que acreditavam na necessidade da imposição militar norte-americana em escala global, ocuparam posições de destaque principalmente na “Guerra ao Terror”, enquanto os Paleocons sustentaram no período que a limitação da imigração de muçulmanos para os EUA seria mais eficiente que a empreitada militar de Bush filho (LYONS, 2017). Os Paleocons, a partir dessa exclusão, consolidam seu processo de radicalização, evidente, por exemplo, em lideranças como Patrick Deneen, que se alavancaram em meio a esse movimento a partir de uma retórica islamofóbica bastante flagrante (PRADO, 2021).

A ascensão dos Neocons em meio à Guerra ao Terror representou, porém, tanto o seu auge quanto o início de sua trajetória de declínio. Esse processo se consolida, sobretudo, perante a impopularidade da Guerra ao Iraque e, conseqüentemente, da gestão Bush filho, enfraquecendo a vertente Neoconservadora perante o movimento conservador (TROST; ROSENTHAL, 2012). As críticas ao governo Bush filho não vieram somente do campo progressista, estando presente, também, em vertentes conservadoras mais radicais, como os Paleocons, que eram extremamente críticos à política externa robusta e militante do período (CALANDRELLI; TEIXEIRA, 2017). Os cortes de impostos aliados ao aumento nos gastos públicos com os esforços militares vinculados à Guerra ao Terror determinaram crises do ponto de vista econômico e social, que culminariam na grande crise econômica de 2008 e na conseqüente eleição de Barack Obama (TROST; ROSENTHAL, 2012). Não à toa, ao longo das eleições de 2008, John McCain buscou se distanciar da gestão de Bush filho, ainda que sem sucesso.

Perante esse cenário de desestabilização do conservadorismo tradicional, Hawley (2017) argumenta que se abre um vácuo ideológico que foi sendo preenchido, cada vez mais,

pela ultradireita, impactando diretamente no processo de radicalização do Partido Republicano. Se a ausência de uma perspectiva fusionista potencializou um cenário de crise no movimento conservador e de disputas por espaços no GOP, o surgimento de uma liderança nacional democrata na figura de Barack Obama ofereceu o ponto de conexão que o GOP necessitava para voltar a se unificar perante uma pauta comum. No entanto, a ultradireita já havia permeado o partido, e a eleição de um presidente negro criaria pontos de convergência importantes entre o GOP e a ultradireita do país. As próximas sessões, portanto, irão abordar esse momento, a partir da eleição de Obama, do surgimento do Tea Party e da consolidação da radicalização do GOP.

3.1.3 Barack Obama e o Tea Party

A eleição de Barack Hussein Obama II, o primeiro Presidente Afro-Americano dos EUA, foi o estopim para a consolidação da tendência de radicalização da direita norte-americana, que, paulatinamente, passa a se colocar em uma posição crítica ao movimento conservador, ao passo que se torna receptível a ideologias de ultradireita. Esse processo repercutiu diretamente no Partido Republicano, que, perante essa transição de sua base eleitoral em direção à direita radical, passou por um processo de incorporação dessas pautas e agendas. Paradigmático nesse sentido é a ascensão do Tea Party, responsável por radicalizar o eleitorado republicano e potencializar a crise do GOP. A presente seção, portanto, busca descrever esse processo, pois ele se vincula diretamente ao estudo de caso da tese, o que é corroborado por Sides et al. (2017, p.5) *“To understand Trump’s victory in the Electoral College, one must look at developments that occurred well before 2016. More precisely, we should look back about eight years, to the initial election of Barack Obama”*.

Os conservadores, a partir de eleição de Obama, passaram a se mobilizar e se organizar a partir de um novo antagonista em comum, oferecendo, assim, a possibilidade de coordenação e diálogo entre suas distintas correntes, o que não ocorria desde o fim da Guerra Fria. No entanto, a rejeição a Obama foi tomada por sentimentos racistas e nativistas que tradicionalmente eram muito presentes na história do país, como demonstrado no capítulo 1. Essa questão repercutiu diretamente no âmbito do Partido Republicano, pois, efetivamente, havia agora pontos de contato entre o partido e a ultradireita. A questão fundamental, porém, é que a ultradireita do país antagonizava, diretamente, o movimento conservador, sendo assim, a disputa por influências no Partido Republicano não foi mais vinculada às distintas tendências conservadoras, mas entre conservadores – enfraquecidos perante sua heterogeneidade e – e a ultradireita.

Essa disputa por influência no GOP demonstrou-se assimétrica, tendo em vista, em primeiro lugar, a radicalização do eleitorado republicano – que se demonstrou suscetível a argumentos racistas, xenófobos e nativistas direcionados ao questionamento da legitimidade de Obama – e, também, o fortalecimento das pautas da ultradireita, que, mesmo heterogênea, afluía na direção da oposição a Obama. Com efeito, o movimento conservador, enfraquecido desde o esgotamento da perspectiva fusionista, foi, paulatinamente, sendo alijado do GOP, em um processo cujo ápice foram as eleições de 2016.

Neiwert (2017) aponta a repercussão da eleição de Obama como catalisadora, de fato, do ressentimento da ultradireita do país, gerando um ponto de contato entre a ultradireita e o GOP: *“The idea of a black man, let alone a liberal one, as president made them recoil in visceral disgust [...] And it was in that shared hatred that the extremist and mainstream right finally cemented their growing alliance”* (NEIWERT, 2017, p. 8).

Jacobson (2016) identifica a maneira pela qual o Partido Republicano incorporou esse sentimento amplo de rejeição explícita a Barack Obama:

Republican disdain for Obama is not a recent development. Most Republican partisans [...] have regarded Obama as a dishonest radical with a socialist agenda ever since the 2008 John McCain–Sarah Palin campaign portrayed him as one. To a great many ordinary Republicans, Obama is not merely a conventionally objectionable Democrat but a person whose name, race, upbringing, associations, alleged objectives, and presumed values put him outside the boundaries of what is acceptable in an American leader (JACOBSON, 2016, p. 4).

A eleição de Obama seria crucial, também, para o surgimento no cenário nacional de um novo ator político de características heterogêneas: o Tea Party. Esse movimento, apesar de, inicialmente, associado ao conservadorismo, acabou flertando deliberadamente com a ultradireita, sendo sua agenda principal justamente a oposição e a animosidade perante o Presidente recém-eleito (CONLEY, 2018). Nesse sentido, considera-se o Tea Party um movimento Populista de Direita Radical, por incorporar às suas pautas elementos nativistas, populistas e autoritários, como será demonstrado adiante.

Trost e Rosenthal (2012, p. 10) salientam que a relação de causalidade entre Obama e a ascensão do Tea Party é um consenso na academia: *“As many observers have already pointed out, the correlation between the emergence of the Tea Party and the ascension of Barack Obama to the U.S. presidency is unmistakable”*. O surgimento do Tea Party, portanto, é extremamente representativo desse processo de reação à eleição de Obama e de radicalização republicana. Abramowitz (2012) complementa esse raciocínio:

Along with a growing number of conservative Republican activists, the other factor crucial to the emergence of the Tea Party movement at the grass roots was the Democratic victory in the 2008 election and especially the election of Barack Obama as president. Obama is not only the first African American president, but he's also the first nonsouthern Democratic president since John F. Kennedy and arguably the most progressive Democratic president since Franklin D. Roosevelt (ABRAMOWITZ, 2012, p. 2).

O Tea Party surge na política norte-americana em meados de 2009, vinculado à expressão “*Taxed Enough Already*”, o que demonstra o ressentimento de parcelas da população com gastos direcionados a programas sociais – em especial, na área da saúde e da habitação - que o governo Obama anunciava ao longo de seu primeiro ano de mandato, como resposta à crise econômica global que havia sido iniciada nos EUA (TROST; ROSENTHAL, 2012). Trost e Rosenthal (2012) apontam as principais bandeiras do Tea Party inicialmente:

Those in attendance included self-described libertarians, independents, and conservatives animated not only by their opposition to “Obamacare,” but by anger over what they perceived to be excessive government spending and taxation, government interference with personal freedoms, such as gun ownership, and a belief that Obama is leading the country toward socialism (TROST; ROSENTHAL, 2012, p. 12).

Quando o Tea Party surgiu, ele extrapolou a lógica bipartidária norte-americana, consolidando-se como um movimento popular heterogêneo e de escala nacional. Conley (2018) apresenta dados demonstrando que, ao longo da trajetória de ascensão do movimento, entre 2009 e 2012, 54% de seus apoiadores identificavam-se como Republicanos, e 8% identificavam-se como Democratas, enquanto 25% afirmava a possibilidade de votar em ambos os partidos. Além disso, 36% dos apoiadores do movimento vinham da região sul dos EUA, enquanto 22% eram do centro-oeste e 18% do nordeste do país (CONLEY, 2018).

Lo (2012) aponta que, conforme o Tea Party adquiriu projeção nacional, suas vertentes regionais ganharam autonomia. No entanto, após uma organização inicial espontânea e popular, a direita conservadora norte-americana percebeu no movimento um potencial disruptivo importante, passando a financiá-lo e, conseqüentemente, influenciá-lo com suas pautas (LO, 2012). Esse processo recebe o nome de AstroTurfing, que ocorre quando entidades supostamente autônomas, espontâneas e “populares” são criadas para mascarar e ocultar as origens de seu financiamento, obtendo, assim, credibilidade. A dimensão AstroTurf do Tea Party era representada por seis grupos de abrangência nacional: *FreedomWorks*, *1776 Tea Party*, *Tea Party Nation*, *Tea Party Patriots*, *Patriot Action Network* e *Tea Party Express* (BURGHART, 2012). Esses movimentos, por sua vez, eram vinculados a organizações que já atuavam na política dos EUA há décadas, sobretudo por

meio do GOP, como a *Americans for Prosperity*, e o *Cato Institute*, vinculados a organizações como o CNP e os Koch (LO, 2012).

Burghart (2012, p. 2) aponta que o poder e a amplitude adquirida pelo Tea Party, nacionalmente, foi dotada de um processo de radicalização: “*Supporting the Tea Party movement is a multimillion dollar complex that includes for-profit corporations, nonparty nonprofit organizations, and political action committees. [...] They have resuscitated the ultraconservative wing of American political life*”. Mudde (2017) aponta para a força que o Tea Party já havia adquirindo em meados de 2010, consolidando sua presença na política partidária por meio do GOP. O autor aponta: “*(...) helped by massive spending by “AstroTurf” organizations(...), and led by members of the Grand Old Party (GOP) establishment, the Tea Party was steadily integrated into the GOP*” (MUDDE, 2017 p. 19).

O sucesso do Tea Party perante o GOP advém do fato de o movimento assimilar tanto as agendas de libertários quanto de tradicionalistas, a partir de leituras específicas da Constituição norte-americana, como explica Montgomery (2012):

This convergence of libertarianism and fundamentalist religion has coalesced into the Tea Party’s concept of American exceptionalism: The American Constitution, which restricts the powers of government, was divinely inspired. Other interpretations that allow for a more expanded role for government are therefore not only un-American but are also ungodly and unchristian (MONTGOMERY, 2012, p. 5).

Da mesma maneira pela qual o anticomunismo fora a cola que unira libertários e tradicionalistas ao longo da Guerra Fria, Barack Obama teria sido o gatilho para a consolidação dessa tendência no século XXI, sendo o Tea Party sua representação objetiva, como aponta Montgomery (2012, p. 7): “*a shared hatred for atheistic socialism has functioned as a unifying factor between conservative Christians and libertarians in the Tea Party movement*”. No entanto, se o fusionismo do século XX oferecera um denominador comum ao movimento conservador, determinando o ponto de encontro de libertários e tradicionalistas em um tom conciliatório, ao longo do século XXI essas duas correntes se encontrariam mais à direita e em perspectivas mais radicais.

Assim como Donald Trump, o *Tea Party* deve ser interpretado como um movimento associado ao Populismo de Direita Radical. O populismo, como demonstrado no capítulo 1, é uma ideologia que considera a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos - as “pessoas puras” e “a elite corrupta” - argumentando que a política deve ser a expressão da vontade geral do povo (BERLET, 2012; MUDDE; KALTWASSER, 2017). Nesse sentido, o

movimento pode ser considerado como populista, por tomar para si a representação da *vox populi* e antagonizar as “elites do *establishment*”, responsáveis, segundo o Tea Party, por eleger Obama (SKOCPOL; WILLIAMSON, 2011; MUDDE, 2018; NEIWERT, 2017).

Além do populismo, o autoritarismo e o nativismo também reverberam como características do movimento. É claro na agenda do Tea Party o flerte com o nacionalismo branco e o nativismo, impulsionados por temores raciais vinculados às minorias étnicas e aos imigrantes, expressos, por exemplo, na utilização de slogans como “*Take Back Our Country*” (POSTEL, 2012). Extremamente presente nesse processo foi o ressentimento com um afro-americano progressista, com carreira política consolidada e que chegara à Casa Branca propondo políticas de aumento de gastos públicos voltadas, principalmente, às minorias mais afetadas pela crise econômica de 2008.

O Tea Party representaria, portanto, o ressentimento histórico de uma parcela da sociedade do país em torno da noção de que as forças “produtivistas” norte-americanas – a população nativa supostamente trabalhadora e pagadora de impostos - teriam seus inimigos tanto nas elites opressoras quanto nas classes “parasitas”, que colheriam benesses do Estado e não contribuiriam para o erário (BERLET, 2012). Esse ressentimento teria se canalizado, portanto, às minorias e aos imigrantes, assim como às elites “liberais” e corruptas (NEIWERT, 2017). Conley (2018, p. 36) desenvolve o argumento acerca das principais características dos apoiadores desse bloco: “*Chief among them were concerns about the economy, the scope of government and immigration, but also a sense that Obama’s policies represented an implicit form of racial favoritism toward people of color that undercut the rights of white people*”. Essa dimensão racial, vinculada à identidade branca, é fundamental para compreender a conexão entre o Tea Party e Donald Trump, o que será desenvolvido mais adiante no trabalho.

Essa herança intelectual do Tea Party pode ser atribuída a organizações históricas vinculadas à ultradireita norte-americana, como afirma Postel (2012, p. 11) “*much of the Tea Party movement has embraced an ideological framework that has its ancestry in the John Birch Society (JBS) and related elements of the Cold War far-right*”. Trost e Rosenthal (2012) salientam a representatividade do Tea Party perante a trajetória da direita norte-americana rumo a uma direção mais radical, superando o movimento conservador e flertando com a ultradireita:

Any notion of the right fading into the sunset dissolved overnight. Instead, the right, or at least a subset of the right, was louder than ever [...] American conservatism not only failed to fade away, not only regrouped, but also moved decisively farther to the right. The Tea Party resurrected themes that mainstream conservatism had rejected as too radical forty years earlier (TROST; ROSENTHAL, 2012, p. 4).

Isso pode ser diagnosticado ao se analisar os apontamentos de Postel (2012), que identifica no Tea Party: 1. ressentimentos com relação às elites intelectuais e à comunidade científica, negando, por exemplo, que o aquecimento global advém da atividade humana, 2. antagoniza a mídia tradicional, chamando-a “*lamestream media*”, tal como Trump faria no futuro e 3. denuncia o *establishment* político de Washington, a partir de uma orientação evidentemente populista. Ao se avaliar, por exemplo, a definição do Tea Party oferecida por Burghart (2012, p. 2), percebe-se que ela corresponde claramente aos grupos que sustentariam, posteriormente, Donald Trump, como, por exemplo, a Alt-Right: “*The Tea Party has unleashed a still inchoate political movement by angry Americans who believe their country, their nation, has been taken from them. And they want it back*”.

Outro elemento associado ao surgimento do Tea Party e vinculado a Obama relaciona-se diretamente com a temática da presente tese: a desinformação. Trost e Rosenthal (2012) vinculam, diretamente, a ascensão do Tea Party ao Movimento Birther, que questionava a legitimidade de Obama em meio às eleições de 2008 e teve como um de seus principais expoentes Donald Trump³⁶. Os autores afirmam: “*Outrage over the Obama administration’s response to the economic crisis and questions about the legitimacy of Obama’s presidency (raised by “birthers”) provided key ingredients for the political brew known as the Tea Party*” (TROST; ROSENTHAL, 2012, p. 10). Além disso, o Tea Party adotou também agendas conspiratórias oriundas da ultradireita, como a ideia de que as Nações Unidas seriam um projeto de uma elite progressista global dedicada a impor agendas como o aborto e as pautas LGBTQIA+ globalmente (BERLET, 2012).

Perante essa situação, o Tea Party ascendera em meio à vida política dos EUA e passara a ter influência crescente no seio do Partido Republicano. Argumenta-se, nesse sentido, que, a partir da ascensão do Tea Party, houve uma crescente disputa por influência dentro do Partido Republicano entre suas distintas correntes, o que potencializou um processo já em curso no GOP de adoção posições mais radicais à direita. Essa questão, que resultou em uma crescente normalização de ideais de ultradireita no seio do Partido Republicano, seria um antecedente importante para a compreensão da ascensão posterior de Trump.

³⁶ As conexões de Trump como o movimento Birther serão aprofundadas nas seções adiante.

3.1.4 A Consolidação da radicalização Republicana

Tendo em vista a ascensão do Tea Party, o jogo político-partidário norte-americano foi impactado como um todo, e, conseqüentemente, o GOP seria o foco principal desse processo, como aponta Lo (2012, p. 3): “*The Republican Party is not what it once was before the Tea Party movement, and neither is the American democratic system*”. O Partido Republicano, ao longo do século XXI, de fato adotou posições cada vez mais radicais à direita, em um movimento conduzido, também, pelas demandas de sua base eleitoral, em um processo potencializado pelo Tea Party: “*grassroots support for the Tea Party movement can best be understood as a product of the increasing conservatism of the Republican Party’s activist base over the past several decades*” (ABRAMOWITZ, 2012, p. 1).

Assim, se o lado da demanda clamava por uma radicalização, a oferta de políticos republicanos dispostos a ouvir esses apelos mais radicais também se consolidou. MacWilliams (2016) aponta que a trajetória de radicalização republicana pode ser vinculada, portanto, a um crescente autoritarismo por parte tanto de seu eleitorado, quanto de suas lideranças. Kabaservice (2011 apud BONIKOWSKI; GIDRON, 2016) corrobora essa análise e argumenta que o Tea Party seria fruto, também, da gradual substituição de conservadores moderados por republicanos populistas no legislativo federal norte-americano. Isso foi refletido nas eleições legislativas de 2010, com a ascensão de figuras como Rand Paul no Kentucky e Marco Rubio na Florida, consolidando a influência da ala mais radical do Partido Republicano, vinculada ao Tea Party. Esse ciclo eleitoral permitiu que o GOP adotasse uma postura de oposição agressiva a Obama, obstruindo, no legislativo, projetos importantes ao Democrata e impulsionando o movimento de antagonismo direto ao executivo federal por meio do “*Tea Party Congress*” (MANN; ORNSTEIN, 2012; MUDDE, 2017).

No entanto, ao longo das primárias republicanas de 2012 o Tea Party não obteve sucesso em lançar um candidato com representatividade nacional, desse modo, Mitt Romney, que contava com o apoio das figuras mais tradicionais do movimento conservador, saiu vencedor. Mesmo influenciando na escolha do vice da chapa de Romney, Paul Ryan, as cisões internas do Tea Party ficaram evidenciadas, ao passo que Ryan foi uma escolha vinculada mais a *Wall Street* do que aos ativistas da base do movimento (MUDDE, 2017). Mudde (2017) ressalta ainda que, apesar disso, o Tea Party como um todo desempenhou o papel de pressionar Romney para que o candidato se comprometesse com pautas mais conservadoras em temáticas como imigrações, demonstrando que a composição interna do GOP influenciava em sua radicalização gradual. De fato, a reeleição de Obama em 2012 representaria uma

radicalização da retórica do GOP, explícita ao longo da campanha eleitoral em slogans como “*Defend America. Defeat Obama*” e “*Take America Back*” (MUDDE, 2018).

O Partido Republicano, posteriormente à nova derrota para Obama em 2012, entraria em um momento de instabilidade interna. O Comitê Nacional Republicano, dominado por conservadores moderados, emitiu uma nota enfatizando o prognóstico negativo no longo prazo caso o GOP não obtivesse sucesso em assimilar a seu bloco eleitoral os eleitores latinos, e associou a derrota de Romney ao fato de o Tea Party ter levado o candidato excessivamente à direita. Por outro lado, a ala mais radical do GOP argumentava que a derrota advinha do fato do candidato não ter guinado suficientemente a posições mais radicais (MUDDE, 2018). Ao longo desse período houve um período de disputa no seio do GOP entre alas que defendiam a radicalização do partido e essas parcelas conservadoras mais moderadas, levando, por exemplo, a *Conservative Political Action Conference* (CPAC) a banir, em 2013, a participação de indivíduos da ultradireita associados à intolerância e ao racismo, como Steve Bannon (GREEN, 2017).

Após o ciclo eleitoral de 2012, o Tea Party iniciou uma trajetória de declínio em sua influência enquanto movimento, devido a fatores como a derrota de Romney, as cisões entre os movimentos “AstroTurf” e a base popular, de fato, do movimento, e o fracasso eleitoral de figuras centrais como Todd Akin, Scott Brown e Richard Murdock. O Tea Party de fato reverberou dentro de um Partido Republicano em crise, no entanto, não conseguiu emplacar uma figura de liderança forte a nível nacional, como apontam Skocpol e Williamson (2011, p. 12), “*At the time, evidence showed that the GOP was dominated by a grassroots Right, which had been energized by the Tea Party movement that emerged in 2009, but that was also without clear national leadership*”. Essa questão pode ser interpretada como uma consequência das distinções presentes no Tea Party entre sua ala popular e sua ala “AstroTurf”, tendo em vista que este era pautado por atores tradicionais do movimento conservador, enquanto aqueles apresentavam um processo de radicalização rumo à ultradireita.

O ressentimento não somente aos setores progressistas quanto aos conservadores é um elemento que mobilizou historicamente as distintas correntes da ultradireita dos EUA, tomando de assalto o GOP após o ciclo eleitoral de 2012, a partir da ação dessa base popular do “Tea Party”. Isso advém da percepção que o movimento conservador – e, consequentemente, o *establishment* do Partido Republicano - foi, recorrentemente, incapaz de

frear o avanço de tendências progressistas nos campos sociais, políticos, culturais e econômicos (ALEXANDER, 2018). Nesse sentido, Montgomery (2012) argumenta que outro elemento que ajudou no processo de radicalização do GOP, sob a influência das alas radicais do movimento tradicionalista e dos herdeiros do Tea Party, era o sentimento comum de rejeição ao *establishment* Republicano:

Another shared characteristic of the two movements is resentment, bordering on contempt, for the “establishment” of the Republican Party. Tea Party leaders reviled national Republicans for having abandoned small-government principles by endorsing earmarks and supporting federal spending on programs many Tea Partiers believe are unconstitutional (MONTGOMERY, 2012, p. 8).

Mudde (2018) ajuda na compreensão desse argumento, vinculando esse processo à ascensão posterior de Donald Trump, que soube ativar essa radicalização do eleitorado republicano, até então não assimilada pelo *establishment* do GOP: “*The real problem of the GOP today is that Donald Trump is not just a far right outsider, who has infiltrated a mainstream right-wing party(...)* The success of Trump is in many ways the product of a decade-long radicalization of the grassroots and cadres of the party” (MUDDE, 2018, p.39).

Kabaservice (2011 apud BONIKOWSKI; GIDRON, 2016) aponta que, se a disparidade entre a ala popular mais radical do Tea Party e sua vertente “AstroTurf” gerou cisões que impossibilitaram o surgimento de lideranças republicanas a nível nacional, o mesmo não pode ser dito do nível regional. Assim, a radicalização do GOP se consolidou, de início, nos níveis locais e estaduais, principalmente no âmbito do legislativo (BONIKOWSKI; GIDRON, 2016). Esse processo, impulsionado pelo eleitorado radicalizado, ajudou a consolidar o processo de radicalização republicana, que passou a expurgar de seus quadros os políticos mais moderados (NELSON, 2019). Nesse sentido, a renovação do GOP se dava a partir da rejeição total a quaisquer agendas progressistas, mas também de princípios do conservadorismo tradicional e do *establishment* republicano. Esse processo é o fundamento de uma tendência identificada por Grossman e Hopkins (2016) com relação à unicidade ideológica imposta aos quadros do GOP a partir de então, em que quaisquer candidatos com perspectivas moderadas, não alinhadas aos ideais crescentemente radicais, foram punidos, perderam fundos de campanha e acabaram aliados do partido.

Se, do ponto de vista da demanda do eleitorado, havia uma radicalização, isso foi prontamente assimilado pelo lado da oferta no Partido Republicano (MACWILLIAMS, 2016). Assim, faixas do movimento conservador tradicional aderem a esse processo de radicalização, como é o caso da parcela fundamentalista da direita religiosa, vinculada ao

CNP e que atuara na impulsão do Tea Party por meio de vertentes AstroTurf como o *Tea Party Patriots* (MONTGOMERY, 2012). Ted Cruz é paradigmático desse processo, sendo uma das principais lideranças da direita radical herdeira do Tea Party a se sobressair nos quadros do GOP, principalmente após o sucesso eleitoral em 2012, quando foi eleito Senador no Texas. Nelson (2019) argumenta acerca do grau de radicalização religioso representado por Cruz, apontando que seus diplomas de Princeton e Harvard valiam menos perante seus eleitores do que o fato de ele ser filho de um pastor vinculado ao Dominionismo das Sete Montanhas, a teologia que prega que os fundamentalistas deveriam controlar sete aspectos da sociedade: família, religião, educação, mídia, entretenimento, negócios e governo.

Esse movimento do GOP pós-2012 consolida, portanto, um crescente flerte com a ultradireita. Representativo dessa radicalização do GOP pré-Trump foi o *Tea Party Congress* e o bloco republicano *Freedom Caucus* na *House of Representatives*. Esses grupos são paradigmáticos acerca do processo de radicalização do Partido Republicano, aderindo a agendas de ultradireita a partir da demanda local do eleitorado e compondo, posteriormente, uma das bases de apoio do governo Trump no legislativo federal (NORRIS; INGLEHART, 2019).

Percebe-se, portanto, que a ascensão de Trump foi precedida por uma cisão no movimento conservador norte-americano, que reverberou em uma tendência de radicalização do Partido Republicano, principalmente após a eleição de Barack Obama, tornando o partido vulnerável à penetração de ideologias de ultradireita presentes historicamente na sociedade e na política do país. O Tea Party impulsionou, ao mesmo tempo, a radicalização do GOP e a rejeição das bases populares de seu eleitorado com relação ao movimento conservador tradicional. Sobre essa questão, Norris e Inglehart (2019, p. 332) afirmam: “*Trump’s victory was built on an authoritarian-populist faction of the Republican Party that had been growing for many years.*” Com efeito, deve-se compreender Donald Trump não como o responsável pela radicalização do GOP, mas sim como uma consequência de um processo de crescimento da ala de ultradireita que é anterior a ele e vem se fortalecendo em seu aspecto reacionário ao longo da última década (MUDDE, 2018; NEIWERT, 2017).

3.2 Trump e a Desinformação

A radicalização do Partido Republicano rumo à ultradireita, como estabelecido ao longo da seção anterior, foi fruto, principalmente, da eleição de Barack Obama em 2008 e da ascensão de movimentos como o Tea Party. Seria exatamente o antagonismo a Obama que

iria catapultar o empresário com status de celebridade Donald Trump ao patamar de ator político, pois, desde antes do ciclo eleitoral de 2016, Trump se utilizava de desinformação para questionar a legitimidade de Barack Obama por meio do Movimento Birther. Mudde (2018) atesta a relevância desse movimento ao identificar que, nas vésperas das eleições de 2016, metade dos eleitores do Partido Republicano acreditavam que Obama não havia nascido nos EUA e 34% acreditavam que ele seria muçulmano. A presente seção, assim, abrange esse processo de ascensão de Donald Trump enquanto ator político viável e de projeção nacional, tendo como base a exploração de desinformação a partir do Movimento Birther, que também será explicado adiante.

O envolvimento de Trump com a política precede o ciclo eleitoral de 2016. Em 1987, após o lançamento de seu Best-Seller, *The Art of the Deal*, Trump flertara também com uma corrida presidencial, apresentando suas opiniões acerca da política “desastrosa” e de como os EUA seriam supostamente motivo de piada perante estados como o Irã, a Arábia Saudita e o Japão (GREEN, 2017). Trump chegou a abandonar o Partido Republicano em 1999 e cogitar uma eventual corrida presidencial pelo *Reform Party* no ano 2000. Esse impulso foi estimulado após o relativo sucesso de Ross Perot em 1996, a partir da percepção que o *Reform Party* poderia ameaçar o duopólio Democrata-Republicano (ASHBEE, 2019).

A atuação política de Trump acabou permeando sua rotina enquanto empresário, levando ao lançamento do livro “*The America We Deserve*” em 2000, no qual abordava temas importantes para a conjuntura política dos EUA naquele momento, como o NAFTA, ao qual era opositor. Trump também explorou nessa obra temas que, mais tarde, seriam importantes na corrida presidencial de 2016, como a oposição às políticas de imigração ao país e a necessidade de combater as imigrações ilegais (GREEN, 2017). Ao longo do governo Bush filho e das sucessivas críticas aos rumos que o movimento conservador estava tomando, Trump chegou a se declarar eleitor do Partido Democrata, em 2004, aproveitando-se de um clima generalizado de descontentamento com a administração republicana (GREEN, 2017). Percebe-se, portanto, que, ao longo de décadas, independentemente de quem ocupasse a Casa Branca, Trump mantinha uma postura crítica e de oposição, o que ficou evidenciado, sobretudo, pelo antagonismo público e recorrente com relação a Obama.

Isso permitiu que, após sua ascensão nas primárias republicanas, Trump consolidasse uma imagem de que representaria uma terceira via, totalmente oposta a seu sucessor, Obama, e desvinculado do *mainstream* do GOP, apesar de se candidatar por esse partido. Nesse

sentido, ele capitalizou o descontentamento tanto com relação à gestão Obama quanto Bush filho, além da rejeição do eleitorado à esquerda liberal e ao movimento conservador. Essa trajetória foi possível devido a seus esforços antecedentes de consolidação enquanto um ator político, conforme explorou a desinformação para antagonizar Obama desde sua primeira gestão, a partir do Movimento Birther.

O Movimento Birther surgiu no cenário político norte-americano mediante o ciclo eleitoral de 2008, como uma consequência da ascensão política de Barack Obama, reverberando entre a população e ganhando espaço na mídia (PHAM, 2015). O surgimento do movimento é identificado por Trost e Rosenthal (2012) paralelamente ao surgimento do *Tea Party*, sendo este grupo, de maneira complementar, um dos principais responsáveis pela popularização dos chamados “*Birthers*”, contando até com uma página na internet dedicada ao movimento, o *birthers.org*. Entre 2008 e 2012 o Movimento Birther reverberou ideias baseadas na suposta defesa da constituição norte-americana, ao afirmar que Obama não teria nascido no território do país e, portanto, não teria legitimidade para se eleger Presidente dos EUA (PHAM, 2015). Tendo em vista sua categorização enquanto uma teoria deliberadamente falsa, criada, compartilhada e explorada com o fim de causar danos a Obama e a sua gestão na Casa Branca, o Movimento Birther se enquadra, claramente como Desinformação.

Pham (2015) identifica que o Movimento Birther explorou, no momento de sua ascensão, a crescente ansiedade de parcelas do público norte-americano com relação ao que representava na história do país a eleição de um Presidente negro, ativando sentimentos racistas e xenofóbicos. O Movimento Birther ganharia lastro na vida política do país não somente perante franjas da ultradireita, como também no âmbito do movimento conservador, o que foi marcado pelo espaço cedido pela *National Review* à questão, outorgando a esse movimento legitimidade, devido à tradição da publicação (PHAM, 2015).

Trump teve, de fato, protagonismo nesse movimento, a partir de aparições na mídia, entrevistas e publicações em sua página pessoal, como o Twitter, direcionando seus questionamentos e suas afirmações não somente a suspeitas com relação ao fato de Obama não ter nascido em solo norte-americano, como também de ele supostamente ser muçulmano (CONLEY, 2018). Não se deve subestimar o potencial representado pela adesão de Trump ao Movimento Birther, tendo em vista sua visibilidade projetada nacionalmente e sua credibilidade perante parcelas da população que o viam como o paradigma do sonho americano.

Em abril de 2011 Barack Obama divulgaria sua certidão de nascimento, distanciando o Partido Republicano do Movimento Birther e enfraquecendo o, gradualmente, a credibilidade desse movimento perante o público norte-americano de maneira mais ampla. No entanto, Trump não se convenceria com o documento divulgado por Obama e continuaria a instigar o Movimento Birther ao longo das reeleições de Obama e nos anos seguintes. Pham (2015, p. 14) identifica o papel de Trump para o movimento enquanto, de fato, um protagonista: “*Donald Trump acts as a well-known follower of the Birthers and echoes their discourses in the mainstream media [...] Trump asserts himself as the mainstream public figure supportive of the Birther position*”.

Paralelamente, a aspiração ao cargo presidencial de Trump foi sendo consolidada, mais substancialmente, a partir do ano de 2011, quando ele participou do *Conservative Political Action Conference* (CPAC) e lançou a página *ShouldTrumpRun.com*, para testar a receptividade daquela audiência perante uma eventual corrida pela Casa Branca (GREEN, 2017). Ao longo da CPAC, Trump intensificou sua campanha de oposição a Obama, afirmando que ninguém na escola que Obama teria estudado sequer o conhecera e insinuando que ele falsificara tanto seu certificado de nascimento quanto seu currículo escolar (GREEN, 2017). Percebe-se, desse modo, que Trump assumia o protagonismo da narrativa falsa dos Birthers com uma clara intenção de colher frutos políticos adiante, reproduzindo essa narrativa perante audiências conservadoras.

Green (2017, p.40) argumenta: “*Trump, who has an uncanny ability to read an audience, intuited in the spring of 2011 that the birther calumny could help him forge a powerful connection with party activists*”. Não à toa, em abril de 2011 Trump liderava as pesquisas de intenção de votos nas primárias pela nomeação ao Partido Republicano, ao passo que lideranças do partido, como Reince Priebus, diretor do *Republican National Committee*, demonstravam não se opor a sua eventual candidatura (GREEN, 2017). Em 2013 Donald Trump registrou a marca “*Make America Great Again*”, demonstrando que já iniciara sua preparação para a corrida à Casa Branca (GREEN, 2017).

Pham (2015, p. 16) identifica que, de fato, Trump teria sido responsável por manter o Movimento Birther na mídia, buscando vincular a credibilidade da pauta Birther à sua própria credibilidade enquanto um homem de negócios de sucesso: “*since Trump is a successful and smart man who believes that Obama’s eligibility is still unproven, then the Birther discourse is not as “crazy” or irrational as depicted by the mainstream (i.e., liberal) media*”. Denota-

se, nesse sentido, que Trump, assim como o Tea Party, por meio do endosso ao movimento Birther, já instigava o público norte-americano a duvidar da mídia tradicional do país, outra tendência que seria observada no estudo de caso da presente tese.

Entre o ciclo eleitoral de 2012 e o de 2016 Trump perdeu espaço perante essa mídia tradicional, devido ao descrédito do Movimento Birther, contudo, abriram-se oportunidades a Trump junto a conglomerados midiáticos de ultradireita, como o Breitbart, e programas de rádio do meio-oeste norte-americano (GREEN, 2017). Além disso, Steve Bannon, outro ator importante do ciclo eleitoral de 2016, já aconselhava Trump desde esse período, incentivando-o a continuar mantendo a busca por deslegitimar Obama por meio de sucessivos questionamentos, como seu local de nascimento, passaporte e histórico universitário³⁷ (GREEN, 2017).

Benkler et al. (2018) apontam que Trump recorreu ao longo de toda sua carreira política à desinformação como uma estratégia de auto-promoção:

Trump launched his political career largely on his support of the “birther” movement, and has since embraced a wide range of conspiracy theories, from implying that Ted Cruz’s father was associated with the Kennedy assassination, through reviving the Vince Foster conspiracy, to asserting that Hillary Clinton aided ISIS (BENKLER et al., p. 18)

Analisou-se uma série de postagens de Donald Trump no Twitter, nas quais Trump abordava o Movimento Birther, de modo a buscar compreender a maneira pela qual ele se utilizou das redes sociais para promover desinformação no período anterior ao ciclo eleitoral de 2016. Nesse sentido, considera-se esse material fonte primária, com a ressalva de ser um material público disponível, em sua forma original, na plataforma da rede social ao longo da elaboração da presente tese³⁸.

A Figura 11, portanto, demonstra a maneira pela qual Donald Trump se utilizava das redes sociais desde 2011 para antagonizar Barack Obama por meio da exploração do Movimento Birther, utilizando, recorrentemente, o Twitter, para emitir suas opiniões. Também é visível que Trump explorou essa questão ao longo dos debates eleitorais das eleições de 2012, compartilhando notícias de páginas sem credibilidade claramente inseridas no âmbito da desinformação.

³⁷ Trump, instigado por Bannon, chegou a propor publicamente que, caso Obama divulgasse esses documentos, ele doaria U\$ 5 milhões a uma instituição de caridade escolhida pelo Presidente democrata, sendo que Bannon havia já se articulado e obtido metade desse valor com doadores (GREEN, 2017).

³⁸ Trump teria, posteriormente, sua conta banida do Twitter.

Figura 11. Tweets de Donald Trump sobre Movimento Birther.



Fonte: TRUMP, 2012. Twitter: @realDonaldTrump

Ao longo do Anexo 4 pode-se encontrar uma lista com os tweets de Donald Trump desde novembro de 2011 até novembro de 2014. Nos Tweets, Trump questiona não somente a originalidade do documento divulgado por Obama, como também a de seu histórico universitário, adotando, desde então, uma postura de crítica perante a mídia norte-americana e interagindo com seus seguidores acerca do tema. Green (2017) aponta que, ao longo desse período, o Twitter serviu de termômetro para a retórica inflamada de Trump, a partir dos milhares de compartilhamentos que essas publicações recebiam, de maneira crescente.

A publicação no Twitter com maior número de interações se refere a acusações diretas de Trump a Obama e é paradigmática acerca do tom e da maneira pela qual Trump utilizou-se das redes sociais para emplacar o Movimento Birther: “An *extremely credible*

source' has called my office and told me that @BarackObama's birth certificate is a fraud" (TRUMP, 2012b).

O protagonismo de Trump perante o Movimento Birther pode ser interpretado como um ensaio de suas pretensões de se candidatar à presidência, possibilitando que Trump e seus assessores testassem diferentes tipos de mensagens, conteúdos e tons perante diferentes públicos, identificando aqueles que reagissem melhor de acordo com o tipo de comunicação estabelecida (CONLEY, 2018). Desse modo, Trump e sua equipe identificaram a suscetibilidade de grandes parcelas da audiência Republicanas, além da classe trabalhadora branca, como eleitores em potencial de uma eventual candidatura à Casa Branca (CONLEY, 2018). Não seria coincidência, portanto, que o tom geral da campanha de Trump fosse tão pouco preocupada com a checagem de fatos, dados e afirmações corretas, explorando a desinformação, que, como o Movimento Birther havia demonstrado, teria grande potencial de arregimentação de eleitores.

A narrativa construída por Donald Trump desde antes do ciclo eleitoral de 2016 permitiu que, uma vez estabelecido como candidato, ele se beneficiasse da imagem de antagonista direto e arqui-inimigo de Barack Obama. Isso foi potencializado, posteriormente, pela busca de Hillary Clinton de se associar à imagem de Obama e de se posicionar como uma candidata que ofereceria continuidade ao legado de seu antecessor. Tolbert et al. (2018) desenvolvem esse argumento: *"Although Trump was not actually running against Barack Obama, Clinton ran a campaign of continuing Obama's policies with the theme "Keep Moving Forward." This enabled Trump to run against Obama"* (TOLBERT et al., 2018, p. 4). Apesar de, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, o sentimento anti-Obama ter se impulsionado sob a liderança de Donald Trump e por meio de anos de desinformação, não se pode menosprezar o sentimento anti-Clinton também previamente estabelecido em parcelas da sociedade norte-americana. A seção seguinte, portanto, aborda essa questão.

3.3 Hillary Clinton e a Decisão *Citizens United*

Explorou-se, anteriormente, a ideia de que Trump instrumentalizou a desinformação previamente à corrida presidencial de 2016, por meio do Movimento Birther. Se os *Birthers* exploraram o ressentimento perante Barack Obama, desde sua primeira corrida presidencial em 2008, deve-se também ponderar acerca do movimento anti-Clinton, estabelecido em parcelas do eleitorado republicano desde o início da década de 1990. Esse movimento contrário à família Clinton acabou influenciando, também, o ciclo eleitoral de 2016, tanto por

meio de desinformação com relação à candidata democrata quanto por meio da decisão *Citizens United* da Suprema Corte sobre as regras do sistema eleitoral do país. Esses tópicos serão elucidados adiante, de modo a finalizar a apresentação das variáveis antecedentes.

A candidata do Partido Democrata à Presidência da República em 2016, Hillary Clinton, é uma figura pública estabelecida há décadas em Washington, sendo Secretária de Estado no governo Obama, Senadora pelo estado de Nova Iorque entre 2001 e 2009 e primeira-dama entre 1993 e 2001. Tendo em vista sua carreira política, ocupando cargos do primeiro escalão, e o fato de ser esposa de um ex-presidente, Hillary Clinton, perante parcelas do eleitorado republicano, era vista como representante das supostas elites políticas do *establishment* norte-americano. Green (2017) aponta: “*Bill and Hillary Clinton had been prominent Democratic fixtures on the national political scene for so long—two decades, at this point—that it was possible for a conservative to build an entire career out of specializing in devising ways to oppose and attack them*” (GREEN, 2017, p.42).

Hillary Clinton teve de lidar com teorias da conspiração e com um movimento anti-Clinton desde a década de 1990. Essa bagagem prévia a tornou alvo de fluxos de Desinformação ao longo do ciclo eleitoral de 2016, uma vez que havia décadas de histórias e fatos a serem explorados. Esse movimento anti-Clinton fora consolidado com figuras importantes do Partido Republicano se dedicando, por anos, a investigar os Clintons, coletar material e explorar histórias que pudessem os atingir³⁹. Isso foi impulsionado a partir da percepção republicana acerca da iminente corrida presidencial na qual Hillary iria se envolver, o que só não ocorreu em 2008 devido à ascensão de Obama nos quadros do Partido Democrata (GREEN, 2007). Além disso, ao ocupar o cargo de Secretária de Estado ao longo da gestão Obama, todo o esforço republicano de deslegitimar e desconstruir a imagem de Barack Obama acabou por impactar também sua possível sucessora, Hillary Clinton.

Ritchie (2013) identificou que, de fato, nas primárias democratas para as eleições presidenciais de 2008, Hillary Clinton, então senadora, foi alvo de uma grande campanha de difamação marcada por tons misóginos e machistas em diversos tipos de mídia, sobretudo, nas digitais. Ritchie (2013, p.1) aponta: “*Through an analysis of digital imagery, I argue that*

³⁹ Green (2007) aponta que, logo após a corrida presidencial que levou Bill Clinton à Casa Branca, se estabeleceu um crescente movimento anti-Clinton por parte de alas do Partido Republicano. O teor conspiratório desse movimento ficou evidenciado, paradigmaticamente, pela atuação do Deputado republicano Dan Burton, de Indiana, que sucessivas vezes buscou implicar os Clintons a crimes e atos de corrupção, em 1993, até que se chegou à conclusão que ele havia falsificado evidências para incriminar os Clintons (GREEN, 2017).

simulations of Clinton circulating on the Internet during the primaries sought to produce a political reality in which Clinton's bid for the White House could be rendered improper and unnatural". Percebe-se, assim, que 8 anos antes de efetivamente concorrer à presidência, Hillary já era alvo de desinformação nas plataformas digitais.

O antagonismo a Hillary Clinton geraria, ainda, disputas judiciais na esfera federal do país sobre o tipo de conteúdo eleitoral que poderia ser produzido e sobre quais tipos de atores poderiam estar envolvidos nesses processos. A origem desse caso remonta a David Bossie, ativista republicano e uma das figuras mais proeminentes do movimento anti-Clinton, principalmente por ocupar a presidência do grupo ultraconservador *Citizens United*. Bossie liderou sucessivas campanhas destinadas a arranhar a imagem da então senadora Hillary Clinton, sendo um dos principais promotores de teorias da conspiração envolvendo a democrata, que se restringiam a franjas de Ultradireita majoritariamente (GREEN, 2017).

O cenário mudou em 2007, quando, por meio do *Citizens United*, Bossie produziu um documentário dedicado a “denunciar” supostos crimes de Hillary Clinton, chamado “*Hillary: the Movie*”, em antecipação à sua corrida presidencial nas primárias democratas daquele ano. A Comissão Eleitoral Federal (FEC), no entanto, proibiu a divulgação e circulação do documentário, pelo fato de considerá-lo propaganda eleitoral, emitindo na sentença que o teor do filme era: “*susceptible of no other interpretation than to inform the electorate that Senator Clinton is unfit for office, that the United States would be a dangerous place in a President Hillary Clinton world, and that viewers should vote against her*” (GREEN, 2017, p.33).

Contudo, em 2010, essa questão chegou à Suprema Corte dos EUA, e na decisão *Citizens United v. Federal Election Commission*, que ficou conhecida como *Citizens United* - o tribunal decidiu a favor do grupo liderado por Bossie, considerando que os gastos com qualquer conteúdo político produzido por parte de corporações ou organizações da sociedade civil, públicas ou privadas, estavam salvaguardados pela liberdade de expressão garantida pela Primeira Emenda da Constituição⁴⁰. Essa decisão da Suprema Corte abriu o precedente

⁴⁰ A decisão da Suprema Corte tipificou alguns conceitos de modo a organizar as campanhas eleitorais. O primeiro conceito é o de *express advocacy*, entendido a partir de mensagens que advoguem expressamente a favor ou contra um candidato – o que é identificado por meio de palavras-chave como “*vote for*”, ou “*vote against*”. O segundo conceito é o *electioneering* - neologismo norte-americano que une os termos eleições e engenharia – que também se refere a mensagens que citem os candidatos, mas cuja interpretação é subjetiva e que sejam distribuídas ao público ao longo de 60 dias antes das eleições gerais e 30 dias antes das primárias, por meio de transmissão por cabo, satélite ou ondas sonoras. Desse modo, contanto que essas práticas não estejam coordenadas formalmente com as campanhas, os candidatos ou os partidos políticos de um processo eleitoral, elas são livres e não recebem restrições financeiras, devendo ser apenas devidamente documentadas perante a FEC (EMMER, 2014). Já o terceiro conceito consolidado pela decisão da Suprema Corte é o *issue ads*, que se

para que quaisquer atores da sociedade civil – sejam individuais, corporações, entidades que não visam lucro (*non-profit*), sindicatos ou outras associações - possam financiar e produzir, sem limites de gastos, materiais de conteúdo eleitoral para dar apoio ou denunciar candidatos em uma eleição, assim como abordar temáticas específicas, como imigrações, direitos civis, etc. (EMMER, 2014; GREEN, 2017).

A decisão *Citizens United* pouco afetou Clinton diretamente então, uma vez que ela perdera as primárias democratas para Obama e servia como Secretária de Estado naquele momento, porém, os marcos judiciais e regulatórios estabelecidos pela decisão seriam fundamentais para compreender o cenário de Desinformação da campanha presidencial de 2016. A partir da *Citizens United*, houve uma crescente participação nas eleições dos EUA de grupos *outsiders*– aqueles grupos que não operam no ambiente dos partidos políticos e de suas estruturas hierárquicas – como grupos de interesse, organizações que não visam lucro, movimentos formais e informais, tanto domésticos quanto internacionais, formando verdadeiros “partidos políticos ocultos” (EMMER, 2014; GERKEN, 2015; KIM et al., 2018). Esses atores têm poder de influenciar nos processos eleitorais sem prestar contas à Comissão Eleitoral Federal, possuindo a capacidade de captar recursos, colocar temas específicos na pauta do debate público e promover candidatos (GERKEN, 2015).

Skocpol e Hertel-Fernandez (2016) vão além e argumentam que esses “partidos políticos ocultos” vêm substituindo o papel dos partidos políticos tradicionais na promoção das agendas de debate ao exercer um papel cada vez mais influente perante as elites políticas, sendo capazes de influenciar na adoção de políticas públicas cada vez mais extremas ideologicamente. Essa análise vai ao encontro da pesquisa de La Raja e Schaffner (2015), que argumentam que à medida que os partidos políticos perdem espaço perante atores externos a polarização política é crescente.

Embora as contribuições eleitorais formais devam ser realizadas por meio dos “*Super Political Action Committees*” (Super PACs) vinculados à Comissão Eleitoral Federal, entidades sem fins lucrativos podem também contribuir a essas campanhas com seus fundos, com menos obrigações perante a FEC e sem necessariamente identificar seus doadores (KIM et al., 2018). Essa brecha na legislação de campanhas eleitorais gerou o surgimento da expressão “*dark money groups*” para se referir a esses atores que influenciam as eleições por

refere às campanhas sobre temas específicos, propostas legislativas ou políticas públicas que não endossam nenhum candidato em particular, diferenciando-se por não precisarem ser registradas na FEC (EMMER, 2014).

meio dos bastidores e de maneira anônima. Com efeito, a decisão *Citizens United* abriu o caminho para contribuições financeiras para as campanhas eleitorais nos EUA poderem receber financiamento de quaisquer fontes, individuais ou coletivas, inclusive de atores estrangeiros (EMMER, 2014).

A interferência da Rússia nas eleições presidenciais de 2016 é um exemplo claro da maneira pela qual, de fato, o sistema eleitoral norte-americano se tornou suscetível à atuação de atores externos, a partir das brechas estabelecidas pela *Citizens United*⁴¹ (BADAWY et al., 2017; HOWARD et al., 2017; JAMIESON, 2018; BENKLER et al., 2018; GUNTHER et al., 2019). Estima-se que 80.000 postagens em redes sociais foram fruto de ação russa, partindo, somente no Twitter, de 3814 contas diferentes, impactando mais de 126 milhões de norte-americanos (OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE, 2017; FACEBOOK, 2018).

Além da interferência da Rússia, outros atores também se utilizaram da regulamentação estipulada pela decisão *Citizens United* para interferir e influenciar a corrida eleitoral à Casa Branca de 2016, principalmente a partir das plataformas digitais. A questão fundamental a ser elucidada é a maneira pela qual a Suprema Corte também negligenciou o potencial de utilização das mídias digitais nesses ciclos eleitorais. Na decisão *Citizens United*, em 2010, campanhas de *electioneering* foram enquadradas somente nos meios de rádio, TV aberta, TV a cabo e TV por satélite, enquanto os meios digitais não fazem parte da regulamentação da FEC. Na decisão de 2010, anúncios em plataformas digitais foram considerados “pequenos” demais para serem regulamentados, sendo comparáveis a “adesivos colados em carros”, na analogia estabelecida por Kim et al. (2018), que explicam:

Per FEC’s interpretation, political ads on popular platforms such as Google, Twitter, or Facebook have been exempt from the disclaimer requirements because ads on digital platforms are so “small” that the inclusion of disclaimers is impractical because it has to use an unreasonable proportion of ad space [...] The lack of regulations or guidelines created a loophole for outside groups—including foreign entities—to run political ads on popular digital platforms, with almost no requirements, while concealing their true identities [...] Even though foreign campaign interventions are strictly prohibited by current law, the multilayered

⁴¹ Essa atuação da Federação Russa foi exposta de maneira oficial a partir do relatório da inteligência norte-americana intitulado “*Assessing Russian Activities and Intentions in Recent US Elections*”: *The Analytic Process and Cyber Incident Attribution*” (OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE, 2017). Posteriormente, o Facebook elaborou o relatório “*Information Operations and Facebook*”, confirmando a utilização de sua rede social para promoção de atividades de desinformação por parte de atores localizados em território russo (FACEBOOK, 2018). Além disso, o Comitê de Inteligência da Câmara dos Representantes dos EUA – poder legislativo federal – embora de maioria republicana, também confirmou a atuação russa no ciclo eleitoral de 2016, expondo milhares de perfis falsos associados aos russos (BENKLER et al., 2018).

loopholes (...) make regulatory monitoring and enforcement extremely difficult (KIM et al., 2018, p. 8).

Claramente a legislação eleitoral norte-americana não levou em consideração o potencial que as mídias digitais apresentavam já na segunda década do século XXI, período no qual os gastos ao longo das campanhas eleitorais cada vez mais migraram para as plataformas digitais, justamente por ela concentrar, cada vez mais, a atenção dos eleitores.

A Borrel Associates (2017) identifica uma tendência crescente de aumento das verbas destinadas às plataformas digitais para fins políticos ao analisar os gastos do ciclo eleitoral de 2016, em que se percebe que cerca de U\$1 bilhão foi retirado da TV aberta, com relação a 2012, enquanto o crescimento dos meios digitais foram da ordem de exatamente U\$1 bilhão. O investimento registrado na FEC em campanhas de *electioneering* - transmissão por cabo, satélite ou ondas sonoras - por parte de entidades sem fins lucrativos nas eleições presidenciais caíram de \$308 milhões em 2012 para \$181 milhões em 2016, o que é interpretado por Kim et al. (2018) como sendo fruto dessa transferência dos investimentos para as plataformas digitais. De fato, os gastos publicitários nas mídias digitais – anúncios em vídeos, celulares, e-mail, redes sociais e mecanismos de busca - cresceram 789% com relação a 2012, atingindo o valor de \$1,4 bilhões em 2016 (BORREL ASSOCIATES, 2017).

A Borrel Associates (2017) mensurou o gasto total em publicidade ao longo do processo eleitoral de 2016, apontando que o total gasto nesse ciclo foi de \$9,8 bilhões, 4,6% de crescimento perante os \$9,2 bilhões de 2012. No entanto, os recursos oficiais de Republicanos e Democratas registrados em 2016 foram de apenas \$290 milhões, demonstrando o hiato nos gastos entre os partidos políticos, de fato, e os demais atores que investiram quantias substanciais para influenciar nas eleições do país (KIM et al., 2018).

Como explicado por Kim et al. (2018), o caso da participação de entidades sem fins lucrativos no jogo eleitoral é paradigmático. Esses atores, além de terem a capacidade de influenciar nos processos eleitorais sem qualquer tipo de prestação de contas, beneficiam-se também de serem organizações livres de pagar impostos, por, a princípio, não serem ligadas à política. Essas entidades são enquadradas no *Internal Revenue Service* (IRS) sob os códigos 501(c)3 para entidades religiosas, científicas, e educacionais; 501(c)4 para entidades de bem-estar social; 501(c)5 para sindicatos e cooperativas agrícolas e 501(c)6 para associações de comércio (KIM et al., 2018). Para os fins do presente trabalho, deve-se ter em vista que organizações citadas ao longo da pesquisa como a NRA, a *United in Purpose*, *Americans for Prosperity* e a *Themis Trust* se enquadram sob o registro 501(c)4, e o *Council for National*

Policy, o *The Leadership Institute* e o *Turning Point USA*, por exemplo, sob o registro 501(c)3. Percebe-se, portanto, que alguns dos principais grupos identificados com a radicalização do Partido Republicano e com a ultradireita norte-americana detêm, de fato, capacidade de influenciar substancialmente nos processos eleitorais dos EUA de maneira direta.

Kim et al. (2018) apontam, ainda, que a partir das brechas estabelecidas pela decisão do caso *Citizens United*, o investimento em publicidade advindo de *dark money*⁴² ao longo de campanhas eleitorais já movimentou mais de \$600 milhões desde 2010, além de outras questões que essas brechas eleitorais permitem:

For dark money groups, a 501(c) status can indeed serve as a vehicle to make contributions to associated super PACs, while avoiding the FEC disclosure and reporting requirements imposed upon 501(c)(4)s. As they have the dual benefit of donor anonymity and unrestricted election campaign intervention, nonprofits' dark money campaigns have become the most prominent method for electioneering (KIM et al., 2018, p. 5).

Kim et al. (2018) demonstram quantitativamente os argumentos da presente seção, acerca da permissibilidade do sistema eleitoral norte-americano, ao analisar as origens de anúncios pagos no Facebook ao longo das eleições de 2016. De uma amostragem de aproximadamente 50 mil anúncios, os autores filtraram aqueles vinculados a conteúdos políticos e elaboraram a Tabela 3, que demonstra a frequência de diferentes grupos de anunciantes e de anúncios por cada grupo⁴³. Com relação aos resultados de sua pesquisa, Kim et al. (2018) concluem que, de fato, reuniram evidências suficientes para afirmar que as mídias digitais vêm se tornando um meio propício para atividades suspeitas por parte de atores externos nos processos eleitorais norte-americanos.

⁴² Dinheiro cuja origem não é declarada.

⁴³ Os grupos identificados foram: a. Grupos Suspeitos: aqueles que foram posteriormente banidos pelo Facebook ou tiveram sua página retirada do ar, que não apresentavam informações acerca de si ou foram desativados depois das eleições; b. Grupos Suspeitos / Russos: Grupos identificados e cruzados com os dados oferecidos pelo próprio Facebook e pelo relatório de inteligência dos EUA; c. Movimentos “Astroturf” não registrados: são grupos que aparentam seus espontâneos e populares sobre temas específicos, mas que possuem patrocinadores os organizando informalmente e que não foram registrados na Comissão Eleitoral Federal; d. Entidades sem fins lucrativos não registrados na FEC: organizações vinculadas a questões sociais registradas sob os códigos 501(c)(3), 501(c)(4) e 501(c)(6) da legislação norte-americana, mas não registradas na FEC; e. Grupos registrados na FEC: Grupos formais registrados na FEC de modo a operar legalmente no processo eleitoral de 2016, como os PACs; Grupos de Notícias: supostos jornais e mídias com origem suspeita, pouca credibilidade ou enviesamento claro; f. Outros: grupos de compartilhamento de *memes* e *clickbait*s sem organização formal ou conteúdo substancial (KIM et al., 2018).

Tabela 3. Grupos e Anúncios no Facebook nas eleições de 2016.

Tipo de Grupo	Grupos		Anúncios	
	N	%	N	%
Grupos Suspeitos	102	44,7	4.148	11,2
Grupos Suspeitos / Russos	19	8,3	2.081	5,6
Movimentos “Astroturf” não registrados	39	17,1	7.443	20,1
Entidades sem fins lucrativos – Não FEC	17	7,5	7.447	20,1
Grupos Registrados - FEC	8	3,5	3.973	10,7
Notícias – Questionáveis e enviadas	40	17,6	1.950	5,2
Outros (clickbaits, memes)	3	1,3	9.919	26,8
Total	228	100	36.961	100

Fonte: KIM et al., 2018, p. 6 (tradução nossa)

A Tabela 3 também permite a mensuração de aspectos importantes com relação às atividades de alguns grupos no Facebook, demonstrando, principalmente, a maneira pela qual aqueles não registrados na FEC representam 60% a mais que os registrados, dentre os que atuaram ao longo do processo eleitoral de 2016 por meio da veiculação de anúncios nessa rede social. Ademais, ela corrobora a atuação de atores externos aos partidos políticos e demonstra que campanhas baseadas em *big data* e *microtargeting* não necessitam, necessariamente, de partidos políticos com grandes recursos, podendo ser conduzidas também por grupos outsiders sem tanto poder financeiro (KIM et al., 2018).

Desse modo, percebe-se que o sistema eleitoral norte-americano, que já possui características bastante particulares, como as primárias e a eleição indireta via Colégio Eleitoral, é caracterizado por condições políticas e jurídicas permissivas, gerando situações como a das eleições de 2016, na qual uma série de atores alheios às dinâmicas partidárias influenciaram na vitória de Donald Trump, mesmo com quase 3 milhões de votos a menos que sua concorrente democrata.

Ao longo do capítulo 3 foram apresentadas as variáveis antecedentes que compõem a cadeia causal da pesquisa. Elas são consideradas variáveis necessárias para se compreender o estudo de caso, ainda que não sejam suficientes para determinar a vitória de Donald Trump. Demonstrou-se a maneira pela qual o Partido Republicano já apresentava uma trajetória de radicalização prévia, vinculada à crise do movimento conservador e à ascensão de Barack Obama. Percebeu-se que, em meio às derrotas eleitorais para Obama, o GOP criou pontos de contato com a ultradireita do país, a partir da rejeição explícita a um Presidente afro-

americano progressista e liberal, incorporando pautas racistas, xenófobas, nativistas e autoritárias ao partido. Esse processo foi conduzido pelo Tea Party, que ao mesmo tempo representou a radicalização do eleitorado republicano e o distanciamento do movimento conservador com relação às suas bases eleitorais. Trump se insere nesse processo enquanto uma liderança do Movimento Birther, dedicado a antagonizar Obama e questionar sua legitimidade, adquirindo uma ampla experiência prévia na instrumentalização de fluxos de desinformação para obter benefícios políticos e atraindo a atenção de eleitores radicalizados. Demonstrou-se, também, que o foco na destruição de reputações de candidatos democratas era uma estratégia comum ao GOP, sendo os Clinton alvo dessas atividades desde a década de 1990. As tentativas de desconstrução da imagem de Hillary Clinton vinculam-se, também, à última variável antecedente identificada, que foi a decisão *Citizens United* da Suprema Corte dos EUA. A *Citizens United* determinou os marcos jurídicos vinculados ao financiamento e atuação em campanhas eleitorais nos EUA, negligenciando o potencial das mídias digitais e criando as condições permissivas para a interferência de quaisquer atores ao longo das eleições do país, sejam eles domésticos ou externos, o que, comprovadamente, aconteceu em 2016. O próximo capítulo irá se debruçar sobre as eleições de 2016 de maneira mais aprofundada, apresentando os resultados das eleições presidenciais e descrevendo a trajetória de Trump desde as primárias republicanas, com foco na construção de sua plataforma Populista de Direita Radical, que é considerada uma das variáveis independentes responsáveis por atrair o eleitorado republicano descontente com o *establishment* do partido.

CAPÍTULO 4 - AS ELEIÇÕES NORTE-AMERICANAS DE 2016 E A ASCENSÃO DE TRUMP DESDE AS PRIMÁRIAS

A Quarta Onda de ascensão da ultradireita demonstra que esse fenômeno possui características comuns no âmbito global. Mudde (2017, p. 66), no entanto, ressalta a singularidade desse fenômeno do ponto de vista norte-americano, com a ascensão de Donald Trump: *“Trump is unique, in both a contemporary and historical American and European context, in that he is an anti-establishment “outsider” who mobilizes through an establishment party”*.

O presente capítulo foca nas eleições de 2016 e na vitória de Trump como ponto de partida para retroceder até as primárias e desenvolver como se deu o processo de consolidação de sua candidatura e, conseqüentemente, de seu PDR. Demonstra-se que a retórica populista, nativista e autoritária de Trump foi responsável por atrair à sua candidatura os eleitores que não se viam representados pelo GOP desde as cisões do Tea Party, descritas no capítulo anterior. Desse modo, são identificados os atores que impulsionaram Trump desde as primárias e aqueles que aderiram posteriormente à sua campanha, buscando se diferenciar os aqueles que aderiram à candidatura do republicano de maneira pragmática, daqueles que tiveram de ser cooptados, e aqueles cuja adesão foi espontânea.

Inicialmente, apresenta-se o debate acerca da polarização política da sociedade norte-americana, para contextualizar e introduzir o estudo de caso da presente tese. Desenvolve-se, assim, os argumentos que orientaram o olhar da tese sob o estudo de caso para, posteriormente, enquadrá-lo no âmbito da radicalização republicana, já previamente discutido na seção das variáveis antecedentes. A seguir, de modo a se descrever detalhadamente o estudo de caso – como exige a metodologia de *process-tracing* – os resultados e os principais dados demográficos das eleições presidenciais de 2016 são apresentados, comparando algumas variáveis importantes com o pleito anterior, de 2012, e buscando compreender quem foram os eleitores de Trump e onde eles se concentraram. Além disso, buscou-se esmiuçar, quais eleitores em potencial o Partido Democrata não conseguiu levar às urnas e quais optaram por votar no GOP efetivamente.

Retrocedendo a partir da vitória de Trump, o foco do capítulo é direcionado às primárias republicanas e à ascensão de Trump, identificando a maneira pela qual ele consolidou sua trajetória sob bandeiras de ultradireita, e como elas foram incorporadas à sua

campanha à medida que Trump consolidava sua base de apoio. Posteriormente, aborda-se a maneira pela qual Trump construiu sua rede de alianças ao longo das primárias e depois de sua nomeação como candidato republicano à presidência, tendo em vista que, ao longo desse processo, ele antagonizou diretamente grande parte do *establishment* de seu partido e consolidou sua plataforma PDR.

4.1 Polarização política e radicalização nas eleições de 2016

Os EUA de 2016 demonstraram ser uma sociedade tomada pelas tensões inerentes a um processo de transformação, cujas origens podem ser traçadas em suas dimensões culturais, sociais, econômicas, demográficas e, também, políticas. Parte desse processo inclui a polarização partidária, que vem demonstrando ser uma questão superlativa no país, uma vez que a identificação enquanto Republicano ou Democrata cada vez mais abrange distintas variáveis. Abramowitz e Webster (2015, p. 1) desenvolvem: “[...] *as partisan identities have become more closely aligned with social, cultural and ideological divisions in American society, party supporters have developed increasingly negative feelings about the opposing party and its candidates*”. No entanto, argumenta-se, na presente tese, que, para além da polarização, o que marca a política norte-americana no início do século XXI é sua característica assimétrica, a partir da radicalização mais intensa do GOP. A presente seção, portanto, estabelece a conexão entre a variável antecedente vinculada à radicalização republicana e o contexto das eleições de 2016.

A polarização política nos EUA é vinculada às distinções partidárias em diversos temas, opondo Republicanos de Democratas. Jacobson (2016, p. 1) contextualiza: “*The American electorate has grown increasingly divided along party lines in recent decades, by political attitudes, social values, basic demography, and even beliefs about reality*”. Incluem-se aqui desde discussões econômicas sobre o tamanho e o papel do Estado, até questões mais amplas, como o aborto, casamento homoafetivo, controle de armas, imigrações e questões raciais (JACOBSON, 2016; PIERCE; LAU, 2019). Jacobson (2016, p.3) complementa, apontando até que a crença na ciência foi politizada nos EUA: “*Partisans differ in beliefs about scientific realities as well as in values and opinions; most Democrats, for example, believe humans are heating up the planet, with potentially dire consequences; most Republicans do not*”.

A polarização política e partidária da sociedade norte-americana vem tornando mais consistente a forma de pensar dos indivíduos com pensamentos semelhantes, ao passo que

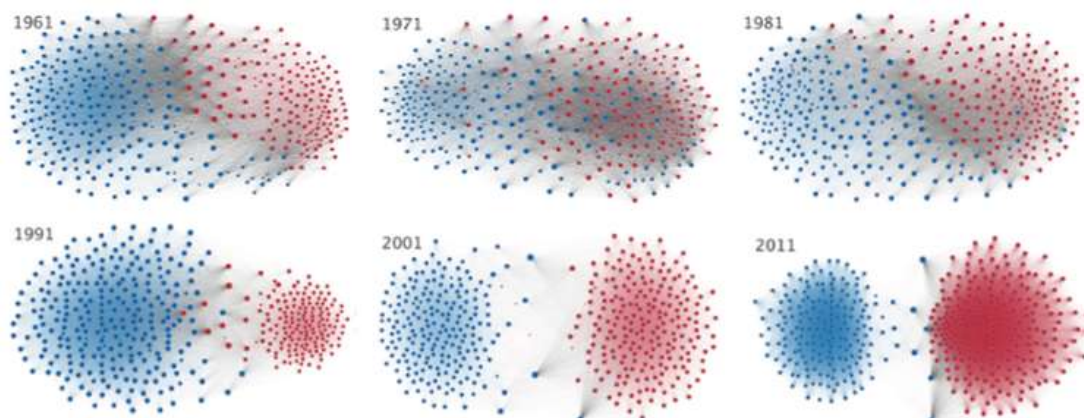
distancia e torna mais divergente os opostos (JACOBSON, 2016). Iyengar (2016) desenvolve esse argumento, expondo algumas das alterações estruturais da sociedade norte-americana que podem explicar esse fenômeno ao longo das últimas décadas:

The period in question (1965–2015) coincides with any number of major societal changes, including the increased enfranchisement and mobilization of African Americans, the migration of whites from urban areas to the suburbs, the emergence of the South as a staunch Republican region, a significant increase in the Latino and Asian American population, and the politicization of evangelical Christians. These social and demographic cleavages have contributed to polarization by reinforcing individuals' partisan identities. Today, Democrats and Republicans differ not only in their politics, but also in terms of their ethnic, religious, and regional identities (IYENGAR, 2016, p. 2).

Percebe-se, assim, claras questões demográficas e geográficas envolvendo a bipolaridade partidária norte-americana, o que pode ser observado por meio do perfil majoritário de suas bases de eleitores. O Partido Democrata, de modo geral, é representado por jovens, pessoas solteiras, mulheres, seculares, populações urbanas, minorias étnicas, comunidade LGBTQIA+, pessoas que não possuem armas de fogo e as classes com maior nível educacional, principalmente nas costas leste e oeste (JACOBSON, 2016). O GOP, por sua vez, é majoritariamente apoiado por pessoas mais velhas, homens, brancos, pessoas casadas, religiosas, com baixo nível educacional, que possuem ou são favoráveis à posse de armas de fogo e que vivem em comunidades rurais ou suburbanas, sobretudo no sul do país e no meio-oeste (JACOBSON, 2016). Essas clivagens nos perfis eleitorais dos eleitores acabou por influenciar as dinâmicas dos partidos nos EUA: *“Reflecting the changing values of their electorates, the two major parties gradually shifted to become more homogeneous internally in their cultural positions and more polarized between parties”* (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 331).

Essa tendência de polarização política nos EUA fica evidenciada também a partir da análise de Andris et al. (2015), que identificaram e mapearam os padrões de votação no legislativo federal desde a década de 1960. Os resultados da pesquisa de Andris et al. (2015), demonstrados na Figura 12, indicam que, até a década de 1980, as dinâmicas partidárias eram importantes mas não absolutas em meio às votações do legislativo federal, com pontos de contato entre ambos os partidos e divergências intrapartidárias (ANDRIS et al., 2015). A partir da década de 1990, porém, a polarização se acentua em uma trajetória crescente, mensurada até o ano de 2011, demonstrando que dificilmente Democratas e Republicanos concordam acerca de algum tema, o que é indicativo da polarização da política dos EUA.

Figura 12. Polarização norte-americana em meio a votações no legislativo federal*.



*Pontos em azul representam votos de democratas e em vermelho representam os votos de republicanos.

Fonte: ANDRIS et al., 2015.

Apesar dos argumentos que defendem que a sociedade norte-americana vem se polarizando, existem autores que interpretam essa tendência sob uma ótica distinta. Benkler et al. (2018), por exemplo, identificam que, embora haja, de fato, uma polarização na sociedade norte-americana, ela ocorre de maneira assimétrica. Os autores sugerem que as inflexões políticas, institucionais e tecnológicas dos últimos 40 anos vêm conduzindo os eleitores Republicanos a se tornarem, gradualmente, versões mais radicais de si mesmos, enquanto essa mesma tendência não é encontrada, simetricamente, perante aqueles identificados com o Partido Democrata ou entre os independentes (BENKLER et al., 2018).

Norris e Inglehart (2019) também consideram a conjuntura política nos EUA em meio às eleições de 2016 como sendo pautada pela radicalização de parcelas específicas de sua sociedade, associadas ao eleitorado do GOP:

We argue that a tipping point has been reached in the gradual erosion of the socially conservative hegemony of traditional values in America. This has triggered a negative authoritarian counter-reaction among the moral conservatives threatened by these cultural shifts – a backlash that has been especially powerful in mobilizing older generations of White men in rural communities (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 338).

Essa radicalização Republicana representa uma trajetória consistente com as últimas décadas, identificada por Hetherington e Weiler (2009 apud MACWILLIAMS, 2016) e associada, também, ao crescente autoritarismo tanto do ponto de visto do seu eleitorado quanto de suas lideranças partidárias, como demonstrado no capítulo 3. Isso vai ao encontro

do argumento da tese, que defende que a crescente polarização da sociedade norte-americana refletiu no gradual processo de incorporação de elementos da ultradireita ao Partido Republicano, em uma tendência que seria, justamente, consolidada por Donald Trump. A partir dessa introdução, apresenta-se, de maneira mais densa, o estudo de caso da presente tese.

4.2 Os resultados das eleições de 2016

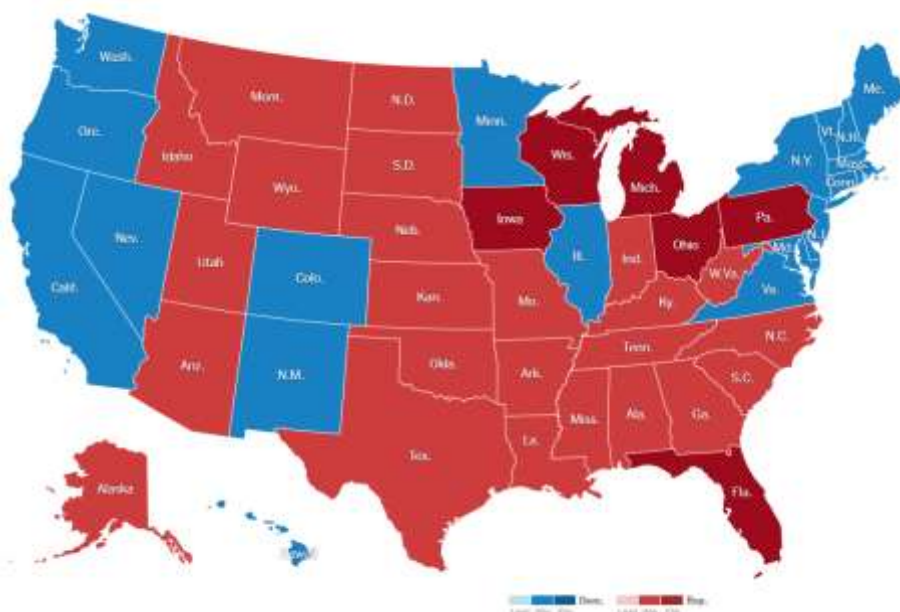
As eleições presidenciais norte-americanas de 2016 determinaram que o republicano Donald John Trump seria o 45º Presidente dos Estados Unidos da América. Trump foi eleito com 62.985.106 votos, que corresponderam a 45,9% do total, enquanto a candidata Democrata Hillary Clinton obteve 65.853.625 votos, 48% do total⁴⁴. No entanto, de acordo com o modelo indireto do sistema eleitoral do país, a vitória é determinada pelo candidato que conseguir 270 delegados, sendo que Trump conquistou 306, ao passo que Clinton ficou com apenas 232. Desse modo, Trump teve quase 3 milhões a menos de votos populares, mas, ainda assim, conquistou 74 delegados a mais no Colégio Eleitoral, saindo como vencedor das eleições de 2016.

Nas eleições de 2016 Hillary Clinton teve a maioria dos votos populares, superando Trump por uma diferença de 2,9 milhões de eleitores, no entanto, ela perdeu o Colégio Eleitoral por um total de 80 mil votos em três estados fundamentais: Michigan, Pensilvânia e Wisconsin, com diferenças de votos inferiores a 1% em cada um desses estados (NELSON 2019). A vitória de Trump foi consolidada a partir da vitória em Estados-chave, os chamados *Battleground States*, como a Florida, Michigan, Ohio, Pensilvânia, e Wisconsin, que garantiram a ele os 306 delegados. A Figura 13 apresenta o mapa eleitoral de 2016, e enfatiza a vitória de Trump em estados fundamentais, garantindo a ele 36 delegados a mais do que ele precisaria para sair vencedor no Colégio Eleitoral.

Deve-se levar em consideração, ao longo da análise acerca das eleições presidenciais norte-americanas de 2016, os aspectos demográficos que possam ter influenciado na vitória de Donald Trump, o que é feito de maneira comparativa com relação às eleições de 2012. A presente seção, portanto, debruça-se sobre fontes secundárias voltadas para esse tópico, de modo a buscar elementos que ajudem a montar o quebra-cabeça complexo do presente estudo de caso.

⁴⁴ De acordo com a apuração do The New York Times. Disponível em [https://www.nytimes.com/elections/2016/results/president]. Acesso em 07/01/2021.

Figura 13. Mapa eleitoral norte-americano de 2016.



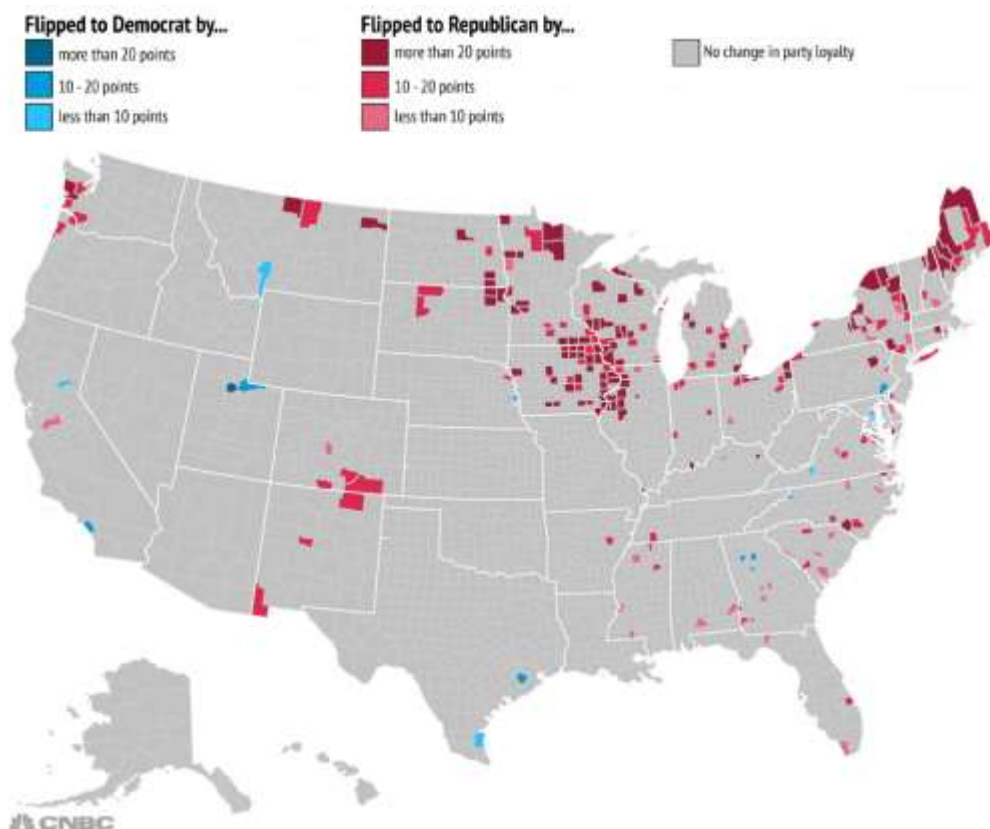
Fonte: The New York Times, 2021.

Zingher (2019) ressalta que os grupos sociais que compõem a base de apoio a Republicanos e Democratas não foram alterados entre os ciclos eleitorais de 2012 e 2016. O autor identifica o apoio consolidado ao Partido Democrata das populações negras e latinas, além das mulheres, com um pequeno crescimento da participação dos não-religiosos e dos brancos com educação superior no ciclo eleitoral de 2016, mas, por outro lado, um declínio no voto de católicos e de membros de sindicatos (ZINGHER, 2019). Ao se analisar os dados das três eleições entre 2012 e 2016 – contabilizando, portanto, as *mid-terms* – percebe-se que apenas 31% dos eleitores identificados com o Partido Democrata votou nos 3 pleitos, enquanto os números republicanos são de 40%, o que indicaria maior engajamento por parte dos eleitores do GOP (GREEN; MCELWEE, 2019). Apesar disso, Zingher (2019) afirma que essa base de suporte republicana está em declínio relativo quando comparada à ascensão de grupos com tendência de apoio aos Democratas, como os latinos, por exemplo. É importante notar que, em 2016, mesmo ao potencializar o *turn-out* de sua base eleitoral, os Republicanos ainda assim perderam no voto popular.

A Figura 14 apresenta um mapa dos distritos que mudaram seu voto entre a eleição de 2012 e 2016, demonstrando que, em números absolutos, houve maior tendência de virada a favor do Partido Republicano. Além disso, percebe-se que essa transferência de votos para

Trump concentrou-se geograficamente em estados-chave para a contagem de delegados, como Wisconsin, Michigan e Iowa.

Figura 14. Distritos eleitorais que mudaram o partido vencedor entre 2012 e 2016



Fonte: CNBC, 2016.

Johnston et al. (2017) identificam que o mapa eleitoral dos EUA teve, de fato, poucas alterações com relação aos padrões históricos consolidados nas últimas décadas, no que se refere à divisão dos estados e distritos entre Republicanos e Democratas. Os autores identificaram que nenhum estado cujo resultado histórico demonstra comprometimento e fidelidade a um dos partidos mudou de lado, sendo que, na realidade, o que houve nesses Estados foi uma intensificação do voto do partido dominante, com tanto Trump quanto Clinton obtendo maior porcentagem de voto nesses estados que seus predecessores em 2012 (JOHNSON et al., 2017).

Com efeito, os autores identificam que foram os estados que, tradicionalmente oscilam entre um partido e outro a cada ciclo eleitoral, os *swing-states*, que decidiram a eleição, principalmente Michigan, Pensilvânia e Wisconsin, por terem sido locais nos quais Obama ganhara em 2012 e que escolheram Trump em 2016, ainda que por margens bastante

pequenas (JOHNSON et al., 2017). Nos distritos localizados nos *swing-states*, verifica-se um padrão recorrente de apoio a Trump naqueles com maioria de população branca, menor qualificada e com menores índices educacionais, enquanto o apoio a Clinton foi maior nos distritos de maioria negra, latina e com níveis de educação mais elevados (JOHNSON et al., 2017; MUTZ, 2018). A educação dos eleitores de fato foi uma variável de impacto moderado ao se comparar os votos em 2012 e 2016, com 27% daqueles que não possuem diploma universitário declarando que não votaram novamente nos Democratas em 2016 após tê-lo feito em 2012, enquanto essa taxa foi de 16% entre aqueles com educação superior (GUNTHER et al., 2019). Mutz (2018) aponta, ainda, que, perante esse grupo, há grande discordância acerca do fato de que o governo deveria ajudar os trabalhadores norte-americanos que perderam emprego e renda nos últimos anos: *“In this election, education represented group status threat rather than being left behind economically”* (MUTZ, 2018, p. 11).

Existe um consenso emergente na literatura acerca das eleições presidenciais dos EUA de 2016 que considera que as questões econômicas não são suficientes para explicar a vitória de Trump (MACWILLIAMS, 2016, SIDES et al., 2017; MUTZ, 2018; GREEN; MCELWEE, 2019; NORRIS; INGLEHART, 2019). No entanto, há a ideia que vincula parte das classes ressentidas perante a globalização e acordos comerciais como o NAFTA - que teriam promovido o desemprego nos EUA, principalmente no setor industrial – ao apoio a Trump, com autores argumentando que o impacto dessa faixa populacional foi determinante na vitória republicana (SCHAFFNER et al., 2018; RUDOLPH, 2019). Desse modo, de fato, o conjunto de elementos econômicos e culturais – que Norris e Inglehart (2019) classificam como “desigualdade econômica” e “reações culturais” – devem ser tomados em conjunto para se compreender a vitória de Trump.

Mutz (2018) também afirma que as questões econômicas tiveram um papel menor na escolha do voto a favor de Trump em 2016 do que as culturais. Sendo assim, Mutz (2018, p. 10) argumenta: *“both experimental evidence and panel survey evidence document significant political consequences from a rising sense of status threat among dominant groups in the United States”*. Nesse sentido, infere-se que a ansiedade presente em uma grande parcela dos eleitores de Trump se vincula mais com as expectativas negativas acerca do futuro do que ressentimentos vinculados ao passado (MUTZ, 2018).

Norris e Inglehart (2019) identificaram 3 fatores culturais importantes que orientaram o voto em Trump: Apoio a um populismo majoritário, conservadorismo moral, e religiosidade: *“Those who wanted greater emphasis on traditional family values, who feared modern lifestyles, and who believed in absolute moral standards supported Trump, all indicators of the underlying cultural grievances held by those endorsing Authoritarian-Populist candidates”* (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 362).

Sides et al. (2017) analisam tanto a derrota nos votos populares de Trump quanto seu sucesso no Colégio Eleitoral a partir da maioria de Clinton no voto popular, atribuída às taxas de crescimento econômico e de aprovação de Obama no final de seu mandato. Os autores também olham para a vitória de Trump no Colégio Eleitoral como vinculada à crescente clivagem étnica e racial nas coalisões dos Partidos Democrata e Republicanos, em um processo antecedente ao ciclo eleitoral de 2016. Esse enquadramento identitário por parte de ambas as campanhas teria potencializado o apelo de Trump aos eleitores brancos e, em particular, aqueles sem diploma universitário, uma questão demográfica que se provou essencial à sua vitória em estados-chave (SIDES et al., 2017).

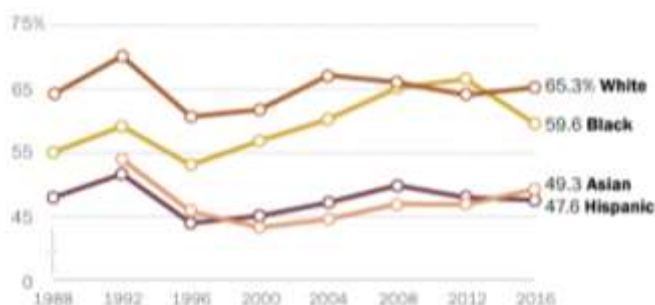
Sides et al. (2017) desenvolvem argumentos ainda acerca dos aspectos raciais que pautaram a eleição presidencial norte-americana de 2016:

The presidential election thus also became a referendum on who Americans believed they were, and how they felt about those who were different from them. Ultimately, the election was a manifestation of the country’s broader identity crisis. As the United States changes demographically, socially, and culturally, Americans’ political identities are increasingly driven by competing understandings of what their country is and ought to be—a multicultural society that welcomes newcomers and embraces its growing diversity, or a more provincial place that recalls an earlier era of traditional gender roles and white Christian dominance in economic and cultural life (SIDES et al., 2017, p. 3).

O recrudescimento de questões raciais na política norte-americana teria ocorrido a partir da eleição de Barack Obama, respingando fortemente no ciclo eleitoral de 2016, como demonstrado no capítulo anterior. As populações não-brancas chegaram a 2016 majoritariamente pro-Democratas, sejam os latinos, asiáticos ou afro-americanos, enquanto os brancos, em geral, transitaram rumo ao GOP, em especial os homens e aqueles sem diploma universitário (SIDES et al., 2017). Deve-se levar em consideração, porém, os dados da *American National Election Studies* (2021), que apontam para o fato de, apesar de a população branca estar, proporcionalmente, em declínio, passando de 77% em 1994 a 69% em 2016, as minorias raciais que compõem os EUA, entre latinos negros, asiáticos, dentre outras, formavam apenas 32% do eleitorado em 2016.

Para além da compreensão daqueles que efetivamente votaram nas eleições de 2016, deve-se buscar, concomitantemente, identificar as tendências perante aqueles que não compareceram às urnas. O *turn-out* das eleições de 2016 foi de 61,4%, totalizando 137,5 milhões de votos, uma porcentagem bastante semelhante à de 2012, porém abaixo da taxa de 2008, que foi de 63,6% (PEW RESEARCH CENTER, 2017). O que chama a atenção com relação a essa taxa de comparecimento às urnas daqueles registrados a votar é o decréscimo dos números de dois segmentos da população norte-americana em particular, os negros e os latinos, como demonstra o Gráfico 16.

Gráfico 16. Turn-out das eleições de 2016 por grupo racial.



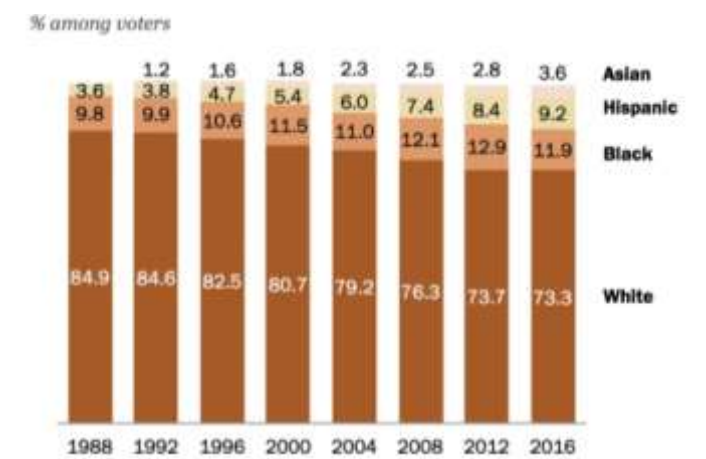
Fonte: PEW RESEARCH CENTER, 2017.

O Gráfico 16 elucida o declínio do voto negro nas eleições de 2016 para 59,6%, após ter atingido a marca histórica de 66,6% em 2012. O comparecimento às urnas dos afro-americanos foi, portanto, ultrapassados no pleito que elegeu Trump pelo *turn-out* de brancos, que apresentaram um índice de comparecimento de 65,3%. Esse declínio da porcentagem de comparecimento de indivíduos negros resultou em 765 mil eleitores a menos em 2016 quando comparado aos números de 2012, em uma queda no *turn-out* das populações negras que não era observada desde 1996 (PEW RESEARCH CENTER, 2017). As eleições de 2016 também apresentam um declínio da proporção de eleitores negros com relação aos outros perfis, em uma tendência que não se observava desde 2004, como demonstra o Gráfico 17.

Com efeito, percebe-se que, apesar de Hillary Clinton ter vencido no voto popular, sua campanha ter sido incapaz de mobilizar segmentos importantes da população norte-americana que haviam votado em Obama em 2012, sendo que uma parcela significativas destes não compareceu às urnas (GUNTHER et al., 2019). Oliver e Rahn (2016) argumentam, ainda, que Trump teria se beneficiado de uma conjuntura norte-americana na qual a confiança perante o

governo Obama atingiu indicadores relativamente negativos para catapultar seu apelo anti-elitista perante grupos vulneráveis à essa retórica.

Gráfico 17. Porcentagem eleitoral dos diversos grupos raciais nos EUA



Fonte: PEW RESEARCH CENTER, 2017.

A Tabela 4 ajuda a entender a percepção negativa de diversos parcelas do eleitorado norte-americano com relação ao governo Obama, com altos índices de frustração e raiva, compondo 82% dos entrevistados totais.

Tabela 4. Distribuição de percepção perante o governo Obama entre sub-grupos.

	Content	Frustrated	Angry	N
All Respondents	17.9	58.1	23.9	2,936
Republicans	7.3	56.5	36.2	1,250
Independents	19.7	55.3	25.0	264
Democrats	27.4	60.8	11.8	1,340
Conservatives	10.7	53.2	36.1	1,075
Moderates	19.2	63.2	17.7	1,075
Liberals	26.8	59.2	14.1	693
Economy worse	7.1	50.7	42.1	603
Economy same	17.2	61.9	19.8	1,619
Economy better	30.2	53.5	16.3	626
Male	18.5	55.3	26.2	1,529
Female	17.3	61.2	21.5	1,407
Black	28.3	60.4	11.3	318
Non-black	16.6	58.1	25.3	2,541
Less than H.S.	25.0	46.7	28.3	184
High school	18.5	56.6	24.9	631
Some college	16.5	57.0	26.5	841
College	16.3	62.7	21.1	817
College +	20.0	59.1	20.9	440

Fonte: Pew Research Center, 2015.

Apreende-se da Tabela 4, que entre os entrevistados ao longo de setembro e outubro de 2015, aqueles que mais demonstraram raiva foram os Republicanos, Conservadores e os

que consideravam a economia ruim. No entanto, o que chama a atenção é o fato de 60,8% dos identificados enquanto Democratas se declararem frustrados com a gestão Obama, e 11,8% com raiva, o que pode ajudar a compreender também os dados apontados anteriormente acerca das parcelas de eleitores do Partido Democrata que não votaram em Hillary Clinton em 2016.

Uma vez estabelecida a compreensão do cenários das eleições de 2016, e como ela se relaciona, comparativamente, com o pleito anterior, a seção seguinte buscará identificar o processo de ascensão eleitoral de Trump desde as primárias do GOP.

4.3 As Primárias Republicanas

Dezessete candidatos disputaram as primárias Republicanas para as eleições presidenciais de 2016, ao longo do período entre fevereiro e junho daquele ano, no que culminou com a vitória de Donald Trump e sua nomeação em 4 de maio⁴⁵. O triunfo de Trump enquanto candidato do GOP representou, ao mesmo tempo, o maior número de votos que um candidato republicano já recebeu na história, com mais de 13 milhões a favor, e o maior número de votos contrários, com mais de 16 milhões direcionados a outros candidatos (TOLBERT et al., 2018).

A nomeação do candidato à presidência, tanto de Democratas quanto Republicanos, no modelo contemporâneo de primárias, advém da década de 1970, com um elevado grau de autonomia na determinação das regras de sua seleção em estados e distritos, que acabam adotando mecânicas distintas. O Partido Republicano, diferentemente do Democrata, possui menos “superdelegados” na definição do seu candidato, e autoriza os estados e os distritos a utilizarem dinâmicas tanto de voto proporcional quanto de “*winner-takes-all*” ao votar nos seus representantes (CEASER, 2017). Bendle et al. (2018) chamam a atenção para o aspecto desafiador da trajetória de um candidato desde primárias até as eleições gerais nos EUA, que impõe a necessidade de vencer duas eleições perante dois eleitorados distintos no espaço de alguns meses.

O sistema de primárias criou um modelo no qual os eleitores do partido escolhem seu próprio candidato, mas a burocracia dos partidos também influencia nesse processo a partir da mobilização de sua elite e de seus apoiadores (MACWILLIAMS, 2016). Bendle et al. (2018), por outro lado, chamam a atenção para o fato de o modelo de primárias adotado nos EUA

⁴⁵ O presente trabalho insere as “*primaries*” e os “*caucuses*” sob o mesmo conceito de “primárias”.

aferir um maior grau de autonomia aos candidatos, pois cada concorrente constrói e organiza uma estrutura de financiamento e comunicação autônoma e independente (BENDLE et al, 2018). Não à toa Trump, ao longo das primárias, bateu de frente com o *establishment* do próprio Partido Republicano e, ainda assim, foi eleito.

As características específicas do sistema político-partidário norte-americano desempenharam um papel fundamental nesse processo. Diferentemente do que ocorre na Europa, por exemplo, o bipartidarismo informal vigente em uma nação de proporções continentais e lógicas regionais bastante singulares torna o Partido Republicano e o Partido Democrata entidades heterogêneas e descentralizadas (MUDDE, 2017). Além disso, a estrutura dos partidos permite que indivíduos por vezes estabeleçam uma certa independência perante seu partido, principalmente quando ele detém capacidade de financiamento de sua própria campanha. Com efeito, na política dos EUA há, por vezes, a possibilidade de que indivíduos exerçam grande influência perante o partido como um todo, sobretudo quando eleitos para cargos importantes no âmbito federal, como é o caso de Trump e a presidência (MUDDE, 2017).

Percebe-se que, embora os candidatos Republicanos tenham apresentado divergências explícitas em alguns temas, o processo de radicalização do GOP ficou evidente ao se avaliar o panorama geral das agendas e dos debates que ganharam força ao longo das primárias do partido. Isso ficou explícito ao se perceber que, de modo geral, foi consenso que quaisquer candidatos que eventualmente fossem nomeados teriam em comum a missão de desfazer o que consideravam o “legado liberal de Obama”, como demonstra Jacobson (2016):

Disdain for Obama and everything he has done, as well as specious beliefs about his religion and birthplace, are especially prevalent among Trump’s supporters, feeding their enthusiasm for a candidate in almost every conceivable way the polar opposite of the president. **Catering to sentiments prevalent in the Republican primary electorate, not only Trump but every Republican candidate in 2016 vowed to undo virtually everything Obama has achieved in domestic and foreign affairs** (JACOBSON, 2016, p. 4, grifo nosso).

A radicalização republicana, de fato, ficou evidente nas primárias das eleições de 2016. Candidatos fundamentalistas religiosos, como Ben Carson e Ted Cruz – que ficaram entre os cinco últimos nomes na disputa – emitiram declarações, por exemplo, que concebiam a bíblia como mais importante que a Constituição norte-americana no âmbito do governo, além de antagonizarem, diretamente, as comunidades muçulmanas do país (MUDDE, 2017). A disputa final entre Ted Cruz e Donald Trump comprova também esse processo, sendo Trump associado a um populismo autoritário e nativista, enquanto Cruz combinava

concepções mais vinculadas à herança do Tea Party, como estado mínimo e um extremismo constitucional com toques teocráticos (MUDDE, 2017).

Ao anunciar sua candidatura, em 16 de junho de 2015, Trump tinha à frente um panorama no qual os líderes da corrida pela nomeação republicana eram Jeb Bush, Scott Walker e Marco Rubio, o que se alterou totalmente até a reta final, disputada por ele e Ted Cruz (MACWILLIAMS, 2016). Cosgrove (2018) interpreta a ascensão de Trump nos quadros do GOP como um movimento que consolidou uma nova identidade para o partido a partir de elementos econômicos, políticos e sociais:

[...] branded as the restoration to a past, glorious America in which the rules were followed, the borders were secure, the values of the majority were valued most (both in racial and in cultural terms), there was no threat of terrorist violence, the economy worked for all and it didn't require a grad degree to get a job that paid decent Money (COSGROVE, 2018, p. 49).

MacWilliams (2016) afirma que um dos elementos que impulsionou a candidatura de Trump e sua vitória inicial nas primárias republicanas veio do fato de as lideranças do partido não conseguirem se organizar em torno de outro candidato forte à medida que Trump se fortalecia e ganhava notoriedade perante o eleitorado republicano. Essa questão também foi discutida por Sides et al. (2018), que apontam a fragmentação do GOP como uma das variáveis a serem consideradas nesse processo:

Republican lawmakers were divided on policy, particularly on issues like immigration, and on tactics, with a more moderate “establishment” faction frequently at war with a conservative “insurgent” faction [...] This factionalism made it difficult for Republican elites to coordinate on a single frontrunner among the large and diverse group of presidential aspirants. Voters got no clear signal from Republican leaders, then, about which candidate to support (SIDES et al., 2018, p. 2).

A fragmentação do GOP em meio às primárias das eleições de 2016 pode ser relacionada com os fatores descritos no capítulo anterior. Foi demonstrado que a crise do movimento conservador como um todo, desde o fim da Guerra Fria, e as sucessivas derrotas para Barack Obama, geraram disputas internas no seio do Partido Republicano, com a ascensão, por exemplo, do Tea Party. Este, por sua vez, ao ser cooptado por movimentos “AstroTurf” gerou uma cisão entre as demandas, cada vez mais radicais, do eleitorado republicano e os atores tradicionais do movimento conservador. Esse cenário contribuiu para a ausência de lideranças fortes politicamente, advindas do *mainstream* do GOP, e permitiu que Trump avançasse ao explorar retóricas populistas e autoritárias, que vinham ganhando espaço previamente perante o eleitorado do partido.

Sides et al. (2018) apontam que a campanha de Trump foi vitoriosa a partir da ativação de demandas e sentimentos presentes no eleitorado republicano que não vinham sendo incorporadas pelos candidatos do *establishment* do partido. Donovan e Redlawsk (2018, p.16) concordam com esse argumento e complementam: *“Trump may have tapped into pre-existing right-wing populist sentiments held by many Republican voters, sentiments that may not have been addressed as forcefully by establishment Republican candidates”* (DONOVAN; REDLAWSK, 2018, p. 16).

Essas demandas latentes de parcelas dos eleitores republicano vão na contramão de tendências que o *establishment* do partido vinha adotando, ao buscar incorporar ao seu eleitorado grupos sociais minoritários, como os hispânicos, por meio, sobretudo, do apelo religioso. Além disso, a partir da influência da corrente libertária do movimento conservador e de figuras influentes no partido, como os irmãos Koch, houve grande tendência, anterior a 2016, de adoção de agendas ultra-ortodoxas no plano econômico pelo alto escalão do partido, defendendo um estado mínimo com a redução de impostos para os mais ricos, além de cortes em programas sociais e serviços públicos (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016). Essa dimensão econômica libertária, consolidada no GOP enquanto legado do governo Reagan, também contribuiu para o afastamento paulatino do *establishment* do partido de sua base eleitoral, abrindo o caminho para o nacionalismo econômico proposto por Trump (SKOCPOL; HERTEL-FERNANDEZ, 2016; SIDES et al., 2018).

Rudolph (2019) demonstra que, para além de questões econômicas, os eleitores de Trump apresentaram identificação com sua plataforma em temáticas culturais e sociais, como a questão das imigrações, o que é salientado também por Sides et al. (2018). Realmente, ao longo das primárias, Trump, Cruz e Carson foram os candidatos que mantiveram posturas firmes contrárias às imigrações e às reformas para a legalização da situação de populações que residem nos EUA sem documentos. Esses tópicos vinculam-se, principalmente, a uma percepção de necessidade de restrição das imigrações e de promoção de políticas públicas heterodoxas do ponto de vista econômico (SIDES et al., 2018; MAZA; CROWLEY, 2017). Rudolph (2019) identifica, ainda, que Trump foi o único candidato capaz de mobilizar parcelas do eleitorado identificadas com o ressentimento perante o governo federal e as elites de Washington, no que ele conclui: *“Trump was able to leverage populist anger for political advantage in ways that other candidates were not and that such anti-elitism played an important and underappreciated role in explaining the outcome of the presidential election”* (RUDOLPH, 2019, p. 1). Isso demonstra as bases de consolidação do PDR de Trump, cujo

componente *anti-establishment* foi fundamental para o estabelecimento de uma narrativa nativista e autoritária.

Conley (2018) compreende a vitória de Trump nas primárias como fruto de um extenso trabalho de pesquisa de mercado por parte de sua equipe, desde 2011, de modo a identificar e compreender o pensamento e o comportamento do eleitorado republicano. Nesse sentido, a retórica inflamada de Trump, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, seria fruto de vastas pesquisas prévias de mercado, que endossaram a receptividade de determinados segmentos do público norte-americano a candidatos “espontâneos” e que “falassem o que vem à cabeça” sobre determinados temas, ainda que reproduzisse ideias imprecisas e mesmo falsas (CONLEY, 2018). Conley (2018) conclui, ao analisar a campanha de Trump, que sua empreitada eleitoral em 2016 passou longe de ser improvisada ou espontânea. Ela foi, na realidade, um esforço dirigido por pesquisas eleitorais e dados consolidados, com o objetivo de posicioná-lo enquanto um outsider político, cujo compromisso era com soluções para os problemas norte-americanos baseadas no senso comum de parcelas representativas da sociedade, como homens e brancos. Os argumentos de Conley (2018) ajudam a compreender o papel da variável antecedente citada anteriormente referente ao protagonismo de Trump no Movimento Birther.

A vitória de Trump nas primárias levou autores como Cohen et al. (2016) - que defendiam a necessidade de suporte de elites partidárias como variável determinante para a nomeação nas primárias - a reavaliar seus argumentos e buscar identificar quais fatores foram alterados nessa dinâmica para permitir a ascensão vitoriosa de Trump⁴⁶ (COHEN et al., 2008; COHEN et al., 2016). A conclusão dos autores é de que, além dos conflitos entre as facções do GOP, a nova mídia política, em particular, a digital, que oferece uma cobertura crescente das primárias, foi fundamental para Trump (COHEN et al., 2016).

A grande exposição de Trump na mídia, que pode ser atribuída também ao seu status prévio enquanto celebridade nacional, de fato foi fundamental para a potencialização de sua candidatura, principalmente a partir da vasta cobertura midiática de suas declarações polêmicas (SIDES et al., 2018). Etling et al., (2017) apontam a capacidade de Trump de se promover na mídia nacional, e, principalmente, de monopolizar as agendas do debate público, ofuscando as pautas de seus concorrentes e tornando-os extremamente reativos às agendas

⁴⁶ Os únicos precedentes a essa nomeação de outsiders viera do Partido Democrata, com George McGovern em 1972, que perdeu as eleições para Nixon e, posteriormente, Jimmy Carter, que foi eleito em 1977.

que ele propunha ao longo de todo ciclo eleitoral de 2016. Essa impulsão certamente foi fundamental para Trump se destacar em meio a outros 16 concorrentes pela nomeação Republicana.

Esse processo é analisado por Mudde (2017), que relaciona os resultados das eleições de 2016 tanto às características do sistema político-partidário dos EUA quanto ao fato de Trump ser nacionalmente conhecido nos EUA previamente:

To a certain extent this odd situation is a consequence of the unique US party system, dominated by two stable, but weakly centralized and organized, political parties. But it also reflects the contemporary political context, in which traditional party structures have become much less important for mobilizing supporters; particularly if you have the (social and traditional) media visibility of Trump (MUDDE, 2017 2017, p. 63).

O fato de Trump ser uma celebridade e um empresário supostamente bem-sucedido, portanto, contribuiu para sua ascensão política. Van Elteren (2013) aponta que a associação entre celebridades e política fez parte da cultura norte-americana, com eles atuando na captação de recursos para campanhas, na promoção de lobby, em cargos dentro do governo ou mesmo se candidatando e chegando à Casa Branca, como foi o caso de Ronald Reagan (VAN ELTEREN, 2013). Isso ocorre devido a uma característica específica da sociedade dos EUA, que tem suas posturas de desconfiança perante políticos comuns amenizadas quando celebridades apoiam esses candidatos ou mesmo quando concorrem como candidatos (VAN ELTEREN, 2013).

Foi identificado também que as publicações de Trump nas redes sociais, e suas participações em debates, eram fatores que previam um aumento da sua cobertura midiática (WELLS et al., 2016). Além disso, ao longo das primárias, a cobertura midiática recebida por Trump foi desproporcional ao seu desempenho eleitoral, sendo muito maior do que os demais concorrentes republicanos, ou seja, a cobertura não tinha relação com um eventual sucesso que ele estava tendo no início de sua campanha, e sim com sua fama prévia associada a discursos provocativos emitidos em eventos, em entrevistas, em interações espontâneas com o público e em suas redes sociais (WELLS et al., 2016).

A percepção do eleitorado republicano foi de que Trump, de fato, “alterou o tom da política norte-americana” (HAWLEY, 2017, p. 129). Sua postura politicamente incorreta violou convenções estabelecidas e contribuiu para a normalização de retóricas nativistas comuns à ultradireita no país e, historicamente, excluídas do jogo político dominante. A partir da análise da trajetória de ascensão de Trump em meio às primárias, deve-se, adiante,

compreender a maneira pela qual a vitória de um *outsider* republicano redundou em um esforço amplo de construção de uma base de apoio que viabilizasse a corrida à Casa Branca por parte de Trump.

4.4 A cooptação de alianças no Partido Republicano

A maneira pela qual Donald Trump venceu as primárias republicanas, a partir de uma postura crítica ao movimento conservador e ao próprio GOP, deve ser abordada, para a compreensão dos atores e das ideologias que formaram o Populismo de Direita Radical Trumpista. O que se percebe é que, ao consolidar sua posição enquanto um *outsider* dentro do Partido Republicano e, ainda assim, vencer as primárias, Trump teve de cooptar alguns setores do partido que não o haviam apoiado inicialmente, para, assim, viabilizar sua empreitada posterior rumo à Casa Branca. Chama a atenção, em especial, a direita religiosa fundamentalista, que recebeu a Vice-presidência em troca de seu apoio. Outros atores aderiram de maneira pragmática ao ticket de Trump, como é o caso de Steve Bannon e da Alt-Right, ajudando a consolidar a dimensão Populista de Direita Radical de sua candidatura. A seção, portanto, foca em identificar a maneira pela qual esses atores tornaram-se os pilares da plataforma de Trump na disputa pela Casa Branca.

De fato, a posição singular de Trump enquanto ator político, na história norte-americana, advém do fato de ele ter se consolidado enquanto um desafiante do *establishment* político tradicional dos EUA a partir de dentro do próprio sistema bipartidário. Isso ocorreu de maneira distinta de outros desafiantes anteriores a esse modelo tradicional, que buscaram concorrer à presidência a partir de candidaturas independentes, como George Wallace, do *American Independence Party*, em 1968, e Ross Perot, do *Reform Party*, em 1992 e 1996 (MUDDE, 2017). Ceaser (2017, p. 5) pontua a singularidade desse processo: “*Never before, it seemed, had there been a nominee less closely aligned with the core of the party he represented*”.

A plataforma eleitoral de Trump, ao antagonizar o movimento conservador e o *establishment* do GOP, teve dificuldade no financiamento à sua campanha, não recebendo apoio de grandes doadores vinculados ao movimento conservador, como os irmãos Koch (GREEN, 2017). Os Koch tiveram atuação importante ao longo do ciclo eleitoral de 2016, principalmente por meio do Themis/i360, plataforma voltada para a coleta e análise de dados de eleitores desenvolvida por empresas ligadas a eles. Consolidada a partir de 2009, a plataforma do Themis/i360 se demonstrou mais avançada que as bases de dados do Comitê

Nacional do Partido Republicano, levando a um acordo de compartilhamento dos dados do Themis/i360 para uso dos candidatos do GOP a partir de julho de 2015 (NELSON, 2019). Nelson (2019) demonstra, ainda, que os Koch formaram a base de apoio da campanha de diversos candidatos republicanos ao longo da corrida presidencial, como Ted Cruz, Jeb Bush e Marco Rubio. No entanto, eles recusaram-se a apoiar a candidatura de Donald Trump, por discordar, sobretudo, de sua plataforma econômica protecionista (NELSON, 2019). Skocpol et al. (2018) indicam, no entanto, que, a partir da nomeação de Trump como candidato republicano, a rede dos irmãos Koch não deixou de financiar a campanha republicana ao executivo federal, apesar de grande parte de seus recursos terem sido realocados, de fato, a candidatos ao legislativo alinhados com plataformas libertárias.

Deve-se ponderar, no entanto, que a plataforma econômica libertária pregada pelos Koch apresentava uma desconexão evidente com a base eleitoral do Partido Republicano. Jacobson (2016) demonstra que a maioria dos apoiadores de Trump compartilhava a sua visão que rejeitava a ortodoxia econômica, sendo céticos perante o livre mercado e as elites do mercado financeiro de *Wall Street*. Além disso, a base eleitoral de Trump demonstrou-se contrária aos dogmas que a rede dos Koch vinha impondo há décadas perante o GOP, no tocante à redução de impostos aos mais ricos, à desregulamentação financeira e à abertura comercial (JACOBSON 2016). Deve-se salientar que a rejeição às concepções libertárias do movimento conservador foi uma das principais características da plataforma eleitoral de Trump, que, por meio do “*America First*”, propôs uma concepção econômica nacionalista e populista.

É necessário, assim, avaliar a construção das alianças que viabilizaram a candidatura de Trump após as primárias, tendo em vista que sua campanha se diferenciou do que é considerado como tradicional para a conquista da nomeação, principalmente nos termos do financiamento de campanha. Trump, de fato, falhou em atrair investidores para financiar sua campanha nos estágios iniciais – no processo denominado de “primárias invisíveis” - nos quais doadores tradicionais do GOP apostam suas fichas nos seus candidatos favoritos (MANZE; CROWLEY, 2017). Essa questão foi resolvida, inicialmente, devido ao fato de Trump possuir imensos recursos financeiros próprios, tendo a capacidade de arcar com os custos de grande parte de sua campanha a partir de seu próprio bolso (MANZE; CROWLEY, 2017).

Trump também teve dificuldades, ao longo das primárias, de mobilizar o apoio de outra fonte fundamental de recursos para campanhas republicanas: A *National Rifle Association* (NRA), que apostou suas fichas, inicialmente, em Ted Cruz. A NRA demonstrara sua grandiosidade por meio do crescimento do número de filiados, que saltou de 2,5 milhões em 1993 para 4,5 milhões em 2013, tornando-a um ator político capaz de influenciar diretamente quaisquer processos eleitorais no país. A NRA, em 2016, destinou US\$5,9 milhões a candidatos do Partido Republicano dispostos a favorecer suas posições contrárias ao maior controle da compra e venda de armamentos no país, enquanto apenas \$106 mil foram destinados a Democratas (NELSON, 2019).

Apesar dessas dificuldades, Trump efetivamente venceu a disputa republicana e, posteriormente, chegou à Casa Branca. No entanto, para viabilizar essa trajetória Trump contou com três atores fundamentais, responsáveis, também por consolidar sua plataforma Populista de Direita Radical. Essas questões serão abordadas adiante.

4.4.1 A cooptação da direita religiosa fundamentalista

Um dos atores mais importantes que aderiram a Trump foram os tradicionalistas da direita religiosa, institucionalizada a partir da ação do *Council for National Policy* e de lideranças religiosas de caráter fundamentalista. Esses atores foram extremamente importantes para Trump, pois forneceram ao republicano o aparato tecnológico relacionado à sua campanha digital, recebendo, em troca, a vice-presidência, com Mike Pence. Esse processo é compreendido como a consolidação da transição de parcelas importantes da direita religiosa em direção à ultradireita, desvinculando-se, assim, do movimento conservador. A presente seção, portanto, irá abordar essa questão e descrever o processo como ela ocorreu desde as primárias.

Os tradicionalistas da direita religiosa foram um dos principais atores ao longo das primárias do GOP em 2016, a partir da ampliação de sua influência no partido desde a ascensão do Tea Party, ajudando a potencializar o processo de radicalização em curso no GOP. Inicialmente, o bloco da direita religiosa apoiara os candidatos com viés religioso mais sólido, como Ben Carson e Mike Huckabee, sendo o seu foco principal as candidaturas de Ted Cruz e Marco Rubio, ambos vinculados à *Southern Baptist Convention*, grupo religioso que compõe a base do CNP. No entanto, após as primárias o movimento efetivamente negociou seu apoio a Trump, ajudando a elegê-lo na campanha contra Hillary Clinton.

Em meio às primárias de 2016, o Presidente do CNP, Tony Perkins, declarou apoio a Ted Cruz, mobilizando o aparato de instituições e empreendimentos midiáticos do grupo para a campanha de Cruz (NELSON, 2019). Nelson (2019) aponta que Ted Cruz era o candidato ideal para a consolidação de um projeto de poder da direita religiosa, que, por meio do CNP, articulava as plataformas digitais e a rede de instituições necessárias para conectar eleitores e o candidato republicano. O vínculo formal entre a campanha de Cruz e o CNP se deu por meio da contratação de Chris Wilson, membro do CNP, com quem Cruz trabalhara desde 2011. Seria Wilson quem contrataria, em 2015, a Cambridge Analytica para a campanha de Ted Cruz, o que seria herdado por Donald Trump posteriormente (NELSON, 2019).

Em meio às primárias, os tradicionalistas se posicionaram não somente a favor de Ted Cruz, mas, efetivamente, contrários à candidatura de Trump. Membros influentes da direita religiosa tradicionalista, como Richard Land, declararam que Trump contrariava os princípios evangélicos e que era necessário repudiar sua candidatura (NELSON, 2019). O *The Christian Post*, publicação influente vinculada ao CNP, em editorial intitulado “*Donald Trump Is a Scam. Evangelical Voters Should Back Away*”⁴⁷, publicou que abriria uma exceção à postura de não declarar apoio a quaisquer candidatos, colocando-se contrário a Trump por ele não representar os interesses dos evangélicos.

A Direita Religiosa atuava, há décadas, para cooptar o Partido Republicano, em um esforço que Donald Trump colocava em xeque, em 2016, após uma campanha avassaladora pouco comprometida com valores religiosos. A preocupação fundamental, no seio do Partido Republicano, principalmente das parcelas submetidas à influência do fundamentalismo religioso, seria justamente a relação que os eleitores evangélicos mais radicais teriam com relação a Trump, uma vez que essa parcela do eleitorado vinha sendo ativada há anos pelo GOP e já demonstrara que, caso não se identificassem com um candidato, milhões de potenciais eleitores sequer sairiam de casa para votar (NELSON, 2019).

De fato, a figura pública de Donald Trump não era bem vista perante o eleitorado evangélico. Presbiteriano não praticante, Trump demonstrara posições ambíguas em temas sensíveis como os direitos de homossexuais e o aborto. Mesmo ao participar de eventos em instituições religiosas, Trump encontrava dificuldades em cooptar lideranças da direita religiosa. Nelson (2019, p. 190) acrescenta: “*He shocked pastors by declaring he was above*

⁴⁷ Disponível em [<https://www.christianpost.com/news/donald-trump-scam-evangelical-voters-back-away-cp-editorial-158813>]. Acesso em 5/12/2019.

the need to ask God for forgiveness, and told a radio host that his favorite Bible verse was “an eye for an eye”—an Old Testament concept repudiated by Jesus, who said “turn the other cheek.”

O poder da direita religiosa já era conhecido desde meados da década de 1980, quando ajudara a eleger Reagan, como discutido previamente. Trump, portanto, demonstrou pragmatismo ao buscar apoio junto a essa direita religiosa, consciente de seu imenso poderio financeiro, do seu vasto eleitorado e, sobretudo, de sua grande estrutura tecnológica desenvolvida para a campanha de Ted Cruz, em parceria com outros importantes *stakeholders* republicanos, como a NRA e os Koch. Sobre o tema, Nelson (2019) aponta:

The machine was assembled and ready to roll: the CNP grassroots organizations, the Leadership Institute alumni, the fundamentalist and NRA getout-the-vote drives, and the Koch brothers’ i360 data platform. There were also the uCampaign apps, acquiring data and contacts from different grassroots canvassers and organizations. But many of these elements had been assembled for the benefit of Ted Cruz, and Cruz was in a sulk (NELSON, 2019).

Se, para Trump, o apoio da direita religiosa era essencial para viabilizar sua campanha à Casa Branca, uma janela de oportunidade também se apresentava aos fundamentalistas. Desde 2014 o GOP controlava as duas Casas do legislativo, e as perspectivas para 2016 seriam de manutenção dessa maioria, nesse sentido, caso vencessem as eleições presidenciais, a direita religiosa teria a oportunidade de levar à frente as suas reformas sociais pretendidas há décadas, principalmente pela cooptação do judiciário, como aponta Nelson (2019):

[...] if the Republicans won the presidency and retained the Senate, they would hold the power to reshape the American judiciary. That’s when the real change would unfold. They would have the ability to roll back abortion rights, gay marriage, and gun laws; they could revoke environmental regulations, abolish entire federal agencies, and assail IRS restrictions on churches’ right to operate as tax-free political platforms. Decisions on gerrymandering and redistricting would set the scales for many elections to come. Their aspirations would no longer be limited by the system of checks and balances designed by the founders of the Republic to guard against extremism (NELSON, 2019 p. 189, grifo nosso).

A possibilidade de ocupar uma posição de influência na Casa Branca e influenciar na indicação de juízes ao longo do mandato de Trump era um tema que, particularmente, inflamava a direita religiosa naquela conjuntura. Isso ocorreu tendo em vista a decisão de 2015, da Suprema Corte dos EUA - *Obergefell v. Hodges* – que declarou que o casamento entre pessoas do mesmo gênero não poderia ser proibido nas esferas estaduais, ordenando o reconhecimento dessas uniões em todo território norte-americano. Essa decisão teria enfurecido a direita religiosa fundamentalista, potencializando seu sentimento de destruição dos valores religiosos e catapultando suas ambições políticas (TEITELBAUM, 2020).

Percebe-se, assim, o pragmatismo da direita religiosa ao aderir à candidatura de Trump, em meio à janela de oportunidade que se apresentava ao movimento.

A primeira aproximação entre Trump e a direita religiosa fundamentalista se deu por meio de convite da *United in Purpose* para uma palestra ao lado de Ben Carson, após articulação de seu CEO, Bill Dallas, e de George Barna, estrategista de campanha de Trump (NELSON, 2019). Barna calculara que as lideranças religiosas presentes no evento detinham influência sob um total de 60 milhões de eleitores, tonando sua cooptação fundamental (NELSON, 2019). O evento ocorreu em Nova Iorque e contou com a presença do alto escalão do CNP, como seu Presidente Tony Perkins, além de diversos líderes fundamentalistas dos EUA. No entanto, dias após o evento, Perkins e outras lideranças tradicionalistas, em coletiva de imprensa, apesar de elogiarem Trump, recusaram-se a endossar sua candidatura formalmente. Isso demonstrou a cautela da direita religiosa, além de seu pragmatismo, por calcular o valor de seu apoio e as possíveis barganhas que poderiam conseguir (NELSON, 2019).

George Barna publicizou sua atuação ao longo da campanha eleitoral de 2016 em seu livro *“The Day Christians Changed America”*, publicado no ano seguinte à vitória de Trump. Barna (2017) identificou que, anteriormente, nas eleições de 2012, 38 milhões de cristãos *“born again”* não votaram nas eleições, 26 milhões dos quais estavam registrados para o pleito e preferiram ficar em casa. A causa fundamental, identificada por Barna (2017), foi o fato de Mitt Romney ser mórmon. Nesse sentido, em 2016, a prioridade de Barna, em parceria com o CNP, foi ativar o voto dessa parcela da população.

Nelson (2019) aponta que Barna, enquanto estrategista da campanha de Trump, segmentou seu público-alvo em acrônimos referentes às suas características, identificando-os *“SAGE Cons”*: *“Spiritually Active, Governance Engaged Conservative Christians”*. Esse grupo era composto por indivíduos que acreditavam em uma concepção de Estado baseado na ordem bíblica de maneira bastante literal, compondo números entre 20 e 25 milhões de pessoas nos EUA, com grande potencial de exploração eleitoral: *“This voting bloc, neglected by urban elites, was concentrated in areas that could play an outsize role in the Senate and the Electoral College”* (NELSON, 2019 p. 170).

George Barna (2017), de fato, atribui aos *“SAGE Cons”* a responsabilidade de ter garantido a Donald Trump a vitória eleitoral em 2016, sobretudo, pela sua atuação em estados-chave como Pensilvânia, Michigan, Wisconsin, Florida, e Carolina do Norte. Barna

(2017) sugere, ainda, que os SAGE Cons não tinham Trump como preferência inicialmente, preferindo candidatos como Ted Cruz, Ben Carson e Marco Rubio, mas, nas eleições gerais, 91% deles foram votar, dos quais, 93% votaram efetivamente em Trump, o que o autor atribui, principalmente, à nomeação de Mike Pence como vice. Esses números corresponderiam, de fato, a 10% dos votos totais do Republicano (BARNA, 2017).

Obviamente a obra de Barna (2017) busca promover seus méritos individuais perante o resultado eleitoral de 2016, mas ele apresenta análises importantes acerca da maneira pela qual ele buscou ativar os SAGE Cons, argumentando que essa parcela da população fora negligenciada de maneira ampla anteriormente, sobretudo pelo foco de Democratas nos segmentos negros, hispânicos, gays, universitários e outras minorias. No entanto, o principal aspecto apontado por Barna (2017) é o amplo desconhecimento acerca do segmento evangélico como um todo por parte de Democratas, que vinha sendo cooptado e organizado por organizações como o CNP há décadas, sobretudo nas regiões centrais dos EUA, em que a presença da grande mídia decaiu drasticamente nas últimas décadas. Nelson (2019) corrobora esse argumento, identificando uma alta penetração de consórcios midiáticos vinculados a ideais da direita religiosa atuando no meio-oeste dos EUA, por meio, principalmente, do rádio.

A ação mais assertiva de Trump na busca pelo apoio da Direita Religiosa foi a criação de um “*evangelical advisory council*”, de modo a auxiliá-lo ao longo de sua campanha em temas sensíveis à direita religiosa, como na elaboração de uma lista de juízes alinhados a seus valores a serem nomeados caso Trump fosse eleito (NELSON, 2019). Dos vinte e seis membros do conselho, nenhum era metodista, episcopal ou presbiteriano, sendo a maioria vinculada à *Southern Baptist Convention* e presente no evento de Nova Iorque (NELSON, 2019).

Dessa forma, tendo em vista o cenário eleitoral em 2016, a direita religiosa atuou também de maneira pragmática, pois percebia Hillary Clinton como uma ameaça maior do que aquela representada por Trump, devido, sobretudo, às suas posições a favor do aborto, do casamento homossexual e do controle de armas. Os tradicionalistas haviam dedicado décadas de esforços de cooptação do GOP e sabiam que exerceriam sua influência somente por meio desse partido. Por outro lado, devido ao seu controle de grande parcela da base de apoio, e de financiamento das campanhas eleitorais republicanas, lideranças vinculadas ao CNP aderiram à candidatura de Trump a partir de algumas barganhas, consolidadas por meio do “*evangelical*

advisory council” e, principalmente, a partir da indicação de Mike Pence enquanto candidato a Vice-Presidente (NELSON, 2019).

Advogado, natural do estado de Indiana, Pence associou seu fundamentalismo cristão às suas habilidades de oratória para conduzir programas de rádio conservadores entre 1994 e 1999, demonstrando sua oposição a temas como o aborto e a união entre pessoas do mesmo gênero (NELSON, 2019). Essa experiência ajudou a catapultar sua carreira política no início dos anos 2000, quando foi eleito para o Congresso, e aproximá-lo do CNP (NELSON, 2019, p. 69). Pence representava os valores fundamentalistas evangélicos e seria, portanto, o elo de conexão entre o voto das populações mais religiosas e Trump.

Mike Pence possuía uma trajetória vinculada à ala tradicionalista mais radical do movimento conservador, advogando no legislativo norte-americano por agendas como o fim do financiamento público ao aborto e se posicionando contra o *establishment* Republicano sucessivas vezes, o que consolidou sua sinergia com a plataforma eleitoral de Trump (MONTGOMERY, 2012). As evidências que conectam Pence ao CNP são públicas, como demonstram os registros de sua participação em eventos ligados a organizações como a *Americans for Prosperity* e em ao menos três eventos oficiais do CNP, após assumir enquanto Vice Presidente, como demonstram o Anexo 5, retirados pelo autor de seu perfil no Twitter⁴⁸ após as eleições.

Desse modo, em julho de 2016, na Convenção Nacional Republicana, em Cleveland, os representantes do alto escalão do CNP oficializaram seu apoio a Trump. A Direita Religiosa, de maneira pragmática, legitimaria Trump perante a comunidade religiosa não como um homem de Deus, mas sim como um instrumento de Deus (NELSON, 2019). Com isso, Nelson (2019) aponta que Trump, de fato, herdou as ferramentas digitais e o complexo tecnológico que antes estava a serviço de Ted Cruz nas primárias:

The coalition went to work. The hidden machinery that had advanced the candidacy of Ted Cruz now pivoted to Trump, giving him the donor base, ground game and campaign technology he lacked—strategically concentrated in critical districts of swing states[...] Regardless, it was clear that Trump didn’t create the package; he inherited it. The irony was that the package had been developed to defeat him. (NELSON, 2019 p. 198).

Enquanto Trump, ao longo de sua campanha, deu foco no nacionalismo econômico e no antagonismo a imigrantes, a Direita Religiosa definira os seus pilares temáticos de modo a ativar o público fundamentalista religioso: Aborto, Casamento homoafetivo, Nomeações à

⁴⁸ Mike Pence possui dois perfis no Twitter: @Mike_Pence e @VP

Suprema Corte, Estado Mínimo e “Liberdade Religiosa” (NELSON, 2019). Percebe-se, nesse sentido, que a adesão desse grupo tradicionalista ampliou a base de eleitores de Trump, sendo um dos elementos responsáveis por sua vitória.

A partir de décadas de ressentimentos acumulados com relação à corrupção dos valores religiosos e da influência de perspectivas radicalizadas, entidades como o CNP e lideranças religiosas individuais do movimento tradicionalista formalizaram seu apoio a Trump e consolidaram a trajetória desse movimento em direção à ultradireita. No âmbito do Populismo de Direita Radical de Trump, percebe-se que os tradicionalistas ajudaram a consolidar os elementos autoritários desse movimento, e, em menor medida, também os populistas, sendo apenas o nativismo menos presente como fundamento dessa direita religiosa radicalizada.

Além da vice-presidência, evidências acerca da influência que o CNP conquistaria perante Trump podem ser encontradas mediante a vinculação de membros do grupo a posições de destaque ao longo da sua campanha, como Kellyanne Conway. Além disso, em sua equipe de transição, cinco integrantes também são listados como membros do CNP⁴⁹ e mesmo em cargos de destaque da administração Trump, após a vitória eleitoral, pôde-se identificar membros do CNP, como John Bolton, que ocupou o cargo de Conselheiro de Segurança Nacional entre abril de 2018 e setembro de 2019⁵⁰ e Betsy DeVos, nomeada Secretária de Educação ainda em novembro de 2016 (TEITELBAUM, 2020).

Steve Bannon é mais um ator influente na eleição de 2016 com conexões junto à direita religiosa, sendo listado como membros do CNP no documento intitulado “*Membership Directory 2014*”. Bannon é apegado a valores cristãos, tendo palestrado algumas vezes no Vaticano e sendo um de seus objetivos, também, influenciar na Igreja Católica de maneira a se contrapor às visões progressistas do Papa Bento XVI (TEITELBAUM, 2020). No entanto, Bannon adquiriu tamanha influência ao longo das eleições de 2016 que será abordado na seção seguinte como um dos principais atores para a candidatura de Trump.

4.4.2 A atuação de Steve Bannon

Stephen K. Bannon tornou-se uma figura tão poderosa e influente, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, que deve ser considerado um ator fundamental para a campanha de Trump,

⁴⁹ São eles, Bill Walton, Ken Blackwell, Edwin Meese, Becky Norton Dunlop e Edwin J. Feulner

⁵⁰ Bolton foi identificado como membro do CNP a partir de documento de 2012 disponível em [<https://web.archive.org/web/20120204172815/http://www.seekgod.ca/cnp.be.htm#bolton>]. Acesso em 29/11/2019.

sendo considerado, de fato, enquanto um dos pilares de sustentação da candidatura do republicano. Bannon foi o responsável por desenvolver o corpo ideológico do PDR de Trump, a partir de uma perspectiva que explorou, claramente, ressentimentos econômicos e culturais, tais quais Norris e Inglehart (2019) apontam como sendo catalisadores de apoio a populistas autoritários. A atuação de Bannon enquanto *Chief Executive Officer* (CEO) da campanha republicana garantiriam a ele o cargo de estrategista-chefe na Casa Branca, no início da gestão Trump, e, posteriormente, um perdão presidencial por supostas irregularidades na alocação de recursos da campanha de 2016.

Antes de se tornar coordenador da campanha eleitoral de Donald Trump em 2016, Bannon fora CEO, desde 2012, do Breitbart News, principal portal da ultradireita nos EUA. Bannon também é listado no documento “*Membership Directory 2014*” como sendo membro do *Council for National Policy*, consolidando sua posição enquanto um dos atores mais influentes nas eleições de 2016 e demonstrando sua vinculação aos outros atores destacados na tese como sendo a base de sustentação de Trump, a direita religiosa e a Alt-Right.

Bannon era próximo a Trump desde 2011, exercendo papel de seu conselheiro informal enquanto o republicano cogitava concorrer à Casa Branca, ajudando Trump, por exemplo, em meio às articulações para promoção do Movimento Birther, como já elucidado anteriormente. Apesar disso, Bannon chegou a se reunir com diversos candidatos republicanos em 2016, como Ted Cruz, Rand Paul e Ben Carson (GREEN, 2017). Trump, porém, oferecia a Bannon uma nova perspectiva de associação a um candidato à presidência dos EUA simpático às suas ideologias, principalmente, o repúdio às imigrações (GREEN, 2017).

Desse modo, após as primárias, Trump nomearia Bannon como CEO de sua campanha eleitoral, em agosto de 2016, reconhecendo o papel importante que ele desempenhara nesse processo, principalmente, ao intermediar o acesso a recursos financeiros. Com efeito, Trump se beneficiava, também, da experiência prévia de Bannon ao influenciar a política europeia, como na atuação de sucesso ao longo da campanha do Brexit (GREEN, 2017).

Green (2017) demonstra os benefícios mútuos que Trump e Bannon colheram a partir da consolidação de sua parceria:

I argue that an implicit bargain lay at the heart of the relationship between Trump and Bannon: that his hard-right nationalist politics could carry the right person to the White House—at which point the powers of the presidency would be marshaled to faithfully enact it. Trump sold this brand of nationalism with the same all-out

conviction he brought to selling his own name. Whether he actually believed in it, he recognized that it was the key to closing the biggest deal of his life (GREEN, 2017, p. 10).

Steve Bannon, ao longo das primárias, fora responsável por articular o apoio do bilionário Robert Mercer para a campanha de Trump (GREEN, 2017). Mercer já possuía o histórico de doação de grandes somas a grupos conservadores como o *Citizens United* e a *Heritage Foundation*, além de destinar também grandes somas a fundos eleitorais como o Super PAC *American Crossroads*, totalizando mais de U\$ 77 milhões em doações a causas conservadoras desde 2008 (GREEN, 2017). No entanto, após as sucessivas derrotas de Romney – vemos aqui novamente a eleição de Obama como um marco temporal fundamental – Mercer rompeu com o movimento conservador tradicional, iniciando um processo de radicalização (GREEN, 2017).

A partir do bom relacionamento que tinha com Andrew Breitbart, Mercer fora o responsável pelo investimento, em 2012, de U\$10 milhões no relançamento do Breitbart News (GREEN, 2017). Esse portal de notícias se dedicava a combater uma suposta dominação da mídia por um conglomerado voltado à promoção de valores progressistas, como o multiculturalismo, a igualdade de gênero e a globalização, que estariam, na concepção de Breitbart, acabando com a civilização ocidental e fortalecendo o Partido Democrata (PRADO, 2021). Após a morte precoce de Andrew Breitbart, Steve Bannon assumiria o portal, recebendo a benção – e o capital – de Mercer. O bilionário também atuara, entre 2012 e 2016, financiando os projetos anti-Clinton de Bannon, como o *Government Accountability Institute*, e a produtora *Glittering Steel*, além da *Strategic Communication Laboratories*, que se tornaria a Cambridge Analytica (GREEN, 2017). No ciclo eleitoral de 2016, Mercer apoiara inicialmente Ted Cruz, porém, a partir da nomeação de Trump e do histórico positivo de sua relação com Steve Bannon, Mercer representou para a campanha do republicano uma alternativa importante às fontes tradicionais de financiamento do GOP (GREEN, 2017).

A aproximação de Bannon e Trump, em 2012, coincidiu com o momento em que Bannon estreitava seus laços com Mercer e assumia o Breitbart, o portal de notícias que se tornaria a principal fonte de informação de Donald Trump (WARZEL; THUY VO, 2016). Desse modo, Trump personificaria os ideais reacionários de Bannon e seria determinante no processo de tornar essas ideologias parte do *mainstream*, superando a marginalização histórica da ultradireita no jogo político dos EUA. O papel de Bannon, portanto, foi de instrumentalização da personalidade de Trump para a construção de um ator político com uma ideologia de ultradireita. Contudo, por meio da linguagem de Trump e sua forte presença nas

plataformas digitais, essas ideias se tornariam acessíveis ao público em geral: “A luva de veludo de Bannon encaixa confortavelmente no punho de ferro de Trump. Vemos Trump atuando e se pronunciando, mas, muito frequentemente, são as palavras de Bannon que escutamos” (ALEXANDER, 2020, p. 10).

Alexander (2018) vincula a construção da imagem política de Donald Trump ao projeto de Bannon:

Trump, como instruído e projetado por Bannon, quer nos convencer de que o discurso universalista é antiquado e as instituições independentes são disfuncionais. Ele declama as categorias binárias excludentes de Bannon e ataca instituições democráticas centrais: o jornalismo é falso, as pesquisas de opinião pública são fraudulentas, a justiça é tendenciosa, o voto não é conclusivo e o cargo não é vinculativo (ALEXANDER, 2018, p. 10).

Desse modo, a parceria entre Bannon e Trump se consolidou a partir de uma relação de ganhos mútuos, na qual Trump recebeu um importante articulador político em troca da incorporação de uma ideologia de ultradireita totalmente sinérgica com sua plataforma. Bannon, por sua vez, disponibilizou sua rede de influências enquanto idealizava a vitória de seu projeto de influenciar a política norte-americana de dentro da Casa Branca. A seção a seguir apresenta o terceiro ator fundamental para a campanha de Trump: A Alt-Right.

4.4.3 Alt-Right e o apoio a Donald Trump

Ao passo que Donald Trump consolidou alianças por meio de negociações e concessões, tanto com Steve Bannon quanto com a direita religiosa, um ator importante aderiu à sua campanha de maneira espontânea: A Alt-Right. Essa adesão da Direita Alternativa se deu a partir do histórico de atuação política de Trump, com o Movimento Birther, e de sua postura abertamente anti-imigrações, consolidada ao longo das primárias. No entanto, esse processo contou, também, com a influência de Steve Bannon, por meio do Breitbart News, principal portal de notícias da ultradireita norte-americana, demonstrando a sinergia entre a candidatura de Trump e seus aliados (BENKLER et al. 2018; JACKSON, 2018). A presente seção demonstra a maneira pela qual a Direita Alternativa, embora heterogênea, ao aderir à campanha de Donald Trump identifica um líder capaz de simbolizar o movimento, configurando-se como um dos pilares de sustentação da campanha Populista de Direita Radical de Trump.

A Alt-Right é classificada por Jackson (2019) como um grupo racista extremista, que defende um “legado branco” estadunidense, o qual estaria supostamente ameaçado por outros grupos raciais impulsionados pelos ideais multiculturais e pró-diversidade. Nesse sentido,

argumenta-se que essa Direita Alternativa compreendeu o slogan de Trump, “*Make America Great Again*”, como um ideal que significaria “*Make America White Again*” (JACOBSON, 2016).

Houve discussão em meio à Direita Alternativa também sobre a adequação de se utilizar os canais políticos formais para difundir suas ideias e ampliar sua influência, ou se deveriam rejeitá-los, devido à suposta dominação de pautas conservadoras-economicistas no GOP. É interessante ressaltar que a Alt-Right representa não somente um antagonismo direto a quaisquer pautas progressistas, como também uma ruptura com o *establishment* conservador norte-americano, que, na visão do movimento, teria foco em ideais brandos, como “liberdade”, “livre mercado” e “capitalismo”. Nesse sentido, percebe-se a assertividade da argumentação de Bar-On (2019), que defende que a Direita Alternativa tem como seu principal inimigo “as elites cosmopolitas” que compõem o *establishment* tanto republicano quanto democrata.

As posições controversas da Alt-Right com relação ao apoio ou não a Trump refletiram a própria característica de composição plural do movimento. Esse debate girava em torno, sobretudo, da maneira pela qual poderiam introduzir ao debate político formal suas concepções nativistas de nacionalismo branco, que buscava, no longo prazo, a conformação de um “Etno-Estado” exclusivo às populações brancas (HAWLEY, 2017). Lyons (2017) aponta que mídias importantes para o movimento, como o *American Renaissance*, foram favoráveis à utilização por parte de nacionalistas brancos dos processos eleitorais de modo a influenciar na adoção de políticas públicas que mantivessem as porcentagens de brancos nos EUA em maior número possível, enquanto outra vertente, cujo *Counter Currents* era o expoente, via a única solução possível como sendo a secessão, desvinculada, portanto, do processo político tradicional.

Deve-se ponderar, porém, que a Alt-Right, antes das eleições de 2016, era um movimento heterogêneo, difuso e sem lideranças formais, fazendo com que algumas de suas divisões internas a levassem a uma breve cisão nos termos do apoio à candidatura de Donald Trump. Paradigmaticamente, percebe-se que parte minoritária do movimento, em especial a facção antissemita, não apoiou Trump, devido ao fato de dois de seus filhos serem casados com judias, tornando-o supostamente leal a Israel e simpático ao judaísmo (LYONS, 2017). Lyons (2017) identifica, porém, em grupos antisemitas, como o *Traditionalist Youth*

Network, a visão de que Trump seria uma ferramenta importante para a Alt-Right, embora não encampasse, diretamente, todas as agendas do movimento:

While Donald Trump is neither a Traditionalist nor a White nationalist, he is a threat to the economic and social powers of the international Jew. For this reason alone as long as Trump stands strong on deportation and immigration enforcement we should support his candidacy insofar as we can use it to push more hardcore positions on immigration and Identity. Donald Trump is not the savior of Whites in America, he is however a booming salv across the bow of the Left and Jewish power to tell them that White America is awakening, and we are tired of business as usual (TRADITIONALIST YOUTH NETWORK, 2015 apud LYONS, 2017).

Autores da própria Alt-Right descreveram esse processo, como Bokhari e Yiannopoulos (2016), afirmando que, por décadas, o “conservadorismo natural” não foi representado, desde o ocaso dos Paleocons e da cooptação do movimento por parte de Neocons e de Reagan e Thatcher, cujo componente econômico sobrepujava o cultural: “*establishment conservatives care more about the free market than preserving western culture, and are happy to endanger the latter with mass immigration where it serves the purposes of big business*” (BOKHARI; YIANNPOULOS, 2016). Os autores definem a Alt-Right como uma “libertação da dialética entre a direita e a esquerda”, distanciando-se, no início, do Partido Republicano. por identificá-lo como enraizado em valores conservadores (BOKHARI; YIANNPOULOS, 2016, sem página).

Diferentemente dos Paleocons, que buscavam inserção no movimento conservador tradicional e no GOP, de modo a reformá-lo por dentro, a Alt-Right não possuía qualquer proposta de ocupação de espaços conservadores, justamente por refutá-los veementemente e considerá-los excessivamente focados em aspectos econômicos e na moral cristã (HAWLEY, 2017; LYONS, 2017). Segundo Hawley (2017, p. 107) a crítica fundamental da Alt-Right ao movimento conservador e ao GOP vem da negação da identidade branca como fundamento do movimento e do partido “*white people are the predominant constituents of conservative politics, but conservatives in power rarely promote white interests. In fact, many conservatives consider it a point of pride that they do not promote white interests*”.

A Figura 15 representa essa ruptura explícita da Direita Alternativa com o GOP por meio de seus mascotes, o sapo Pepe e o elefante, respectivamente, utilizando a linguagem típica do movimento, o meme:

Figura 15. Meme produzido pela Alt-Right contra o Partido Republicano.



Fonte: BOKHARI;YIANNOPOULOS, 2016.

Embora Trump disputasse a presidência pelo GOP, em meio a seus primeiros discursos eleitorais a Direita Alternativa o identificou como um representante de suas agendas, principalmente a partir da associação de mexicanos ao tráfico de drogas, estupro de mulheres, além da proposta de construção de um muro na fronteira com o México (HAWLEY, 2017). Desse modo, percebe-se que o apoio da Alt-Right se deu, de fato, a Donald Trump, e não ao Partido Republicano em si. No entanto, como visto anteriormente, a questão da identidade branca vinha, paulatinamente se tornando um dos pilares identitários do Partido Republicano, em detrimento da herança economicista libertária de Ronald Reagan, contribuindo para facilitar a adesão da Direita Alternativa à candidatura de Trump via GOP (BENKLER et al., 2018).

Com efeito, percebe-se que a adesão da Direita Alternativa à candidatura de Donald Trump se consolidou ainda ao longo das primárias, auxiliando Trump a vencer essa disputa, a partir da oposição flagrante ao *establishment* conservador do Partido Republicano e a figuras como Jeb Bush e Marco Rubio (MUDDE, 2018). Por outro lado, o movimento conservador também se posicionou contra a Alt-Right, como ficou explícito a partir da edição intitulada “*Conservatives against Trump*”⁵¹ da *National Review* em janeiro de 2016 (HAWLEY, 2017).

Para se compreender o afastamento da Alt-Right perante os conservadores tradicionais deve-se ter em mente um tema em especial: A imigração. Os conservadores norte-americanos nunca lidaram com a questão da imigração como um tópico a ser evitado ou combatido, e, pelo contrário, em governos conservadores, como os de Ronald Reagan e de George W. Bush,

⁵¹ Disponível em [<https://www.nationalreview.com/2016/01/donald-trump-conservatives-oppose-nomination/>].

houve políticas de incorporação e legalização de imigrantes sem documentos no país (HAWLEY, 2017). Esse direcionamento mais moderado com relação à questão da imigração teria se intensificado a partir da percepção dos conservadores do *establishment* do Partido Republicano, após a derrota de Romney para Obama em 2012, que o partido deveria moderar algumas de suas posições (GREEN, 2017). Paradigmático nesse sentido foi a atuação de lideranças conservadoras como Marco Rubio, apoiando, no início de 2013, uma reforma migratória nos EUA, a fim de regularizar a situação de mais de 11 milhões de imigrantes em situação ilegal no país.

O que diferencia a abordagem conservadora daquela da Alt-Right no tema de imigração é a cautela com a qual os conservadores lidam com essa temática. Enquanto a Direita Alternativa aponta para a imigração das “populações marrons⁵²” como sendo um catalisador da desconstrução dos EUA branco, os conservadores vinculam os problemas das imigrações a questões econômicas, como o efeito negativo que geram nos salários e nas contas dos serviços públicos de assistência social ou nas questões da segurança pública de modo geral, sem associar a isso raças, nacionalidades ou grupos específicos (HAWLEY, 2018).

A preocupação da Direita Alternativa com a temática da imigração é apontada por Bokhari e Yiannopoulos (2016, sem página): “*the movement is frightened by the prospect of demographic displacement represented by immigration*”. A questão migratória, portanto, é fundamental para a compreensão não somente do apoio da Alt-Right a Trump como também da própria Alt-Right em si. Ao advogar pela incorporação de recortes raciais às políticas públicas e pela manutenção dos EUA enquanto uma nação branca, as imigrações são vistas, de fato, como o principal tema a ser combatido pelo movimento.

Jared Taylor (2018, sem página), uma das lideranças intelectuais da Alt-Right, demonstra a percepção da Direita Alternativa perante os imigrantes enquanto usurpadores:

As waves of non-white immigrants sweep over us it common to say that diversity is Americas “greatest strength.” [...] Nothing is more grating than when non-white immigrants themselves throw “diversity” in our faces—as if they came for the sole purpose of bringing us this precious gift. They came, of course, because we built a wonderful society. People who have made their own countries miserable come to take advantage of a society they could never have created—and if they come in large enough numbers they will turn our country into something completely alien. And we are supposed to thank them for this (TAYLOR, 2018, sem página).

⁵² Termo pejorativo vinculado à Alt-Right para definir, de modo geral, hispânicos, latinos, indianos, sikhs e muçulmanos

Trump, portanto, foi acolhido e celebrado pela Alt-Right devido à sua oposição ao setor mais tradicional do GOP. Bokhari e Yiannopoulos (2016, sem página) sugerem que o apoio da Direita Alternativa a Trump se deu, principalmente, pela sua agenda cultural: “*Certainly, the rise of Donald Trump [...] suggests grassroots appetite for more robust protection of the western European and American way of life*”. Além disso, há uma percepção do movimento de que esses anseios eram ignorados pela classe política, até que Trump passou a representá-los, “*To Trump and the crowds who follow his lead, he alone recognizes the threat the others pose and he alone possesses the will to neutralize them*” (MACWILLIAMS, 2016, p. 2). O que de fato vinculou a Alt-Right a Trump foi a ruptura representada pelo então candidato por meio de sua ascensão, subvertendo o Partido Republicano por dentro e encerrando o monopólio dos conservadores da agenda das políticas de direita do país (HAWLEY, 2017).

A Direita Alternativa encarou Trump como a personificação do ideal de que os EUA são, fundamentalmente, um país de homens brancos, acolhendo, assim, sua candidatura (LYONS, 2017). Heikkilä (2017) aponta que comunidades em fóruns da internet, como o Reddit, foram os principais locais que evidenciaram o apoio da Alt-Right a Trump, com a página “*r/The_Donald*” crescendo conforme a candidatura de Trump ganhava força, saltando de 1,3 milhões de visualizações em janeiro de 2016 para 52 milhões em março daquele ano. Pode-se inferir, portanto, que as eleições de 2016 representaram um ponto de inflexão para a Alt-Right, que, a partir da candidatura de Trump, unifica-se em torno da promoção do Republicano e da deslegitimação de seus concorrentes, amplificando suas mensagens e ajudando a inserir a ultradireita, paulatinamente, no *mainstream* político do país.

Conclui-se, assim, o capítulo 4, apresenta, inicialmente os debates acerca da polarização política dos EUA e o argumento que demonstra que esse processo é assimétrico, sendo pautado, sobretudo, pela radicalização republicana. A seguir, apresentou-se os resultados das eleições presidenciais de 2016, com a vitória de Donald Trump sendo marcada pelo fato de ele ser um outsider que concorreu por meio de um partido do *mainstream* e que consolidou um processo de radicalização desse partido, vencendo as eleições no Colégio Eleitoral mesmo perdendo no voto popular. Elucidou-se, depois, a trajetória de Trump nas primárias republicanas, demonstrando a maneira pela qual ele cooptou o eleitorado sensível a questões identitárias e a temas como o combate às imigrações, ativando demandas do eleitorado republicano que não eram representadas pelo *mainstream* do partido. Demonstrou-se, também, que sua plataforma eleitoral foi consolidada a partir de três atores fundamentais.

O primeiro identificado foi a direita religiosa fundamentalista, que havia apoiado Ted Cruz mas que aderiu a Trump a partir das negociações para que uma de suas lideranças, Mike Pence, fosse o vice na chapa que concorreu à Casa Branca em 2016. O segundo ator preponderante identificado foi Steve Bannon, que atuou como CEO da campanha de Trump e ajudou a conectá-lo, ideologicamente, à sua base eleitoral e a seus potenciais financiadores. O terceiro ator identificado foi a Alt-Right, que aderiu à campanha de Trump de maneira espontânea a partir da afinidade intelectual do movimento com suas plataformas nativistas. O próximo capítulo buscará demonstrar como a adesão desses três atores a Trump consolidou a sua plataforma Populista de Direita Radical, e como essa variável independente impactou na vitória de Trump a partir de seus efeitos nas variáveis intervenientes.

CAPÍTULO 5 – O POPULISMO DE DIREITA RADICAL TRUMPISTA E SEUS IMPACTOS NAS ELEIÇÕES DE 2016

Embora haja uma tendência de crescimento da ultradireita globalmente, a ascensão de Trump deve ser encarada enquanto um fenômeno tipicamente norte-americano, como aponta Mudde (2017, p. 61): “*Trump is in many ways as American as apple pie, standing in a long tradition of authoritarian, nativist and populist politics in the United States*”. A partir do estabelecimento da trajetória de Trump, desde as primárias até as eleições gerais, e dos principais atores que fizeram parte desse processo – a direita religiosa, Steve Bannon e a Alt-Right – pode-se determinar de maneira mais precisa o seu enquadramento enquanto um Populista de Direita Radical ao longo das eleições de 2016. Compreende-se, portanto, que, em meio à trajetória de radicalização republicana, Trump consolidou esse processo e orientou o partido rumo a um projeto de PDR particular.

Ao longo das eleições de 2016, a associação de Trump à ultradireita e, especificamente, ao PDR, fica evidente ao se identificar os elementos populistas, autoritários e nativistas de sua plataforma, em um processo que se consolidou a partir dos atores que fizeram parte de seu ticket eleitoral, identificados na seção anterior. Como determina Mudde (2017, p.55): “*The case for labeling Trump “far right” is pretty straightforward. The core of his campaign is authoritarianism and nativism fueled with fierce and vulgar anti-establishment rhetoric*”. O PDR Trumpista incorpora à tradicional retórica “*anti-establishment*” do populismo tradicional as dimensões identitárias pautadas por ideais nativistas e autoritários, em que o povo - que o populista clama representar - seria culturalmente homogêneo, e estaria sendo usurpado pela ação das “*elites corruptas*” em favor de minorias, como imigrantes, tornando necessárias ações autoritárias para combater esse processo.

O PDR de Donald Trump teria se consolidado a partir da consolidação de sua candidatura a partir do apoio de três atores fundamentais: A direita religiosa tradicionalista, a Alt-Right e Steve Bannon. A seção anterior dedicou-se a demonstrar a trajetória particular de cada um desses atores na consolidação do apoio ao ticket eleitoral de Trump. No presente capítulo, apresenta-se um aspecto inovador da tese, que é a identificação da sinergia intelectual e ideológica entre esses três atores, demonstrando que, conjuntamente, eles ajudaram a consolidar o PDR com características Trumpistas.

O capítulo 5, portanto, demonstra as características singulares do Populismo de Direita Radical Trumpista, a partir de sua vertente ideológica, o Tradicionalismo – em uma versão adaptada às particularidades dos EUA, por meio de Steve Bannon – e seu principal componente estratégico: A metapolítica, oriunda da *nouvelle droite* francesa. Identifica-se, ao longo do capítulo, as adaptações de Bannon ao Tradicionalismo, que ajudaram a construir o PDR Trumpista, assim como as estratégias metapolíticas da Alt-Right e do chamado “novo tradicionalismo” da direita religiosa norte-americana.

Posteriormente, busca-se apresentar a maneira pela qual o PDR de Trump impactou no crescimento da ultradireita e nos eleitores democratas. Aborda-se, assim, a incorporação da ultradireita ao *mainstream* político do país, por meio da consolidação da radicalização do eleitorado republicano, que amplia a adesão do eleitorado do GOP a agendas populistas, nativistas e autoritárias. Além disso, demonstra-se de que modo o PDR de Trump impactou potenciais eleitores democratas, a partir da exploração, sobretudo, de retóricas anti-imigração que cooptaram, principalmente, parcelas da classe trabalhadora branca, localizadas em distritos estratégicos, a efetivamente votar em Trump.

5.1 O populismo de Donald Trump

No capítulo 1 se estabeleceu que o populismo é definido como uma ideologia que considera a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos - as “pessoas puras” e “a elite corrupta” – sendo que o populista clama para si a expressão da vontade geral do povo (MUDDE; KALTWASSER, 2017). No entanto, apesar desse conceito ser amplo, deve-se levar em consideração as particularidades que esse fenômeno adquire nos EUA e como Donald Trump se apropriou de uma abordagem populista em sua campanha em 2016.

Primeiramente, deve-se pontuar que o populismo não é um fenômeno incomum nos EUA. As primeiras referências ao termo “populismo” vieram da esfera política ao final do século XIX, com o *People's Party*, composto por abolicionistas e igualitaristas contrários às elites financeiras do país e defensores da classe trabalhadora (NORRIS; INGLEHART, 2019; VERGARA, 2019). Apesar da aparente associação aos valores progressistas, Hofstadter (1955, apud VERGARA, 2019) denunciou os contornos nativistas desse movimento, e Ferkiss (1957 apud VERGARA, 2019) apontou o antissemitismo presente no ressentimento do *People's Party* com as elites de *Wall Street*. Percebe-se, assim, que, historicamente, o populismo norte-americano tem como um de seus fundamentos o nativismo e o racismo.

Bonikowski e Gidron (2016) analisaram 2.406 discursos de candidatos à presidência dos EUA entre 1952 e 1996, codificando-os por meio de softwares de análise textual e identificando variações sistemáticas e previsíveis acerca da utilização de retóricas populistas. Os autores identificaram discursos populistas enquanto um elemento comum tanto a democratas quanto a republicanos, com a prevalência de uso por parte daqueles que são desafiantes aos ocupantes da Casa Branca no momento das eleições, se vendendo como *outsiders*:

In particular, we demonstrate that the probability of a candidate's reliance on populist claims is directly proportional to his distance from the center of power (in this case, the presidency). This suggests that populism is primarily a strategic tool of political challengers, and particularly those who have legitimate claims to outsider status [...] These results demonstrate that populism is a significant feature of American presidential politics among both parties (BONIKOWSKI; GIDRON, 2016, p.1).

Os populistas norte-americanos buscaram, de maneira geral, em sua retórica, afastar-se de concepções elitistas, reverenciando o “*We The People*” da Constituição. Mudde (2018) insere essa tradição, de fato, no centro da política dos EUA: “*populist sentiments have always been deeply rooted in US society, being exploited in time by both mainstream politicians – think about Richard Nixon’s “silent majority” – and populist upstarts – none more popular than Texas billionaire Ross Perot*” (MUDDE, 2018, p. 33). Destaca-se, ainda, o Tea Party enquanto um movimento populista antecedente ao ciclo eleitoral de 2016 e que viria a influenciar na candidatura de Trump, uma vez que ajudara a consolidar a radicalização do GOP.

Oliver e Rahn (2016) sustentam que Donald Trump seria a “apoteose” de um populismo tipicamente norte-americano, no qual três elementos para além do nativismo e autoritarismo seriam presentes: 1. anti-elitismo - que se confunde também com o ressentimento perante o governo federal -, 2. descrédito de especialistas e 3. nacionalismo. A definição utilizada pelos autores vai ao encontro do maniqueísmo anti-*establishment* ressaltado por Mudde e Kaltwasser (2017) como presente, tipicamente, no populismo norte-americano: “*At its core, populism is a type of political rhetoric that pits a virtuous “people” against nefarious, parasitic elites who seek to undermine the rightful sovereignty of the common folk*” (OLIVER; RAHN, 2016, p. 2). Os autores enfatizam ainda o discurso populista de Trump, que afirma ter a intenção de colocar fim à corrupção da elite e de reinserir o povo na condição de protagonista da política, sob apelos nacionalistas do ponto de vista econômico e social (KAZIN, 1995; TAGGART, 2000; JANSEN, 2011 apud OLIVER; RAHN, 2016).

Oliver e Rahn (2016) enquadram Trump dentro de uma leitura mais ampla do conceito de populismo, que apela ao coletivismo e ao anti-elitismo de modo a desafiar a ordem dominante, por meio de uma retórica emocional e sem decoro, contribuindo para a percepção de sua espontaneidade e determinação com relação à proteção dos interesses do povo (CANOVAN, 1999; ARDITI, 2005; MOFFITT, 2015 apud OLIVER; RAHN, 2016). A expressão máxima do populismo de Trump, portanto, seria a forte retórica anti-migratória: *“This construction of a “we” is facilitated by the invocation of the people’s enemies, both internal and external—the “people” often come to know who they are by who they are not. Consequently, nativism and racism are common in populist appeals”* (OLIVER; RAHN, 2016, p. 3).

Donald Trump mescla seu viés populista antielitista com concepções xenófobas e nativistas, sendo sua bandeira principal, de fato, a postura anti-imigração (MUDDE, 2018). Sides et al. (2017) ressaltam que Trump explorou, de fato, essas questões desde que iniciou sua corrida nas primárias:

Donald Trump announced his candidacy by declaring that Mexico was sending rapists to the United States and the country needed to build a wall to keep them out. His slogan—“Make America Great Again”—reminded voters of what once was, suggesting that a past “greatness” had been lost and that he alone could restore it. His campaign emphasized plans to keep out people whom it depicted as undeserving of America’s spoils, be they Mexican or Muslim. Trump frequently divided the world into “us” and “them.” (SIDES et al., 2017, p. 7).

O populismo de viés autoritário e nativista que Trump representa precede sua disputa à Casa Branca em 2016, vindo de suas posturas radicais perante desafetos políticos, como Barack Obama, o que fica evidente na maneira pela qual Trump protagonizou o Movimento Birther. MacWilliams (2016, p.1) corrobora essa análise e afirma ainda que, se Trump representou, por um lado, a oferta do populismo, também houve, de outro, uma demanda *“Trump’s rise is in part the result of authoritarian voters’ response to his unvarnished, us-versus-them rhetoric”*. MacWilliams (2016) também atribui à ascensão de Trump a exploração da dinâmica maniqueísta de *nós* contra *eles*, arregimentando uma parcela do eleitorado sensível a respostas autoritárias perante desafios inerentes à segurança, como o terrorismo e sua equivocada associação com as imigrações.

Além disso, Trump foi o único candidato no ciclo eleitoral de 2016 que cooptou eleitores ressentidos com o governo federal por meio de frases de efeito como a de que ele iria *“secar o pântano da corrupção em Washington”*, refletindo seu forte apelo antielitista e anti-*establishment* (NORRIS; INGLEHART, 2019; RUDOLPH, 2019). Norris e Inglehart (2019)

definem Trump como um “Populista Autoritário”, de retórica xenófoba, racista e “contra-elitista”:

His populism is rooted in claims that he is an outsider to D.C. politics, a self-made billionaire leading an insurgency movement on behalf of ordinary Americans disgusted with the corrupt establishment, incompetent politicians, dishonest Wall Street speculators, arrogant intellectuals, and politically correct liberals (NORRIS; INGLEHART, 2019, p.6).

Greven (2016) demonstra as características que diferenciam o populismo tradicional de um Populismo de Direita Radical:

Populism’s central and permanent narrative is the juxtaposition of a (corrupt) “political class”, “elite”, or “establishment”, and “the people”, as whose sole authentic voice the populist party bills itself [...] **Right-wing populism adds a second antagonism of “us versus them” based on a definition of the people as culturally homogenous**, [...] with the identity and interests of “others”, usually minorities such as migrants, which are supposedly favored by the (corrupt) elites [...] The more ethno-centric the conception of the people, the more xenophobic the positioning against “the other” (GREVEN, 2016, p.1, grifo nosso).

Mudde (2018), por sua vez, defende que Trump, em seus discursos, não tomava para si as virtudes do povo, mas sim, enfatizava as suas próprias virtudes, o que inviabilizaria sua classificação enquanto um populista tradicional. O exercício retórico de Trump, orientado por uma postura auto-centrada, buscava ressaltar os seus feitos e conquistas como sendo os postulados fundamentais para sua aptidão ao cargo de Presidente, distanciando-o da pretensão de representar a *vox populi*, e o enquadrando enquanto, sobretudo, um ator anti-*establishment* acima dos demais: “*He is better than everyone, both the elite and the people*” (MUDDE, 2017, p. 33).

Mudde (2017) ressalta ainda que o populismo de Trump possui concepções particulares que o distinguem das agendas econômicas conservadoras tradicionais acerca da relação entre o Estado e o mercado, e convergem perfeitamente com as agendas do PDR em âmbito global. O que caracteriza o PDR em termos sócioeconômicos é uma concepção híbrida, que combina um nacionalismo econômico de cunho protecionista com demandas por menos impostos e taxaço, além do ressentimento perante auxílios econômicos do Estado destinados a minorias e a aceitação da desigualdade como um fenômeno natural (MUDDE, 2017). Isso diferencia o PDR de Trump do “Populismo de Direita” vinculado ao Paleolibertarianismo, que defende uma concepção radical de livre mercado e estado mínimo.

Argumenta-se que o PDR de Trump explorou tanto a perspectiva de “insegurança econômica” quanto de “reação cultural”, desenvolvidas por Norris e Inglehart (2019) e elucidadas no capítulo 1. Isso é explícito ao se perceber a maneira pela qual aspectos

econômicos vinculados às mudanças na sociedade norte-americana foram patentes no discurso de Trump, como evidencia o “*America First*”, atingindo parcelas do eleitorado ressentidas com a posição que coube aos EUA na globalização, como, por exemplo, trabalhadores brancos do *Rust Belt*. Além disso, a “reação cultural” foi um dos pilares da mobilização empreendida por Trump, estando presente na base intelectual dos principais atores que apoiaram sua candidatura, como demonstrado anteriormente.

Com efeito, os aspectos nativistas e autoritários do Populismo de Direita Radical de Trump serão demonstrados nas próximas seções do capítulo, de maneira conjunta, por meio de um aprofundamento das ideologias e estratégias políticas que permeiam Trump, Bannon, a direita religiosa e a Alt-Right. Argumenta-se, assim, que o PDR Trumpista é composto pelo Tradicionalismo como herança ideológica e pela Metapolítica como estratégia de ação, o que ajuda a demonstrar seus elementos populistas, nativistas e autoritários.

5.1.2 A influência do Tradicionalismo

Para compreender melhor a maneira pela qual Donald Trump consolidou sua plataforma ideológica deve-se recorrer ao Tradicionalismo, elucidado anteriormente no capítulo 1. O Tradicionalismo é, de fato, o principal ponto de conexão entre Trump e seus principais *stakeholders*: Bannon, a direita religiosa e a Alt-Right. Essa ideologia de ultradireita é, essencialmente, anti-moderna, possuindo um esteio extremamente denso e complexo que remonta a pensadores do início do século XX. Suas principais influências intelectuais são René Guénon, autor de “*Crisis of the Modern World*”, de 1927, e Julius Evola, autor de “*Revolt against the Modern World*”⁵³ de 1934 (SEDGWICK, 2004; GREEN, 2017; TEITELBAUM, 2020).

O Tradicionalismo é um movimento global que encontrou no século XXI aqueles dispostos a reverberar suas crenças. O Tradicionalismo inspirou não somente Bannon no EUA, como também outros representantes influentes da Alt-Right, como Greg Johnson, do portal *Counter-Currents* e Richard Spencer, que utilizava o *Alternative-right.com* para abrigar textos originais de Evola e Guénon (BAR-ON, 2019; MACKLIN, 2019). Pode-se encontrar a influência do Tradicionalismo na ultradireita Europeia, como é o caso da Hungria⁵⁴, e no

⁵³ Teitelbaum (2020, p. 22) explica acerca dessas obras: “*You won’t find them on the shelves of just any bookstore, or hear them mentioned in a standard philosophy, religion, or politics course in college. They circulate instead through marginal channels, often of either the obscure occultist or the radical right-wing variant (or both)*”.

⁵⁴ No caso húngaro, o Tradicionalismo foi associado ao Turanismo, uma ideologia nacionalista datada do século XIX, colocando a Hungria como alternativa à modernidade do Ocidente (TEITELBAUM, 2020).

Brasil de Bolsonaro, onde o principal representante dessa ideologia é o astrólogo Olavo de Carvalho⁵⁵, o que demonstra a influência global dessa corrente intelectual (TEITELBAUM, 2020).

O Tradicionalismo possui implicações globais, assim como conotações geopolíticas. o Tradicionalismo influencia ideologicamente, por exemplo, a Rússia de Vladimir Putin, a partir do pensamento de Aleksandr Dugin (GREEN, 2017). Dugin é o responsável pelo desenvolvimento de uma variante do Tradicionalismo com a incorporação de um nacionalismo russo de cunho geopolítico, conhecido como Eurasianismo, que enxerga na Rússia o bastião da Tradição e nos EUA o paradigma do globalismo que deve ser combatido. Nesse sentido, a Rússia seria, de fato, uma alternativa da Tradição em oposição à modernidade ocidental (TEITELBAUM, 2020).

Por outro lado, nos EUA, o Tradicionalismo foi incorporado ao nativismo, populismo e autoritarismo do projeto PDR de Trump, a partir de adaptações realizadas por Steve Bannon, que defende, por exemplo, que o globalismo está intrinsecamente vinculado ao modelo econômico e político da China, sendo fundamental, para o projeto Tradicionalista, a oposição aos chineses (TEITELBAUM, 2020). Isso ficou evidente na adoção de uma retórica sinofóbica por parte de Trump, vinculada, principalmente, a questões econômicas nacionalistas, como demonstra o “*America First*”.

A visão de mundo de Bannon é essencialmente anti-moderna, e por isso ele se demonstra contrário ao que chama de “globalismo”, representado por instituições como a União Europeia, e que deveriam, na visão de Bannon, ser enfraquecidas, por serem responsáveis pelo colapso do Ocidente a partir da crescente incorporação de populações muçulmanas e imigrantes em geral à Europa. Nos EUA, a crescente preocupação com os *outsiders* também é um elemento que marca o pensamento de Bannon. A Tabela 5 representa um esboço de composição das lógicas dialéticas construídas por ele, opondo as virtudes norte-americanas à corrupção representada pelos elementos estrangeiros, globais e “bárbaros” (ALEXANDER, 2018):

⁵⁵ A influência de Olavo de Carvalho recebeu um capítulo especial na obra de Teitelbaum (2020), *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers*, relatando sua influência no governo brasileiro e seus encontros com Steve Bannon e Ernesto Araújo.

Tabela 5. Lógica do pensamento Tradicionalista de Steve Bannon

Estados Unidos (puro)	Eles (profano)
Povo	Elites
Verdadeiros americanos	Imigrantes (não brancos)
Nacionalistas	Globalistas
Propriedade	Pobreza
Religioso	Secular
Cristão	Não cristão
Ocidente	O Resto
Civilização	Barbárie

Fonte: ALEXANDER, 2018, p. 10.

Steve Bannon é, portanto, o principal responsável por inserir na plataforma eleitoral de Trump os ideais do Tradicionalismo, aproveitando-se do fato de ser um ponto de contato tanto com a direita religiosa – por ser membro do CNP - quanto com a Alt-Right, por ser CEO do Breitbart News. Teitelbaum (2020, p.20), após entrevistar Bannon em 2018, aponta sua relação íntima com o Tradicionalismo: “*it shaped his fundamental understanding of the world and of himself*”.

As bases do Tradicionalismo de Bannon são a rejeição completa à modernidade, ao iluminismo e ao materialismo, além da crença que a “verdadeira cultura” é baseada na imanência e na transcendência (TEITELBAUM, 2020). O perfil ativista e a busca pela ação política concreta são elementos que conectam o Tradicionalismo de Steve Bannon ao de Evola. Teitelbaum (2020) demonstra a maneira pela qual essas concepções de Evola influenciam a percepção dos Tradicionalistas acerca de temas da agenda global contemporânea:

He (Evola) and others saw in modernity the rise of a dark age where democracy and communism proceeded from widespread contempt for the past and a corresponding faith in progress; where politics focused on economics, where the global population was darkening due to northward migration from the global south, and where feminism and secularism forged a culture that celebrates sexual hedonism and chaotic disregard for boundaries of all kinds (TEITELBAUM, 2020, p. 19).

O Tradicionalismo nos EUA foi associado, ainda, a concepções nacionalistas anti-imigração, a partir da dimensão racial presente na obra de Evola, que influenciou Bannon, enxergando a raça enquanto um aspecto hereditário que conectaria os indivíduos a seus ancestrais, e, conseqüentemente, à Tradição (TEITELBAUM, 2020). O Tradicionalismo e seu pensamento, essencialmente, hierárquico, traz consigo o fomento às concepções nativistas e antisemitas presentes na tradição da ultradireita norte-americana:

Contrary to the messages they were hearing from organized white nationalism, Evola helped them see that the woes of the world were not the result of nonwhites and Jews per se. Modernity, rather, was the underlying cause, immigration and multiculturalism its byproducts. And a meaningful escape could be found only in modernity's opposite: Tradition, with its rejection of progress and equality and its embrace of a hierarchy that placed Aryan men on top (TEITELBAUM, 2020, p.84).

A partir disso, percebe-se que o Tradicionalismo é uma das bases intelectuais que influenciaram a campanha de Donald Trump, a partir do fato que o coordenador dessa campanha foi Steve Bannon. No entanto, a concepção dessa ideologia proposta por Bannon é distinta e, da mesma forma que Dugin a adaptou à geopolítica russa, Bannon elaborou sua versão adaptada à realidade norte-americana. Green (2017, p.43) é explícito ao afirmar “*By exhuming the nationalist thinkers of an earlier age, Bannon was trying to build an intellectual basis for Trumpism, or what might more accurately be described as an American nationalist-Traditionalism*”.

O fato de o Tradicionalismo ser um conjunto frouxo de ideologias que têm em comum a rejeição à modernidade e contemplam uma “Tradição” passada pouco definida é problemático porque permite interpretações pragmáticas que associam essa suposta Tradição perdida a qualquer elemento possível. O que Bannon desenvolve, portanto, é uma vertente populista do Tradicionalismo totalmente adaptada à conjuntura política, social e econômica dos EUA ao associar a classe trabalhadora norte-americana à Tradição, ao passo que as elites globalizadas seriam o paradigma da modernidade a ser combatida (TEITELBAUM, 2020). Além disso, a partir da concepção cíclica de tempo do Tradicionalismo, explicada no capítulo 1, Bannon enxergou em Donald Trump um “disruptor”, capaz de acelerar a transição da Era das Trevas para uma nova Era de Ouro (TEITELBAUM, 2020). O Tradicionalismo acredita, a partir dessa leitura cíclica, que em breve chegará ao fim essa “Era das Trevas” contemporânea, dando início a uma nova “Era de Ouro”, que resgataria a hierarquia e a espiritualidade da sociedade, pondo fim a valores “modernos”, como democracia, capitalismo, direitos humanos e mesmo o “estado-nação” (TEITELBAUM, 2020). Esse processo seria conduzido por grupos de pessoas consideradas em uma casta superior, vinculadas à espiritualidade e à honra, demonstrando uma leitura altamente hierarquizada acerca da sociedade (TEITELBAUM, 2020).

A partir dessa leitura cíclica da sociedade, vislumbrar o passado seria também uma maneira de compreender o que se aguarda no futuro, quando a atual Era das Trevas der lugar a uma nova Era de Ouro, como aponta Teitelbaum (2020, p.17) “*Further, cyclicity ascribes an unusual importance to history, for here, our past is nothing to overcome or escape; it is as*

well our future”. O Tradicionalismo condena, portanto, o tempo presente, e confia que, inequivocadamente, o tempo irá tornar a sociedade grandiosa novamente, tal qual fora em um passado imaginado. Compreende-se, nesse sentido, a convergência com o apelo contido no slogan de campanha de Trump: “*Make America Great Again*”.

O Tradicionalismo de Steve Bannon oferece, portanto, ao Populismo de Direita Radical, os elementos singulares vinculados ao “Trumpismo”. Seus contornos nativistas, autoritários e populistas são evidenciados nos ideais que catapultaram a campanha eleitoral de Trump em 2016, servindo, realmente, de base ideológica. A concepção de “*America First*” antagoniza diretamente a China, e apela diretamente à classe trabalhadora “Tradicional”, explorando o ressentimento perante as “elites globalistas” representantes da modernidade. O “*Make America Great Again*” pode ser interpretado a partir da concepção cíclica de tempo do Tradicionalismo, apontando que a direção futura dos EUA converge rumo a um passado idealizado, a “Era de Ouro” que se refere à Tradição. Desse modo, consolida-se uma ideologia capaz de seduzir eventuais grupos de Ultradireita, como a Alt-Right, que, por sua vez, oferecem sua própria interpretação acerca do que seria a Tradição do passado norte-americano a ser atingida, associando a ele a identidade branca, supostamente ameaçada pelas ondas de imigrantes e pelas minorias. A seguir, aborda-se a principal estratégia de difusão desses ideais de ultradireita: A metapolítica.

5.1.3 A Metapolítica e a Guerra Cultural

A metapolítica pode ser considerada uma estratégia que enfatiza a busca por mudanças sociais por meio do foco prioritário em mudanças culturais como condições antecedentes para mudanças políticas (TEITELBAUM, 2020). O conceito de metapolítica é associado, fundamentalmente, à ultradireita, apresentando clara convergência com ideais do Tradicionalismo, e influenciando o PDR Trumpista, o que será demonstrado adiante

A teoria de mobilização metapolítica não é nova, tendo suas origens na Europa do pós-guerra, sendo idealizada, inicialmente, pela Nova Direita Francesa, a partir de influências da Revolução Conservadora⁵⁶ do alemão Armin Mohler e da *apoliteia*⁵⁷ do Tradicionalista Julius Evola (GRIFFIN, 2000; BAR-ON, 2019). Guillaume Faye, associado à *nouvelle droite*, é um dos principais desenvolvedores desse conceito de metapolítica enquanto um método e

⁵⁶ A Revolução Conservadora representava uma vasta produção cultural – na forma de textos, livros, poesia e trabalhos acadêmicos – em meio à República de Weimar, que conglomerava “intelectuais” do nazismo alemão excluídos, posteriormente, do *mainstream* no pós-Guerra (GRIFFIN, 2000)

⁵⁷ Esse conceito se refere ao desinteresse dos homens Tradicionalistas pela política (GRIFFIN, 2000).

uma estratégia, que define como “*the social diffusion of ideas and cultural values for the sake of provoking profound, long-term, political transformation*” (FAYE, 2011 apud TEITELBAUM, 2019).

A premissa fundamental da metapolítica é que mudanças políticas são originadas, inicialmente, nos meios educacionais, na mídia e nas artes em geral, para, somente depois, reverberar na política, sendo um conceito muito presente em círculos de ultradireita (TEITELBAUM, 2019). Teitelbaum (2020) desenvolve:

The strategy involves **campaigning not through politics, but through culture—through the arts, entertainment, intellectualism, religion, and education**. Those are the places where our values are formed, not in a voting booth. If you succeed in altering a society’s culture, then you will have created a political opportunity for yourself. Fail to do this, and you’ll have no chance (TEITELBAUM, 2020, p. 54, grifo nosso).

A concepção da metapolítica advém dos impactos sociais, culturais e políticos deixados do pós-Guerra, no qual autores como Alain de Benoist e Guillaume Faye defendiam que, a partir dessa conjuntura histórica, valores liberais tornaram-se intrínsecos às sociedades ocidentais, e conceitos como liberdade e igualdade tornaram-se premissas indiscutíveis, tornando-se valores hegemônicos e consensuais (TEITELBAUM, 2019). Seus objetivos, portanto, eram o estabelecimento de um novo denominador político comum e um novo consenso que questionasse as premissas arraigadas nas sociedades ocidentais liberais. Essas questões foram exploradas, de maneira mais densa, no capítulo 1.

Desse modo, a metapolítica envolve o estabelecimento de uma “Guerra Cultural”, de modo a promover uma primazia da cultura sobre a política, no que seria um “Gramscismo de Direita” em reação ao “Gramscismo Cultural” (PRADO, 2021). Isso advém de uma concepção acerca da suposta dominação cultural da esquerda marxista, sendo necessária uma contrarrevolução reacionária que priorizasse aspectos culturais amplos, dos pontos de vista ideológicos, simbólicos e linguísticos (PRADO, 2021).

Esse foi o pano de fundo para a popularização do termo “Marxismo Cultural” nos círculos de ultradireita, fazendo referências a supostos ideais opostos à civilização-ocidental judaico-cristã impostos pela esquerda marxista no plano cultural, tornando o ocidente conivente com o multiculturalismo e o homossexualismo, por exemplo (PRADO, 2021). Prado (2021) desenvolve:

Segundo essa teoria, além de Gramsci, a Escola de Frankfurt, formada por filósofos neomarxistas – maioria judeus, o que demonstra o cunho antisemita da teoria

(Adorno, Marcuse e outros) – pretendiam, através da infiltração de suas teorias em meios acadêmicos e culturais, escravizar e dominar a mente das pessoas de forma sutil e introduzir ideias que minam – segundo eles – a civilização ocidental judaico-cristã [...]A partir desta premissa, afirmam que o marxismo cultural produziu o “politicamente correto”, que seria outra forma de domínio e homogeneização do pensamento [...] Essas elites intelectuais seriam, portanto, os agentes da “degradação moral” das sociedades (PRADO, 2021, p. 152).

O termo “marxismo cultural” foi desenvolvida e introduzida ao debate público por Michael J. Minnicino no artigo “*New Dark Age: Frankfurt School and Political Correctness*” publicado na revista *Fidelio* do Schiller Institute. Minnicino (1992, sem página) atribuía aos comunistas, sionistas e freudianos da Escola de Frankfurt a tarefa de “enfraquecer o legado judaico-cristão por meio de uma “abolição da cultura” e determinação de novas formas culturais⁵⁸”, aos quais ele atribui a alcunha de “nova barbárie”. Minnicino é mais um autor que se apropria de concepções Tradicionalistas, presentes, por exemplo, em seu argumento que estabelece que o Ocidente se encontra em uma “Era das Trevas”, romantizando um passado idealizado ao qual chama “tradição clássica”, que teria sido corrompida pela modernidade, demonstrando uma concepção cíclica de tempo típica do Tradicionalismo.

Minnicino (1992) cita autores como Theodor Adorno, Michel Foucault, Jacques Derrida, Umberto Eco, entre outros, como os principais representantes do que atribuiria a alcunha de “marxismo cultural”. Esse “marxismo cultural” propagaria ideias “politicamente corretas” como moralmente superiores e seria caracterizado pela “tolerância repressiva”, que o autor define como a tolerância a movimentos de esquerda e a intolerância a movimentos de direita. O termo “marxismo cultural” seria amplamente referenciado por ideólogos da ultradireita, inclusive, alguns associados ao Tradicionalismo, como o astrólogo brasileiro Olavo de Carvalho (TEITELBAUM, 2020).

O artigo de Minnicino (1992) se encerra com um chamado reacionário à ação que inspiraria, posteriormente, figuras associadas à ultradireita norte-americana, como Paul Weyrich, Pat Buchanan, William Lind e Eric Heubeck:

The principles through which Western Judeo-Christian civilization was built, are now no longer dominant in our society; they exist only as a kind of underground resistance movement. If that resistance is ultimately submerged, then the civilization will not survive [...] The way out is to create a Renaissance. If that sounds grandiose, it is nonetheless what is needed. A renaissance means, **to start again**; to discard the evil, and inhuman, and just plain stupid, and to **go back, hundreds or thousands of years, to the ideas which allow humanity to grow in freedom and goodness.**

⁵⁸ Do original “*The task of the Frankfurt School, then, was first, to undermine the Judeo-Christian legacy through an "abolition of culture" (Aufhebung der Kultur in Lukacs' German); and, second, to determine new cultural forms*” (MINNICINO, 1992).

Once we have identified those **core beliefs**, we can start to **rebuild civilization** (MINNICINO, 1992, sem página, grifo nosso).

Argumenta-se que essas concepções metapolíticas, advindas da *nouvelle droite* e do Tradicionalismo influenciaram o conjunto de atores que apoiaram Donald Trump em meio ao processo eleitoral de 2016, compondo o que se atribuiu a alcunha, na presente tese, de Populismo de Direita Radical Trumpista. As seções seguintes, portanto, buscam corroborar esse argumento.

5.1.3.1 A metapolítica de Steve Bannon

Um dos principais articuladores responsáveis por viabilizar a campanha de Donald Trump, de fato, foi Steve Bannon. Bannon ofereceu seu aparato ideológico à campanha de Trump, no entanto, ele já possuía experiência prévia nesse processo de assimilação de elementos culturais a interesses políticos. Green (2017) ressalta esse empreendedorismo de Bannon, definindo-o como “*a brilliant ideologue from the outer fringe of American politics—and an opportunistic businessman—whose unlikely path happened to intersect with Trump’s at precisely the right moment in history*”. Bannon, sendo um entusiasta do Tradicionalismo, incorporou a metapolítica e sua Guerra Cultural ao longo de sua trajetória profissional, que, dentre diversas atividades, incluiu trabalhos enquanto produtor e diretor de conteúdo audiovisual.

A metapolítica que Bannon representa é definida por Bar-On (2019) como uma busca pela introdução de novos temas ao ambiente político dos EUA “*the radical Right must be more Gramscian, winning hearts and minds, changing vocabulary, and bringing to American Politics issues of race, “Jewish influence,” immigration, multiculturalism, ethnic consciousness, and white political solidarity*” (BANNON apud BAR-ON, 2019, p. 232).

Não à toa Steve Bannon fundou a própria produtora, a *Glittering Steel*, de modo a produzir conteúdo alinhado às suas visões de mundo, o que demonstra, claramente, a sua ação no âmbito da metapolítica. Desse modo, Bannon foi produtor e diretor de documentários como “*In the face of Evil*”, de 2004 - cuja sinopse é “*Good versus evil in this epic tale which chronicles Ronald Reagan's crusade to destroy the most tyrannical and depraved political systems the world has ever known.*”⁵⁹ – e “*Generation Zero*”, de 2010 – que atribui a crise econômica de 2008 ao distanciamento do mundo ocidental e dos EUA aos valores Tradicionais. Além disso, vendo com entusiasmo o *Tea Party* e a figura de Sarah Palin, vice

⁵⁹ Sinopse retirada do *Internet Movies Database*. Disponível em [https://www.imdb.com/title/tt0427380/]. Acesso em 13/08/2021.

de John McCain na corrida presidencial de 2008, Bannon produziu em 2011 um filme intitulado “*The Undefeated*”, sobre a trajetória da ex-governadora do Alasca (GREEN, 2017).

A produção cultural de Bannon envolveria ainda material dedicado explicitamente a antagonizar Hillary Clinton, como o livro, financiado por meio de sua organização *Government Accountability Institute*, intitulado “*Clinton Cash: The Untold Story of How and Why Foreign Governments and Businesses Helped Make Bill and Hillary Rich*”. Essa obra chegou ao segundo lugar na lista de best-sellers do *The New York Times* ao apontar uma série de aparentes conflitos de interesse dos Clintons com relação às doações que recebiam para a Clinton Foundation e originaria o filme *Clinton Cash*, produzido e dirigido por Bannon em 2016, sendo lançado em Cannes logo após a nomeação da democrata como candidata à Casa Branca. O filme explora e aprofunda as investigações do livro, nas quais, supostamente, contribuições milionárias à “Clinton Foundation” eram oferecidas em troca de favores de Hillary enquanto ela ocupava o cargo de Secretária de Estado, reverberando negativamente na imagem de Clinton ao longo das eleições de 2016.

De acordo com Alexander (2018, p. 9), “Bannon inverte a observação de Clausewitz sobre a guerra ser a política por outros meios. Para ele, a política é a guerra por outros meios.” Denota-se da narrativa construída por Steve Bannon em sua produção cultural elementos bélicos, impulsionados por uma interpretação de que haveria uma ameaça existencial aos EUA, representada pelos “*outsiders*”. Isso demonstra claramente que sua atuação profissional era dedicada à “Guerra Cultural” metapolítica, utilizando-se da linguagem audiovisual, principalmente, para esse fim.

Teitelbaum (2020) identifica que as campanhas metapolíticas utilizam duas estratégias principais: 1. adentrar em canais culturais existentes para interferir neles e 2. criar canais culturais alternativos para competir com os tradicionais. Teitelbaum (2020, p. 55) desenvolve o seu argumento: “*The first approach attempts to sow political sympathy among the general populace and emphasizes outreach. The second aims to form a parallel society within a society, one large enough and radical enough to confront others in a fight for power*”.

Assim, ao consolidar o portal Breitbart News como a principal fonte de informação em 2016 dos eleitores de Trump e de movimentos como a Alt-Right, Bannon logrou outra vitória em sua guerra cultural, garantindo que esse público adentrasse à bolha da ultradireita, cuja característica principal é o isolamento perante o ecossistema midiático dos EUA (BENKLER et al, 2018). Barkun (2017, p. 5) argumenta, sobre o tema, “*Although Bannon himself had not*

personally expressed clear alt-right sentiments, his close past associations have made him if not a fringe figure himself, at least a bridge to the fringe". Assim, Bannon conseguiu, por meio de estratégias metapolíticas, minar a credibilidade dos meios de informação e da imprensa tradicional, fidelizando seus usuários e, por fim, radicalizando-os por meio da exposição ao Populismo de Direita Radical Trumpista e à Desinformação (TEITELBAUM, 2020). A seguir busca-se demonstrar a penetração do Tradicionalismo e da metapolítica nos ideais da direita religiosa fundamentalista.

5.1.3.2 O novo tradicionalismo metapolítico

No capítulo anterior demonstrou-se que parcelas importantes da direita religiosa, ao apoiarem Trump, consolidaram-se como atores de ultradireita. Com efeito, a presente seção busca demonstrar a convergência ideológica que permitiu essa radicalização da direita religiosa, a partir do vínculo a ideologias metapolíticas e com o Tradicionalismo. Desse modo, demonstra-se a afinidade intelectual que inseriu os fundamentalistas da direita religiosa no âmbito do Populismo de Direita Radical de Trump.

Como demonstrado anteriormente, a atuação da direita religiosa foi, historicamente, institucionalizada por organizações como o *Council for National Policy*, de modo a promover os interesses dos fundamentalistas protestantes norte-americanos em nível local, estadual e federal. Isso ocorreu, sobretudo, a partir do fortalecimento do movimento conservador empreendido pela eleição de Ronald Reagan, em que a direita religiosa desempenhou um papel importante ao mobilizar sua base eleitoral (NELSON, 2019). Apesar disso, os tradicionalistas tiveram sucessivos desgastes com as administrações Republicanas, porque consideravam esses governos não avançaram nas agendas conservadoras e religiosas como eles gostariam, mantendo como prioritárias as pautas econômicas (NELSON, 2019).

O que ocorre, portanto, entre os séculos XX e XXI é uma transição importante na maneira pela qual os fundamentalistas passariam a atuar para influenciar a vida política dos EUA. Essa alteração nos princípios orientadoras da ação do movimento foi esboçada, inicialmente, por Paul Weyrich, co-fundador da *American Heritage* e um dos operadores políticos vinculados ao CNP, a partir do texto de 1999 “*A moral minority? An open letter to conservatives*”, publicado pelo *think tank* que ele também havia fundado, a *Free Congress Foundation*.

Weyrich (1999) demonstra sua insatisfação com os resultados políticos obtidos pelos conservadores nas últimas décadas, culpabilizando não somente o jogo político, como também o ambiente cultural norte-americano pelo declínio dos valores tradicionalistas:

I think it is fair to say that conservatives have learned to succeed in politics. That is, we got our people elected. But that did not result in the adoption of our agenda. The reason, I think, is that **politics itself has failed. And politics has failed because of the collapse of the culture** [...] In truth, I think we are caught up in a **cultural collapse of historic proportions**, a collapse so great that it simply overwhelms politics (WEYRICH, 1999, sem página, grifo nosso).

Esse trecho do artigo de Weyrich demonstra que os tradicionalistas, de fato, possuíam uma agenda própria e que, mesmo em meio ao sucesso político do movimento conservador, uma parcela mais fundamentalista da direita religiosa norte-americana não estava satisfeita com sua representatividade. Denota-se, no texto de Weyrich, a alusão a um colapso cultural, uma terminologia bastante presente também nos ideais Tradicionalistas⁶⁰ de autores como Evola e Guénon, a partir da percepção que o tempo histórico presente seria uma “Era de Trevas”, associada ao afastamento dos vínculos espirituais das sociedades ocidentais.

Weyrich (1999) vincula o que considera como o “declínio ocidental” ao “marxismo cultural”⁶¹ e ao “politicamente correto”, sob forte influência de Michael J. Minnicino. Weyrich (1999), ao incorporar esses ideais a seu arcabouço ideológico, influencia a guinada de parcelas da direita religiosa à ultradireita e a ruptura com o conservadorismo tradicional ao longo do início do século XXI. Weyrich (1999) demonstra sua adesão às ideias de Minnicino (1992) ao escrever:

But it is impossible to ignore the fact that the United States is becoming an ideological state. **The ideology of Political Correctness, which openly calls for the destruction of our traditional culture, has so gripped the body politic**, has so gripped our institutions, that it is even affecting the Church. It has completely taken over the academic community. It is now pervasive in the entertainment industry, and **it threatens to control literally every aspect of our lives** (WEYRICH, 1999, sem página, grifo nosso).

O diagnóstico que Weyrich (1999, sem página) apresenta atribui aos aspectos culturais da sociedade norte-americana a impossibilidade de se avançar as pautas mais conservadoras

⁶⁰ Deve-se ter em vista que o Tradicionalismo, embora esteja conectado à religiosidade, não é, em essência, um movimento cristão. Um de seus principais ícones, René Guénon, se converteu ao islamismo sufista por acreditar que essa religião estava mais próxima da sua concepção de “Tradição” do que o cristianismo. Além disso, é comum ao Tradicionalismo a associação a práticas vinculadas ao paganismo pré-cristão indo-europeu, que interpreta que o cristianismo teria abandonado essas práticas Tradicionais, gerando, em parcelas do movimento Tradicionalista, um sentimento anti-cristianismo (TEITELBAUM, 2020).

⁶¹ Como demonstra artigo de autoria de William S. Lind intitulado “*What is Cultural Marxism?*”, disponível em [<http://www.marylandthursdaymeeting.com/Archives/SpecialWebDocuments/Cultural.Marxism.htm>]. Acesso em 04/12/2019

no âmbito político: *“I believe that we probably have lost the culture war. This is why, even when we win in politics, our victories fail to translate into the kind of policies we believe are important”*. Esse trecho é importante pois demonstra tanto a rejeição à esquerda marxista e sua suposta "Guerra Cultural", quanto o ressentimento com relação ao movimento conservador e ao GOP, que, mesmo no poder, priorizava questões econômicas.

Weyrich (1999) expõe em seu artigo a indignação perante o politicamente correto, que, em sua opinião, tornara as pessoas amedrontadas de emitir suas opiniões devido aos problemas legais e políticos que elas podem causar, tornando determinadas temáticas proibidas de serem endereçadas e atribuindo àqueles que tocam nessas temáticas as alcunhas de “racistas”, “homofóbicos” e “sexistas”. A proposta de Weyrich (1999, sem página), nesse sentido, seria a separação e o distanciamento das instituições cooptadas por aqueles que ele considera “seus inimigos”, sugerindo o abandono da televisão, dos computadores e dos meios que “infectam as famílias com a decadência cultural⁶²” e a aproximação entre eles de modo a organizarem sua resistência. Infere-se, novamente, uma influência da concepção metapolítica no pensamento de Weyrich, a partir dessa defesa do foco em aspectos culturais como catalisadores de mudanças políticas.

A metapolítica presente nas palavras de Weyrich (1999) seria desenvolvida e ampliada por Eric Heubeck, em artigo de 2001, intitulado *“The Integration of Theory and Practice: A Program for the New Traditionalist Movement”*, publicado pela organização de Weyrich, a *Free Congress Foundation*. Esse texto é interpretado pelo presente autor como uma fonte primária que representa um verdadeiro “Manifesto” do “Novo Tradicionalismo”.

Heubeck (2000) dá continuidade à proposta de Weyrich (1999) clamando por um ativismo metapolítico dedicado à promoção de uma cultura conservadora antecedente à ação política, tendo em vista a percepção de que o tradicionalismo religioso é desprezado culturalmente. Para o autor, quaisquer esforços de mudança política que ocorram antes da alteração de paradigmas culturais seriam ineficientes, pois o campo progressista teria sido capaz de penetrar instituições como a mídia, a academia, as editoras, agências de propaganda e mesmo Hollywood (HEUBECK, 2001).

Heubeck (2001, sem página), assim como Weyrich (1999), critica também o movimento conservador tradicional, que considera defensivo, derrotado, depressivo e

⁶² Do original *“Turn off the means by which you and your family are being infected with cultural decadence”* (WEYRICH, 1999).

apologético: “*This is because conservatives have failed to devote the proper amount of energy to developing an alternative cultural world-view opposed to the dominant leftist one*”.

Heubeck (2001) argumenta acerca da necessidade de superação do conservadorismo tradicional, o que consolida o aspecto metapolítico de suas ideias:

We must, as Mr. Weyrich has suggested, develop a network of **parallel cultural institutions** existing side-by-side with the dominant leftist cultural institutions. **The building and promotion of these institutions will require the development of a movement that will not merely reform the existing post-war conservative movement, but will in fact be forced to supersede it**--if it is to succeed at all--because it will pursue a very different strategy and be premised on a very different view of its role in society (HEUBECK, 2001, sem página, grifo nosso).

Ressalta-se que o autor, além de criticar a dominação cultural da “esquerda”, expressava em 2001 o seu ressentimento perante a incapacidade do GOP em avançar as agendas fundamentalistas, demonstrando seu ceticismo com relação à capacidade da direita religiosa de obter quaisquer ganhos por meio da política partidária tradicional:

We must stay involved in the political arena. We do not expect to make any gains through politics [...] We have repeatedly shot ourselves in the foot by expecting too much from the Republican Party. Of course, New Traditionalists should not defend the Republican Party when it pushes legislation that makes the government more intrusive than it currently is. But we should not sacrifice a united front by trying to badger the Republican Party into doing what it is incapable of doing (HEUBECK, 2001, sem página).

Heubeck (2001) intitula seu movimento reacionário de contracultura como “**Novo Tradicionalismo**”, estabelecendo três estágios para a ação do grupo, que se enquadram exatamente no âmbito da metapolítica: 1. O desenvolvimento de uma elite motivada e disposta a coordenar atividades futuras; 2. O desenvolvimento de instituições desenhadas para impactar de forma mais abrangente o público; e 3. A promoção de uma mudança no caráter geral da cultura popular norte-americana. De fato, pode-se inferir que os primeiros foram conduzidos, sobretudo, por meio do *Council for National Policy*, que justamente desempenhou o papel de reunir as elites e fomentar instituições, enquanto a mudança do caráter geral da cultura dos EUA é um dos elementos apreendidos ao longo do presente trabalho como presentes ao longo do ciclo eleitoral de 2016.

Teitelbaum (2020) identifica que, perante estratégias metapolíticas, a criação de canais culturais alternativos para competir com os tradicionais é tão importante quanto a penetração nos já existentes. Fundamental, portanto, para a condução dessa guerra cultural pelo Novo Tradicionalismo foi a utilização da rede de instituições estabelecidas em torno do CNP – como aquelas fundadas por Weyrich, a *American Heritage* e a *Free Congress Foundation* –

para levar a cabo essas ideias ao longo do século XX, em um processo que reverberaria, consequentemente, na penetração das estruturas estaduais e federais do Partido Republicano. O CNP tornou-se, de fato, um órgão central de apoio a diversas outras organizações, ao longo de todo país, com temáticas voltadas à ampliação de sua mensagem: “*CNP members’ organizations focused on narrow bands of issues, but the network was a large, complex organism that achieved an impressive economy of scale*” (NELSON, 2019, p.96).

Dentre as principais organizações sob o guarda-chuva do CNP destacam-se a *The Leadership Institute*⁶³, a *Family Research Council*⁶⁴, a *Christian Coalition of America*⁶⁵, a *Turning Point USA*⁶⁶, e a *Alliance Defending Freedom*⁶⁷. Além disso, esse complexo de organizações conta com universidades, como a *Hillsdale College*, a *Oklahoma Wesleyan* e a *Liberty University*, além de organizações midiáticas como o *The Daily Caller* e o *The Christian Post* (NELSON, 2019). Essas organizações possuem vínculos nos diversos níveis dos EUA, e se expandem para a coordenação e cooperação não somente entre si, mas também com organizações como a *National Rifle Association* e os Koch (NELSON, 2019).

Essa estratégia converge com a proposta do manifesto do “Novo Tradicionalismo”, que defendia a ampliação das causas do fundamentalismo protestante de direita por meio do estabelecimento de instituições próprias e da capacitação de ativistas a partir delas:

We have a dearth of human material that shares our traditionalist values. These people must be created in our own institutions. They must be given a refuge as their nascent beliefs are coming into fruition. They must be sheltered and protected. Improving the quality of the people who make up the new movement will be a primary concern [...] The new movement will inevitably be geared toward children and young adults, especially their education. We will accomplish the goal of retaking our country only when large numbers of young people are educated outside of the indoctrinating environment of many public and private schools, universities, and of course, the popular culture (HEUBECK, 2001, sem página).

Scaminaci (2017) vincula as ideias de Heubeck (2001) não somente à influência de Paul Weyrich, como também do paleoconservador William S. Lind, que foi parceiro de

⁶³ Instituição voltada ao treinamento de conservadores no âmbito político, governamental e midiático, que já capacitou mais de 185 mil ativistas, incluindo 36 Parlamentares a nível federal e 500 em nível estadual, sendo elogiado por Mike Pence como a instituição que mais inspira e treina jovens conservadores nos EUA. O Instituto conecta seus membros em uma rede de ativismo nacionalmente abrangente (NELSON, 2019).

⁶⁴ Organização voltada ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas a temáticas como a fé, a família e a liberdade sob o viés do fundamentalismo protestante do CNP (NELSON, 2019).

⁶⁵ Uma lista completa das Instituições vinculadas ao CNP até 2012 pode ser encontrada em [https://web.archive.org/web/20120204172127/http://www.seekgod.ca/cnporganizations.htm]. Acesso em 29/11/2019.

⁶⁶ Organização estudantil presente em mais de mil escolas e faculdades em todos os estados dos EUA, com orçamento estimado em mais de \$8 milhões (NELSON, 2019).

⁶⁷ Destinada a atuar na esfera jurídica a favor dos direitos dos fundamentalistas protestantes (NELSON, 2019).

Weyrich em artigos publicados pela *Free Congress Foundation* e autor do conceito de “*Fourth Generation Warfare*” (4GW). Lind et al. (1989) haviam desenvolvido o conceito de 4GW a partir da aplicação de estratégias de guerra a embates políticos, por meio da busca do colapso moral dos oponentes em detrimento da destruição física. Scaminaci (2017) analisa esse conceito de maneira mais profunda, concebendo-o como uma fusão de teorias militares com princípios fundamentalistas cristãos:

4GW expands warfare beyond the physical level to include the mental and moral dimensions. At the highest level of combat—moral conflict—the **central objective is to undermine the legitimacy of one’s opponent and induce a population to transfer their loyalty from their government to the insurgent**. [...] In very simple terms, this type of warfare aims to “Disrupt the moral, physical and/or informational vertical and horizontal relations (i.e. cohesion) among subsystems.” This serves as propaganda intended to foster uncertainty, mistrust, and a sense of menace, all aimed at breaking down the bonds of social trust (SCAMINACI, 2017, p.4, grifo nosso).

Os argumentos de Scaminaci (2017) acerca da militarização da guerra cultural promovida pelos fundamentalistas religiosos de direita, a partir da concepção metapolítica de “Guerra Cultural” são corroborados ao se analisar passagens do artigo de Heubeck (2001), em que ele se utiliza de conceitos militares para expor suas ideias: “*Our movement will be entirely destructive, and entirely constructive. We will not try to reform the existing institutions. We only intend to weaken them, and eventually destroy them*”.

O Novo Tradicionalismo, portanto, refere-se às parcelas da direita religiosa fundamentalista que claramente se inserem no âmbito da ultradireita norte-americana. Seriam eles que, em 2016, apoiariam Donald Trump e ajudariam a estabelecer as bases de seu Populismo de Direita Radical. Além disso, o “Novo Tradicionalismo” dialoga não somente com as concepções ideológicas de Steve Bannon, como também com as da Alt-Right, como será demonstrado na próxima seção.

5.1.3.3 A Alt-Right e a metapolítica

Demonstrou-se no capítulo 4 que a Alt-Right aderiu à campanha de Trump por percebê-lo enquanto uma liderança capaz de promover as profundas alterações na sociedade norte-americana que o movimento desejava, sobretudo, a partir de agendas nativistas e supremacistas. Assim como a direita religiosa e Steve Bannon, a Alt-Right também se valeu de estratégias de ação metapolíticas para a promoção de seus valores, demonstrando a convergência dos principais atores que apoiaram a candidatura de Trump em torno dessas táticas que envolveram o Populismo de Direita Radical Trumpista, principalmente, por meio da “Guerra Cultural”. A presente seção chama a atenção, porém, para uma lacuna na literatura

acerca do tema, representada pelos vínculos estreitos entre o Novo Tradicionalismo e a Alt-Right.

Uma das abordagens metapolíticas da Alt-Right foi identificada por Lyons (2017, p. 14) e seria uma espécie de “Trotskismo de Direita”, que buscaria trabalhar junto do sistema de modo a enfraquecê-lo, utilizando suas contradições e fraquezas contra ele mesmo. Seria exatamente nesse aspecto que entraria a figura de Donald Trump, visto por parcelas da Alt-Right como um ator capaz de subverter o sistema a partir de dentro, cooptando o GOP à ultradireita (LYONS, 2017, p. 14). Caberia, portanto, a essa Direita Alternativa o trabalho de guerrilha, nas trincheiras das plataformas digitais, para promover a adesão a essas retóricas de ultradireita e alavancar a campanha do republicano ao longo das eleições de 2016.

A Alt-Right foi responsável por acolher e impulsionar, de maneira espontânea, a candidatura do Donald Trump. A atuação metapolítica do grupo seguiu estratégias típicas de comunicação digital, focando em uma linguagem humorística de tom irônico, descolado e ácido. É interessante perceber a maneira pela qual o tom debochado e *cool* das ferramentas de comunicação da Alt-Right empreenderam uma transformação da própria conceituação das ideias supremacistas e racistas nos EUA. Assim, o que antes era associado a grupos violentos, ao ódio e ao ressentimento, passa a se tornar cômico, distanciando a percepção do público norte-americano sobre a Alt-Right enquanto fruto do nativismo e supremacismo branco e inserindo o movimento na política tradicional *mainstream* (HAWLEY, 2017).

Lyons (2017) identifica o movimento como um reflexo da cultura da internet, em que a anonimidade dos usuários estimula a propagação de insultos e *bullying*, direcionados a questões culturais, políticas e sociais, gerando a criação do conceito de *trollagem* para identificar esse comportamento⁶⁸. O “*troll* da Alt-Right” representa um subconjunto da cultura *troll* em seu sentido mais amplo, possuindo a peculiaridade de exercer essa prática com um fim político específico, o de propagar mensagens que contenham suas ideologias ao longo de várias plataformas, desde seções de comentários em portais de notícias e vídeos do Youtube até a elaboração coordenada de campanhas utilizando *hashtags* específicas no Twitter. Isso demonstra mais uma estratégia metapolítica do movimento, que busca

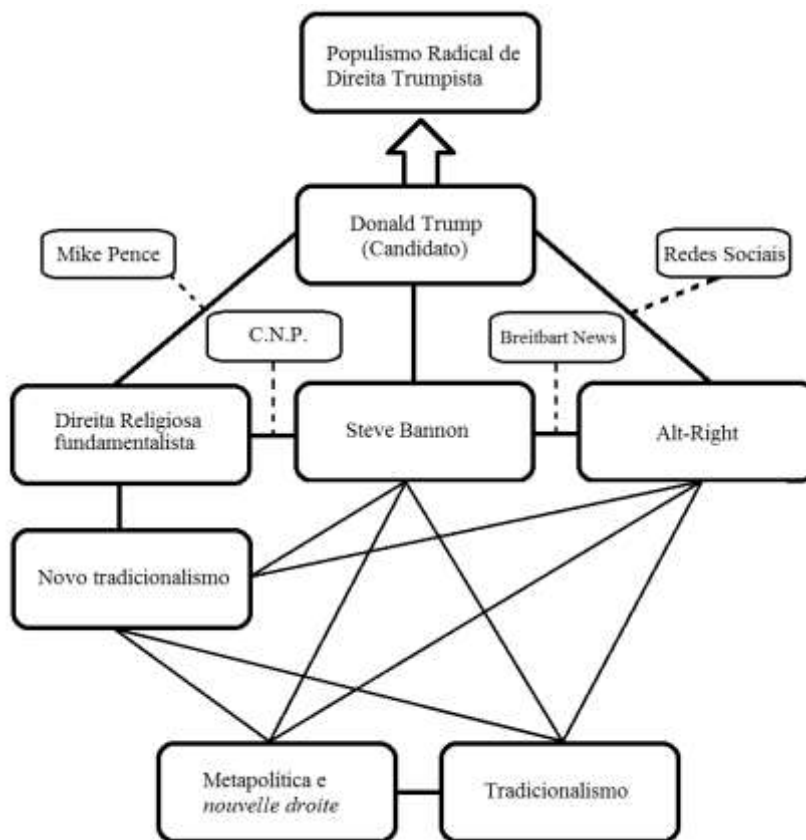
⁶⁸ A cultural *troll* é composta por indivíduos que adotam, na internet, posturas debochadas, conflituosas, e mal educadas, utilizando da ironia e da acidez como mecanismo de humor nas suas interações online, seja oferecendo conselhos tecnológicos errados, expondo pessoas por características físicas, ou se organizando em jogos para gerar prejuízo a outros jogadores, entre outras atitudes tóxicas: “An Internet troll is someone who fosters discord online, provoking strong emotional reactions from readers and often changing the topic of conversation” (HAWLEY, 2017, p. 16).

influenciar aspectos culturais e sociais nas plataformas digitais (HAWLEY, 2017; MARWICK; LEWIS, 2017).

A Alt-Right se organizou e se ampliou a partir de uma estratégia metapolítica de utilização, de forma ampla, de teorias da conspiração enquadradas diretamente no âmbito da desinformação. Neiwert (2017) identifica as principais histórias promovidas pela Alt-Right ao longo das eleições de 2016, com a primeira sendo oriunda da ressonância do movimento Birther ampliada para a ideia que Barack Obama seria um muçulmano nascido no Quênia que conspirou com a elite global e com radicais terroristas para impor a sharia aos EUA. Outra história identificada pelo autor é a de que Obama, Hillary Clinton e a maioria do Partido Democrata seriam representantes de uma nefasta Nova Ordem Mundial (NWO) que estaria em busca de impor um governo global que buscava transformar a população do mundo em seus escravos (NEIWERT, 2017). Outros temas também estiveram presentes na desinformação propagada pela Alt-Right, como as mudanças climáticas enquanto uma farsa inventada pela NWO e pelas elites globais, sendo estas também as responsáveis por suprimir a Segunda Emenda de modo que as armas de fogo nos EUA pudessem ser confiscadas e a população desarmada.

As influências intelectuais da Alt-Right, como demonstrado no capítulo 1, remontam tanto às concepções nativistas e racistas presentes na história da ultradireita dos EUA, quanto às influências externas de movimentos como a *nouvelle droite* e o Tradicionalismo. O mesmo ocorre com a direita religiosa fundamentalista, em um processo no qual Steve Bannon claramente exerce protagonismo, como demonstrado anteriormente. Demonstra-se, desse modo, a convergência entre os distintos atores que aderiram à campanha de Trump, tanto do ponto de vista ideológico quanto estratégico. Essas conexões são demonstradas na Figura 16 abaixo.

Figura 16. As conexões entre atores, ideologias e estratégias do PDR Trumpista.



Fonte: Elaboração própria do autor.

5.2 Impactos do PDR Trumpista nas variáveis intervenientes

Uma vez que se tenha definido o que se entende por Populismo de Direita Radical Trumpista, e como os atores que sustentaram essa plataforma de Trump têm influências ideológicas comuns, a presente seção irá abordar, conjuntamente, a relação da variável independente vinculada ao PDR de Trump com as duas variáveis intervenientes da pesquisa, o crescimento da ultradireita e a cooptação de eleitores democratas.

Como demonstrado na seção de metodologia, os mecanismos causais identificados e que serão, portanto, elucidados a seguir são **a.** o processo de incorporação da ultradireita dos EUA ao *mainstream* político do país, o que consolidou a radicalização de eleitores republicanos e ampliou as pautas e agendas da ultradireita no país, e **b.** a adesão de parcelas da classe trabalhadora branca de determinadas localidades geográficas dos EUA a Trump, a partir da influência da retórica do PDR Trumpista, que ativou, com sucesso, temores dessa população perante os imigrantes, e demandas por políticas econômicas nacionalistas.

5.2.1 A incorporação da ultradireita dos EUA ao *mainstream*

No âmbito da variável interveniente que se refere ao crescimento da ultradireita norte-americana, argumenta-se que o PDR de Trump foi responsável por incorporar esse movimento ao *mainstream* político do país. Com esteio no conceito de “Quarta Onda” da ultradireita no plano global, definida por Mudde (2019), percebe-se que a ascensão de Trump se inclui nesse contexto, sobretudo, por incorporar sua ideologia PDR ao centro da política dos EUA, no que Barkun (2017, p. 6) define como “*mainstreaming of the fringe*”⁶⁹. Argumenta-se que esse processo se deu a partir da ação do PDR Trumpista em consolidar a radicalização do GOP, a partir da rejeição ao movimento conservador tradicional - que perde espaço para as correntes de ultradireita do partido – e da ampliação da adesão do eleitorado republicano a agendas e pautas de ultradireita, ativando sentimentos não representados pelo *mainstream* do GOP até então.

A batalha ideológica dentro do GOP entre os conservadores tradicionais e a ultradireita, perante um partido e um eleitorado radicalizados, já foi elucidada como uma variável antecedente das eleições de 2016. Mudde (2018) identifica uma minoria de representantes do partido ligada a posições de ultradireita no âmbito federal previamente a Trump⁷⁰. No entanto, o autor ressalta que no âmbito estadual, tanto no executivo quanto no legislativo, a presença de membros associados à ultradireita no GOP era bastante significativa na conjuntura das eleições de 2016. Percebe-se, desse modo, que o processo de radicalização republicana correspondeu a uma dinâmica que envolveu, primeiramente, os legislativos estaduais, para, posteriormente, tomar o legislativo e o executivo federal, demonstrando uma demanda latente do eleitorado republicano que não era representada pelo *mainstream* do partido em Washington.

Esse processo de radicalização das bases republicanas representa o legado indireto da rejeição a Barack Obama e da ascensão do Tea Party nos anos anteriores, como demonstrado no capítulo 3. Embora o Tea Party, enquanto movimento, tenha perdido força dentro do GOP, os ideais representados por ele se mantiveram influentes em sua base popular e, em especial, na ala fundamentalista religiosa. Trump, portanto, se insere nesse contexto, ativando sentimentos latentes do eleitorado do GOP e consolidando, efetivamente, a vinculação dos republicanos à ultradireita.

⁶⁹ O autor define “*fringe*” como “*ideas, beliefs, and organizations that have been ignored, rejected, marginalized, or that have voluntarily separated themselves from the dominant society*” (BARKUN, 2017, p.2).

⁷⁰ Mudde (2018) cita os congressistas Michelle Bachmann, por Minnesota, Louie Gohmert, pelo Texas, Steve King, por Iowa e Jeff Sessions, por Alabama, como exemplos paradigmáticos.

Mudde (2018) aponta que, ao longo das eleições de 2016, essa radicalização do GOP caminhava para sua consolidação independentemente de Trump, ressaltando que, tanto Marco Rubio quanto Ted Cruz, principais concorrentes de Trump ao longo das primárias, reproduziam também uma retórica agressiva perante o direito de minorias – como os homossexuais – e de migrantes – em particular, os muçulmanos. Além disso, a vinculação ao fundamentalismo religioso impunha a esses candidatos uma concepção teocrática de Estado incompatível com os valores democráticos em si, reverberando, por exemplo, em declarações de Ted Cruz – último concorrente de Trump nas primárias – de que a bíblia seria mais importante que a Constituição norte-americana para o exercício da presidência (MUDDE, 2018).

Se a radicalização republicana envolveu os principais candidatos das primárias, ela, de fato, consolidou-se em torno de Trump, em um processo que consolidou a ultradireita em uma posição *mainstream* na política nacional. Tucker et al. (2019) identificaram os diferentes eleitores que aderiram à campanha de Trump ao longo das primárias, demonstrando que houve uma crescente alteração no perfil de seu eleitorado ao longo desse ciclo. Os perfis que apoiaram Trump desde o início de sua campanha foram identificados pelos autores como associados ao populismo e ao etnocentrismo, enquanto as pautas econômicas, por exemplo, vinculadas ao protecionismo e à defesa dos trabalhadores norte-americanos encontravam respaldo, inicialmente, em candidatos como Ted Cruz (TUCKER et al., 2019). Os autores identificaram que, ao longo das primárias, foram incorporados ao universo de eleitores de Trump os perfis de tendência xenofóbica, enquanto o perfil dos eleitores de candidatos rivais, como Cruz e Kasich, oscilou levemente em direção a uma maior tolerância perante muçulmanos e imigrantes, evidenciando a migração dos indivíduos mais radicais à candidatura de Trump (TUCKER et al., 2019). Esse processo demonstra a cooptação do eleitorado republicano mais radical por parte de um populismo autoritário que se delineava na plataforma eleitoral de Trump.

Sides et al. (2018) identificam também que, ao longo das primárias, Trump concentrou, paulatinamente, o voto dos eleitores mais radicais contrários às imigrações, principalmente a partir da repercussão de seus discursos sobre a necessidade de construção de um muro na fronteira com o México e o banimento de muçulmanos do país, um claro exemplo de sua retórica nativista e populista. Ao final das primárias, os eleitores identificados com o autoritarismo, em sua maioria, apoiaram Ted Cruz, enquanto Trump apelou para o populismo, a imigração, o protecionismo e as questões raciais para galvanizar uma parcela do

eleitorado (TUCKER et al., 2019). Por isso que se considera que o PDR Trumpista foi consolidado a partir da vitória nas primárias e a consolidação dos atores que sustentaram a corrida de Trump pela Casa Branca, tendo em vista que, a partir da adesão da direita religiosa à candidatura de Trump, ele herdou essa parcela do eleitorado sensível ao autoritarismo.

A radicalização do GOP e de seu eleitorado, consolidada em 2016, também pode ser evidenciada a partir da comparação com alguns dados das eleições de 2012. Gunther et al. (2019) identificaram que, perante a parcela do eleitorado norte-americano que havia votado em Obama em 2012 mas não votou em Clinton em 2016, a maior taxa de mudança no voto se deu no público identificado com o conservadorismo, com 51% deixando de votar em Clinton. Já a identificação partidária apresentou também dados impactantes, com 40% daqueles que se identificaram como independentes não repetindo o voto Democrata em 2016 e 68% dos Republicanos que haviam votado em Obama em 2012 não votando por Clinton em 2016 (GUNTHER et al., 2019).

Outro indicativo da radicalização rumo à ultradireita representada por Trump foi justamente a adesão da Direita Alternativa a sua campanha desde as primárias. A Alt-Right, de fato, impulsionou a candidatura de Trump, antagonizando, diretamente, os demais candidatos. A Direita Alternativa percebia a ascensão de Trump, e sua trajetória avassaladora ao longo das primárias, como uma oportunidade de enfraquecer o GOP e o movimento conservador tradicional: *“Perhaps most importantly and exciting for those in the Alt-Right, Trump dealt the organized conservative movement a devastating blow, creating an opening for right-wing alternatives”* (HAWLEY, 2017, p. 129).

A oposição direta da Alt-Right ao *establishment* do Partido Republicano – que era notadamente contrário à candidatura de Trump – representa esse processo. Essas críticas se converteram em perseguições aos membros minimamente percebidos como abertos aos valores liberais - como posturas menos radicais perante o tema das imigrações - sendo essa ala republicana definida pela Alt-Right como *“cuckservatives”*. Este termo altamente pejorativo ganhou forte apelo ao longo do processo eleitoral de 2016, misturando as palavras *“conservative”* e *“cuckold”* – corno, em tradução livre – tornando-se sinônimo para os conservadores que seriam traidores, por apoiarem as imigrações. Essa perseguição levou até ao lançamento de um livro de autoria de membros da Alt-Right, Vox Day e John Red Eagle: *“Cuckservative: How “Conservatives” Betrayed America”*, em uma clara ação metapolítica (HAWLEY, 2017; THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, 2019).

A adesão da Direita Alternativa, por sua vez, aumentou a radicalização da campanha de Trump, sobretudo pela ação espontânea do movimento nas plataformas digitais. Percebe-se, portanto, que o processo de radicalização do eleitorado de Trump, nas primárias, identificado por Tucker et al. (2019), pode ser relacionado com a ação da Alt-Right, tendo em vista os dados apresentados no capítulo 2 acerca da forte presença do eleitorado norte-americano nas redes sociais e na internet de modo geral.

Norris e Inglehart (2019) ressaltam os aspectos culturais que promoveram a candidatura populista autoritária de Trump e ajudaram a consolidar a radicalização de seu eleitorado. Os autores apontam para o fato de Trump ter conseguido explorar um ponto de inflexão histórico na divisão cultural da sociedade estadunidense, no qual o consenso tácito em torno de valores liberais do país foi colocado em xeque. Desse modo, o nativismo, a xenofobia e o racismo de parcelas da população receberam uma representação política, na figura de Trump, que antes não eram aceito na política partidária dos EUA (NORRIS; INGLEHART, 2019). Isso oferece mais um argumento para demonstrar como se deu o processo de incorporação da ultradireita ao *mainstream* político dos EUA, por meio do GOP.

Norris e Inglehart (2019) argumentam:

Trump was able to be so successful in exploiting cultural divisions because a gradual process of cultural change had reached a tipping point by 2016. This amplified a conservative counter-attack against the long-term spread of post-material values and socially liberal attitudes in American society that brought growing polarization along ideological lines, and increased the salience of cultural issues (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 340).

A análise de Donovan e Redlawsk (2018) chama a atenção por demonstrar tendências particulares da eleição de Trump quando comparada a de outros políticos vinculados ao PDR, como Nigel Farage no Reino Unido, Winston Peters na Nova Zelândia, Pauline Hanson na Austrália e Preston Manning no Canadá. Os autores identificaram que, enquanto nos demais países as temáticas relativas à imigração distanciaram os eleitores de centro-direita dos eleitores da ultradireita, nos EUA o tema das imigrações, em particular, além de ter sido fundamental para a eleição de Trump, foi um elo de conexão entre eleitores de centro-direita e de ultradireita (DONOVAN; REDLAWSK, 2018). Os autores apontam uma tendência interessante de enfraquecimento das posições de centro-direita e fortalecimento da ultradireita perante esse tipo de tema: “*Racial resentment and antipathy toward immigration have the capacity to weaken the position of the center-right, even in some of the world’s most stable*

party systems”, o que ajuda a compreender a consolidação do processo de radicalização do GOP (DONOVAN; REDLAWSK, 2018, p. 15).

Desse modo, percebe-se que Trump foi capaz de atuar sob o ponto de vista da demanda, atraindo ao universo republicano, desde as primárias, um eleitorado associado a ideais da ultradireita que antes não se sentiam representados pelo pelo GOP, como demonstram Tucker et al. (2019, p. 10) “*Our findings suggest that Trump's earliest primary supporters were less strongly identified with the Republican party than other participants in Republican primaries*”. Além disso, Trump consolidou um processo de radicalização de eleitores identificados com os republicanos e que, em meio à polarização da política do país e a consequente ojeriza aos democratas, passou a normalizar os aspectos nativistas, autoritários e populistas da nova política partidária do GOP. A próxima seção busca demonstrar como esse processo ocorreu perante parcelas do eleitorado democrata.

5.2.2 A cooptação de potenciais eleitores democratas

Para além da radicalização de eleitores republicanos e da adesão de movimentos e eleitores de ultradireita ao ticket de Trump, argumenta-se que o Populismo de Direita Radical de características Trumpistas também cooptou potenciais – e tradicionais – eleitores democratas a votar no GOP. Isso ocorreu devido a dois fatores vinculados, em especial, à classe trabalhadora branca: 1. A ruptura de Trump com as pautas econômicas libertárias, substituídas pelo nacionalismo econômico típico do PDR, representado pelo “*America First*” e 2. O temor perante as imigrações, construído sob a perspectiva nativista do PDR. Percebe-se assim, que tanto fatores econômicos quanto culturais devem ser levados em consideração para se elucidar a conversão de tradicionais parcelas democratas em eleitores de Trump.

Deve-se levar em consideração, inicialmente, que a classe trabalhadora, em geral, tende a votar no Partido Democrata, principalmente no que se refere a indivíduos sindicalizados (NORRIS; INGLEHART, 2019). Nesse sentido, ressalta-se a cooptação de Trump das parcelas brancas desse eleitorado, justamente pela possibilidade de se explorar as dimensões raciais da plataforma do PDR Trumpista. Assim, não se afirma que todos os trabalhadores brancos efetivamente foram convertidos em eleitores de Trump em 2016, mas que esse público foi um alvo mais intenso da campanha de Trump, sendo mais sensível aos seus elementos nativistas, autoritários e populistas. Como já afirmado anteriormente, ressalta-se que esse processo só pode ser compreendido dentro do cenário amplo no qual o conjunto de variáveis independentes atuou também para potencializá-lo, ou seja, não se pode descartar

o potencial da desinformação também nessa questão, sobretudo quando direcionado em regiões geograficamente estratégicas para se angariar delegados no Colégio Eleitoral.

De modo geral, a literatura argumenta que dois tipos de leituras acerca dos motivos que levam as pessoas a referendar agendas de ultradireita nas urnas se sobrepõem, representando uma combinação de ameaças no plano cultural e no plano econômico (HAINMUELLER; HOPKINS, 2014; GEORGIADOU et al, 2018; NORRIS; INGLEHART, 2019). Norris e Inglehart (2019, p. 363) argumentam: *“Overall, we find support for both the economic grievances theory and the cultural backlash theory. They seem to reinforce each other (...) Cultural indicators play the dominant role, but several economic factors are also important for comprehensive explanations”*.

Norris e Inglehart (2019) partiram das perspectiva de “desigualdades econômicas” e de “reação cultural”⁷¹, inicialmente, na Europa, para, posteriormente observá-las nos EUA. Os autores encontram evidências que apontam que o perfil social dos eleitores de partidos populistas autoritários na Europa é consistente com o perfil de eleitores de Trump em 2016, vinculando-se ao conjunto de fatores econômicos e culturais (NORRIS, INGLEHART, 2019). Georgiadou et al. (2018), por sua vez, buscaram identificar diferentes estímulos para o voto na ultradireita no cenário europeu, demonstrando que o resultado que emerge, de fato, é a combinação entre ameaças culturais e econômicas. A partir da constatação de Norris e Inglehart (2019), que corrobora o mesmo perfil de eleitores da ultradireita na Europa e nos EUA, Georgiadou et al. (2018) oferecem mais uma evidência para a constatação que fatores que determinaram o voto no PDR de Trump: Os fatores econômicos, como o desemprego e a insegurança econômica, associados, também, a questões culturais, como o temor perante a globalização, a imigração, e as mudanças culturais promovidas por minorias étnicas (GEORGIADOU et al., 2018).

Do ponto de vista econômico, percebe-se que, perante a promessa de recuperar os empregos *“blue collar”*⁷², revitalizar as estruturas de transporte, renegociar acordos de comércio como o NAFTA e diminuir impostos, Trump obteve apoio perante o eleitorado sensível às desigualdades econômicas. Esse público mais vulnerável economicamente apresenta maior rejeição a estrangeiros, por considerá-los uma ameaça a seus empregos e a seus benefícios já escassos, demandando lideranças – geralmente, populistas e autoritárias,

⁷¹ Desenvolvidas na seção 1.2 do Capítulo 1.

⁷² Que são aqueles relacionados a trabalhos manuais, como construção e mineração.

como Trump – que os protejam (NORRIS; INGLEHART, 2019). Percebe-se, assim, a maneira pela qual esse público foi suscetível aos apelos de Trump, baseados nos princípios econômicos do “*America First*”, que antagonizou, por exemplo, a China, e da rejeição direta e ampla aos imigrantes.

Johnston et al. (2017) concordam com esse argumento, e explicam com detalhes o que seria a plataforma econômica oferecida por Trump, demonstrando como ela beneficiaria esses eleitores a partir de sua vinculação com as políticas de restrição de imigrantes:

He advocated a protectionist economic policy as a foundation for rebuilding American manufacturing industry, linked to tax cuts which would encourage investment and create a trickle-down effect benefiting the disadvantaged workers, plus a strict immigration policy that would protect their interests in the labour Market (JOHNSTON et al., 2017, p. 6).

Desse modo, Norris e Inglehart (2019) identificam que a cooptação de eleitores democratas, por parte de Trump, advém da falha das administrações Democratas, principalmente sob Obama, de recuperar um senso de prosperidade e seguridade social de parcelas mais vulneráveis economicamente (ELECTION STUDIES, 2020). Isso pode ser corroborado por meio da Tabela 4, disponível na seção 4.2, que demonstra que, em 2015, 60,8% dos eleitores identificados enquanto Democratas se declararam frustrados com a gestão Obama, e 11,8% com raiva (PEW RESEARCH CENTER, 2015).

Desse modo, uma vez que Trump obteve sucesso em atender a demandas latentes do eleitorado republicano, desafiando o consenso tácito no GOP acerca das visões econômicas ortodoxas, como a redução do Estado, redução de déficits orçamentários e defesa do livre comércio internacional, abriu-se a possibilidade de cooptação de parcelas democratas por meio dessa plataforma econômica nacionalista (MAZA; CROWLEY, 2017; SIDES et al., 2018). Os temas paradigmáticos no âmbito da política doméstica, portanto, são o apoio demonstrado por Trump aos gastos do governo em infraestrutura e programas de seguridade social dos EUA, como o Medicare e o *Social Security*, que tiveram alto impacto não somente perante o eleitorado Republicano nas primárias, como também perante a classe trabalhadora branca que tradicionalmente votava no Partido Democrata mas vinha acumulando ressentimentos perante esse partido (SIDES et al., 2018).

Os trabalhadores braçais brancos, os chamado *blue-collar*, perceberam-se, paulatinamente, pouco contemplados pelo Partido Democrata, o que foi mais acentuado em regiões nas quais o desemprego aumentou a partir da perda de postos de trabalho em antigos

centros industriais, como no *Rust Belt*, composto por regiões que abrangem estados importantes para as eleições de 2016, como Ohio, Pensilvânia e Michigan (NORRIS; INGLEHART, 2019). De fato, uma das variáveis que indicou mais fortemente a tendência de voto em Trump foi em regiões não-metropolitanas altamente dependentes de indústrias particularmente vulneráveis à competição com a China, como eletrônicos e têxteis (NORRIS; INGLEHART, 2019).

Nelson (2019) aponta, de fato, uma estratégia republicana que se solidificaria a partir de 2014 de buscar eleitores em estados industrializados do norte dos EUA que conferiam margens pequenas de vitória aos Democratas, de modo a cooptá-los a votar no GOP, estratégia cunhada como “*Northern Path*” (MAYER, 2014 apud NELSON, 2019). Isso é particularmente relevante de acordo com Allen e Parnes (2017), que atribuem como uma das causas da derrota eleitoral de Clinton o fato de os Democratas negligenciarem estados como Michigan e Wisconsin.

Feigenbaum et al. (2018) apontam que o Estado de Michigan, por exemplo, teve o Partido Democrata enfraquecido a partir do estabelecimento de uma legislação estadual denominada *right-to-work*, impulsionada pelos Republicanos no legislativo estadual, que permitiu a trabalhadores do estado se beneficiarem de acordos coletivos negociados pelos sindicatos sem ter, necessariamente, que contribuir com essas entidades. Essa legislação representou um enfraquecimento direto dos sindicatos, que representavam, historicamente, uma base de sustentação forte do Partido Democrata em Michigan, fornecendo votos, voluntários, doadores e lobistas (NELSON, 2019). Nesse sentido, Feigenbaum et al. (2018, p. 1) identificam que, entre 1980 e 2016, os condados de Michigan que adotaram as legislações *right-to-work* tiveram uma redução de 3,5% na votação a candidatos Democratas nas eleições presidenciais: “*finding that right-to-work laws dampen organized labor campaign contributions to Democrats and that potential Democratic voters are less likely to be contacted to vote in right-to-work states*”. Isso se torna particularmente relevante na medida em que Michigan é um dos *swing states* capazes de determinar os resultados das eleições.

Deve-se levar em consideração que determinadas parcelas do eleitorado democrata se identificavam, em especial, com a plataforma econômica do Partido Democrata, voltado para a preservação de um Estado interventor de maneira pontual, tanto no fomento a programas sociais quanto na proteção a determinados setores industriais, em oposição às concepções libertárias mais presentes no GOP. Esse eleitorado era menos ligado aos valores progressistas

e mais orientado, de fato, para questões econômicas, tornando-se suscetível à plataforma nacionalista de Trump – que girava em torno do “*America First*” – e sensível às retóricas anti-imigrações.

Além dos aspectos econômicos, salienta-se, também, a dimensão cultural da adesão ao PDR de Trump. Cox, Lienesch e Jones (2017) debruçaram-se sobre a classe branca trabalhadora, que compõe cerca de 33% da população dos EUA, para compreender quais fatores levaram esse estrato populacional a votar, majoritariamente, em Trump. Para além das questões partidárias, os autores identificaram que o medo acerca dos imigrantes e do “deslocamento cultural”⁷³ foram fatores que influenciaram mais esse grupo do que quaisquer fatores econômicos. Norris e Inglehart (2019) também chamam a atenção para a “*cultural backlash*” como determinante para o voto em Trump. Os autores identificam que os membros de grupos previamente predominantes culturalmente, como a população branca trabalhadora, reagem de maneira raivosa à perda de seu status e seus privilégios, culpabilizando as elites liberais e as minorias por essas questões (NORRIS; INGLEHART, 2019). Trump, portanto, por meio de sua retórica inflamada e suas transgressões morais e éticas, representaria, simbolicamente, essa faixa populacional e seus ressentimentos acumulados (NORRIS; INGLEHART, 2019). Os autores concluem:

This perspective emphasizes that Trump’s support can be explained largely as a social psychological phenomenon, reflecting a nostalgic reaction among social conservatives and older sectors of the electorate seeking a bulwark against long-term processes of value change, the ‘silent revolution’ that transformed American culture during the second half of the twentieth century (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 353).

Conley (2018) argumenta que a atuação de Trump perante o Movimento Birther, considerado uma variável antecedente do trabalho, possibilitou a identificação de segmentos do eleitorado Democrata sensíveis a questões culturais e dispostos a desertar para o Partido Republicano mesmo antes do ciclo eleitoral de 2016:

For Trump and his advisors, the reaction to the birther issue offered the first glimpse into how a campaign attacking Obama on the issues of the economy, immigration and terrorism might have the sort of crossover appeal needed to gain the support of both conservative Republicans and many traditionally Democratic working-class white voters, particularly in the industrial Midwest (CONLEY, 2018, p. 37)

⁷³ Tradução pelo autor do termo “*cultural displacement*”, explicado por Cox, Lienesch e Jones (2017, p.2): “*White working-class voters who say they often feel like a stranger in their own land and who believe the U.S. needs protecting against foreign influence*”. Denota-se, portanto, a convergência desse termo com o de “reação cultural”, proposto por Norris e Inglehart (2019).

Gunther et al. (2019) buscaram hipóteses para identificar as motivações daqueles que votaram em Obama em 2012 e não votaram em Clinton em 2016. Mudanças com relação à votação de 2012 foram impactantes na medida em que, majoritariamente, tiveram como fenômeno principal uma virada a favor do Partido Republicano. Esse fenômeno se concentrou em estados importantes como Michigan e Wisconsin a partir da diminuição de votos de católicos e indivíduos sindicalizados. Também se insere nesse contexto o voto da população branca, menos qualificada e com menores índices educacionais, consideradas mais suscetíveis a discursos anti-imigração e, conseqüentemente, ao PDR de Trump (JOHNSON et al., 2017; SIDES et al., 2017; GUNTHER et al., 2019; ZINGHER, 2019).

Contudo, os dados principais colhidos por Gunther et al. (2019) que ajudam na compreensão dos impactos do PDR Trumpista em potenciais eleitores democratas não estão em questões demográficas, mas sim, nas ideológicas. Assim, perante os eleitores que não repetiram o voto democrata em 2016 após tê-lo feito em 2012, houve identificação com ideais nacionalistas, como a “defesa do estilo de vida norte-americano” em oposição à “adoção de boas práticas globais” e a rejeição à abertura do país para imigrantes (GUNTHER et al., 2019). Tolbert et al. (2018) chamam também a atenção para o aspecto fundamental que a questão racial desempenhou tanto nas eleições de 2012 quanto de 2016. Trump teria, de acordo com os autores, invocado elementos raciais presentes na sociedade norte-americana a seu favor, misturando-os com apelos nativistas – o que caracteriza o PDR - para antagonizar também imigrantes e minorias no geral, colhendo resultados positivos perante parcelas da população sensíveis a esses apelos (TOLBERT et al., 2018).

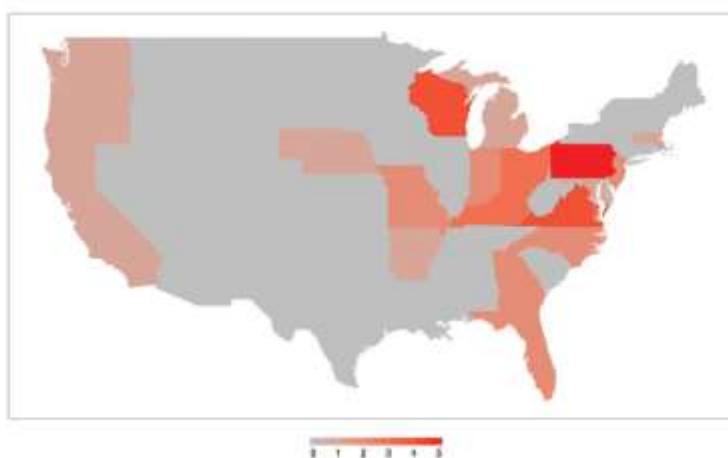
Além disso, os autores identificam também um elemento aparentemente contraditório, que foi uma atitude de hostilidade perante negros, hispânicos e muçulmanos em 2016, mesmo após esses indivíduos terem votado em Obama em 2012 (GUNTHER et al., 2019). Essa questão oferece uma evidência bastante importante com relação ao impacto que o PDR de Trump teve perante parcelas potenciais do eleitorado de Hillary Clinton, demonstrando que, de certo modo, houve algum tipo de elemento catalisador de sentimentos de rejeição a essas minorias entre 2012 e 2016, atrelada, de acordo com os argumentos da presente seção, principalmente, a sentimentos anti-imigração (SIDES et al., 2018; RUDOLPH, 2019).

Levando em consideração a combinação de aspectos econômicos e culturais como catalisadores do voto de parcelas do eleitorado democrata em Donald Trump, pode-se questionar a maneira pela qual esse público foi atingido pela campanha republicana. A

resposta para essa questão reside, fundamentalmente, nas possibilidades de utilização de ferramentas de microtargeting em campanhas eleitorais explicadas no capítulo 2. Kim et al. (2018) analisaram anúncios pagos no Facebook ao longo de setembro de 2016 e novembro de 2016, comprovando que, de fato, ao longo da corrida à Casa Branca houve diferentes mensagens para diferentes perfis individuais no Facebook a partir de uma segmentação correspondente a distintas variáveis, como as geográficas e as demográficas, mas também a recortes de raça e renda. Os estados considerados swing-states da Pensilvânia, Wisconsin e Virginia foram as principais regiões de concentração de anúncios micro-segmentados, com mensagens ajustadas de acordo com os temas mais sensíveis de cada uma dessas regiões. Kim et al. (2018) identificaram oito temas sensíveis que foram os mais explorados ao longo do ciclo eleitoral de 2016: aborto, armas de fogo, temática LGBT, imigração, nacionalismo/Alt-Right, raça, terrorismo e escândalos de candidatos.

A Figura 17 representa um índice que mede o quanto cada estado norte-americano foi impactado perante a média nacional no tocante aos temas supracitados. Percebe-se, portanto, que a Pensilvânia foi o estado que mais sofreu com o impacto de anúncios baseados em microtargeting, estando acima da média nacional em cinco dos oito temas (KIM et al., 2018). Já os estados de Wisconsin e Virginia foram impactados com anúncios sobre quatro temas sensíveis em níveis maiores que a média do país, seguidos por Florida, Kentucky e Ohio com três (KIM et al., 2018). As regiões em cinza não apresentaram evidências de terem sido alvo de anúncios que explorassem quaisquer dessas oito temáticas (KIM et al., 2018).

Figura 17. Temas explorados em anúncios individuais perante a média nacional.



Fonte: Kim et al., 2018.

A Tabela 6 abaixo se refere aos temas específicos explorados em cada um dos estados identificados como alvo dessas campanhas de microtargeting. Ele segmenta esses estados também no âmbito de serem ou não um estado-chave – *battleground*, tradução nossa – na disputa entre Republicanos e Democratas.

Tabela 6. Temas explorados a nível individual, divididos por estado.

Tema	Estados-Chave (<i>Battleground</i>)	Estados não-Chave (<i>Non-Battleground</i>)
Aborto	Pensilvânia, Virgínia	Arkansas, Missouri
Armas	Pensilvânia, Wisconsin	Indiana, Kentucky, Oregon
LBTQ	Ohio, Pensilvânia, Virgínia	Califórnia, Geórgia, Maryland, Washington
Imigração	Ohio , Virgínia	Nova Jersey
Nacionalismo	Flórida, Virgínia	Massachusetts, Nebraska
Raça	Carolina do Norte, Wisconsin	Indiana, Kentucky, Missouri
Terrorismo	Michigan , Carolina do Norte, Wisconsin	Nova Jersey
Escândalos de Candidatos	Flórida, Ohio, Pensilvânia, Virgínia, Wisconsin	Geórgia, Kentucky

Fonte: KIM et al., 2018, grifo nosso.

Percebe-se, na Tabela 6, que estados considerados chave para o processo eleitoral – *battlegrounds* ou *swing states* – como Flórida, Carolina do Norte, Ohio, Michigan, Wisconsin e Virgínia foram priorizados na emissão de publicidade baseada em temas vinculados ao PDR de Trump: imigrações, nacionalismo, raça e terrorismo. Isso é ainda mais relevante ao se perceber que Michigan, Ohio e Wisconsin foram Estados nos quais os republicanos haviam perdido em 2012, mas venceram em 2016, como demonstra a Figura 12, no item 4.2, e que apenas 80 mil votos decidiram as eleições nessas regiões, representando diferenças de votos menores que 1% em cada um desses estados (NELSON 2019).

Kim et al. (2018) também identificaram que indivíduos de renda baixa – estipulada em menos de \$40 mil anuais – foram impactados em proporções acima da média nacional em temas como imigrações e questões raciais, enquanto aqueles de renda média – entre \$40 e \$120 mil anuais – foram alvo de mensagens de cunho nacionalista em proporções acima da média do país (KIM et al., 2018). Indivíduos de renda anual superior a \$120 mil, por sua vez, foram muito menos impactados do que o restante das outras faixas de renda em todos os temas analisados (KIM et al., 2018). A pesquisa de Kim et al. (2018) também demonstrou

que indivíduos brancos foram, majoritariamente, alvos de mensagens sobre questões nacionalistas e migratórias, com 89% e 87,2%, respectivamente, sendo direcionadas a esse grupo de indivíduos. Além disso, infere-se que nesses fluxos houve a presença de desinformação de modo a explorar essas temáticas, compondo o conjunto de fatores que influenciaram nas variáveis intervenientes. Isso ajuda a corroborar os argumentos da seção, que buscam demonstrar a maneira pela qual os componentes do PDR Trumpista – o nativismo, o autoritarismo e o populismo – foram capazes de cooptar segmentos do eleitorado democrata, principalmente associados às populações brancas trabalhadores em localizações geográficas estratégicas.

Conclui-se o capítulo 5 a partir da consolidação das características particulares do Populismo de Direita Radical de Donald Trump, demonstrando a afinidade intelectual dos principais atores que o apoiaram nas eleições de 2016, principalmente a partir da influência do Tradicionalismo e de conceitos vinculados à NDE, como a Metapolítica. Em particular, demonstrou-se como o Tradicionalismo de Steve Bannon oferece ao Populismo de Direita Radical de Trump seus contornos nativistas, autoritários e populistas. Isso fica evidenciado nos ideais que catapultaram a campanha eleitoral de Trump em 2016, como o “*America First*”, que apela diretamente à classe trabalhadora “Tradicional”, explorando o ressentimento perante as “elites globalistas” representantes da modernidade, e o “*Make America Great Again*”, que pode ser interpretado a partir da concepção cíclica de tempo do Tradicionalismo, apontando que a direção futura dos EUA converge rumo a um passado idealizado, a “Era de Ouro”, que representa a “Tradição” da identidade branca do país. Posteriormente, buscou-se demonstrar a maneira pela qual o PDR Trumpista, enquanto variável independente, influenciou na vitória de Trump a partir de seus efeitos nas variáveis intervenientes. Desse modo, demonstrou-se que, perante o crescimento da ultradireita norte-americana, o PDR de Trump atuou na incorporação desse movimento ao *mainstream* político do país, consolidando a radicalização do GOP e ampliando a adesão de seu eleitorado a pautas radicais. Por fim, demonstrou-se a ação do PDR Trumpista mediante o eleitorado democrata, convertendo trabalhadores brancos em eleitores efetivos de Trump, a partir da exploração de questões econômicas e culturais – com o auxílio de ferramentas de microtargeting - para a promoção dos elementos nativistas, populistas e autoritários do PDR Trumpista em estados-chave, como Michigan, Ohio e Wisconsin. O capítulo final da tese elucidará a ação da outra variável independente, a desinformação, no estudo caso, por meio de seus efeitos nas variáveis intervenientes.

CAPÍTULO 6 – A DESINFORMAÇÃO E SEUS EFEITOS NAS ELEIÇÕES DE 2016

O presente capítulo busca demonstrar os efeitos da variável independente relacionada à desinformação no estudo de caso por meio de seus efeitos nas variáveis intervenientes. Argumenta-se que a desinformação desempenhou um papel fundamental nas eleições norte-americanas de 2016, beneficiando Donald Trump, na medida em que impulsionou e amplificou a audiência do republicano e ajudou a reduzir o turn-out de parcelas do eleitorado democrata. Ao longo do capítulo, busca-se demonstrar, também, a responsabilidade dos três atores que compõem a base do PDR Trumpista na instrumentalização da desinformação ao longo das eleições de 2016.

As eleições presidenciais norte-americanas de 2016 trouxeram consigo um enfoque inédito nas plataformas digitais, devido ao aumento crescente do uso dessas mídias e das possibilidades tecnológicas associadas a elas, descritas no capítulo 2. As campanhas eleitorais de ambos os candidatos focaram na utilização das redes sociais, a partir das possibilidades de emitir mensagens mais dinâmicas diretamente a seu eleitorado, explorando ferramentas de microtargeting para selecionar o público-alvo de cada mensagem. Percebe-se que mensagens eleitorais enquadradas no âmbito da desinformação, quando pareadas com instrumentos de microtargeting, em ambientes digitais marcados por câmaras de ressonância e filtros-bolha, são direcionadas exatamente a **quem** são mais suscetíveis a ela, a partir de recortes psicográficos, comportamentais, sociais ou mesmo geográficos. A desinformação ao longo do ciclo eleitoral de 2016, portanto, não foi aleatória. Os emissores sabiam **como** impactar os receptores, direcionando esses fluxos **onde** era mais importante para a busca pela vitória no Colégio Eleitoral. Isso foi particularmente efetivo, por exemplo, na arregimentação de eleitores da classe trabalhadora branca, como demonstrado no capítulo anterior, e na estratégia republicana de dissuasão das populações afro-americanas, que será explicada mais adiante.

Nesse capítulo, inicialmente, apresenta-se o histórico de campanhas eleitorais direcionadas a plataformas digitais nas eleições presidenciais norte-americanas e como a utilização de microtargeting se tornou o grande foco desse processo. Essa questão é importante quando justaposta à decisão *Citizens United* da Suprema Corte norte-americana, explicada no capítulo 3, que subestimou o impacto que as mídias digitais poderiam ter em campanhas eleitorais nos EUA. A seguir, aborda-se a maneira pela qual a campanha de

Trump se utilizou das plataformas digitais ao longo das eleições de 2016, para que se compreenda a dinâmica de propagação de desinformação ao longo desse período e como o republicano a utilizou em prol de sua candidatura. Destaca-se, nesse sentido, a exploração de estratégias de microtargeting, tanto pelo uso da plataforma nativa do Facebook quanto das bases de dados da Cambridge Analytica.

Os efeitos da Desinformação nas variáveis intervenientes são abordados em seguida, começando por seus efeitos no âmbito do crescimento da ultradireita. Argumenta-se que, a partir da adesão da ultradireita e, em especial, da Direita Alternativa, à candidatura de Trump, a Desinformação foi amplamente utilizada de modo a impulsionar a mobilização da campanha republicana nas redes sociais. A seção também apresenta análises retiradas de fontes primárias, cujo conteúdo demonstra as estratégias compartilhadas pela Alt-Right para promover desinformação, oferecendo uma perspectiva importante do *modus operandi* desse movimento nas plataformas digitais.

Por fim, o foco do capítulo recai sobre o impacto da desinformação em eleitores potenciais do Partido Democrata, em particular, nas minorias afro-americanas. A partir da corroboração de que esse grupos foram alvo da campanha de Trump – compreendidos como um grupo de dissuasão – percebeu-se que essas parcelas do eleitorado tiveram seu comparecimento às urnas – o turn-out – diminuído. O foco dessa ampla campanha de desinformação foi o antagonismo direto a Hillary Clinton, por meio das ações elucidadas anteriormente pela Alt-Right e de estratégias articuladas por Steve Bannon, com o objetivo de aumentar a rejeição à candidata democrata. Também se demonstra nessa seção o modo pelo qual a mídia repercutiu de maneira assimétrica as campanhas de Trump e Clinton, oferecendo ao republicano uma mídia espontânea que foi capaz de superar a bolha de direita na qual suas mensagens poderiam ficar contidas. Desse modo, a desinformação foi potencializada e atingiu, por fim, parcelas do eleitorado democrata, que foram cooptados a não votarem em Clinton, reduzindo seu turn-out.

6.1 Histórico digital das disputas entre Democratas e Republicanos

Em 2002 foi aprovado no legislativo norte-americano o *Help America Vote Act* (HAVA), de modo a estimular o voto e a oferecer aos estados recursos de modo a eles manterem bases de dados e listas compreensivas acerca de eleitores registrados. Esse processo impulsionou a consolidação de plataformas de *big data*⁷⁴ capazes de cruzar as

⁷⁴ Imensos bancos de dados com informações detalhadas de cada indivíduo.

informações registradas pelos estados com dados adquiridos por meio de plataformas privadas. Endres e Kelly (2017) apontam que a HAVA foi responsável pela aceleração do processo de segmentação de eleitores ao nível individual nos EUA, superando o modelo anterior, baseado em elementos geográficos, que estimavam o registro e a votação a partir de tendências regionais, bairros, e etc.

A partir da aprovação da HAVA e da crescente utilização de plataformas de *big data*, criou-se mecanismos para identificar a propensão de indivíduos a votar em cada partido, abrindo a oportunidade de exploração do processo conhecido como microtargeting, definido por Endres e Kelly (2017, p. 2): “*The use of data-generated propensity scores to identify likely voters and potential supporters*”. Identifica-se que, a partir da HAVA, os Partidos Democrata e Republicano criaram plataformas digitais destinadas a prever e influenciar o comportamento do eleitorado por meio da consolidação de bases de dados. Essas plataformas foram o Voter Vault⁷⁵ e o Demzilla, respectivamente, de Republicanos e Democratas (NELSON, 2019).

Foi identificado que a utilização da internet para fins eleitorais se iniciou no pleito de 2004, a partir do uso de blogs para as campanhas, e se consolidou nas eleições de 2008, com o papel ativo das redes sociais (BRUNS; HIGHFIELD, 2016; HOWARD, 2006; KREISS, 2012; STROMER-GALLEY, 2014 apud ENLI, 2017). Enli (2017) desenvolve:

Social media is the latest fascination of political communication strategists, particularly during election campaigns [...] In the 2008 US presidential election cycle, with Democratic candidate Barack Obama as its icon, the social media political campaign became a buzzword of sorts, and the potential of social media to mobilise voters was thoroughly hyped as well (ENLI, 2017, p. 1).

As eleições de 2008 demonstraram, de fato, que os Democratas estavam na frente no tocante à criação e utilização de bases de dados para fins políticos. Parte dessa vantagem vinha do fato de desde 2006 os Democratas utilizarem dados da Catalist, empresa privada que se diferenciava pelo uso pioneiro de microtargeting, vendendo seus dados diretamente a candidatos democratas:

It pioneered the use of data for microtargeting political campaigns, compiling information about voters to inform phone banks and craft messages to appeal to individual voters. The project mined voter registration files and business databases to identify likely Democratic voters, then sold the information to Democratic campaigns and partner organizations (NELSON, 2019, p. 163).

⁷⁵ Renomeado, posteriormente, de GOP Data Center.

Tendo em vista que a Catalist operava fora do âmbito do *Democratic National Committee* (DNC), os Democratas criaram, ainda em 2006, uma plataforma interna chamada VoteBuilder, tendo em vista preocupações com os conflitos de interesses gerados pelo fornecimento de dados pela Catalist a candidatos concorrentes nas primárias do partido (NELSON, 2019).

Ambinder (2009) aponta que a Catalist foi decisiva em meio à campanha de 2008, elevando o *turnout* democrata e garantindo votos a Obama em estados importantes:

Get-out-the-vote operations mounted by the Obama campaign, the Democratic Party and progressive organizations mobilized more than one million dedicated volunteers on Election Day [...] According to the analysis, those registered voters contacted by Catalist member groups turned out at a rate of 74.6%; the voters who weren't turned out in proportions roughly equivalent to the national average -- about 60.4%. In four states, the number of new votes cast by liberals exceeded Obama's victory margin: in Ohio, Florida, Indiana in North Carolina (AMBINDER, 2009, sem página).

A eleição de Obama em 2008 foi marcante no âmbito do uso das plataformas digitais, com a sua campanha sendo pioneira no uso das ferramentas das redes sociais não apenas para ampliar seu engajamento, como também para obter financiamento. Do lado Republicano, a derrota eleitoral em 2008 demonstrara, realmente, que o partido estava atrás dos Democratas na utilização das plataformas digitais para segmentação e mobilização do eleitorado. A resposta do GOP se daria a partir de 2009, com a iniciativa chamada *Themis Trust*, que recebeu \$2,5 milhões em investimento dos Koch (NELSON, 2019). Paradigmático acerca do atraso tecnológico dos republicanos foi seu candidato à presidência em 2008, John McCain, que deixava claro não saber utilizar a internet e nem ferramentas como o e-mail, preferindo se comunicar por telefone (NELSON, 2019).

A campanha de Obama desenvolveu para as eleições de 2012 o *Project Narwhal*, que integrava as informações das redes sociais de seus eleitores, suas contribuições, e seu voluntariado em uma base de dados centralizada em torno do aplicativo para smartphones “*Obama for America*”. Benkler et al. (2018) apontam para as eleições de 2012 como o momento de consolidação da utilização sistemática de *big data* de modo a se atingir o público alvo no nível individual por meio de microtargeting nos EUA.

Outra iniciativa do GOP para se preparar para as eleições de 2012 foi o projeto ORCA, que desenvolveu um aplicativo cuja funcionalidade era restrita ao compartilhamento de fotos, não sendo capaz de entregar os mesmos resultados que o *Project Narwhal* democrata. De fato, percebe-se que, em 2012, os Democratas mantinham-se à frente do GOP no âmbito da

instrumentalização das tecnologias digitais e de seu direcionamento para a campanha presidencial. Baldwin-Phillipi (2017) argumenta que grande parte das estratégias digitais de campanha de Republicanos e Democratas em 2016 basearam-se no sucesso logrado pela campanha de Obama de 2012. Um dos diagnósticos referentes ao sucesso da campanha digital de Obama em 2012 foi o fato de, além da utilização de uma base de dados ampla e consolidada, a campanha Democrata ter realizado diversos testes acerca das mensagens que seriam utilizadas, enquanto os Republicanos não se preocuparam com essa etapa (BALDWIN-PHILLIPI, 2017).

Do lado republicano, fora criada em 2010 a *United in Purpose*, de modo a conectar conservadores que compartilhassem as mesmas linhas de princípios judaico-cristãos para promover uma mudança cultural nos EUA, por meio do uso de tecnologia, pesquisa e marketing (NELSON, 2019). Nelson (2019) aponta que a *United in Purpose* atuou diretamente nas eleições de 2012 de modo a tentar engajar 5 milhões de evangélicos não registrados para votar, em um projeto intitulado “*Champion the Vote*”. Para coordenar esse empreendimento foi contratado George Barna, especialista na segmentação de parcelas específicas de eleitores. Barna era um perito em pesquisas eleitorais, marketing e estratégia política, cuja especialidade era identificar grupos de eleitores negligenciados: “*focusing on regions and demographics other pollsters missed, and identifying sweet spots in the electorate for the movement to cultivate*” (NELSON, 2019, p. 97). Essas estratégias não garantiriam a vitória dos Republicanos nas eleições presidenciais de 2012, mas resultaram na diminuição do hiato eleitoral entre Obama e os Republicanos, com relação a 2008, obtendo sucesso, porém, nos pleitos estaduais para o executivo e legislativo.

Nas eleições de 2012, Obama teria 5 milhões de votos populares a mais que Mitt Romney, vencendo 26 estados, incluindo o “*Rust Belt*” de Ohio, Wisconsin, Michigan e Pensilvânia. No entanto, a diferença perante os resultados de 2008 foi flagrante, tendo em vista que naquele ano a diferença entre Obama e John McCain fora de 9,5 milhões de eleitores. A erosão de votos nas eleições presidenciais dos Democratas consolidara-se no sul do país, perdendo na Carolina do Norte. Além disso, os Republicanos aumentaram em 33 assentos sua presença na Casa dos Representantes, garantindo a maioria no legislativo, além de 33 governos estaduais.

De fato o sucesso de Obama em 2008 e 2012 impulsionou a reação dos republicanos, que, por meio do seu Comitê Nacional (RNC), passou a investir em coleta de dados e na

consolidação de bases de dados próprias, a partir do sucesso nas eleições estaduais e legislativas (BENKLER et al., 2018). Percebe-se, nesse sentido, que, em meio à evolução das tecnologias digitais, o Partido Republicano recorreu à sua penetração ao longo do território norte-americano, de modo a buscar inseri-los em suas bases de dados digitais para, desse modo, potencializar o engajamento desses grupos. Para isso, o GOP contou com a rede de organizações consolidadas há décadas em apoio ao Partido, como a NRA, os Koch e, principalmente, o CNP, tendo em vista o relativo sucesso na arregimentação do eleitorado religioso.

A integração entre bases de dados de diversos *stakeholders* republicanos foi bem-sucedida, como aponta Nelson (2019):

The coalition leveraged these organizations by constructing a complex digital operation that linked data to apps to voters. While the Democrats were bedazzled by Obama's charisma and shiny new technologies, the coalition fell back on a deep knowledge of its target audience and its user behavior, combining it with polling and messaging in targeted districts. Their digital strategy was fully integrated into their own dedicated media sphere of broadcast and online platforms—an option that wasn't available to the Democrats (NELSON, 2019, p. 167).

Nelson (2019) aponta, ainda, que as eleições de 2012 foram fundamentais para o GOP investir de fato nas plataformas digitais de modo a impulsionar o partido como um todo, por meio de uma nova iniciativa chamada Data Trust. A Data Trust centralizaria toda as informações e dados do eleitorado norte-americano, consolidando-se como uma plataforma de *big data* que seria disponibilizada para todos os candidatos republicanos, a nível nacional, estadual e local (NELSON, 2019).

Com relação às eleições de 2016, deve-se apontar que, se a utilização de estratégias de microtargeting e de *big data* para fins eleitorais não foi novidade, deve-se ter em vista que o seu potencial de direcionamento estratégico e efetividade foi, de fato, sem precedentes. Isso ocorreu devido ao crescimento da penetração da internet doméstica e móvel nos EUA, e a ampliação, conseqüentemente, da utilização das redes sociais como fontes de informação, como visto no capítulo 2. Além disso, ressalta-se o aumento do potencial de armazenamento e processamento de vastas quantidades de informação por parte das mídias digitais, principalmente por meio de algoritmos voltados ao *machine-learning*, que tornaram o processo de filtragem e identificação de informações importantes, a partir de dados coletados, muito mais rápido e eficiente (BENKLER et al., 2018).

O processo eleitoral que levou Donald Trump à Casa Branca, portanto, foi paradigmático no âmbito da incorporação de novos métodos de promoção de uma candidatura presidencial, sobretudo por meio das plataformas digitais, o que será desenvolvido a seguir.

6.2 A Campanha de Trump e seu foco digital

Uma vez eleito pelo Partido Republicano como candidato à corrida presidencial de 2016, Donald Trump teve de costurar alianças de modo a viabilizar sua campanha, como demonstrado anteriormente. Deve-se ter em salientar, de início, que Steve Bannon foi o CEO da campanha de Trump a partir de agosto de 2016, sendo o responsável, ainda que indiretamente, pela maioria dos processos descritos. A adesão dos tradicionalistas da direita religiosa provou-se fundamental para Trump, principalmente devido ao fato de, a partir dessa aliança, ele herdar o aparato tecnológico que antes fora utilizado para promover outros candidatos republicanos nas primárias, em especial, Ted Cruz.

A campanha de Ted Cruz, ao longo das primárias, contara com a start-up uCampaign, dedicada a potencializar o engajamento de eleitores com aplicativos políticos por meio de estratégias de gamificação⁷⁶, sendo responsável pela elaboração da rede social para smartphones de Cruz, o *Cruz Crew*, em maio de 2015 (NELSON, 2019). O aplicativo funcionava como uma espécie de Facebook fechado para apoiadores de Cruz, que interagiam entre si e com o candidato. Concomitantemente, a uCampaign trabalhava com a empresa AggregateIQ, parceira da Cambridge Analytica, de modo a colher os dados que o *Cruz Crew* juntava das plataformas do Facebook e distribui-los aos diversos parceiros da campanha de Ted Cruz (NELSON, 2019).

O aplicativo *Cruz Crew* objetivava conectar os apoiadores de Cruz a outros potenciais eleitores, vinculando suas agendas de contato e cruzando as informações disponíveis, no que Nelson (2019, p. 182) argumenta: “*The app design showed a keen understanding of the strong and weak social ties that can lead voters to the polls*”. Em fevereiro de 2016 o aplicativo identificou 300 mil apoiadores em potencial, e a estratégia de gamificação aparentava impulsionar esse processo, uma vez que fornecia pontos e premiação⁷⁷ para os usuários que fizessem chamadas telefônicas por meio do aplicativo para seus contatos, compartilhavam seus contatos e faziam *check in* em locais de interesse para a campanha (NELSON, 2019).

⁷⁶ Esse conceito se refere a uma maneira de engajar o público por meio de dinâmicas de jogos, como pontuações, prêmios e rankings.

⁷⁷ Pontos que variavam desde insígnias de “*Bald Eagle*” aos novatos até “*US Constitution*” para os mais engajados até camisetas, adesivos e ingressos de cinema (NELSON, 2019).

Além disso, o aplicativo continha ferramentas de geolocalização que permitiam que a campanha de Cruz mapeasse seus apoiadores, assim como permitia que eles encontrassem seus pares (NELSON, 2019). Nelson (2019, p. 184) oferece ainda uma estimativa do grau de penetração na sociedade norte-americana obtida pela junção das estratégias de segmentação digital dos Republicanos que seriam exploradas pelo Cruz Crew: “A *stateof-the-art* “*database of over 250 million 18+ adults, including the 190 million who registered to vote*” and an *innovative app stood ready to reach them*”.

Nelson (2019) identifica uma atuação fundamental do *Cruz Crew* para a sobrevivência da campanha de Ted Cruz, como na vitória em Iowa, em fevereiro de 2016:

Three days before the Iowa caucuses, the app went into overdrive. Cruz Crew app users were prompted to send out over 230,000 invitations, share get-out-the vote messages on Facebook and Twitter, and check in at their caucus locations on Google Maps. Nearly 3,800 Iowans received targeted messages from friends who had downloaded the app, saying “I hope you will Caucus for Ted Cruz on Monday. Here’s how: <https://www.tedcruz.org/caucusforcruz/>.” In the final 24 hours the app served over 850,000 requests to the 11,000 supporters who were online, pulling 2GB of data through the system.” **Donald Trump had taken the lead in a number of polls, but on February 1, Ted Cruz took Iowa—by a mere 6,239 votes** (NELSON, 2019, p. 185, grifo nosso).

De fato Ted Cruz foi o último adversário a resistir nas primárias, no entanto, mesmo após sua vitória em Iowa, Donald Trump se consolidaria como o vencedor das demais disputas, tornando-se o candidato Republicano. Ainda assim, Raynauld e Turcotte (2018) chamam a atenção para o fato que, em meio às primárias, Cruz se destacou mediante aqueles que utilizavam as redes sociais como fonte principal de informações, o que indica o sucesso relativo de sua estratégia digital.

Baldwin-Phillipi (2017) argumenta que a estratégia de comunicação de Trump, ao longo das primárias, fora abaixo dos padrões do que se esperaria de um candidato à corrida presidencial, tendo em vista, por exemplo, a utilização de bases de dados de eleitores que não haviam declarado disposição prévia em receber mensagens da campanha de Trump, o chamado *opt-in*. Além disso, criticou-se a utilização de contas recém-criadas para disparo das mensagens, o que aumentou a proporção de e-mails direcionados às caixas de *spam* dos destinatários, tornando a taxa de pessoas que de fato abriram e leram as mensagens de Trump em apenas 12%, enquanto que, para fins de comparação, Hillary Clinton lograria uma taxa de 18% nas primárias democratas (BALDWIN-PHILIPPI, 2017).

De fato percebe-se uma grande alteração da campanha de Trump após as primárias, principalmente a partir da incorporação da estrutura de campanha de Cruz, após as

negociações com a direita religiosa que resultaram na nomeação de Pence como o vice de Trump. Baldwin-Phillipi (2017) oferece dados que podem ajudar a compreender a máquina eleitoral montada na campanha de Trump e como ela foi imensamente impulsionada após a vitória nas primárias. A autora demonstra que, em maio de 2016, a campanha de Hillary Clinton havia disparado 658 mensagens diferentes por correio eletrônico à sua base de eleitores, ao passo que Trump havia enviado apenas 21 e-mails distintos. Até meados de outubro, a proporção da utilização de correio eletrônico na campanha era de 7 para 1 a favor de Hillary Clinton, enquanto nas duas últimas semanas da corrida eleitoral, com a máquina eleitoral republicana já voltada totalmente à candidatura de Trump, essa diferença caíria para apenas 13% (BALDWIN-PHILIPPI, 2017).

A partir do processo de cooptação da direita religiosa, demonstrado anteriormente, percebe-se que, de fato, Trump herdou a estrutura de comunicação digital que antes havia sido desenvolvida para promover Ted Cruz, o que alavancou sua campanha eleitoral. Corroborase, assim, o papel fundamental que a direita religiosa desempenhou enquanto um dos pilares de sustentação da corrida presidencial de Trump.

Em agosto de 2016, já com Steve Bannon à frente de sua campanha, Trump lançaria seu primeiro aplicativo, cujo nome era *America First*, já turbinado pelas ferramentas desenvolvidas pela uCampaign, a partir de pequenas alterações com base no *Cruz Crew* (NELSON, 2019). O aplicativo *America First* beneficiou-se da experiência tanto de Steve Bannon quanto da uCampaign com a atuação ao longo do Brexit, atuando a favor da saída do Reino Unido da União Europeia. O aplicativo de Trump, assim, incorporou as mesmas características que haviam ajudado no sucesso da campanha do “*Leave*”, como a capacidade de acessar as listas de contatos dos usuários e emitir mensagens diferentes de convite ao apoio a Trump de acordo com o perfil de cada indivíduo, por meio da conexão com o Facebook e o Twitter. Além disso, a uCampaign se preocupou com a simplicidade do manejo da plataforma, de modo a permitir que o público menos engajado digitalmente utilizasse facilmente o aplicativo, como de fato ficou demonstrado a partir da identificação de uma ampla composição de usuários entre os 40 e 50 anos de idade (NELSON, 2019).

Thomas Peters, CEO e fundador da uCampaign ofereceria detalhes acerca do funcionamento do aplicativo. Peters (2017) afirma que seu aplicativo “*America First*” foi baixado mais de 150 mil vezes, promovendo 1,2 milhão de ações perante um universo de 3 milhões de contatos e engajando 300 mil pessoas a tomar ações voluntárias no mundo real de

modo a contribuir com a campanha de Trump. Segundo Peters (2017), a criação de um aplicativo para telefones celulares era mais importante do que a mera criação de uma página do candidato na internet, pois, ao baixar o *America First*, os usuários concediam acesso à sua rede de contatos do telefone. Desse modo, por meio da geolocalização, era possível conectar apoiadores de Trump de quaisquer regiões a pessoas próximas, como amigos e familiares, sendo que o aplicativo se interessava principalmente pelos que residiam em locais-chave para a vitória republicana. Por meio do *America First*, o voto a Trump era incentivado por meio de mensagens de pessoas próximas, sendo que Peters (2017) considerou que a chave para o sucesso do aplicativo, que aparentava ser simples, foi o fato de as mensagens de apoio a Trump virem de pessoas de confiança, principalmente familiares. Além disso, o tom da comunicação variava de acordo com o perfil do destinatário, que era obtido por meio do cruzamento de suas informações pessoais com a base de dados e as plataformas de *big data* da campanha de Trump (PETERS, 2017).

Nelson (2019) identifica, também, que outros aplicativos que haviam sido desenvolvidos pela uCampaign para o Comitê Nacional Republicano (RNC) e destinados aos candidatos ao Senado por exemplo, como Ron Johnson em Wisconsin, foram também conectados ao *America First*, criando uma rede extremamente ampla e com penetração nacional. Além disso, associações como a NRA e o CNP contribuíram com suas bases de dados previamente estabelecidas de modo a potencializar os efeitos dessa estratégia, como a ativação dos SAGE Cons, descrita anteriormente (NELSON, 2019). Essas bases de dados de Trump, sendo compostas por mais de 50 mil “*data points*”, foram capazes de estabelecer perfis extremamente completos de eleitores, baseados no histórico de votações, atividades online, engajamento em redes sociais e padrões de consumo (NELSON, 2019). Uma amostra da amplitude de dados disponíveis nessas plataformas, de fato, veio à tona quando, em dezembro de 2015, a Reuters⁷⁸, a Time⁷⁹ e a Forbes⁸⁰ noticiariam um vazamento em massa de dados de 191 milhões de eleitores registrados nos EUA desde o ano 2000, com informações que incluíam nome, endereço, idade, telefone, filiação partidária, assiduidade de votação, visão religiosa, e hobbies.

⁷⁸ Disponível em [<https://www.reuters.com/article/us-usa-voters-breach-idUSKBN0UB1E020151228>]. Acesso em 06/12/2019.

⁷⁹ Disponível em [<https://time.com/4162696/database-leak-exposes-191-million-voters/>]. Acesso em 06/12/2019.

⁸⁰ Disponível em [<https://www.forbes.com/sites/thomasbrewster/2015/12/28/us-voter-database-leak/#10f101d25b98>]. Acesso em 06/12/2019.

A campanha digital de Trump, que recebeu a alcunha de “*Project Alamo*”, reuniu, de fato, uma base de dados de cerca de 220 milhões de norte-americanos (BENKLER et al., 2018). Essas informações foram utilizadas tanto para a busca por financiamento, quanto para o direcionamento de propagandas personalizadas por meio de microtargeting (BENKLER et al., 2018). O foco da utilização dos recursos captados por Trump foi investido na campanha digital, que foi direcionada, majoritariamente, para a plataforma Facebook.

Benkler et al. (2018, p. 271) apontam para o potencial do Facebook em meio a campanhas políticas, devido a uma plataforma nativa de coleta de dados que permitia atingir públicos bastante específicos:

For the digital campaign, the answer lay in Facebook. The social media giant had built out capabilities specifically tailored to make it a powerful, affordable, and indispensable tool for political campaigns. [...] Facebook allowed campaigns to target voters drawing on multiple sources of data that linked together Facebook accounts with email addresses, postal addresses, phone numbers, and any number of data points on specific American voters. Facebook provided an interface that allowed campaigns to target specific voters, geographic regions, or demographics or to send ads to hyperspecific segments of the population based on this personal data (BENKLER et al., 2018, p. 271).

Baldwin-Phillipi (2017) aponta que, desde 2010, o Facebook fornece ferramentas de analytics dedicadas à segmentação do público-alvo de mensagens publicitárias a partir de critérios de localização, idade, educação, gênero e outras questões demográficas. Posteriormente, essa plataforma desenvolveria um sistema mais complexo baseado em interesses, palavras-chave, dados geográficos, e até perfis de estilo de vida com suporte em algoritmos próprios, potencializando o uso de microtargeting em campanhas eleitorais (BALDWIN-PHILLIPI, 2017).

Kim et al. (2017, p. 6) apontam que essa plataforma oferecida pelo Facebook é propícia para a atuação de grupos de interesse específicos: “*A digital platform such as Facebook offers technological feature and capacity that contribute to the amplification of anonymous groups’ secretive, divisiv issue campaigns: native advertising and microtargeting capacity.*” Isso se torna particularmente importante ao se levar em consideração as variáveis antecedentes expostas na tese, como a fragmentação da mídia norte-americana e, principalmente, as consequências da decisão *Citizens United* da Suprema Corte dos EUA.

As informações obtidas pela campanha de Trump foram processadas pela empresa Cambridge Analytica (CA), ligada a Steve Bannon, que aplicou ferramentas de psicologia social desenvolvidas por seus profissionais a esses dados, segmentando os eleitores norte-

americanos em diferentes perfis e adaptando a mensagem que cada um desses grupos receberia (CONLEY, 2018). Kim et al. (2018) abordam o papel desempenhado pela empresa ao longo da corrida eleitoral de 2016, sobretudo por meio do Facebook :*“in the 2016 U.S. election campaign, Cambridge Analytica created psychographic classifications of voters by harvesting Facebook users’ posts, likes, and social networks and matching them with their comprehensive voter profile data”*. Nelson (2019) aponta que a CA – que atuara, inicialmente, na campanha de Ted Cruz – criou *“enhanced voter files”* com diferentes dados de cada indivíduo, tendo acesso a informações bastante específicas como registros de votação, assinaturas de revistas, registros automobilísticos e preferências vestuárias: *“The company was experimenting with psychological profiling, surveying over 150,000 households and scoring them on a version of the Myers-Briggs personality test”* (NELSON, 2019, p. 180).

A estratégia de segmentação de público alvo utilizada pela CA não fora aplicada pela primeira vez na campanha de Trump, sendo presente, anteriormente, na campanha para o Reino Unido sair da União Europeia e na campanha de Ted Cruz nas primárias (NELSON, 2019). No caso da corrida à Casa Branca, uma vez que a legislação norte-americana permitia maior acesso a dados gerados por indivíduos e a comercialização desses dados entre empresas, a CA utilizou-se de mais de 7000 indicadores para segmentar o público alvo disposto não somente a votar em Trump, mas também a se abster da votação em Hillary Clinton (FLORES, 2017). Além disso, ao longo do processo eleitoral de 2016, a empresa teve acesso, supostamente, a dados que não deveriam ser acessíveis a terceiros, o que a permitiu explorar aspectos mais aprofundados de suas personalidades, gerando questionamento acerca da violação de privacidade de cerca de 87 milhões de pessoas (OSNOS, 2017; GUILBEAULT, 2018).

Kim et al. (2018, p. 7) atestam a atuação da CA na eleição vencida por Trump:

[...] in the 2016 U.S. election campaign, the firm Cambridge Analytica created psychographic classifications of voters by harvesting Facebook users’ posts, likes, and social networks and matching them with their comprehensive voter profile data. Cambridge Analytica then customized ad messages in accordance with the audience’s psychographics, geographics, and demographics (KIM et al., 2018, p.14).

Somado a aspectos geográficos, demográficos e econômicos, o direcionamento de conteúdo específico a partir da identificação de indivíduos “amáveis”, “neuróticos”, ou “introvertidos” permitiu que a empresa amplificasse suas mensagens (FLORES, 2017). Nelson (2019) relata que indivíduos identificados como “neuróticos”, por exemplo, foram alvo de mensagens que demonstravam a segurança que uma arma na cabeceira de suas camas

oferecia caso suas casas fossem invadidas, enquanto indivíduos com valores tradicionais recebiam mensagens demonstrando como a caça em família representava momentos de estreitamento dos vínculos familiares.

A atenção dada pela campanha de Trump às possibilidades inerentes às campanhas digitais é expressa, também, a partir da inserção de funcionários do *Facebook* diretamente nos escritórios da campanha republicana. Salienta-se que essa possibilidade foi oferecida pela empresa a ambos os candidatos, de modo a auxiliar na utilização dessa plataforma para potencializar seu impacto ao longo do pleito, no entanto Hillary Clinton recusou essa oferta (OSNOS, 2017). Com efeito, a campanha de Trump gastou três vezes mais que Clinton em publicidade digital, totalizando cerca de \$90 milhões (BALDWIN-PHILLIPI, 2017).

Foi recorrente, por parte de Trump, a utilização de anúncios direcionados a distintos públicos por meio das ferramentas disponibilizadas pelo Facebook, como propagandas no *feed* dos usuários, postagens patrocinadas, banners nas laterais, ou mesmo “postagens secretas” (BALDWIN-PHILLIPI, 2017). O triunfo da campanha de Trump em sua estratégia de microtargeting, no entanto, foi o fato de essas publicações e esses anúncios não serem visíveis, em sua maioria, ao grande público, sendo direcionadas a perfis específicos delimitados dentro da plataforma. Isso permitiu que não somente mensagens positivas sobre Trump atingissem públicos específicos, como também possibilitou o direcionamento de mensagens negativas sobre a candidata Hillary Clinton para um público-alvo localizado, principalmente, em *swing-states* e *battlegrounds* como explica Baldwin-Phillipi (2017, p. 6): “*The campaign used positive ads targeted to Trump supporters as well as negative attack ads for swing voters or lean-Clinton voters in an effort to reduce her turnout using many of Facebook’s built-in targeting tools*”. As consequências e implicações dessa questão levaram o Facebook, após as eleições norte-americanas de 2016, a criar um registro de anúncios, compilando todas as propagandas utilizadas ao longo de determinados períodos temporais, o que não existia em meio ao estudo de caso da presente tese.

Outro foco bastante importante da campanha eleitoral de 2016 em termos do uso das plataformas digitais foi o Twitter, onde Clinton e Trump estabeleceram seus vínculos mais diretos com o público, apesar de utilizarem abordagens claramente distintas (ENLI, 2017). Baldwin-Phillipi (2017) elucida a singularidade do uso das redes sociais ao longo do ciclo eleitoral de 2016 como um processo desvinculado da tecnologia presente, por exemplo, na comunicação por meio de plataformas como o Facebook, que se utiliza de ferramentas de

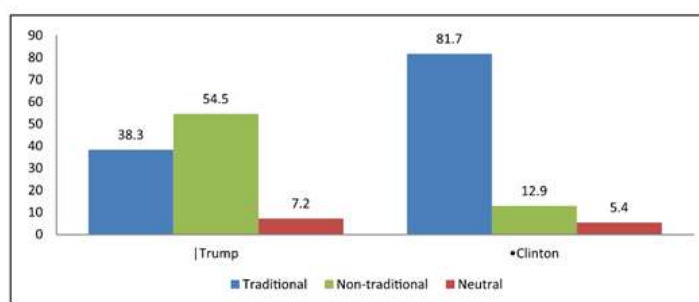
microtargeting para direcionar conteúdos específicos para audiências específicas. No caso do Twitter, o discurso é estabelecido diretamente entre o candidato e um público mais amplo: “*The more potentially revolutionary use of social media fell completely outside the realm of data or analytics, with its practice of using Twitter to bolster outside voices, including news organizations, activist groups, and individuals*” (BALDWIN-PHILLIPI, 2017, p. 5). Essa análise pode ser corroborada ao se comparar o número de seguidores do perfil de Trump no Twitter em dezembro de 2016, que totalizava 17,6 milhões, com o do *The New York Times*, que tinha 1,2 milhão (ENLI, 2017).

A comunicação de Trump via Twitter se deu por meio de sua conta particular, beneficiando-se do fato de ser uma celebridade, e, conseqüentemente, possuir um número elevado de seguidores em escala nacional desde o início do ciclo eleitoral (COHEN et al., 2016). Ao longo da campanha, Trump manteve a espontaneidade e fluidez das postagens no microblog, o que aferiu ao candidato um grau elevado de autenticidade perante o público em geral, diferentemente das mensagens herméticas e profissionais de políticos no geral, comandadas geralmente por uma equipe de relações públicas. Foi o caso de Hillary Clinton, que teve uma equipe profissionalizada gerenciando suas postagens no Twitter de modo a tentar imprimir aos debates públicos ao longo das eleições algum grau de racionalidade perante o comportamento de Trump, que, por sua vez, não se importava com a veracidade ou com as fontes do conteúdo que compartilhava (BENGSTON, 2017; ENLI, 2017).

Desse modo, Trump, por meio de sua conta, ecoou um grande universo de ideias e temas aos quais ele se identificava, seja com postagens originais ou “retweets” de outros usuários, promovendo, recorrentemente, desinformação. Esse fenômeno, presente no Twitter, no qual o político emissor de mensagens mistura suas visões e ideologias com sua vida pessoal, é desenvolvido por McGregor (2017, p. 2): “*Candidates use social media and personalization to circumvent mainstream news media, disrupting conventional processes. This personalization arguably increases voters’ reliance on personal characteristics as voting heuristics*”. Ressalta-se que, como demonstrado anteriormente, esse comportamento de Trump já ocorria desde antes do ciclo eleitoral de 2016, sendo recorrente, por exemplo, nas publicações do republicano promovendo o Movimento Birther. A estratégia utilizada, anteriormente, portanto, de antagonizar diretamente Barack Obama, foi replicada nas eleições de 2016 contra Clinton. Wang et al., (2016) identificam, de fato, que o maior número de interações com os tweets de Donald Trump, e, em particular, o de curtidas, ocorreram nas publicações em que Trump utilizava as palavras-chave *Democrats* e *Hillary Clinton*.

As publicações de Trump no Twitter teriam seguido em 54,5% dos casos uma abordagem amadora, concebida como não-tradicional, enquanto Clinton adotou linguagem tradicional em 81,7% de suas publicações, como demonstra o Gráfico 19. Nesse sentido, a campanha de Clinton teria sido caracterizada por um profissionalismo atrelado à classe política que a distanciou do público em geral, ao passo que o amadorismo de Trump em sua comunicação pelo Twitter foi estrategicamente pensado para lhe atribuir uma maior autenticidade e lhe promover um maior engajamento, aproveitando-se do fato de ele ser uma celebridade e, conseqüentemente, ter suas ações, falas e atitudes amplificadas espontaneamente (ENLI, 2017).

Gráfico 18. Estilo de utilização do Twitter por candidato nas eleições de 2016.



Tweeting style of candidates, coded as traditional, non-traditional or neutral

Fonte: ENLI, 2017, p.6.

Fromm et al. (2018), por sua vez, coletaram 6099 tweets de Trump e Clinton ao longo das primárias e fizeram uma análise de séries temporais para identificar que a maioria do conteúdo publicado pelos candidatos teve relação com seus partidos, outros políticos e a mídia. Esses temas sobrepujaram temas relacionados a políticas públicas, que, quando citadas, envolveram majoritariamente emprego, família, minorias e terrorismo. A conclusão dos autores é que as redes sociais de ambos os candidatos foram utilizadas para o estabelecimento de uma comunicação com seus apoiadores, ao invés de tentar interagir com o público do oponente (FROMM et al., 2018).

Wooley e Guilbeault (2017) analisaram 17 milhões de publicações no Twitter como parte de um amplo esforço de “propaganda computacional”: a utilização conjunta de diversas plataformas sociais, agentes autônomos e big data para a manipulação da opinião pública. O Twitter em particular teria o papel de “manufaturar consensos”, por meio da utilização de

*bots*⁸¹, promovendo a ilusão acerca da popularidade de determinados tópicos, com o objetivo de angariar apoio político real, ou seja, perfis falsos robotizados influenciando nos fluxos de comunicação de usuários reais. Isso ocorreu em 2016 nas eleições dos EUA a partir da coordenação de perfis falsos no compartilhamento de publicações – grande parte delas inseridas no âmbito da Desinformação - e na promoção de *hashtags*, assim como em comentários de apoio ou crítica nos perfis dos candidatos à presidência. Com efeito, ideias outrora marginalizadas por serem radicais, passaram a ser compreendidas como ideias populares, o que contribuiu para a normalização das ideias de ultradireita de Trump, levando os autores a concluir: “*bots have primarily been used to spread extremists’ views in uncritical allegiance to dominant candidates[...] bots were able to reach central positions of measurable influence within retweet networks during the US election*” (WOOLEY; GUILBEAULT, 2020, p. 3).

Bessi e Ferrara (2016) corroboram esses argumentos ao analisar 20 milhões de tweets, de 2,8 milhões de usuários diferentes, entre setembro e outubro de 2016, identificando que 15% desse universo – 400 mil contas – era composto por *bots* e perfis falsos, responsáveis por 3,8 milhões de tweets: cerca de 19% do total. Os autores concluem que a presença desses *bots* em meio às discussões políticas no Twitter acentua a polarização dos debates e potencializa a divulgação e a amplificação de Desinformação.

Percebe-se, assim, a maneira pela qual a Desinformação, de fato, demonstrou-se mais eficiente em meio às eleições de 2016 na promoção das campanhas de ambos os candidatos e na potencialização de seu engajamento nas redes sociais. A partir dessas análises, a seção seguinte se debruça sobre os efeitos da desinformação nas variáveis intervenientes.

6.3 Desinformação no ciclo eleitoral de 2016

A utilização da internet enquanto plataforma de impulsão de candidatos à presidência dos EUA não foi novidade do pleito de 2016. Na realidade, Barack Obama foi o primeiro a se beneficiar de estratégias assertivas em plataformas digitais desde as primárias do Partido Democrata em 2008, quando derrotou Hillary Clinton (HAWLEY, 2017). Com efeito, Weeks e Garret (2014) já identificavam a forte presença de conteúdo falso ao longo das eleições de 2008, atingindo, majoritariamente, Barack Obama. Os autores atestam, ainda, que indivíduos de fato são mais inclinados a acreditar em rumores negativos acerca de candidatos ou partidos

⁸¹*Bots* são contas e perfis falsos, coordenados de maneira automática por meio de operadores e algoritmos específicos (FERRARA, 2017).

com os quais não se identificam do que com aqueles que se identificam. Além disso, ao serem expostos a rumores acerca do candidato oposto, eleitores tendem a reafirmar seu voto em seu candidato favorito (WEEKS; GARRET, 2014).

Elementos importantes vinculados à desinformação devem ser pontuados com relação ao estudo de caso. Ciampaglia et al. (2017) identificam que 64% dos norte-americanos admitem que as “*fake news*” haviam os deixado confusos com relação aos eventos políticos em meio ao ciclo eleitoral de 2016. Além disso, nesse contexto, 23% admitem terem repassado “*fake news*” adiante para seus contatos nas redes sociais, seja de maneira intencional ou não-intencional (SHAO et al., 2018). A desinformação, de fato, teve um papel preponderante nas eleições de 2016, como apontam Woolley e Guilbeault (2020, p.5): “*these tools were used to achieve less conventional, goals: to sow confusion, to give a false impression of online support, to attack and defame the opposition, and to spread illegitimate news reports*”.

Pesquisas realizadas tendo o pleito de 2016 como foco evidenciaram a capacidade de penetração das redes de desinformação perante públicos específicos, como demonstram Guess, Nyhan e Reifler (2018), a partir da análise do histórico de navegação de 2.525 norte-americanos. Os autores evidenciam o caráter majoritariamente pro-Trump da desinformação que circulou ao longo das eleições de 2016:

Using unique data combining survey responses with individual-level web traffic histories, **we estimate that approximately 1 in 4 Americans visited a fake news website** from October 7-November 14, 2016. **Trump supporters visited the most fake news websites, which were overwhelmingly pro-Trump.** However, fake news consumption was heavily concentrated among a small group — almost 6 in 10 visits to fake news websites came from the 10% of people with the most conservative online information diets (GUESS, NYHAN; REIFLER, 2018, P.1; grifo nosso).

A desinformação em meio ao ciclo eleitoral de 2016 foi analisada por Allcott e Gentzkow (2017) a partir de seu conteúdo, possibilitando a identificação de qual candidato seria beneficiado pelas ideias que propagavam. Allcott e Gentzkow (2017) concluem que 115 diferentes histórias expressavam apoio à candidatura ou à plataforma eleitoral de Donald Trump, totalizando 30 milhões de compartilhamentos, enquanto 41 diferentes histórias demonstraram-se Pró-Clinton, com cerca de 7,6 milhões de compartilhamentos. As interações imersas em desinformação totalizaram mais de 760 milhões, entre compartilhamentos, curtidas e comentários, abrangendo ambos os candidatos (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). Deve-se ponderar, no entanto, o que esses números representam em termos relativos.

Allcott e Gentzkow (2017) identificaram que cerca de 15% dos seus entrevistados – em um recorte de 1208 adultos – recordavam-se de histórias falsas que surgiram ao longo das eleições de 2016, sendo que, desse universo, 8% afirmaram ter acreditado em uma ou mais dessas histórias. As estimativas dos autores são que, em média, os norte-americanos se depararam com 1,14 histórias falsas ao longo das eleições de 2016. Apesar disso, foi identificado também que o tráfego de usuários em sites confiáveis foi 19 vezes maior que o tráfego em sites identificados como sendo fontes de desinformação, embora 25% dos estadunidenses tenham visitado uma dessas páginas ao menos uma vez (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

Para se obter a dimensão do impacto potencial da desinformação nas eleições de 2016, deve-se retomar, também, as variáveis antecedentes vinculadas à fragmentação da mídia norte-americana, e à decisão *Citizens United* explicadas, respectivamente, nos itens 2.2 e 3.3 da tese. Para ilustrar essa questão, recorre-se à maneira pela qual a Rússia promoveu desinformação ao longo das eleições norte-americanas de 2016. Kim et al. (2018) demonstram que as características de plataformas como o Facebook, somadas às brechas da legislação eleitoral norte-americana, a partir da *Citizens United*, ofereceram as condições fundamentais para a exploração de táticas de desinformação por atores russos:

Groups behind digital electioneering can utilize native advertising, such as Facebook sponsored news feeds, for issue campaigns without revealing their identity, or by using very generic names (e.g., American Veterans) for the Facebook landing pages linked to their native advertisements. **In fact, many among the sample of Russian Facebook ads released by the Intelligence Committee appeared to utilize sponsored news feeds, Facebook’s native advertising format**, with an extremely generic and benign group name (e.g., United Muslims of America). Users then are prone to share the messages that look like a regular post and thus amplify the disinformation campaign on Facebook (KIM et al, 2018, p. 5, grifo do autor).

Kim et al. (2018) analisaram, entre setembro de 2016 e novembro de 2016 anúncios pagos no Facebook - 1.362.098 anúncios patrocinados, que impactaram 8.377 usuários únicos, e 3.737.379 anúncios de barra lateral, que impactaram 7.905 usuários únicos (KIM et al, 2018). Desse universo, ao se filtrar uma amostragem de 50 mil anúncios, 20,1% foram identificados como sendo inseridos por grupos suspeitos vinculados à Rússia, sendo que esses atores russos formaram 8,3% do total de atores identificados (KIM et al., 2018).

Kim et al. (2017) quantificam a influência russa nas eleições de 2016 a partir dos dados coletados e divulgados pelas próprias empresas:

After a long silence, Facebook finally admitted that 3,000 ads linked to 470 Facebook accounts or pages were purchased by groups linked to the Russian state

during the 2016 U.S. elections [...] Along with Facebook, Google and Twitter testified at public hearings conducted by the congressional Intelligence Committee that their ads were also purchased by the same Kremlin-linked Russian operations (KIM et al., 2017, p. 2).

Percebe-se, assim, a presença massiva de fluxos de desinformação ao longo do estudo de caso da tese. A seguir, portanto, busca-se compreender os mecanismos causais intervenientes, entre a ação da desinformação – variável independente – e as variáveis intervenientes, de modo a compreender seus efeitos combinados para a vitória de Trump nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016.

6.3.1 A ultradireita e a amplificação do engajamento de Trump

A presente seção busca demonstrar o papel da ultradireita norte-americana na utilização de desinformação para impulsionar a campanha de Trump e amplificar o engajamento de sua audiência. Nesse processo, foi determinante o fato de a ultradireita do país, e, em particular, a Alt-Right, aderirem, espontaneamente, à candidatura de Trump, mobilizando, assim, a internet e as redes sociais em prol das agendas trumpistas.

A ação da ultradireita para a promoção espontânea de desinformação favorável a Donald Trump foi flagrante ao longo do ciclo eleitoral de 2016, em um processo associado principalmente, à Alt-Right. Embora esse movimento certamente tenha desempenhado um papel fundamental nesse processo, os atores envolvidos nos fluxos de desinformação representam um amalgama de conspiracionistas, tecno-libertários, supremacistas brancos, anti-feministas⁸², ativistas anti-imigração, além de *trolls* em geral e “jovens entediados”, tanto nos EUA quanto de diversas outras regiões do mundo (MARWICK; LEWIS, 2017, p. 5). Marwick e Lewis (2017, p.5) apontam o modo de operar desses atores: *“Taking advantage of the opportunity the internet presents for collaboration, communication, and peer production, these groups target vulnerabilities in the news media ecosystem to increase the visibility of and audience for their messages”*.

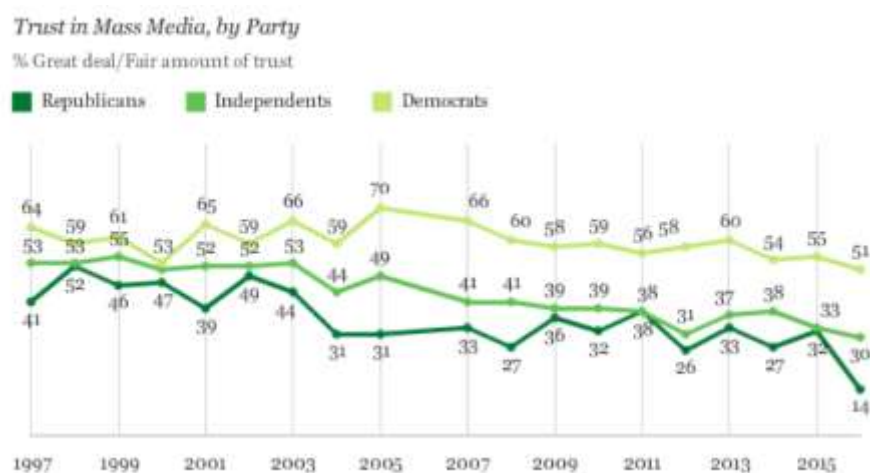
O método principal de apoio da ultradireita a Trump foi, de fato, por meio do ativismo online, que ganhou força a partir das semanas anteriores ao primeiro debate eleitoral das

⁸² O anti-feminismo defendido pela Direita Alternativa diferencia-se das concepções conservadoras religiosas tradicionais do movimento conservador, que são vinculadas à negação da identidade de gênero e o combate ao aborto. Essas pautas relacionadas a aspectos morais são pouco presentes no âmbito da Alt-Right, sendo que há até simpatia com relação a pautas como o aborto enquanto um direito individual e capaz de garantir que minorias nos EUA diminuam suas taxas de natalidade. A Alt-Right apresenta, por outro lado, argumentos contrários à igualdade entre homens e mulheres baseados em supostas diferenças biológicas que tornariam os diferentes gêneros apropriados para diferentes atividades na sociedade, da mesma maneira que utilizam esses argumentos para defender a superioridade das populações brancas (HAWLEY, 2017).

primárias republicanas (LYONS, 2017). Hawley (2017, p. 118) identifica o predomínio da atuação online da Alt-Right no período, voltada para a promoção da candidatura de Trump: “*The Alt-Right was quick to realize the opportunity that the Trump campaign presented, and it made the 2016 presidential election the focus of its online activities*”. Benkler et al. (2018) avaliam que a Alt-Right funcionou como uma espécie de tubulação conectando a periferia da desinformação gerada pela ultradireita até a mídia *mainstream* e ao público em geral, ajudando em sua amplificação.

O portal Breitbart News, de Steve Bannon, é uma página importante nesse processo, repercutindo desinformação advinda da Alt-Right, sendo considerada “*the gateway to Alt-Right ideas and writers*” (LYONS, 2017, p. 16). A ascensão da Breitbart News se deu em um contexto generalizado de desconfiança do público republicano com relação aos meios de comunicação em massa, como demonstra o Gráfico 19. Desse modo, o Breitbart, a partir de seus vínculos a atores como Steve Bannon e a Alt-Right, passou, paulatinamente, a ser a principal fonte de informação de indivíduos identificados com a ultradireita norte-americana, como demonstram os Gráficos 10, 11 e 12, da seção 2.2.1.

Gráfico 19. Confiança nas mídias de massa por partido.



Fonte: SWIFT, 2016.

O ceticismo do eleitorado Republicano perante a mídia tradicional se solidificou, particularmente, ao longo do processo eleitoral de 2016, em um processo no qual Trump é uma causa, assim como uma consequência, conforme Swift (2016) aponta:

While it is clear Americans' trust in the media has been eroding over time, the election campaign may be the reason that it has fallen so sharply this year. With many Republican leaders and conservative pundits saying Hillary Clinton has

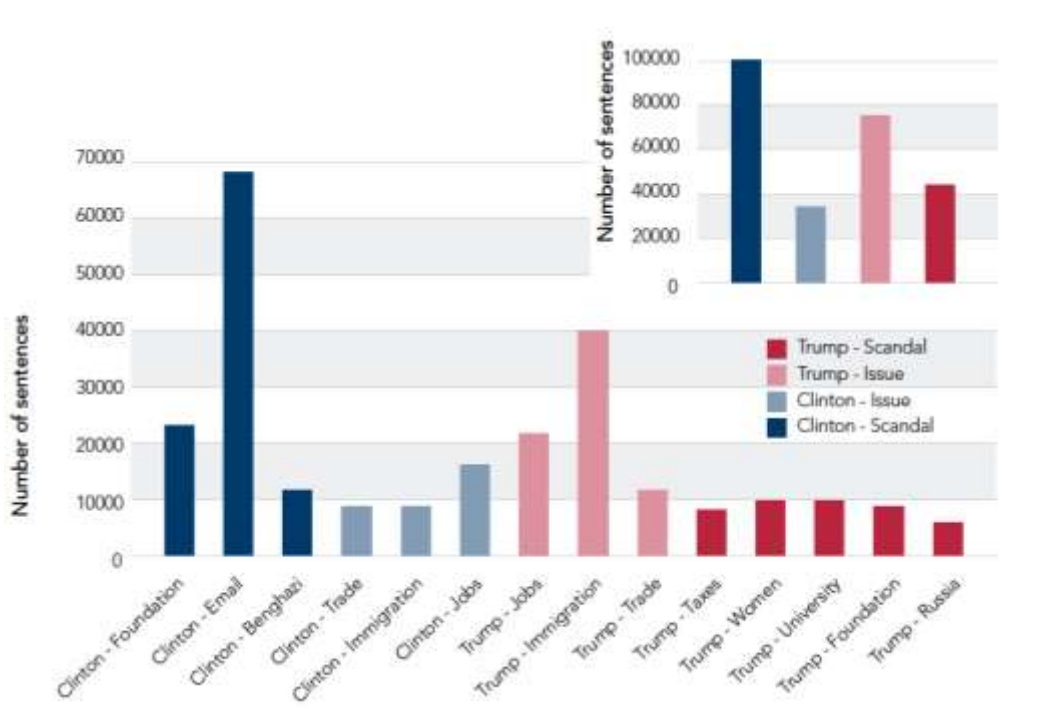
received overly positive media attention, while Donald Trump has been receiving unfair or negative attention, this may be the prime reason their relatively low trust in the media has evaporated even more. It is also possible that Republicans think less of the media as a result of Trump's sharp criticisms of the press. Republicans who say they have trust in the media has plummeted to 14% from 32% a year ago. This is easily the lowest confidence among Republicans in 20 years (SWIFT, 2016, p.8).

Benkler et al. (2018) identificam que o Breitbart News, de fato, foi o epicentro do movimento que fortaleceu Trump, antagonizando seus concorrentes nas primárias, como Jeb Bush e Marco Rubio e ajudando a consolidar as visões extremas acerca de temas como a imigração. Além disso, Benkler et al. (2018, p. 128) identificam que o Breitbart foi de fato o elo de conexão entre a ultradireita e outras mídias do país: *“Although Breitbart assiduously avoided the frankly anti-semitic language that so clearly marked the white nationalists, journalistic reporting has certainly identified it as a bridge between the white nationalists and the rest of the media ecosystem”*.

Hawley (2017) atribui grande parte do sucesso da presença de Trump na mídia aos esforços conjuntos empreendidos pela Alt-Right. Por meio da coleta de informação com fontes primárias que atuaram nesse movimento ao longo do processo eleitoral, denota-se a capacidade que a Direita Alternativa teve de amplificar sua mensagem para além da internet e das redes sociais, principalmente por meio da manipulação da cobertura jornalística (HAWLEY, 2017). Essa estratégia vai ao encontro das evidências encontradas por Etling et al. (2017), que demonstraram a capacidade de Trump em sequestrar de fato a pauta dos debates ao longo da campanha. A partir da análise de 1,25 milhão de matérias em 25.000 diferentes mídias, entre abril de 2015 e novembro de 2016. A conclusão dos autores foi que Trump teve sucesso em controlar a agenda das eleições, obtendo uma cobertura de mídia maior que sua opositora, como demonstra o Gráfico 20.

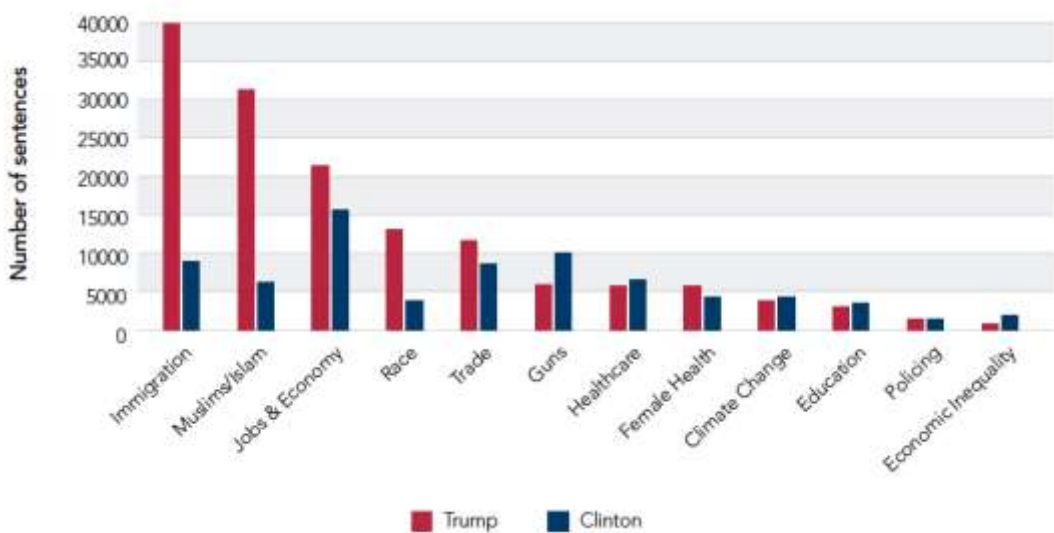
Etling et al. (2017) também demonstram que enquanto a cobertura associada à agenda de Trump foi baseada em suas propostas - como as ideias anti-imigração, as de criação de empregos e de protecionismo comercial - a cobertura midiática sobre a campanha de Clinton foi associada aos diversos escândalos ocorridos, como o vazamento de e-mails de sua campanha e os boatos associados à sua imagem – fruto tanto da ação direta da campanha de Trump quanto da ação espontânea da Direita Alternativa, além de eventuais outros atores que a decisão *Citizens United* permitiu que influenciassem no pleito de maneira praticamente anônima- como demonstram os Gráfico 21 e 22.

Gráfico 20. Cobertura midiática dos candidatos nas eleições de 2016 por tópicos.



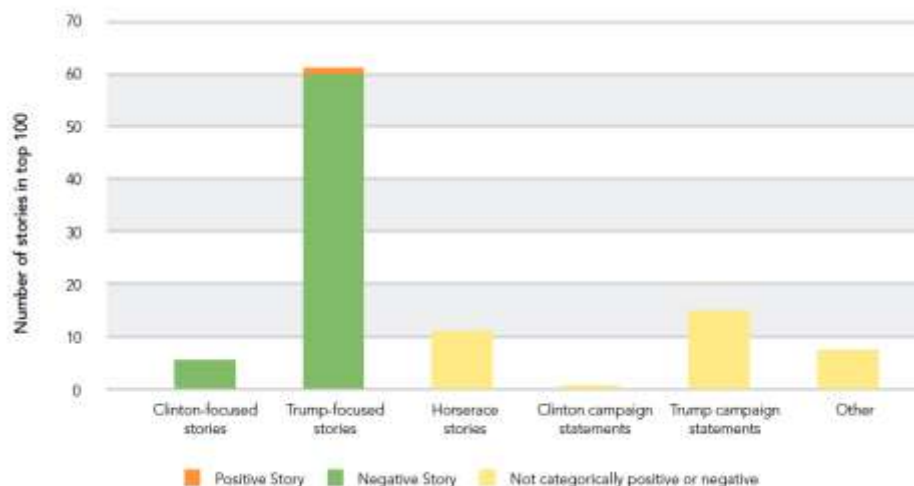
Fonte: ETLING et al, 2017, p.14.

Gráfico 21. Cobertura midiática comparada dos candidatos nas eleições de 2016.



Fonte: ETLING et al, 2017, p.14.

Gráfico 22. Tipos de histórias associadas aos candidatos nas eleições de 2016.



Fonte: ETLING et al, 2017, p.14.

A maneira pela qual Trump conseguiu superar a fragmentação da mídia norte-americana e amplificar suas mensagens pode ser validada visualmente, a partir dos gráficos 10, 11 e 12 da seção 2.2.1. Esses gráficos demonstram a maneira pela qual a mídia de esquerda (azul), centro-esquerda (azul claro) e centro (verde) dialogam entre si e compartilham de um mesmo grupo de leitores. Já aqueles que consumiram mídias de direita (vermelho) se concentraram majoritariamente no portal Breitbart e pouco interagiram com outras fontes de informação, demonstrando um verdadeiro insulamento. Nesse sentido, infere-se o público pro-Clinton, que consumia as informações de esquerda, centro-esquerda e centro da grande mídia norte-americana – como demonstram os Gráficos 11 e 12 -, não era impactado pela mídia de direita, cuja característica era o insulamento. No entanto, a partir do momento em que Trump passa a dominar a agenda midiática e pautar a opinião pública, ele começa a impactar indivíduos para além do ecossistema midiática da direita, ou seja, mesmo aqueles que nunca acessaram o Breitbart News passam a entrar em contato com conteúdo relacionado a Trump, pois todos os *outlets* de mídia de centro, centro-esquerda e esquerda passavam a cobrir o candidato republicano e repercutir, também, a desinformação promovida por ele.

Benkler et al. (2017) corroboram essa análise:

Our own study of over 1.25 million stories published online between April 1, 2015 and Election Day shows that a right-wing media network anchored around Breitbart developed as a distinct and insulated media system, using social media as a backbone to transmit a hyper-partisan perspective to the world. **This pro-Trump media sphere appears to have not only successfully set the agenda for the**

conservative media sphere, but also strongly influenced the broader media agenda, in particular coverage of Hillary Clinton (BENKLER et al., 2017, p.1, grifo nosso).

Um relatório de Harvard, elaborado por Patterson (2016 apud WOLLEY; GUILBEAULT, 2020) corrobora essa análise, apontando que Trump recebeu 15% a mais de cobertura midiática que Clinton. Com isso, Trump teve muito mais espaço para se definir e para definir a candidata democrata, do que ela teve para se defender ou para qualificar Trump. Nesse sentido, estima-se que a campanha de Trump, ao longo de 9 meses de campanha, assegurou uma estimativa de \$2 bilhões em mídia espontânea (STEIN, 2016 apud WELLS et al., 2016).

A partir do conjunto de ações da ultradireita, da Alt-Right e da própria campanha de Trump, a presença digital da campanha de Trump obteve mais sucesso no engajamento de seu público do que a de Clinton. Badawy et al. (2017) analisaram 43 milhões de publicações no Twitter por parte de 5,7 milhões de usuários distintos ao longo de setembro e outubro de 2016, inserindo esses usuários perante perfis políticos conservadores ou liberais. Os resultados dos autores apontam para os perfis conservadores tendo “tweetado” 36 vezes mais que os perfis liberais e “retweetado” perfis falsos ou *bots* 31 vezes mais (BADAWY et al., 2017).

Nesse sentido, ao adotar a promoção da candidatura de Trump como um objetivo coletivo, a ultradireita atuou de maneira coordenada tanto na promoção do candidato republicano, desde as primárias, até na deslegitimação de Hillary Clinton. Ao passo que o grupo apoiou diretamente Trump, também colheu os frutos desse suporte por meio da divulgação de suas pautas e de sua ideologia, destacando-se por meio da utilização ampla de uma linguagem “irreverente” e “humorística”. Essa estratégia demonstrou ser bastante apropriada aos meios de comunicação digital, de modo a ampliar sua mensagem, recrutar novos membros e atacar oponentes (LYONS, 2017). Hawley (2017) analisou quantitativamente 20 mil *tweets* que apresentavam *hashtags* identificadas com a ultradireita imediatamente após o fim das primárias Republicanas e a nomeação de Trump, identificando os principais termos presentes nas publicações. Percebe-se, na Figura 18, que seguido à palavra “*White*”, o termo “Trump” foi o segundo maior objeto das postagens⁸³:

⁸³ Deixando claro que essas palavras estavam presentes tanto em tweets de indivíduos que se identificavam com a Alt-Right quanto de postagens críticas ao movimento

Figura 19. Publicação de Trump no Twitter associada à Alt-Right.



Fonte: Twitter, 2015⁸⁵

6.3.1.1 Rastros digitais: Detalhes da atuação da Alt-Right

A Alt-Right, efetivamente, atuou de modo a promover a candidatura de Trump, o que ficou evidente na celebração da vitória do candidato republicano em uma série de postagens, tanto em redes sociais, quanto em plataformas associadas à Direita Alternativa, como o *The Right Stuff*. Nessa mídia, Hawley (2017) identificou textos de celebração que ressaltavam a força e o reconhecimento da Alt-Right e que interpretavam aquele momento como uma inflexão do ponto de vista global:

Our position is not unassailable, but it is stronger than ever before. So we celebrate, that President Trump has given rise to nationalism, to *America First*, to formal recognition of the Alt-Right, to outing cuckservatives as #NeverTrump turncoats, to (((anti-globalist))) memes entering the public consciousness, to levels of shvitzing that shouldn't even be possible, and more than anything else to hope for the future of our people, not just in the United States but around the world. This is as much a victory for White Americans as it is for Swedes, Australians, the British, the French, and other European peoples. We will make the world safe for ethnocracy (THE RIGHT STUFF, 2016 apud HAWLEY, 2017).

⁸⁵ Disponível em [https://twitter.com/realdonaldtrump /status /653856168402681856.] Acesso em 01/11/2019.

Os componentes ideológicos que impulsionaram o apoio da Alt-Right a Donald Trump já foram previamente esmiuçados, no entanto, cabe demonstrar, ainda, o *modus operandi* pelo qual o grupo efetivamente atuou de modo a promover desinformação em prol do republicano nas eleições de 2016. Isso pode ser feito por meio dos pedaços de evidência em formato de rastros digitais disponibilizados nas plataformas digitais. Ressalta-se que grande parte desse conteúdo demonstra o efeito da desinformação em ambas as variáveis intervenientes.

Explícito nesse sentido é a documentação produzida pela Alt-Right⁸⁶ “*Meme Division Resources*”⁸⁷, que demonstra o tipo de organização empreendida pelo grupo em tópicos, como a criação de perfis anônimos em redes sociais que se assemelhem a usuários reais, a proteção da identidade dos usuários, a manipulação do debate político na internet, a criação de conteúdo em formato de memes, as estratégias de engajamento com eleitores de Hillary Clinton, a contratação de *bots* para redes sociais, entre outras dicas relacionadas às plataformas digitais.

O documento intitulado “*Meme, Psyop & Subversion*”⁸⁸ foi disponibilizado online na plataforma “Pastebin” em julho de 2016, e é descrito como tendo o objetivo de “subverter o sistema esquerdista nas redes sociais”. Sugere uma atuação criando perfis em plataformas como o Twitter, Facebook e Reddit de supostos ativistas de esquerda – recomendando que sejam do movimento negro, simpatizantes de Bernie Sanders ou comunistas – de modo a atacar Hillary Clinton “de seu ângulo”, acusando-a de racismo, conexões com a KKK, corrupção ou demonstrando seu descontentamento com a derrota de Sanders nas primárias. O documento sugere as narrativas a serem utilizadas⁸⁹ e disponibiliza o que chamam de “munição” em pastas online que reúnem memes políticos anti-Hillary e pro-Trump, desde o que consideram o “*starter pack*” até “*advanced warfare*”. Percebe-se que esse material representa importantes pedaços de evidências que vão ao encontro do argumento que aponta que determinados perfis do público democrata foram alvo de desinformação de modo a ter seu comparecimento às urnas diminuído.

⁸⁶ O que permite sua identificação da Direita Alternativa ao longo desses documentos é a rede semântica utilizada ao longo dos textos, como a colocação de parênteses entre os nomes de figuras da esquerda, a alcunha de “redpills” para se definirem e de “normies” para definir pessoas não vinculadas ao grupo.

⁸⁷ Disponível em [https://pastebin.com/eKuavhHu]. Acesso em 31/10/2019

⁸⁸ Disponível em [https://pastebin.com/2LQsnJFQ]. Acesso em 31/10/2019

⁸⁹ “*Hillary Clinton is a mafia leader along with Bill, who have committed a lot of crimes and are racists and part of the 1%. Hillary was only saved by Comey because the system is corrupt and because of white privilege obviously. The Dems are part of the corruption and are afraid of Bernie therefore Bernfags need a revolution against them. Post the KKK memes, talk about the Clintons' link to different shady persons (e.g. Epstein the pedo) and organizations (Haiti charity ruining the country).*” Disponível em [https://pastebin.com/2LQsnJFQ]. Acesso em 31/10/2019.

Outros documentos acessados são relacionados exatamente com a utilização da comunicação por meio de *memes*, como o “*Advanced Meme Warfare*”⁹⁰ e o “*Bureau of Memetic Warfare*”⁹¹. O documento aborda estratégias de comunicação “de guerrilha”, esboçando os passos principais para um meme de sucesso – Pesquisa, Criação e Divulgação – e afirmando que os memes seriam particularmente necessários tendo em vista que a “Bruxa” – em referência a Hillary Clinton – controlaria a mídia *mainstream*⁹², portanto os *memes* desempenhariam um papel estratégico: “*We need to create a feeling of disgust towards Hillary when the users see our images.*” O antagonismo perante o que consideram um monopólio do discurso liberal no âmbito da mídia tradicional é mais um elemento que impulsionou a retórica militarizada da Alt-Right, identificando, portanto, a grande mídia como mais um de seus inimigos e Hillary Clinton como seu alvo principal.

No documento “*Advanced Meme Warfare*” é enfatizado que a produção de conteúdo deveria ocorrer em escala industrial: “*We need to turn ourselves into a well oiled meme factory*”. Além disso, salientam a necessidade de se apelar para as emoções ao se elaborar uma propaganda política efetiva com o objetivo de contrabalancear a maneira pela qual a grande mídia aborda a candidatura de Trump de maneira negativa: “*The idea is to stack up so much doubt, emotional appeals, and circumstantial evidence ON TOP of facts that we create a landslide of anti-Hill sentiment that permeates through society*”. Salienta-se que, perante seu objetivo de promover a candidatura de Trump em meio ao que consideram, de fato, uma guerra, a manutenção das identidades anônimas dos ativistas da Alt-Right é visto como uma vantagem: “*We, on the other hand, have the advantage of being an anonymous swarm with a singular goal. We don't have to play fair. We can say and spread whatever we want*”.

O “*Advanced Meme Warfare*” avança para a elaboração de uma lista de temas que podem ser exploradas para manchar a reputação de Hillary Clinton, de modo a passar uma impressão nas plataformas digitais de que esses tópicos são supostamente de conhecimento amplo. A lista de temas presentes no documento abrange tópicos como: Bill e Hillary Clinton como sendo racistas, corruptos e ligados à pedofilia e tráfico humano. Além disso, exploram ideias como a venda de segredos do Estado, o favorecimento da “invasão” de muçulmanos ao

⁹⁰ Disponível em [https://pastebin.com/hack9Z6G]. Acesso em 31/10/2019.

⁹¹ Disponível em [https://archive.md/9vxNM]. Acesso em 31/10/2019.

⁹² “*Considering that The witch's side owns almost the entirety of the MSM, we're going to be facing an upward battle. That said, meme magic is real and our collective effort has the power to produce some pretty incredible results. With that said, I will chop this up into sections focusing on All three of these aspects plus some additional info on maintaining online privacy/safety and keeping your identity obscure*”. Disponível em [https://pastebin.com/hack9Z6G]. Acesso em 31/10/2019.

país, a promoção das guerras no Iraque e na Líbia e o fato de serem poderosos demais para irem para a cadeia. Esse foco, portanto, é claramente direcionado para dissuadir potenciais eleitores democratas a não votar, efetivamente, em Hillary Clinton, dialogando com conteúdo produzido, por exemplo, por Steve Bannon, como o filme *Clinton Cash*.

A confecção dos memes foi feita de maneira profissional, com identidade visual e padronização de fontes e de cores - azul #2196f3 e vermelho #f44336 -, criação de bancos de imagens e, em determinados casos, apropriação da identidade visual da campanha de Hillary Clinton para criar anúncios falsos de modo a confundir os eleitores. Essa estratégia em particular foi realizada de modo a emplacar a ideia de que Hillary Clinton estaria, em nome do feminismo, recrutando mulheres para lutar em uma suposta guerra que ela iniciaria com a Rússia (HAWLEY, 2017). O documento “*The Bureau of Memetic Warfare*”, por sua vez, reúne postagens de indivíduos que afirmam ter trabalhado em empresas de comunicação, marketing e publicidade, explicando elementos de artes gráficas, como composição de cores, tipografia e diagramação de modo a criar mensagens efetivas e que se destaquem nas redes sociais.

As estratégias contidas nos documentos para a amplificação e divulgação dos memes sugerem ainda a criação de perfis falsos: “*Use hot girl usernames/pics (Bonus points for ethnic sounding usernames). - These are best for gaining massive amounts of followers*”. Além disso, sugerem a utilização de fotos e postagens reais de outras pessoas, do Instagram e do Twitter, de modo a tornar essas contas interessantes e capazes de crescer organicamente: “*Pick hot girl instagram accounts and rip their pics. Pic twitter accounts and rip all their tweets and make them your own. Don't be lazy. Make them look legit. It's important*”. Em seguida, sugerem que os perfis comecem a seguir centenas de outros perfis todos os dias, de modo a serem seguidos de volta, em especial o de pessoas não engajadas necessariamente com a Alt-Right, que são chamados de “*normies*”. Aqui se percebe uma das estratégias de ampliação do engajamento da campanha de Trump.

O documento “*Meme Psyop Subversion*” avança para criar estratégias de “Normieificação” das contas falsas na seção “*Normifying your Account*”, com o objetivo de se passar por indivíduos identificados com a esquerda, para atacar Hillary Clinton. O documento sugere, por exemplo, a utilização de fotos dos Panteras Negras, caso o perfil falso seja de um suposto indivíduo negro, ou de fotos de Bernie Sanders caso queiram se passar por comunistas. A recomendação para que o perfil aparente ser real é o estabelecimento de uma

relação de 3 postagens normais – como comida, música e dramas cotidianos– para uma postagem sobre política, focando nas críticas a Hillary ao invés de apoio a Trump: “*Don't post anything pro-Trump - we are anti-Hillary and pro-Bernie. You can talk a bit about Trump in negative light, but your focus is on uncovering Hillary's dirt for the Bernsters and the negros*”. Evidencia-se, portanto, a maneira pela qual a Alt-Right atuou na estratégia de diminuir o turn-out de parcelas específicas do eleitorado democrata, como os afro-americanos e os apoiadores de Bernie Sanders.

Em outro documento, intitulado “*Connecting Social Media and pushing content 101*”⁹³, membros da Alt-Right ensinam como realizar postagens em diversas contas de diversas plataformas ao mesmo tempo, como no Twitter, Facebook, Instagram, Tumblr, Blogger e Pinterest, enquanto mantêm a aparência de serem “*normies*”. As técnicas expostas envolvem a utilização de um emulador do sistema operacional Android, conhecido como Bluestacks, assim como uma ferramenta conhecida como ifttt.com. Avançando para um documento posterior, “*Connecting Social Media and pushing content 102*”⁹⁴ identifica-se que a Alt-Right recomendou a utilização de *bots* em plataformas como o addmefast.com para criar uma rede de conexões ampla⁹⁵. Fica evidenciado, nesse sentido, o amplo domínio de ferramentas digitais tecnológicas por parte da Alt-Right, assim como a disponibilidade de membros do grupo de compartilhar esse conhecimento em prol de seus objetivos coletivos.

Essa estratégia de promoção de engajamento extremamente amplo nas redes sociais a partir da atuação efusiva de poucas centenas de “*buzzmakers*”, ou seja, perfis específicos com muitos seguidores e cuja mensagem é rapidamente amplificada, teve sua capacidade desproporcional de multiplicação comprovada por meio de estudos como o de Tan et al. (2013). Claramente a estratégia teve sucesso ao longo do pleito de 2016 a partir da atuação da Alt-Right, que concentrou e priorizou suas atividades na promoção da candidatura de Trump: “*The Alt-Right was quick to realize the opportunity that the Trump campaign presented, and it made the 2016 presidential election the focus of its online activities*” (HAWLEY, 2017).

Benkler et al. (2018) chamam a atenção para o fato de, a partir do ecossistema midiático da ultradireita, uma série de ataques à reputação de Hillary Clinton ter sido

⁹³ Disponível em [https://pastebin.com/39Ldw9Mj]. Acesso em 31/10/2019

⁹⁴ Disponível em [https://pastebin.com/kC8qaGEp]. Acesso em 31/10/2019

⁹⁵ “*We do now bot up IG likes, the fastest growing network with the most retarded user base, linking to our twitter for more exposure, get every single post of us forwarded to 4-5 social networks, all with the push of one button and if we need extra exposure we got a simple way to get likes for watching some retarded yt videos*”. Disponível em [https://pastebin.com/kC8qaGEp]. Acesso em 31/10/2019

coordenado. Paradigmático nesse sentido foi a ampla divulgação de histórias, enquadradas enquanto desinformação, a respeito de supostos vínculos de Clinton, por meio da *Clinton Foundation*, com terroristas islâmicos, explorando a ideia de que Hillary Clinton não era apenas uma candidata ilegítima, quanto também uma traidora e uma criminosa (BENKLER ET AL., 2018). Hawley (2017) corrobora que postagens na internet sobre Hillary Clinton que acabaram transbordando para além das redes digitais podem ser traçadas até a Alt-Right, como demonstra a história, amplamente divulgada ao longo do pleito, de que a candidata democrata estaria supostamente com a saúde prejudicada por alguma doença grave. Ao se traçar as origens dessa história, que ganhou a mídia e se tornou tema do debate público, chegou-se ao Twitter de Mike Cernovich, indivíduo alinhado e identificado às atividades da Direita Alternativa (HAWLEY, 2017). Percebe-se assim a maneira pela qual, efetivamente, essas ações da Alt-Right foram conduzidas.

6.3.2 A desinformação e a redução do turn-out democrata

Tendo em vista as fontes primárias exploradas na seção anterior, já se percebe que, de fato, houve uma atuação direta da Alt-Right na exploração de desinformação perante parcelas do público democrata. No entanto esse foco no eleitorado de Clinton não foi restrito somente à ação espontânea da Direita Alternativa, sendo, de fato, uma estratégia formal da campanha de Donald Trump. Essa questão, que atingiu principalmente o eleitorado negro e hispânico, foi demonstrada no item 4.1, por meio dos Gráficos 16, 17 e 18. Argumenta-se, assim, que esse foi um dos principais elementos responsáveis pela redução do comparecimento às urnas de parcelas do eleitorado democrata.

A equipe de investigação de Rabkin et al. (2020), vinculada ao britânico *Channel 4 News*⁹⁶, obteve acesso a um cache de dados vinculado à campanha eleitoral de Trump em 2016, com mais de 5 mil arquivos, 5 terabytes de memória e dados de 200 milhões de eleitores. Nesses arquivos, identificou-se que 3,5 milhões de afro-americanos foram categorizados enquanto público de “dissuasão”⁹⁷. O objetivo era exatamente dissuadir esses eleitores para que não votassem em Clinton no dia das eleições, tendo utilizado anúncios adaptados e personalizados em uma vasta campanha de supressão de votos e de desconstrução da imagem da candidata Democrata (RABKIN et al., 2020).

⁹⁶ A Channel 4 News também foi responsável pela investigação, juntamente ao The New York Times, responsável pelo fim das atividades da Cambridge Analytica em 2018.

⁹⁷ Tradução do autor para o termo original “*deterrence*”.

A importância das descobertas de Rabkin et al. (2020) advém do fato de não existir, de fato, um acervo público que contenha as peças publicitárias utilizadas em plataformas como o Facebook ao longo das eleições de 2016, o que, posteriormente, teve de ser alterado pela plataforma, que criou um acervo de anúncios publicitários para manter o registro das peças utilizadas em campanhas eleitorais ao redor do mundo. Tomadas por si só, as evidências apresentadas por Rabkin et al., (2020) poderiam não ser suficientes para se validar a hipótese que a campanha republicana realmente não teria se limitado apenas a incentivar o voto em Trump, como também direcionado seus anúncios a públicos tradicionalmente inclinados a votar nos democratas, no entanto, elas são coerentes e vão ao encontro das análises de outros autores, como Allcott e Gentzkow (2017), Benkler et al. (2018), Kim et al. (2017), Conley (2018), Baldwin-Phillipi (2017) e Gunther et al. (2019).

Benkler et al (2018) identificam que a campanha digital de Trump, por meio, sobretudo, do Facebook, focou-se em um recorte de 13,5 milhões de eleitores considerados “persuadíveis”, distribuídos ao longo de 16 *battlegrounds*. Seu objetivo não era ampliar necessariamente a parcela de eleitores de Trump, mas, prioritariamente, suprimir o total de eleitores, principalmente aqueles vinculados a minorias como afro-americanos, mulheres jovens e progressistas no geral, cuja tendência de voto era Democrata (BENKLER et al., 2018).

Uma estratégia identificada por Benkler et al. (2018) foi a exploração, por parte da campanha de Trump, das divisões inerentes às campanhas das primárias do Partido Democrata, buscando atingir aqueles que haviam apoiado Bernie Sanders: “*The Trump campaign had long sought to discourage supporters of Bernie Sanders from converting to Clinton voters and tried to exploit and exacerbate divisions on character and policy*” (BENKLER et al., 2018, p. 281). Desse modo, estimula-se a redução do turn-out democrata a partir da identificação de eleitores já previamente inclinados a não se sentirem representados por Hillary Clinton. Essa questão evidencia que o impacto da Desinformação nas variáveis intervenientes é complementar, tendo em vista que essas ações formais da campanha de Trump somaram-se aos esforços da Alt-Right expostos anteriormente.

Kim et al. (2018, p.1) oferecem indícios que comprovam que, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, houve diferentes mensagens para diferentes perfis individuais no Facebook a partir de uma segmentação geográfica: “*Divisive issue campaigns clearly targeted battleground states, including Pennsylvania and Wisconsin where traditional Democratic*

strongholds supported Donald Trump by a razor-thin margin". Deve-se esclarecer que, de fato, temas específicos com grande impacto em recortes geográficos foram identificados a partir das plataformas de *big data*, no entanto, a mensagem emitida para cada indivíduo, dentro de cada região, era específica, podendo conter apelos diretos a favor ou contra um candidato ou um conteúdo vinculado a um tema sem referência a Clinton ou Trump.

Um caso paradigmático são as armas de fogo e a região rural do estado de Wisconsin, no qual foi identificada uma preocupação comum acerca das possibilidades de restrição ao acesso e posse caso Clinton fosse eleita (KIM et al, 2018). A partir disso, por meio do microtargeting, diferentes indivíduos interessados em armas localizados nessa região receberam diferentes tipos de conteúdo, como *"Hillary will take away your guns"* para aqueles identificados com preocupações relacionadas a sua segurança, e *"Guns protect your loved ones"* para aqueles orientados por valores familiares (KIM et al, 2018).

Baldwin-Phillipi (2017, p.5) argumenta que as estratégias de microtargeting empreendidas pela campanha de Trump foram fundamentais não somente para obter financiamento de campanha como também desincentivar o voto em Clinton por parte dos indivíduos que rejeitassem Donald Trump: *"These microtargeting efforts in Facebook were well-planned and executed, took place on a large scale, were likely instrumental in fundraising, and according to the campaign, got undecided voters who thought poorly of Trump to stay home rather than vote for Clinton"* (BALDWIN-PHILLIPI, 2017, p. 5).

Em um sistema eleitoral no qual o voto não é direto e nem obrigatório, como o norte-americano, essa segmentação torna-se particularmente efetiva, uma vez que obter a maioria do voto popular não é condição suficiente nem necessária para a eleição de um candidato. Clinton venceria no voto popular por uma diferença de 2,9 milhões de eleitores, no entanto, ela perdeu o Colégio Eleitoral por um total de 80 mil votos em três estados fundamentais: Michigan, Pensilvânia e Wisconsin, com diferenças de votos inferiores a 1% em cada um desses estados (NELSON 2019). Isso vai ao encontro da análise de Kim et al. (2018) que identificam que esses três estados foram impactados, em especial, por desinformação que repercutia, principalmente, supostos escândalos de Hillary Clinton. Desse modo, percebe-se que perante as eleições gerais, as estratégias de microtargeting têm a capacidade de alterar de fato o curso das eleições ao se focar em eleitores com perfis específicos localizados em regiões específicas.

No entanto, ainda não se corroborou a efetividade dessa estratégia em diminuir efetivamente o turn-out democrata, o que pode ser feito a partir das conclusões obtidas por Gunther et al. (2019). Os autores buscaram identificar o perfil dos eleitores que votaram em Obama em 2012 e não repetiram o voto no Partido Democrata em 2016 – tendo votado em Trump, em um candidato independente ou não comparecendo às urnas – para compreender, dentre outras coisas, o impacto da desinformação nesse processo. Chama a atenção, assim, perante a parcela do eleitorado norte-americano que havia votado em Obama em 2012, o fato de 14% dos indivíduos identificados com a esquerda liberal norte-americana não ter votado em Hillary Clinton em 2016 (GUNTHER et al., 2019).

Perante esse cenário de não repetição de voto no Partido Democrata entre 2012 e 2016, Gunther et al. (2019) buscaram compreender os efeitos da desinformação. Os autores utilizaram três notícias verificadamente falsas que se destacaram ao longo das eleições de 2016 para avaliar o quanto diversos tipos de eleitores demonstraram acreditar nelas. A primeira foi a história de que Hillary Clinton estaria extremamente doente devido a uma doença séria mantida em segredo; a segunda história foi a suposta venda de armas para o Estado Islâmico aprovadas por Clinton enquanto Secretária de Estado, e a terceira foi de que o Papa Francisco havia dado seu apoio à candidatura de Trump. De fato foi identificado que, entre os eleitores de Obama de 2012, aqueles que acreditaram em algumas dessas histórias apresentaram tendência crescente de não repetir o voto no Partido Democrata em 2016. Os autores apresentam dados que afirmam que a tendência daqueles que votaram em Obama em 2012 de votar em Clinton foi de 89% entre os que não acreditaram em nenhuma história falsa, 61% entre aqueles que acreditaram em apenas uma dessas notícias falsas, e apenas 17% entre aqueles que acreditaram em duas ou três dessas histórias falsas (GUNTHER et al., 2019).

Os autores ressaltam que somente essa análise não é capaz de consolidar a relação de causa-efeito entre exposição a desinformação e a mudança de votos, no entanto sua observação acerca de uma hipótese alternativa corrobora a ideia que a intensa campanha anti-Clinton tenha sido um dos elementos principais dessa equação:

[...] a simple presentation of this bivariate association cannot be regarded as evidence that exposure to fake news “caused” former Obama voters to defect from the Democratic ticket in 2016. It could be argued, for example, that this electoral choice was a product of dislike of Hillary Clinton which, in turn, could have led these voters to believe negative news stories about Clinton. If so, the direction of causality might actually be the reverse of what we have hypothesized (GUNTHER et al., 2019, p. 19).

Com efeito, o modelo de análise de Gunther et al. (2019) de fato corrobora a hipótese de que a desinformação desempenhou um papel importante na migração de votos de eleitores que haviam votado em Obama em 2012 para não repetir esse voto em 2016, seja votando em Trump, em um candidato independente ou mesmo se abstendo da votação. Ou seja, comprova-se que a desinformação efetivamente diminuiu o turn-out democrata:

A comprehensive modeling of the 2016 vote among 2012 Obama voters showed that electoral disinformation played a significant role, *ceteris paribus*, and that acceptance of disinformation led many Obama voters away from Clinton in 2016 [...] We must also reiterate that, given the inability to determine temporal order in a single-wave cross-sectional survey, we cannot prove that belief in fake news “caused” these former Obama voters to defect from the Democratic candidate in 2016. **Our analysis strongly suggests, however, that exposure to fake news was associated with their decision to vote for another candidate or not vote at all** (GUNTHER et al, 2019, grifo nosso).

Por fim, Zingher (2019) associa efetivamente à incapacidade do Partido Democrata de estimular que algumas parcelas de seu eleitorado fossem votar a derrota nas eleições de 2016. Particularmente relevante, nesse sentido, é a comprovação do baixo turn-out da população afro-americana, da qual 66,5% havia saído de casa para votar em Obama em 2012, sendo em que em 2016 essa proporção foi de 58% (ZINGHER, 2019). O autor ressalta ainda que essa perda do eleitorado negro foi problemática, em especial, devido ao fato de ela ter sido acentuada em distritos eleitorais importantes, onde Clinton acabou sendo derrotada, tendo em vista que esse declínio da porcentagem de comparecimento de indivíduos negros resultou em 765 mil eleitores a menos em 2016 quando comparado aos números de 2012, em uma redução no turn-out desse público que não ocorria desde 1996 (PEW RESEARCH CENTER, 2017).

Green e McElwee (2019) identificaram que essa tendência de redução do comparecimento às urnas perante a população afro-americana foi mais presente perante os indivíduos com tendências conservadoras e os que moram em regiões com altas taxas de desemprego: “*we find that for black voter file-matched respondents, higher local unemployment predicts a lower probability of having voted for Clinton via non-voting, rather than voting for Donald Trump*” (GREEN; MCELWEE, 2019, p. 19). Desse modo, percebe-se que o fato de se enquadrarem como conservadores, pressupõe um consumo de mídia condizente com essa inclinação ideológica, o que os tornaria mais expostos à desinformação promovida pela campanha de Trump.

6.3.2.1 Efeitos da desinformação na rejeição a Hillary Clinton

Um dos efeitos identificados da desinformação – variável independente – em potenciais eleitores democratas – variável interveniente – foi o direcionamento de conteúdo a

esse público-alvo, de modo a desgastar a imagem de Hillary Clinton e, conseqüentemente, diminuir o turn-out – comparecimento às urnas – da candidata democrata. Isso ocorreu por meio de uma experiente equipe republicana, dedicada a antagonizar diretamente Hillary Clinton por meio de desinformação, sendo o papel pessoal de Trump também fundamental nesse processo. Além disso, demonstra-se o papel de Hillary Clinton, que, indiretamente, promoveu tanto as agendas de Trump, ao manter uma postura defensiva, quanto a Alt-Right.

Já se elucidou, anteriormente, a consolidação de uma corrente anti-Clinton enquanto uma variável antecedente da pesquisa, demonstrando, também, o papel de Steve Bannon e do GOP nesse processo. Nas palavras de Green (2017, p. 43) “*All of these influences helped shape Trump’s view of politics and steer it in a sharply anti-Clinton direction just as Trump was starting to thin seriously about running for president.*”

Benkler et al. (2018) analisaram de maneira aprofundada uma história em particular – enquadrada explicitamente no âmbito da desinformação – que vinculou a *Clinton Foundation* a organizações terroristas islâmicas, demonstrando como o ecossistema midiático da ultradireita explorou a desinformação de modo a promover Trump em 2016. Em essência, o teor da narrativa visava manchar a reputação de Clinton: “*These stories claimed that Clinton’s behavior was criminal rather than merely questionable. In a campaign that expressed deep anti- Muslim sentiment, a repeated theme was that Hillary Clinton was seriously in hock to Muslim nations*” (BENKLER et al., 2018, p. 133). Os autores identificam que essa campanha se desenvolveu após o mês de agosto de 2016, com Trump e Clinton nomeados enquanto os candidatos às eleições presidenciais, ganhando força ao longo dos meses de agosto e setembro.

O que diferenciou essa narrativa das demais notícias falsas foi que ela se converteu, de fato, em uma campanha ampla de desinformação, com diversas notícias falsas diferentes sendo veiculadas sucessivamente com relação a esse tópico a partir de páginas do Facebook, perfis falsos e *bots* no Twitter, páginas de click-bait na internet e, principalmente, páginas de ultradireita. As principais mídias responsáveis pela promoção dessa narrativa foram o Breitbart News e o *The Daily Caller*, que insinuaram repetidamente que a fundação dos Clinton estava imersa em corrupção e que havia recebido doações milionárias de líderes muçulmanos. Essas notícias demonstraram ser leituras altamente distorcidas de uma série de documentos e e-mails vazados por meio do WikiLeaks, que, no entanto, ofereceram credibilidades suficiente para conspiracionistas e paranoicos no geral, principalmente tendo

em vista que, de fato, Clinton cometeu um erro grave enquanto Secretária de Estado ao se utilizar de seu e-mail pessoal para questões oficiais (BENKLER et al., 2018).

O que chama a atenção, nesse sentido, é o fato de essas histórias terem como epicentro justamente o Breitbart News, portal da internet vinculado a Steve Bannon, que, por sua vez, assumira a campanha eleitoral de Donald Trump justamente em 15 de agosto de 2016, sucedendo Paul Manafort (GREEN, 2017). Percebe-se, portanto, que algumas das principais histórias falsas e especulações que circularam ao longo das eleições de 2016 não foram meramente espontâneas, sendo parte direta dos esforços da campanha de Trump, sob a coordenação de Steve Bannon. Teria partido de Bannon também a orientação de explorar histórias vinculadas a Clinton que pudessem dissuadir parcelas específicas do eleitorado de esquerda, como os afro-americanos, de votar em Hillary (GREEN, 2017).

Os tradicionalistas da direita religiosa também são uma ala republicana que, inicialmente, apoiara Ted Cruz, mas, depois, aderiu à campanha de Trump e empreendeu diretamente esforços anti-Clinton. Esse grupo, por meio do CNP, além de promover as virtudes de Donald Trump, empreendeu esforços voltados para deslegitimar Hillary Clinton e apresentá-la como uma ameaça aos valores da Direita Religiosa por meio de desinformação (NELSON, 2019). A temática do aborto foi fundamental nesse processo, como expõe Nelson (2019):

Abortion became a centerpiece of the Republican campaign [...]The videos, messaging, and church bulletin inserts all carried gruesome depictions of “partial-birth abortion” and tied it to Hillary Clinton’s alleged support of “unlimited abortion on demand.” [...] Hillary Clinton’s record was clear and consistent. She opposed late-term abortion except where the health or life of the mother was at stake. But over the course of the campaign, Republican candidates and their networked media pounded away on a false representation of her position (NELSON, 2019 p. 208).

Uma questão importante a ser elucidada é que Trump não apenas se tornou um espectador beneficiário e passivo dessa ampla rede anti-Clinton. Ele, na verdade, ativamente colaborou para amplificá-la ao longo das eleições de 2016, quando, recorrentemente, incitava a prisão de Hillary – incentivando o coro dos eleitores que clamavam “*Lock her up*” – além de se referir a ela como “*Crooked Hillary*”⁹⁸. Erichsen et al. (2020) apresentam evidências que, ao longo do ciclo eleitoral de 2016, os apoiadores de Trump apresentavam um sentimento coletivo e geral de rejeição perante Hillary, difamando a candidata democrata recorrentemente por meio de placas, cantos e interações com o republicano: “*Trump rally attendees collaborated to bitchify Clinton in ways that fostered emotional bonding, a politically*

⁹⁸ Termo cuja tradução seria “Hillary desonesta”.

incorrect situational definition, and shared identities as Trump supporters” (ERICHSEN et al., 2020, p.2).

A Figura 20 ilustra uma das publicações de Trump no Twitter, em 2 de julho de 2016, na qual Trump antagoniza Clinton por meio de acusações de corrupção. Na imagem, Trump usa, também, símbolos vinculados ao judaísmo, como a Estrela de Seis Pontas, fomentando conspirações de cunho antissemita contra a democrata muito recorrentes no universo da Alt-Right.

Figura 20. Tweet de Donald Trump antagonizando Hillary Clinton.



Fonte: TRUMP, 2016. Twitter: @realDonaldTrump

Green (2017) relata que Steve Bannon calculava, no entanto, que não adiantava apenas consolidar uma imagem negativa de Hillary Clinton perante os eleitores de Trump. Bannon objetivava atingir também o grande público em geral e a mídia, de modo a superar a eventual bolha na qual Trump se inseria perante os eleitores do GOP e eventuais audiências de ultradireita:

To stop Hillary, Bannon believed, conservatives needed to exert influence beyond their own movement [...] In order to gain the necessary influence, Bannon thought, conservatives needed to build a political case based on documented facts that would discredit Clinton in the eyes of the people whose support she would need to win the election—not just voters, but the media as well (GREEN, 2017, p. 117).

Bannon estava ciente que somente por meio do Breitbart ele não atingiria o objetivo de impactar eleitores para além da bolha da ultradireita. Assim, o livro *Clinton Cash*, e o filme

lançado posteriormente, foram fundamentais para essa estratégia de cooptar parte da mídia tradicional para que ela reverberasse essa história, atingindo um público mais amplo (GREEN, 2017). De fato, as histórias contidas no *Clinton Cash* foram transmitidas em tom documental, abandonando lógicas conspiracionistas e incitando reflexões a partir de fontes supostamente seguras e dados públicos. As denúncias geraram matérias de capa no *The New York Times* e críticas de figuras associadas ao Partido Democrata, como Lawrence Lessig, de Harvard, e Bernie Sanders. O *Clinton Cash* influenciaria, inclusive, nas primárias democratas ao inspirar alguns dos discursos de Bernie Sanders que criticavam as relações de Clinton com *Wall Street* (GREEN, 2017). Percebe-se, portanto, que Bannon atingiu seu objetivo, alcançando uma audiência que o Breitbart News não teria a capacidade de atingir e fomentando divisões internas em meio aos democratas.

O mérito dessa estratégia de Bannon foi justamente a superação da divisão tecnológica imposta pelos filtros-bolha e pelas câmaras de ressonância da internet e das redes sociais, penetrando as histórias anti-Clinton em meio às mídias associadas aos liberais progressistas norte-americanos. Green (2017, p. 124) desenvolve o argumento: *“It means that “weaponizing” a story onto the front page of The New York Times (“the left”) is infinitely more valuable than publishing it on Breitbart (“the right”) because the Times reaches millions of readers inclined to vote Democratic”*.

Wells et al. (2016, p. 3) apontam que, mesmo quando Trump recebia cobertura jornalística negativa, isso ressoava bem perante seu público devido à crescente desconfiança de seus eleitores acerca da mídia tradicional nos EUA: *“For Trump’s publics, critique in the news was a badge of honor, support for their dissociation from the version of reality presented in mainstream news”*. Nesse sentido, percebe-se que Trump obteve sucesso tanto em pautar a agenda do debate público, ao dominar a cobertura da mídia tradicional acerca das eleições de 2016, quanto em amplificar as mensagens emitidas por ele por meio de suas redes sociais de maneira espontânea, através de seus seguidores (WELLS et al., 2016).

Conley (2018) vincula essa captura da agenda midiática por parte de Trump ao seu sucesso eleitoral, argumentando que isso impossibilitou que Hillary Clinton construísse sua imagem durante a campanha, devido à postura reativa adotada pela Democrata. Além disso, assim como Green (2017), Conley (2018) aponta que Trump teve sucesso ao penetrar o ecossistema eleitoral do Partido Democrata e cooptar eleitores a partir do protagonismo que adquiriu na mídia:

The Clinton campaign had no effective response to many of Trump's attacks, particularly on the economy and the assertion that she was wed to elite business and political interests. As a result, Clinton allowed Trump to define her on these issues, which fundamentally weakened her positioning with millions of traditionally Democratic voters as the candidate in the race who most forthrightly defended the rights of the working and middle classes (CONLEY, 2018, p. 42).

Green (2017) aponta ainda que, perante o sequestro da agenda midiática por parte da campanha de Trump, Clinton não soube gerenciar algumas das narrativas que estavam sendo exploradas pelos republicanos naquele momento. Além disso, a campanha de Hillary, sucessivamente, declinou tanto pedidos de divulgação de valores associados a palestras que ela ministrara em empresas de Wall Street, como o Goldman Sachs, quanto também de montantes recebidos pela Clinton Foundation por doadores internacionais, o que fomentou ainda mais a desinformação promovida contra ela (GREEN, 2017).

Com efeito, identifica-se que a própria campanha de Hillary Clinton contribuiu para elevar a atenção da mídia tradicional ao movimento que mais a antagonizava nas plataformas digitais: A Alt-Right (HEIKKILÄ, 2017). Isso foi evidenciado em um discurso de Hillary Clinton na cidade de Reno, Nevada, em agosto de 2016. No discurso, fica evidente a preocupação da candidata Democrata com os laços de Bannon e Trump: *“The de facto merger between Breitbart and the Trump Campaign represents a landmark achievement for the “Alt-Right.” A fringe element has effectively taken over the Republican Party.”* (CLINTON apud DEWEY; OHLHEISER, 2016). Percebe-se, portanto, que desde a campanha eleitoral os Democratas tinham conhecimento do engajamento da Direita Alternativa no apoio a Trump e nas características desse grupo: *“This is not conservatism as we have known it. This is not Republicanism as we have know it. These are race-baiting ideas, anti-Muslim and anti-immigrant ideas, anti-woman — all key tenets making up an emerging racist ideology”* (CLINTON apud DEWEY; OHLHEISER, 2016).

Main (2018) aponta que a alusão de Clinton à Alt-Right acabou aumentando o interesse pelo movimento. Após o discurso de Clinton, a busca pelo termo “Alt-Right” no Google teria aumentado em 20 vezes e o tráfego de usuários em páginas da Alt-Right, como o *The Right Stuff* e o *Daily Stormer* teria sido também catapultado (HAWLEY, 2017; MAIN, 2018). Mais uma vez, percebe-se a superação da bolha da ultradireita, que passa a ampliar seu público. Benkler et al. (2018) identificam que, no ciclo eleitoral de 2016, diversas histórias associadas à desinformação e que foram amplamente divulgadas pela grande mídia – como CNN, The New York Times e Washington Post - nasceram a partir da atuação da Direita Alternativa. Isso atesta o sucesso das estratégias descritas na seção 6.3.1.1.

Não obstante, a Direita Alternativa teria também sido a responsável pela organização e pelo exame minucioso dos arquivos dos e-mails da candidata democrata que vazaram ao grande público ao longo do processo eleitoral, criando, inclusive, uma página na internet para organizar essa ação⁹⁹ (HAWLEY, 2017). O conteúdo desses e-mails foi explorado amplamente pela Alt-Right, sobretudo em fóruns como o 8chan e o 4chan, levantando uma série de teorias conspiratórias que, eventualmente, também receberam atenção pela mídia tradicional (MARWICK; LEWIS, 2017). Isso ocorreu, sobretudo, devido ao fato de algumas dessas teorias da conspiração, claramente inseridas no âmbito da desinformação, terem gerado mobilizações populares, como é o caso do chamado *Pizzagate*¹⁰⁰.

Esses e-mails da campanha de Clinton que vazaram ao público se relacionam com outro ator que interferiu nas eleições de 2016, a Federação Russa. Os e-mails vazados foram obtidos a partir dos servidores do DNC a partir da atuação de hackers russos, como evidenciaram tanto autoridades do *Department of Homeland Security* quanto companhias de segurança digital privadas como a CrowdStrike (BENKLER et al., 2018). Esse *modus operandi* – hackear informações privadas e divulgá-las ao público por meio de campanhas de desinformação - é compatível com o histórico de atuação russa na política doméstica do país assim como no seu entorno regional¹⁰¹ (GUILBEAULT, 2018).

Os e-mails particulares da candidata democrata que vazaram em meio ao processo eleitoral serviram de munição para quaisquer atores que se opunham à candidata democrata, tendo em vista que esse tema ganhou notoriedade perante o público. Esse argumento é corroborado pela Figura 21, que indica quais palavras-chave estiveram presentes no imaginário do público norte-americano entre julho e setembro de 2016 com relação a ambos os candidatos. Enquanto Trump tem destacados termos associados à sua agenda, como “*immigration*” e “*Mexico*”, destaca-se, de maneira incisiva, termos negativos vinculados à candidata Clinton, como “*lie*” e “*scandal*”, além de outros termos vinculados a história falsas

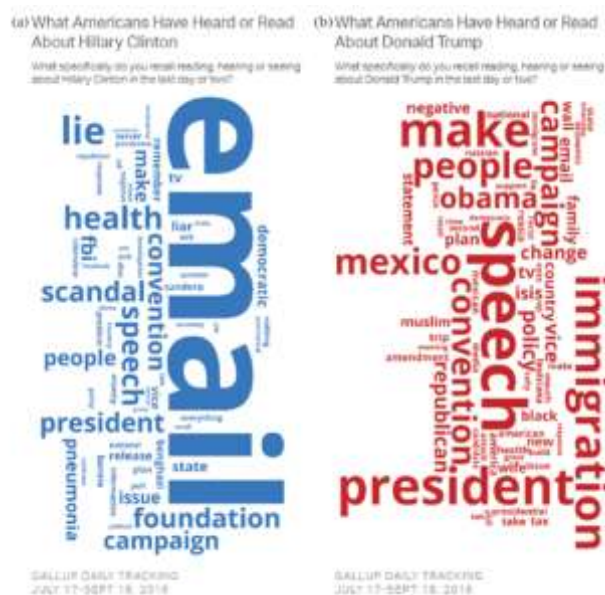
⁹⁹ Cujo endereço é clintonfoundationinvestigation.com/

¹⁰⁰ O *Pizzagate* foi impulsionado a partir de um dos e-mails divulgados pelo Wikileaks no qual John Podesta conversa com o dono de uma pizzaria de Washington, a Comet Ping Pong, que receberia um evento de arrecadação de fundos para Clinton. Na conversa, os usuários do 4chan e do 8chan identificaram supostos indícios de que no porão do local haveria uma central de tráfico internacional de crianças, a partir da associação do termo “*Cheese Pizza*” com “*Child Porn*”, impulsionando a exploração de desinformação acerca dessa questão e, conseqüentemente, atenção da mídia (MARWICK; LEWIS, 2017).

¹⁰¹ Essa ação russa pode ser caracterizada enquanto uma Operação de Informação, por orquestrar várias ferramentas de Desinformação de maneira conjunta e remete às práticas da União Soviética chamadas *dezinformatsiya*, comumente utilizadas ao longo da Guerra Fria para manipular a opinião pública de determinados Estados (JACK, 2017).

que circulavam nas redes, como “*health*”, “*pneumonia*”, “*foundation*” e, principalmente, “*email*”.

Figura 21. Palavras-chave associadas aos candidatos presidenciais no Twitter.



Fonte: GALLUP, 2016 apud BENKLER et al. (2018).

A partir das evidências apresentadas percebe-se que diversos atores, dentre eles, Trump, Steve Bannon a Alt-Right e mesmo a Rússia, atuaram conjuntamente por meio de desinformação para antagonizar Hillary Clinton. O mérito dessa estratégia foi o direcionamento a um público-alvo inclinado a votar no Partido Democrata, buscando tornar essas parcelas do eleitorado céticas com relação a Clinton e, assim, diminuir seu comparecimento às urnas. Percebe-se, também, que isso só foi possível a partir da amplificação que essa desinformação recebeu pela mídia *mainstream*, cuja pauta foi dominada por temas de campanha de Trump. Além disso, demonstrou-se a própria incapacidade de Clinton em reverter esse processo, atuando, na realidade, de modo a fomentá-lo indiretamente.

Demonstrou-se ao longo do capítulo 6 a maneira pela qual a Desinformação atuou perante as variáveis intervenientes, após uma breve apresentação do histórico digital das campanhas eleitorais nos EUA e dos recursos tecnológicos empregados por Donald Trump em 2016, que, essencialmente, foram herdados após terem sido desenvolvidos para Ted Cruz. Identificou-se que a desinformação atuou no crescimento da ultradireita norte-americana ao mobilizar a internet e as redes sociais, impulsionando e amplificando o engajamento e a

audiência de Trump. Este conseguiu dominar a pauta da mídia e, conseqüentemente, extrapolar a bolha midiática da ultradireita, atraindo eleitores e os radicalizando. Ao mesmo tempo, demonstrou-se que a campanha de Trump, coordenada por Steve Bannon, e junto de atores como a Alt-Right, atuou na promoção de estratégias de dissuasão de potenciais eleitores democratas, principalmente, os afro-americanos. Ao passo que a campanha de Trump direcionou conteúdo personalizado a potenciais eleitores democratas por meio de ferramentas de microtargeting, a Alt-right promoveu deliberadamente ações pautadas por desinformação para promover a rejeição à candidata Hillary Clinton, o que foi demonstrado por meio da análise de fontes primárias ao longo do capítulo. Percebe-se, portanto, a atuação dos três atores identificados como base de sustentação da campanha de Trump também em meio aos fluxos de desinformação nas eleições de 2016: A direita religiosa ofereceu as ferramentas tecnológicas que permitiram a Trump o estabelecimento de estratégias de microtargeting pautadas por desinformação. Steve Bannon coordenou efetivamente a campanha eleitoral de Trump, determinando as estratégias eleitorais tanto de microtargeting quanto de desinformação do republicano, principalmente aquelas direcionadas a antagonizar Hillary Clinton. A Alt-Right, por sua vez, coordenou seus membros para atuarem conjuntamente em meio às plataformas digitais de modo a influenciar na opinião pública, promover desinformação e deslegitimar Hillary Clinton.

Conclusão

A partir da pergunta de pesquisa proposta, “Como a desinformação viabiliza projetos Populistas de Direita Radical em processos eleitorais?”, a presente tese se debruçou sob essa temática sob a ótica do estudo de caso das eleições dos EUA de 2016. Argumentou-se, ao longo do trabalho, acerca da necessidade de se analisar essa questão a partir de duas variáveis independentes importantes, a “Desinformação” e o “Populismo de Direita Radical Trumpista”. No início da tese buscou-se explicar conceitos como “Ultradireita”: movimentos, violentos ou não violentos, cujas pautas apresentam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia e autoritarismo - e Populismo de Direita Radical, que abrange 3 elementos fundamentais: O nativismo, o autoritarismo e o populismo (MUDDE, 2000; 2017). O estudo de caso da tese se insere em meio a uma “Quarta Onda” de ascensão da ultradireita em plano global (MUDDE, 2017), cujo fundamento principal é sua normalização política, o que ficou evidenciado nos EUA com a eleição de Donald Trump. Isso ocorreu pois as principais características da campanha de Trump foram sua forte presença nas plataformas digitais e sua concepção ideológica voltada à identidade branca, o que redundou, de modo geral, em plataformas nacionalistas, nativistas e supremacistas, que foram a base para a promoção de desinformação.

Ao se compreender a “Desinformação” como a dinâmica de criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais, com o intuito deliberado de causar danos a quaisquer atores, demonstrou-se também como essas questões estão vinculadas ao macroambiente tecnológico no qual o estudo de caso está inserido, o que é relevante devido à velocidade com que essas dinâmicas são alteradas e à falta de transparência das empresas do ramo com relação a seus algoritmos. Argumentou-se na tese que essas questões se vinculam aos mecanismos de monetização que remuneraram tanto as plataformas digitais, quanto eventuais atores que busquem potencializar o tráfego de dados em suas páginas na internet a partir da exploração de conteúdo inserido no âmbito da desinformação. Ressaltou-se também os processos de insulamento dos usuários de redes sociais, que ficam presos em bolhas e câmaras de ressonância, reafirmando suas próprias ideologias e convicções, o que é relacionado, em partes, com processos de polarização e, principalmente, radicalização política.

Ao se estruturar o desenho de pesquisa ressaltou-se o papel das variáveis antecedentes, que foram condições identificadas enquanto necessárias, ainda que insuficientes, para explicar a vitória de Trump em 2016. A primeira variável antecedente da pesquisa abordada foi a fragmentação da mídia dos EUA, que reflete o panorama midiático dos EUA no contexto das eleições de 2016, e é caracterizada por uma ampla penetração das plataformas digitais no cotidiano dos norte-americanos, que a utilizam enquanto fonte principal de informação, ao passo que há uma crescente desconfiança perante a mídia tradicional. A partir disso, demonstrou-se que a mídia de direita, em particular, apresentava uma característica mais insulada que a mídia de centro-direita e esquerda nos EUA, o que foi um dos fatores identificados enquanto responsáveis pela radicalização dessa audiência e pela ampla penetração de fluxos de desinformação ao longo das eleições de 2016.

Com relação ainda às antecedentes, demonstrou-se a maneira pela qual o GOP já apresentava uma trajetória de radicalização prévia, vinculada à crise do movimento conservador e à ascensão de Barack Obama. Isso ocorreu porque, em meio às derrotas eleitorais para Obama, o Partido Republicano criou pontos de convergência explícitos com a ultradireita do país, a partir da rejeição a um Presidente afro-americano progressista e liberal, o que introduziu pautas racistas, xenófobas, nativistas e autoritárias ao partido. Foi identificado, ao longo do trabalho, que esse processo foi conduzido pelo Tea Party, que representou tanto a radicalização do eleitorado republicano quanto o distanciamento do movimento conservador com relação às suas bases eleitorais. Trump se inseriu nesse processo enquanto uma liderança do Movimento Birther, o que permitiu que ele adquirisse uma ampla experiência prévia na instrumentalização de fluxos de desinformação para obter benefícios políticos e atrair a atenção de eleitores radicalizados. Apresentou-se, também, que a antagonização a candidatos democratas era uma estratégia comum aos republicanos, sendo os Clinton alvo dessas atividades desde a década de 1990. As tentativas de desconstrução da imagem de Hillary Clinton vinculam-se, também, à última variável antecedente identificada, que foi a decisão *Citizens United* da Suprema Corte dos EUA, que determinou os marcos jurídicos vinculados ao financiamento e atuação em campanhas eleitorais nos EUA, negligenciando o potencial das mídias digitais e criando as condições permissivas para a interferência de quaisquer atores ao longo de processos eleitorais no país.

Desse modo, evidenciou-se que as características do sistema político dos EUA que propiciaram a alta circulação de desinformação nas eleições de 2016 vão além do bipartidarismo ou das eleições indiretas e do voto não obrigatório, compondo processos mais

densos e complexos. O sistema eleitoral norte-americano demonstrou-se particularmente suscetível a fluxos de desinformação, a partir de fatores jurídicos - como a decisão *Citizens United* da Suprema Corte - tecnológicos - como os algoritmos das plataformas digitais - sociais - como a concentração da atenção do público nas mídias digitais - e políticos - como as eleições indiretas e o sistema de delegados do Colégio Eleitoral. Isso determinou que, por meio de estratégias de microtargeting, eleitores localizados em distritos-chave para as eleições fossem alvo de ostensivas campanhas de desinformação, com diferentes objetivos. Quando combinadas a desinformação com as ideologias nativistas, populistas e autoritários do PDR Trumpista, a campanha republicana, com a ajuda da Alt-Right, seria responsável por converter trabalhadores brancos em eleitores de Trump e dissuadir parcelas do eleitorado democrata de saírem de casa para votar, reduzindo o turn-out das populações afro-americanas.

As eleições presidenciais de 2016 nos EUA foram marcadas pela ascensão de Donald Trump, que venceu Hillary Clinton na disputa pela Casa Branca, mesmo angariando cerca de 3 milhões de votos populares a menos que a democrata. A vitória de Trump trouxe consigo aspectos singulares importantes, como o fato de Trump ter concorrido pelo Partido Republicano a partir de uma plataforma crítica a esse partido e ao movimento conservador tradicional. Isso consolidou a radicalização do GOP enquanto um partido de ultradireita, vinculado a uma identidade branca e nacionalista. O principal mérito de Trump ao longo desse processo foi a assimilação de demandas do eleitorado republicano que não eram correspondidas pelo *establishment* do partido, convertendo essas pautas radicais em uma plataforma Populista de Direita Radical composta por ideologias nativistas, populistas e autoritárias. Ao longo do ciclo eleitoral norte-americano de 2016, a ultradireita do país seria incorporada ao *mainstream* político, e, a partir de fluxos de desinformação, atuaria para impulsionar e amplificar a campanha eleitoral de Donald Trump.

A definição do Populismo de Direita Radical Trumpista enquanto uma variável independente, juntamente à Desinformação, provou-se fundamental para a compreensão do efeito combinado dos mecanismos causais que envolveram a vitória de Trump. Ressalta-se que essa definição corresponde a Donald Trump enquanto candidato nas eleições de 2016, não podendo ser aplicada à gestão de Trump na Casa Branca, entre 2017 e 2020, pois, ao final de seu mandato, Trump flertou com a extrema-direita ao incentivar e legitimar, sucessivamente, rupturas da ordem democrática e atos violentos¹⁰². Desse modo, deve-se

¹⁰² Essa interpretação é particular do autor e não será desenvolvida na presente tese de acordo com os limites dos recortes temporais e temáticos da pesquisa.

compreender o fenômeno político associado a Trump, tanto enquanto candidato, como Presidente, e, atualmente, ex-presidente e líder da oposição, enquanto um movimento que transita entre a Ultradireita e que, paulatinamente, vem aprofundando sua radicalização, devendo, portanto, ser classificado enquanto de extrema-direita.

A partir da pesquisa, identificou-se que PDR de Trump teria sido consolidada a partir de três atores fundamentais: A direita religiosa fundamentalista, Steve Bannon, e a Alt-Right. Esses atores apresentaram uma flagrante afinidade intelectual, principalmente a partir da influência da *nouvelle droite* e do Tradicionalismo de autores como René Guénon e Julius Evola. Seria o Tradicionalismo que teria oferecido ao Populismo de Direita Radical de Trump seus contornos nativistas, autoritários e populistas, o que fica evidenciado no “*America First*”, que estabelece um apelo populista diretamente à classe trabalhadora “Tradicional”, explorando o ressentimento perante as “elites globalistas” - representantes da modernidade -, e o “*Make America Great Again*”, que pode ser interpretado a partir da concepção cíclica de tempo do Tradicionalismo, apontando que a direção futura dos EUA converge rumo a um passado idealizado, uma “Era de Ouro”, associada à identidade branca.

A direita religiosa fundamentalista, Steve Bannon e a Alt-Right atuaram não somente para a consolidar o PDR de Trump, como também para promover fluxos de desinformação ao longo das eleições de 2016. Bannon foi efetivamente o CEO da campanha eleitoral de Trump, determinando as suas estratégias de dissuasão, aproveitando seus vínculos ao Breitbart News, à Cambridge Analytica, à Alt-Right e ao CNP. A direita religiosa foi a responsável por fornecer a principal ferramenta tecnológica utilizada por Trump para arregimentação de votos: O aplicativo *America First*, que fora desenvolvido, inicialmente, sob a alcunha de *Cruz Crew* para a campanha de Ted Cruz nas primárias. Já a Alt-Right atuou de maneira ampla nas plataformas digitais a partir da instrumentalização de desinformação, manipulando a opinião pública, promovendo teorias da conspiração, antagonizando Hillary Clinton e perseguindo oponentes de Trump.

Não se pode, também, deixar de apontar o papel de Donald Trump, individualmente, ao longo das eleições de 2016. Trump, que já demonstrara, a partir de sua atuação no Movimento Birther, sua capacidade de articular fluxos de desinformação para fins políticos, soube se promover ao longo do ciclo eleitoral, valendo-se de sua fama prévia e de sua credibilidade enquanto homem de negócios bem sucedido para ampliar seu público. Ao longo da corrida à Casa Branca, Trump manteve seu estilo espontâneo ao promover agendas racistas e xenófobas, em coordenação com a mídia de ultradireita – como o Breitbart News – e a Alt-

Right, repercutindo teorias da conspiração, questionando a credibilidade da mídia, antagonizando, diretamente, Hillary Clinton e, assim, dominando a pauta da mídia tradicional.

Denota-se a singularidade do estudo de caso selecionado, que, apesar de inserido em um contexto global—classificado como uma Quarta Onda da ultradireita – demonstrou uma vinculação a condições políticas, sociais e tecnológicas bastante específicas à conjuntura norte-americana em meados de 2016. Não à toa Donald Trump não seria reeleito em 2020. Apesar das particularidades da vitória de Trump em 2016, a presente tese contribui para a literatura que se debruça sobre os efeitos da desinformação em processos eleitorais, principalmente quando instrumentalizados por atores de ultradireita como, por exemplo, o caso do Brasil em 2018 e a eleição de Bolsonaro.

A crescente participação das plataformas digitais nas esferas políticas, econômicas, sociais e culturais da sociedade, consolidada nas últimas décadas, abriu um leque muito grande de possibilidades para a construção de novas agendas de pesquisa no campo das relações internacionais. Esse processo impõe desafios constantes àqueles que se debruçam sobre os fenômenos globais e buscam, de alguma maneira, torna-los inteligíveis, oferecendo não somente a possibilidade de estudo sobre fluxos de desinformação, processos eleitorais e a ascensão da ultradireita, como também o impacto dessas questões em temas como democracia, governança global e mesmo segurança internacional. As relações internacionais, portanto, devem incorporar essas questões à sua natureza interdisciplinar, o que possibilitará a compreensão dos fenômenos que pautarão esse campo do conhecimento ao longo do século XXI.

Bibliografia

ABRAMOWITZ, Alan I. Grand Old Tea Party: Partisan Polarization and the Rise of the Tea Party Movement. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

ADORNO, T. HORKHEIMER M. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1944.

ADORNO, T; FRENKEL-BRUNSWIK, W; LEVINSON, E. & SANFORD, D. *The authoritarian personality*. Nova Iorque: Harper and Row, 1950.

ALLCOTT, Hunt; GENTZCOW, Matthew. *Social Media and Fake News in the 2016 Election*. *Journal of Economic Perspectives* - Vol 31, Nº 2, 2017.

ALLEN, Jonathan; PARNES, Amie. *Shattered: Inside Hillary Clinton's Doomed Campaign*. Nova Iorque: Crown, 2017.

ALEXANDER, Jeffrey C. Vociferando Contra o Iluminismo: A ideologia de Steve Bannon *Sociologia e Antropologia* [online], vol.8, n.3, pp.1009-1023, 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S223838752018000301009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt]. Acesso em 07/11/2019.

AMBINDER, Marc. How Democrats Won The Data War In 2008. *The Atlantic*, 2009. Disponível em [<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2009/10/exclusive-how-democrats-won-the-data-war-in-2008/27647/>]. Acesso em 04/12/2019.

AMERICAN NATIONAL ELECTION STUDIES. *The ANES Guide to public opinion and electoral behavior*, 2021. Disponível em [<https://electionstudies.org/resources/anes-guide/>]. Acesso em 15/01/2021.

ANDRIS, Clio; LEE, David; HAMILTON, Marcus; MARTINO, Mauro; GUNNING, Christian; SELDEN, John. The Rise of Partisanship and Super-Cooperators in the U.S. House of Representatives. *Plos One*, Ed. 10; Vol. 4; 2015. Disponível em [<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0123507>]. Acesso em 30/04/2020.

ARENDT, Hannah. *Origins of Totalitarianism*. Londres: Allen & Unwin, 1967.

ASHBEE, Edward. Patrick J. Buchanan and the Death of the West. In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. *Political Studies*, Nº64, Vol. 1, 2015. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>]. Acesso em 14/01/2021.

AYERBE, Luis F. *Ordem, poder e conflito no século XXI: Esse mesmo mundo é possível*. São Paulo: UNESP, 2006.

_____. O conservadorismo de Donald Trump no contexto do debate contemporâneo sobre populismo. *Mundo e Desenvolvimento*, V.1, Nº1, 2018. Disponível em [http://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoeDesenvolvimento/article/view/13/6]. Acesso em 22/10/2019.

AYRES PINTO, Danielle Jacon; MORAES, Isabela. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. *rev.estud.soc.* [online] Nº 74, 2020. Disponível em [<http://dx.doi.org/10.7440/res74.2020.06>]. Acesso em 15/02/2021.

BADAWY, Adam; FERRARA, Emilio; LERMAN, Kristina. Analyzing the digital traces of political manipulation: the 2016 Russian interference twitter campaign. In: *Proceedings of the Web Conference, WWW'18*. Nova Iorque: ACM, 2017.

BAKIR, Vian.; MCSTAY, Andrew. Fake news and the economy of emotions: Problems, causes, solutions. *Digital Journalism*, Vol. 6, Nº2, 2017. Disponível em [<http://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>]. Acesso em 03/02/2021.

BALDWIN-PHILIPPI, Jessica. The myths of data-driven campaigning. *Political Communication*, 2017. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/10584609.2017.1372999>]. Acesso em 09/12/2019.

BARKUN, Michael. President Trump and the “Fringe”. *Terrorism and Political Violence*, 29, pgs. 437–443, 2017.

BASTOS, Marco T.; MERCEA, Dan. *The Brexit Botnet and User-Generated Hyperpartisan News*. *Social Science Computer Review*. Londres: SAGE Journals, 2017.

BARNA, George. *The Day Christians Changed America*. Memphis: Metamorfation, 2017.

BAR-ON, Tamir. Richard B. Spencer and the Alt Right. In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

BARTEE, Seth. Paul Gottfried and Paleoconservatism. In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal; ZUCKERMAN, Ethan. 2017. Study: Breitbart-led right-wing media ecosystem altered broader media agenda. *Columbia Journalism Review*, 2017. Disponível em [<http://www.cjr.org/analysis/breitbart-media-trump-harvard-study.php>]. Acesso em 19/08/2021.

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

BENNETT, A. *Process-tracing: A Bayesian Perspective*. In: *The Oxford Handbook of Political Methodology*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

_____. *Process-tracing and Causal Inference*, 2010 In BRADY, Henry; COLLIER, David (eds). *Rethinking Social Inquiry*. Nova Iorque: Rowman and Littlefield, 2010.

BELT, Bradley D; HUNT, Alexander T. The New Conservatism in America: Revolution or Evolution? *The Brown Journal of World Affairs*, Vol. 3, No. 1, 1999. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/24590413>]. Acesso em 06/12/2019.

BENDLE, Neil; RYOO, Joseph; NASTASOIU Alina. The 2016 US Primaries: Parties and Candidates in a World of Big Data. In GILLIES, Jamie (Ed.) *Political Marketing in the 2016 U.S. Presidential Election*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

BENNETT, A; CHECKEL, J. T. (Ed.) *Process-tracing: from metaphor to analytic tool*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BENGSTON, Emmy. I tweeted for Hillary Clinton for a year and a half. I learned some things. *Medium*, 2017. Disponível em [<https://medium.com/hillary-for-america-digital-one->

year-later/i-tweeted-for-hillary-clinton-for-a-year-and-a-half-i-learned-some-things-9fb952076f25]. Acesso em 10/12/2019.

BERLET, Chip. Reframing Populist Resentments in the Tea Party Movement. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4]. Acesso em 30/01/2020.

BESSI, Alessandro; FERRARA, Emilio. Social bots distort the 2016 U.S. Presidential election online discussion. *First Monday*, Vol. 21, Nº11, 2016. Disponível em [http://dx.doi.org/10.5210/fm.v21i11.7090]. Acesso em 19/08/2021.

BETZ, H. Introduction. In H.-G. Betz, & S. Immerfall (Eds.) *The new politics of the right. Neo-populist parties and movements in established democracies* (pp. 1-10). Londres: Macmillan Press, 1998.

BLACKWELL, Morton. A Tribute to Paul Weyrich. The Leadership Institute, 2015. Disponível em [https://www.leadershipinstitute.org/writings/?ID=1]. Acesso em 04/12/2019.

BOBBIO, Norberto. *Left and Right: The Significance of a Political Distinction*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

BOEHM, Franziska. *A comparison between US and EU data protection legislation for law enforcement purposes*. Parlamento Europeu: Directorate General for Internal Policy Department C: Citizens Rights and Constitutional Affairs, Civil Liberties, Justice and Home Affairs, 2015. Disponível em [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/536459/IPOL_STU(2015)536459_EN.pdf]. Acesso em 5/10/2018.

BOKHARI, Allum; YIANNOPOULOS, Milo. *An Establishment Conservative's Guide to the Alt-Right*. Breitbart, 2016. Disponível em [https://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/]. Acesso em 31/10/2019.

BONIKOWSKI, Bart. GIDRON, Noam. The Populist Style in American Politics: Presidential Campaign Discourse, 1952–1996. *Social Forces*, Vol.94, Nº 4, 2016. Disponível em [https://doi.org/10.1093/sf/sov120]. Acesso em 15/01/2020.

BORRELL ASSOCIATES. What happened to political advertising in 2016 (and forever). Williamsburg: Borrell Associates, 2017.

BRIN, Sergey; PAGE, Larry. *The Anatomy of a Large-Scale Hypertextual Web Search Engine*. In: Seventh International World-Wide Web Conference (WWW 1998), 1998, Brisbane, Australia. Disponível em [<http://ilpubs.stanford.edu:8090/361/1/1998-8.pdf>]. Acesso em 29/09/2018.

BÚRCA, Gráinne de. How British was the Brexit vote? In MARTILL, Benjamin; STAIGER, Uta. *Brexit and Beyond: Rethinking the futures of Europe*. Londres: UCL Press, 2018.

BURGHART, Devin. View from the Top: Report on Six National Tea Party Organizations. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

BURNETT, Dean. “O Google está nos deixando menos inteligentes?”. Deutsche Welle, 2018. Disponível em [<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-google-esta-nos-deixando-menos-inteligentes>]. Acesso em 25/09/2018.

BUZAN, B. *Security, the State, the "New World Order" and Beyond* in LIPSCHUTZ, R. *On Security*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1998.

_____. HANSEN, L. *The Evolution of International Security Studies*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2009.

CALANDRELLI, José Felipe R. & TEIXEIRA, Carlos Gustavo P. Donald Trump e o Neoconservadorismo. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 24, n. 38, p. 380-395, 2017.

CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the New Right. In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy. *Political Studies*, Vol. 2, Nº 16, 1999. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/1467-9248.00184>]. Acesso em 14/01/2021.

CAROTHERS, Thomas. Democracy Aid at 25: Time to Choose. In DIAMOND, Larry; PLATTNER, Marc F. (ed.) *Democracy in Decline?*. Baltimore: John Hopkins University Press, 77-98, 2015.

CARTER, E. Right-wing extremism/radicalism: reconstructing the concept. *Journal of Political Ideologies*, Vol. 23, N° 2, 2018.

CASTELLS, Manuel. "Communication, Power and Counter-power in the Network Society". *International Journal of Communication*", Vol. 1, 2007. Disponível em [<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46>]. Acesso em 15/02/2020.

CASTRO SANTOS, Maria Helena. *Exportação de democracia na política externa norteamericana no pós-Guerra-Fria: doutrinas e o uso da força*. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Vol 53, N°1, 2010.

CEASER James W. The 2016 U.S. Election: The Nomination Game. *Journal of Democracy*, Vol. 28, N° 2, 2017. Disponível em [<https://muse.jhu.edu/article/653375>]. Acesso em 27/01/2020.

CIAMPAGLIA et al. *The spread of fake news by social bots*. Indiana: Indiana University. 2017. Disponível em [<https://andyblackassociates.co.uk/wp-content/uploads/2015/06/fakenewsbots.pdf>]. Acesso em 04/10/2018.

COHEN, Marty; KAROL, David; NOEL, Hans; ZALLER, John. *The Party Decides: Presidential Nominations before and after Reform*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

_____. *Party Versus Faction in the Reformed Presidential Nominating System*. PS: Political Science & Politics, 2016. Disponível em [<https://doi.org/10.1017/S1049096516001682>]. Acesso em 15/01/2020.

COLLIER, D.; BRADY, H. E.; SEAWRIGHT, J. *Sources of Leverage in Causal Inference: Toward and Alternative View of Methodology*. In: *Rethinking Social Inquiry*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2010

_____. *Understanding Process-tracing*. PS: Political Science and Politics. Vol. 44, N. 4, 2011.

CONLEY, Brian. Thinking What He Says: Market Research and the Making of Donald Trump's 2016 Presidential Campaign. In GILLIES, Jamie (Ed.) Political Marketing in the 2016 U.S. Presidential Election. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

CONROY, Nadia; RUBIN, Victoria; CHEN, Yimin. Deception Detection for News: Three Types of Fakes. Ontario: University of Western Ontario, 2015.

COOPER, D. *Neoconservatism and American foreign policy – a critical analysis*. Nova York: Routledge, 2011.

COPSON, R. W. *The United States in Africa: Bush policy and beyond*. Londres: Zed Books, 2007.

COSGROVE, Ken. Trump and the Republican Brand Refresh. In GILLIES, Jamie (Ed.) Political Marketing in the 2016 U.S. Presidential Election. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

COUNCIL FOR NATIONAL POLICY (CNP). Página Oficial. Disponível em [<https://cfnp.org/>]. Acesso em 21/11/2019.

_____. “Membership Directory 2014”. Disponível em [https://www.splcenter.org/sites/default/files/cnp_redacted_final.pdf]. Acesso em 21/11/2019.

COX, Daniel; LIENESCH, Rachel; JONES, Robert P. Beyond Economics: Fears of Cultural Displacement Pushed the White Working Class to Trump. PRRI / The Atlantic Report, 2017. Disponível em [<https://www.prrri.org/research/white-working-class-attitudes-economy-trade-immigration-election-donald-trump/>]. Acesso em 18/01/2020.

CRAMER, Katherine J. The Politics of Resentment: Rural Consciousness in Wisconsin and the Rise of Scott Walker. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

CUKIER; MAYER-SCHÖNFELDER. *Big Data: A Revolution That Will Transform How We Live, Work, and Think*. Eamon Dolan/Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

CUNHA, F. M. E; SILVA, E. S. M. *Process-tracing e a produção de inferência causal*. Teoria & Sociedade, N° 22, Vol 2, 2015.

DAHL, Robert. *How Democratic is the American Constitution?*. New Haven: Yale University Press, 2003.

_____. *Democratização e oposição pública*. In: Poliarquia: participação e oposição. PACIONIK, Celso Mauro (Trad.). São Paulo: Editora USP, 2005.

DAVEY, Jacoby & EBNER, Julia. *The Fringe Insurgency: Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right*. ISD: Londres, 2017.

DE BENOIST, Alain; CHAMPETIER, Charles. *Manifesto of the French New Right in Year 2000*, New European Conservative, 1999. Disponível em [<https://neweuropeanconservative.files.wordpress.com/2012/10/manifesto-of-the-french-new-right1.pdf>]. Acesso em 25/01/2021.

DELLE CARPINI, M; KEETER, S. *What Americans know about politics and why it matters*. New Haven: Yale University Press, 1996.

DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. *Rightwing Extremism: Current Economic and Political Climate Fueling Resurgence in Radicalization and Recruitment*, 2009. Disponível em [<https://fas.org/irp/eprint/rightwing.pdf>]. Acesso em 10/10/2019.

DEUDNEY, D; IKENBERRY J. *The nature and sources of liberal international order*. *Review of International Studies*, Vol. 25, No. 2. Cambridge Press, 1999. Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/20097589> >. Acesso em 23/07/2017

DEWEY, Caitlin & OHLHEISER, Abby. *Hillary Clinton's alt-right speech, annotated*. *Washington Post*, 2016. Disponível em [<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/08/25/hillary-clintons-alt-right-speech-annotated/>]. Acesso em 01/11/2019.

DIAMOND, Larry. *Facing Up to the Democratic Recession*. In DIAMOND, Larry & PLATTNER, Marc F. (ed.) *Democracy in Decline?*. Baltimore: John Hopkins University Press, 98-119, 2015.

DISCH, Lisa. *The Tea Party: A "White Citizenship" Movement?*. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

DONOVAN, Todd; REDLAWSK, David. *Donald Trump and right-wing populists in comparative perspective*. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, Vol 28, ed. 2, p.

190-207, 2018. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1441844>]. Acesso em 07/11/2019.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2020.

DRAKE, Helen. France, Britain and Brexit. In MARTILL, Benjamin; STAIGER, Uta. *Brexit and Beyond: Rethinking the futures of Europe*. Londres: UCL Press, 2018.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy. Londres: Penguin Books, 2018.

EMANUELE, Vincenzo. The hidden cleavage of the French election: Macron, Le Pen and the urban-rural conflict. In DE SIO, Lorenzo & PAPARO, Aldo (eds). *The year of challengers? Issues, public opinion, and elections in Western Europe in 2017*. ROMA: CISE, 2018.

EMMER, Danny. Shedding light on “dark money”: The heightened risk of foreign influence post-Citizens United. *Southwestern Journal of International Law*, Vol 20, Ed. 2, p. 381-400, 2014.

ENDRES, Kyle; KELLY Kristin. Does microtargeting matter? Campaign contact strategies and young voters. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 2017. Disponível em [<http://dx.doi.org/10.1080/17457289.2017.1378222>]. Acesso em 06/12/2019.

ENLI, Gunn. Twitter as arena for the authentic outsider: exploring the social media campaigns of Trump and Clinton in the 2016 US presidential election. *European Journal of Communication*, Vol. 32. Nº1, 2017. Disponível em [<https://doi.org/10.1177/0267323116682802>]. Acesso em 03/02/2021.

ERICHSEN, Kristen; SCHROCK, Douglas; DOWD-AROW, Benjamin; DIGNAM, Pierce. Bitchifying Hillary: Trump Supporters’ Vilification of Clinton during the 2016 Presidential Election. *Social Currents*, Vol. 7, Nº 6, 2020. Disponível em [<https://doi.org/10.1177/2329496520941022>]. Acesso em 27/01/2021.

ETLING, Bruce; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal; BOURASSA, Nikki; ZUCKERMAN, Ethan; BENKLER, Yochai. *Partisanship, Propaganda, and Disinformation: Online Media*

and the 2016 U.S. Presidential Election. The Berkman Klein Center for Internet & Society Research Publication Series, 2017. Disponível em [<http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:33759251>]. Acesso em 29/09/2018.

FACEBOOK. *Press Release: Taking Down More Coordinated Inauthentic Behavior*, 2018. Disponível em [<https://newsroom.fb.com/news/2018/08/more-coordinated-inauthentic-behavior/>]. Acesso em 22/08/2018.

FEIGENBAUM, James; HERTEL-FERNANDEZ, Alexander; WILLIAMSON, Vanessa. *From the Bargaining Table to the Ballot Box: Political Effects of Right to Work Laws*. National Bureau of Economic Research, 2018. Disponível em [https://jamesfeigenbaum.github.io/research/pdf/fhw_rtw_jan2018.pdf]. Acesso em 22/11/2019.

FERRARA, Emilio. *Disinformation and Social Bot Operations in the Run Up to the 2017 French Presidential Election*. First Monday, 2017. Disponível em [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2995809]. Acesso em 04/10/2018.

FILCHENSTEIN, Federico. *Uma breve história das mentiras fascistas*. São Paulo: Editora Vestígio, 2020.

FIORI, José Luis C. *A síndrome de Babel e a nova doutrina de segurança dos Estados Unidos*, In LEÃO, Rodrigo & NOKAKI, William (orgs.). *Energia e Petrolíferas Globais: Transformações e Crise*. Rio de Janeiro: INEEP – FLACSO, 2018.

FLORES, Paulo. *O que a Cambridge Analytica, que ajudou a eleger Trump, quer fazer no Brasil*. Nexo, 2017. Disponível em [<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/08/O-que-a-Cambridge-Analytica-que-ajudou-a-eleger-Trump-quer-fazer-no-Brasil>]. Acesso em 27/09/2018.

FOWLER, Erika F; RIDOUT, Travis N; FRANZ, Michael, N. *Political Advertising in 2016: The Presidential Election as Outlier? A Journal of Applied Research in Contemporary Politics*, Vol 14, Nº 4, 2017. Disponível em [<https://doi.org/10.1515/for-2016-0040>]. Acesso em 13/12/2019.

FREEDOM HOUSE. (2017) *Freedom in the World Report*. Publicado em [https://freedomhouse.org/sites/default/files/FH_FIW_2017_Report_Final.pdf]
Disponibilidade: 5/12/2017

FREELAND, Richard M. *The Truman Doctrine and the origins of McCarthyism*. New York: Knopf, 1972.

FROMM, Jennifer; MELZER, Stefanie; ROSS, Björn; STIEGLITZ, Stefan. Trump Versus Clinton: Twitter Communication During the US Primaries. In: ALHAJJ R., HOPPE H., HECKING T., BRÓDKA P., KAZIENKO P. (eds) *Network Intelligence Meets User Centered Social Media Networks*. ENIC 2017. Lecture Notes in Social Networks. Nova Iorque: Springer, 2018.

FUKUYAMA, Francis. *The End of the History and the Last Man*. Nova Iorque: Avon Books, 1992.

_____. Why is Democracy Performing So Poorly? In DIAMOND, Larry; PLATTNER, Marc F. (ed.) *Democracy in Decline?*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2015

_____. Trump and American Political Decay. After the 2016 Election, *Foreign Affairs*, 2016. Disponível em: [<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-11-09/trump-and-american-political-decay>]. Acesso em 22/10/2019.

_____. *Identity: The Demand for Dignity and the Politics of Resentment*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2018.

GALLUP. Confidence in Institutions. Gallup, 2016. Disponível em [<https://news.gallup.com/poll/1597/confidence-institutions.aspx>]. Acesso em 07/01/2010.

GEORGIADOU, Vasiliki; RORI, Lamprini; ROUMANIAS, Costas. *Map*. 54, pp 103 – 115, 2018.

GERKEN, Heather K. The real problem with Citizens United: Campaign finance, dark money, and shadow parties. *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 159, No. 1, 2015. Disponível em [https://www.jstor.org/stable/24640167?seq=1#metadata_info_tab_contents]. Acesso em 16/12/2019.

GILENS, M. Political ignorance and collective policy preferences. *American Political Science Review*, Vol. 95, 2001.

GOLDSMITH, J.; RUSSELL, S., 'Strengths Become Vulnerabilities: How a Digital World Disadvantages the United States in its International Relations. Hoover Working Group on National Security, Technology and Law. *Aegis Series Paper No. 1806, 2018*. Disponível em [<https://www.hoover.org/sites/default/files/research/docs/381100534-strengths-become-vulnerabilities.pdf>]. Acesso em 28/10/2019

GOTTFRIED, Jeffrey; SHEARER, Elisa. "News Use across Social Media Platforms 2016." Pew Research Center, 2016. Disponível em [<http://www.journalism.org/2016/05/26/news-use-across-social-media-platforms-2016>]. Acesso em 20/08/2018.

GREEN, David. *The language of politics in America: shaping political consciousness from McKinley to Reagan*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

GREEN, Joshua. *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Nationalist Uprising*. Londres: Penguin Books, 2017.

GREEN, Jon; MCELWEE, Sean. The differential effects of economic conditions and racial attitudes in the election of Donald Trump. *Perspectives on Politics*, Vol. 17, Nº 2, 2019. Disponível em [<https://doi.org/10.1017/S1537592718003365>]. Acesso em 18/01/2021.

GREVEN, Thomas. The rise of right-wing populism in Europe and the United States. A comparative perspective. *Perspective Friedrich Ebert Stiftung*, 2016. Disponível em [https://www.fesdc.org/fileadmin/user_upload/publications/RightwingPopulism.pdf]. Acesso em 08/11/2019.

GRIFFIN, Roger. Between metapolitics and apoliteia: The Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the 'interregnum'. *Modern and Contemporary France*, Ed. 8, Vol.1, 2000. Disponível em [<https://sci-hub.se/https://doi.org/10.1080/096394800113349>]. Acesso em 13/08/2021.

GROSSMAN, Matthew; HOPKINS, David A. *Asymmetric Politics: Ideological Republicans and Group Interest Democrats*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.

GUESS, Andrew; NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. *Selective Exposure to Misinformation: Evidence from the consumption of fake news during the 2016 U.S. presidential campaign*. New Hampshire: University of Dartmouth, 2018. Disponível em [<https://www.dartmouth.edu/~nyhan/fake-news-2016.pdf>]. Acesso em 29/09/2018.

GUILBEAULT, Douglas. Digital Marketing in the Disinformation Age. *Journal of International Affairs*, Vol. 71, No. 1.5, Special Issue: Contentious Narratives: Digital Technology and the Attack on Liberal Democratic Norms. *Journal of International Affairs Editorial Board*, 2018. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.2307/26508116>]. Acesso em 06/01/2020.

GUNTHER, Richard; BECK, Paul A; NISBET, Erik C. “Fake news” and the defection of 2012 Obama voters in the 2016 presidential election. *Electoral Studies*, Vol. 61, 2019. Disponível em [<https://doi.org/10.1016/j.electstud.2019.03.006>]. Acesso em 10/01/2020.

HAINMUELLER, Jens; HOPKINS, Daniel J. Public attitudes towards immigration. *Annual Review of Political Science*, Vol. 17, N° 1, pgs. 225-249, 2014. Disponível em [<https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-102512-194818>]. Acesso em 08/11/2019.

HAKL, Thomas H. Julius Evola and Tradition. In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

HAWLEY, George. *Making Sense of The Alt-Right*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2017.

HEIKKILÄ, Niko. Online Antagonism of the Alt-Right in the 2016 Election. *European journal of American studies*. Vol. 12, N° 2, 2017. Disponível em [<http://journals.openedition.org/ejas/12140>]. Acesso em 29/01/2021.

HELBING, et al. Will Democracy Survive Big Data and Artificial Intelligence?. *Scientific American*, 2017. [<https://www.scientificamerican.com/article/will-democracy-survive-big-data-and-artificial-intelligence/>]. Disponibilidade, 22/08/2018.

HENRIQUES, Anna Beatriz L; LEITE, Alexandre C. C. & TEIXEIRA JUNIOR, Augusto W. M. Reavivando o método qualitativo: as contribuições do Estudo de Caso e do Process Tracing para o estudo das Relações Internacionais. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2015.

HERSH, Eitan D; SCHAFFNER Brian F. Targeted Campaign Appeals and the Value of Ambiguity. *The Journal of Politics*, N° 75 Vol. 2, 2013. Disponível em [https://www.jstor.org/stable/10.1017/s0022381613000182?seq=1#metadata_info_tab_contents]. Acesso em 08/01/2020.

HEUBECK, Eric. The Integration of Theory and Practice: A Program for the New Traditionalist Movement. Centre for Cultural Conservatism, 2001. Disponível em [<http://web.archive.org/web/20010713152425/http://www.freecongress.org/centers/conservatism/traditionalist.htm#3ª>]. Acesso em 28/11/2019.

HILLYGUS, D. S. e SHIELDS, T. G. The persuadable voter: Wedge issues in presidential campaigns. Nova Jersey: Princeton University Press, 2009.

HJORTH, Frederik; ADLER-NISSEN, Rebecca. Ideological Asymmetry in the Reach of Pro-Russian Digital Disinformation to United States Audiences. *Journal of Communication*, Vol. 69, 2019. Disponível em [doi:10.1093/joc/jqz006]. Acesso em 17/02/2021.

HOWARD, Philip N; BOLSOVER, Gillian; KOLLANYI, Bence; BRADSHAW, Samantha; NEUDERT, Lisa-Maria. Junk News and Bots during the U.S. Election: What Were Michigan Voters Sharing Over Twitter?. CROMPOP Data Memo, 2017. Disponível em [<http://275rzy1ul4252pt1hv2dqyuf.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2017/07/2206.pdf>]. Acesso em 10/01/2020.

HUNTINGTON, Samuel P. *Democracy's Third Wave*. Publicado em *Journal of Democracy*, 1991 [<https://www.ned.org/docs/Samuel-P-Huntington-Democracy-Third-Wave.pdf>] Disponibilidade: 07/05/2018.

IYENGAR, Shanto. E Pluribus Pluribus, or Divided We Stand. *Public Opinion Quarterly*, Volume 80, Nº 1, 2016. Disponível em [<https://doi.org/10.1093/poq/nfv084>]. Acesso em 07/01/2020.

JACK, Caroline. *Lexicon of Lies: Terms for Problematic Information*. Nova Iorque: Data & Society Research Institute, 2017. Disponível em [https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety_LexiconofLies.pdf]. Acesso em 15/02/2021.

JACKSON, Sam. A Schema of Right-Wing Extremism in the United States. *International Centre for Counter-Terrorism Policy Brief*, 2019. Disponível em [<https://icct.nl/wp-content/uploads/2019/11/ASchemaofRWEXSamJackson-1.pdf>]. Acesso em 06/11/2019.

JACOBSON, Gary C. Polarization, Gridlock, and Presidential Campaign Politics in 2016. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 2016. Disponível em [<https://doi.org/10.1177/0002716216658921>]. Acesso em 07/01/2020.

JAMIESON, Kathleen H. *Cyberwar: How Russian Hackers and Trolls Helped Elect a President – what We Don't, Can't, and Do Know*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

JOHNSTON, Ron; PATTIE, Charles; JONES, Kelvyn; MANLEY, David. Was the 2016 United States' presidential contest a deviating election? Continuity and change in the electoral map – or “Plus ça change, plus ç'est la même géographie”, *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 2017. Disponível em [<http://dx.doi.org/10.1080/17457289.2017.1354004>]. Acesso em 16/01/2020.

JONES, Seth G. The Rise of Far-Right Extremism in the United States. *Center for Strategic & International Studies*, 2018. Disponível em [https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/181119_RightWingTerrorism_layout_FINAL.pdf]. Acesso em 21/10/2019.

JÜPSKAS, Anders Ravik; LEIDIG, Eviane. *Knowing what's (far) right: A compendium*. Oslo: Center for Research on Extremism, 2020.

JUSTWAN, Florian; BAUMGAERTNER, Bert; CARLISLE, Juliet E; CLARK, April K; CLARK, Michael. Social media echo chambers and satisfaction with democracy among Democrats and Republicans in the aftermath of the 2016 US elections. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 2018. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1434784>]. Acesso em 16/01/2020.

KIM, Young Mie; HSU Jordan; NEIMAN David; KOU, Colin; BANKSTON Levi, KIM Soo Yun; HEINRICH, Richard; BARAGWANATH, Robyn; RASKUTTI, Garvesh. The Stealth Media? Groups and Targets behind Divisive Issue Campaigns on Facebook. *Political Communication*, Vol. 35, N° 4, 2018. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/10584609.2018.1476425>]. Acesso em 10/12/2019.

KIRKPATRICK, David D. *The 2004 Campaign: The Conservatives Club of the Most Powerful Gathers in Strictest Privacy*. The New York Times, 2004. Disponível em [<https://www.nytimes.com/2004/08/28/us/2004-campaign-conservatives-club-most-powerful-gathers-strictest-privacy.html>]. Acesso em 21/11/2019.

KREISS, Daniel; MCGREGOR Shannon C. *Technology Firms Shape Political Communication: The Work of Microsoft, Facebook, Twitter, and Google With Campaigns*

During the 2016 U.S. Presidential Cycle. *Political Communication*, 2017. Disponível em: [<http://dx.doi.org/10.1080/10584609.2017.1364814>]. Acesso em 06/01/2010.

KUKLINSKI J. H; QUIRK P. D; JERIT J; SCHWIEDER D; RICH, R. F. Misinformation and the currency of democratic citizenship. *Journal of Politics*, vol. 62, 2002. Disponível em [[doi:10.1111/0022-3816.00033](https://doi.org/10.1111/0022-3816.00033)]. Acesso em 10/01/2020.

LA RAJA R. J. e SCHAFFNER, B. F. *Campaign finance and political polarization: when purists prevail*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.

LACLAU, Ernesto. *On Populist Reason*. Londres: Verso, 2005.

LADD, J. M. *Why Americans hate the news media and how it matters*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

LEE, Benjamin. *CREST Guide: Understanding the Far-Right Landscape*. Centre for Research and Evidence on Security Threats, 2017. Disponível em [<https://crestresearch.ac.uk/resources/understanding-far-right-landscape/>]. Acesso em 03/10/2019.

LEITE, Lucas A.B. *A construção do inimigo nos discursos presidenciais norte-americanos do pós-guerra fria*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

LIPSET, Seymour M. *The Radical Right: A Problem for American Democracy*. *The British Journal of Sociology*, Vol. 6, No. 2, 1955. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/587483>]. Acesso em 18/10/2019.

_____. *Political man*. Nova Iorque: Mercury Books, 1963.

LEVITSKY, Steven & WAY, Lucan. The Myth of Democratic Recession. In DIAMOND, Larry & PLATTNER, Marc F. (ed.) *Democracy in Decline?*. Baltimore: John Hopkins University Press, 58-77, 2015.

LIND, William S. NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F; SUTTON, Joseph W; WILSON, Gary I. "The Changing Face of War: Into the Fourth Generation," *U.S. Marine Corps Gazette*, 1989. Disponível em [<http://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>]. Acesso em 29/11/2019.

LINDSAY J. *George W. Bush, Barack Obama and the future of US global leadership*. International Affairs, Vol. 84, No 4. 2011.

LO, Clarence Y. H. Astroturf versus Grass Roots: Scenes from Early Tea Party Mobilization. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

LUSKIN R; FISHKIN J; JOWELL R. Considered opinions: Deliberative polling in Britain. *British Journal of Political Science*, Vol. 32, 2002. Disponível em [[doi:10.1017/S0007123402000194](https://doi.org/10.1017/S0007123402000194)]. Acesso em 10/01/2020.

LYONS, Matthew N. CTRL-ALT-DELETE: The origins and ideology of the Alternative Right. Political Research Associates, 2017. Disponível em [<http://www.politicalresearch.org/2017/01/20/ctrl-alt-delete-report-on-the-alternative-right/>]. Acesso em 23/10/2019

MACKLIN, Graham. *Greg Johnson and Counter-Currents In SEDGWICK, Mark (ed.) Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

MACWILLIAMS, Matthew C. Who Decides When The Party Doesn't? Authoritarian Voters and the Rise of Donald Trump. *PS: Political Science & Politics*, Vol. 49, N°4, 2016. Disponível em [<https://doi.org/10.1017/S1049096516001463>]. Acesso em 14/01/2021.

MAIN, Thomas J. *The Rise of the Alt-Right*. Washington: Brookings Institution Press, 2018.

MANN, Thomas E; ORNSTEIN, Norman J. *It's Even Worse Than It Looks: How the American Constitutional System Collided with the New Politics of Extremism*. Nova Iorque: Basic Books, 2012.

MANZA, Jeff; CROWLEY, Ned. Working Class Hero? Interrogating the Social Bases of the Rise of Donald Trump. *The Forum: A Journal of Applied Research in Contemporary Politics*, Vol. 15, N°1, 2017. Disponível em [<https://doi.org/10.1515/for-2017-0002>]. Acesso em 16/01/2020.

MARGOLIS, Michael. Donald Trump's Birther Tweets, 2019. Twitter: @yipe. Disponível em [<https://twitter.com/i/events/776795610817007616>]. Acesso em 21/01/2020.

MARTIN, William. The Christian Right and American Foreign Policy. *Foreign Policy*, No. 114, 1999. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/1149591>]. Acesso em 06/12/2019.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. Media Manipulation and Disinformation Online. Data & Society Research Institute, 2017. Disponível em [https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety_MediaManipulationAndDisinformationOnline.pdf]. Acesso em 09/10/2019.

MATOS, O. C. F. “A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo”. São Paulo: Moderna (2006).

MAYER, Matt. “How the Electoral College Favors Democrats and Why Republicans Must Change it”. *Washington Examiner*, 2014. Disponível em [<https://www.washingtonexaminer.com/how-the-electoral-college-favors-democrats-and-why-republicans-must-change-it>.] Acesso em 05/12/2019.

MCGREGOR, Shannon C. Personalization, social media, and voting: Effects of candidate self-personalization on vote intention. *New Media & Society*, 2017. Disponível em [[doi:10.1177/1461444816686103](https://doi.org/10.1177/1461444816686103)]. Acesso em 09/12/2019.

MEAD, Walter Russel. The Jacksonian Revolt. *Foreign Affairs*, March/April 2017, Vol. 96 N° 2, 2017.

MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MESSARI, N. NOGUEIRA, J. P. Teorias das relações internacionais: correntes e debates. São Paulo: Elsevier, 2005.

MINNICINO, Michael. New Dark Age: Frankfurt School and Political Correctness. *Fidelio Magazine*, Vol. 1, N° 1, 1992. Disponível em [https://archive.schillerinstitute.com/fid_91-96/921_frankfurt.html#saw_box3]. Acesso em 28/11/2019.

MINKENBERG, Michael. The renewal of the radical right: between modernity and antimodernity. *Government and Opposition*, Vol. 32 N° 2, pgs. 170-198, 2000.

_____. The European radical right and xenophobia in West and East: Trends, patterns and challenges. In MELZER, R. & SERAFIN, S. (Eds.) *Right-wing*

extremism in Europe: Country analyses, counter-strategies and labor-market oriented exit strategies (pp. 9-33). Berlin: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2013.

MONTGOMERY, Peter. The Tea Party and the Religious Right Movements: Frenemies with Benefits. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

MOROZOV, Evgeny. *The net delusion: the dark side of internet freedom*. Nova Iorque: Perseus Books, 2011.

MURRAY, Shoon Kathleen; MEYERS, Jason. *Do people need Foreign Policy Enemies? American Leaders' Beliefs after the Soviet Demise*. *The Journal of Conflict Resolution*, V. 43, N. 5. 1999.

MUDDE, Cas. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester: Manchester University Press, 2000.

_____. The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, Vol. 39, N° 4, 2004. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>]. Acesso em 14/01/2021.

_____. *The Populist Radical Right: A Reader*. Londres: Routledge Taylor & Francis, 2017.

_____. *The Far Right in America*. Londres: Routledge, 2018.

_____. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal R *Populism: A Very Short Introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2017.

MUTZ, Diane. Status threat, not economic hardship, explains the 2016 presidential vote. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 2018. Disponível em [<https://www.pnas.org/content/pnas/115/19/E4330.full.pdf>]. Acesso em 18/01/2021.

NASH, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*. Nova Iorque: Basic Books, 1996.

NELSON, Anne. *Shadow Network: Media, Money and the Secret Hub of the Radical Right*. Nova Iorque: Bloomsbury Publishing, 2019.

NEIWERT, David. *Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump*. Nova Iorque: Verso, 2017.

NEWTH, George. Rethinking ‘Nativism’: beyond the ideational approach. *Global Studies in Culture and Power* (online), 2021. Disponível em [https://doi.org/10.1080/1070289X.2021.1969161]. Acesso em 19/08/2021.

NIELI, Russel. Jared Taylor and White Identity. In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

NIELSEN, Rasmus K; GANTER, Sarah A. Dealing with digital intermediaries: A case study of the relations between publishers and platforms. *New Media & Society*, 2017. Disponível em [https://doi.org/10.1177/1461444817701318]. Acesso em 06/01/2010.

NORRIS, Pipa; INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2019.

OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE. *Assessing Russian Activities and Intentions in Recent US Elections”: The Analytic Process and Cyber Incident Attribution*, 2017. Disponível em [https://www.dni.gov/files/documents/ICA_2017_01.pdf]. Acesso em 22/08/2018.

OLIVER, Eric; RAHN, Wendy. Rise of the Trumpenvolk. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 2016. Disponível em [https://doi.org/10.1177/0002716216662639]. Acesso em 13/01/2020.

OSNOS, L. Can Mark Zuckerberg fix Facebook before it breaks democracy?. *The New Yorker*, 2018. Disponível em [https://www.newyorker.com/magazine/2018/09/17/can-mark-zuckerberg-fix-facebook-before-it-breaks-democracy?]. Acesso em 25/09/2018.

PARISER, Eli. *The Filter Bubble: What the Internet is Hiding from You*. Londres: Penguin Books, 2011.

PAYNE, S. G. *A history of fascism, 1914-1945*. London & New York: Routledge, 1995.

PERLIGER, Arie. “Identifying Three Trends in Far Right Violence in the United States”. *CTC Sentinel*, Vol. 5, no. 9, pg 5–7, 2012.

PETERS, Thomas. “Robust Mobile Apps Changing Political and Advocacy Campaigns with Thomas Peters uCampaign”. *Podcast Digital Politics with Karen Jagoda*, 2017. Disponível em [http://digitalpoliticsradio.com/robust-mobile-apps-changing-political-and-advocacy-campaigns-with-thomas-peters-ucampaign.]. Acesso em 06/12/2019.

PEW RESEARCH CENTER. *Global Attitudes*, 2017. Pew Research Center, 2017. Disponível em [http://www.pewglobal.org/]. Acesso em: 06/12/2017

_____. Social Media Use in 2016. Disponível em [http://www.pewinternet.org/2018/03/01/social-media-use-in-2016/]. Acesso em 29/09/2018.

_____. 2015 Governance Survey. Pew Research Center, 2015. Disponível em [https://www.people-press.org/dataset/2015-governance-survey/]. Acesso em 14/01/2020.

_____. Black voter turnout fell in 2016, even as a record number of Americans cast ballots. Pew Research Center, 2017. Disponível em [https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/05/12/black-voter-turnout-fell-in-2016-even-as-a-record-number-of-americans-cast-ballots/]. Acesso em 17/01/2020.

PHAM Vincent N. Our Foreign President Barack Obama: The Racial Logics of Birther Discourses. *Journal of International and Intercultural Communication*, Vol. 8, Nº 2, 2015. Disponível em [http://dx.doi.org/10.1080/17513057.2015.1025327]. Acesso em 27/01/2020.

PIERCE, Douglas R; LAU, Richard R. Polarization and correct voting in U.S. presidential elections. *Electoral Studies*, Vol. 60, 2019. Disponível em [https://doi.org/10.1016/j.electstud.2019.102048]. Acesso em 14/01/2020.

PLATTNER, Marc F. Introduction. In DIAMOND, Larry; PLATTNER, Marc F. (ed.) *Democracy in Decline?*. Baltimore: John Hopkins University Press, 3-11, 2015.

POLITY IV. (2017) *Political Regime Characteristics and Transitions*. Publicado em Systemic Peace < http://www.systemicpeace.org/polity/polity4.htm >. Disponibilidade: 5/12/2017

POSTEL, Charles. The Tea Party in Historical Perspective: A Conservative Response to a Crisis of Political Economy. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The*

Precipitous Rise of the Tea Party. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

PRADO, Michele. Tempestade ideológica: Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora Lux, 2021.

RABKIN, Job; BASNETT, Guy; HOWKER, Ed; EASTHAM, Janet; PETT, Heidi. Trump campaign strategy to deter millions of Black Americans from voting in 2016. Channel 4 News, 2020. Disponível em [<https://www.channel4.com/news/revealed-trump-campaign-strategy-to-deter-millions-of-black-americans-from-voting-in-2016>]. Acesso em 18/01/2021.

RALPH, J. America's War on Terror: The State of 9/11 Exception from Bush to Obama. Oxford: Oxford University Press, 2013.

RAYNAULD, Vincent; TURCOTTE, André. "Different Strokes for Different Folks": Implications of Voter Micro-Targeting and Appeal in the Age of Donald Trump. In GILLIES, Jamie (Ed.) Political Marketing in the 2016 U.S. Presidential Election. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

REEDY, Justin; GASTIL, John; WELLS, Chris. How Voters Become Misinformed: An Investigation of the Emergence and Consequences of False Factual Beliefs. Social Science Quarterly, Vol. 95, Nº 5, 2014. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/ssqu.12102>]. Acesso em 10/01/2020.

RICHARDSON et al. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

RITCHIE, Jessica. Creating a Monster: Online media constructions of Hillary Clinton during the Democratic Primary Campaign, 2007–8. Feminist Media Studies, Vol. 13, Nº 1, 2013. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/14680777.2011.647973>]. Acesso em 27/01/2021.

ROBIN, Corey. *The Reactionary Mind: Conservatism from Edmund Burke to Sarah Palin, Second Edition*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2017.

ROSA, M. & ARNOLDI, M. *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RUDOLPH, Thomas. Populist anger, Donald Trump, and the 2016 election. Journal of Elections, Public Opinion and Parties, 2019. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/17457289.2019.1582532>]. Acesso em 14/01/2020.

RUSSET, Bruce. *Grasping the Democratic Peace: Principles for a Post-cold War World*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1993.

SALAS, Javier. O dia em que as redes nos venderam. El País, 2018. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/31/tecnologia/1535729240_470782.html]. Acesso em 25/09/2018.

SALATIEL, J. R. Escola de Frankfurt: Crítica à sociedade de comunicação de massa. São Paulo: Uol-Educação, 2008 (Artigo de divulgação científica).

SAINT PIERRE, H. *Grandes Tendências da Segurança Internacional Contemporânea* in JOBIM, N. A. et al. *Segurança Internacional: Perspectivas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SARDENBERG, Ronaldo M. Prefácio. in *A Política Entre As Nações: A luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

SCAMINACI, James. Battle without Bullets: The Christian Right and Fourth Generation Warfare. Political Research Associates, 2017. Disponível em [https://www.politicalresearch.org/2017/08/16/battle-without-bullets-the-christian-right-and-fourth-generation-warfare#_edn4]. Acesso em 29/11/2019.

SCHEUCH, E. K; KLINGEMANN, H. D. Theorie des Rechtsradikalismus in westlichen Industriegesellschaften. Hamburger Jahrbuch für Wirtschafts- und Gesellschaftspolitik, Vol. 12, pgs. 11–29, 1967.

SEDGWICK, Mark. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Londres: Oxford University Press, 2004.

SHUMPETER, Joseph. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SIDES, John; TESLER, Michael; VAVRECK, Lynn. The 2016 U.S. Election: How Trump Lost and Won. *Journal of Democracy*, Vol. 28, N° 2, 2017. Disponível em [https://muse.jhu.edu/article/653374/]. Acesso em 15/01/2021.

_____. Hunting where the ducks are: activating support for Donald Trump in the 2016 Republican primary, *Journal of Elections*,

Public Opinion and Parties, Vol. 28, Nº 2, 2018. Disponível em [https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1441849]. Acesso em 15/01/2020.

SILVA, Fábio M. E.; CUNHA, Eleonora S. M. *Process-tracing* e a produção de inferência causal. *Revista Teoria & Sociedade*, n. 22.2, p. 105-125, 2015.

SILVERSTEIN, Brett. *Enemy images: The psychology of U.S. attitudes and cognition regarding the Soviet Union*. *American Psychologist*, 1989.

_____. *Research on enemy images: Present status and future prospects*. *Journal of Social Issues*, 1989.

SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. *The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2011).

SKOCPOL, Theda; HERTEL-FERNANDEZ, Alexander. The Koch Network and Republican Party Extremism. *Perspectives on Politics*, Vol. 14, Nº 3, 2016. Disponível em [https://doi.org/10.1017/S1537592716001122]. Acesso em 10/12/2019.

SKOCPOL, Theda; HERTEL-FERNANDEZ, Alexander; SCLAR, Jason. When Political Mega-Donors Join Forces: How the Koch Network and the Democracy Alliance Influence Organized U.S. Politics on the Right and Left. *Studies in American Political Development*, 2018. Disponível em [https://doi.org/10.1017/S0898588X18000081]. Acesso em 03/01/2020.

SNIDERMAN, P., HAGENDOORN, L., & PRIOR, M. Predisposing factors and situational triggers: Exclusionary reactions to immigrant minorities. *American Political Science Review*, Vol. 98, Nº 1, pgs. 93-110, 2004.

SPENCER, Richard. What It Means To Be Alt-Right: A meta-political manifesto for the Alt-Right movement. *Alt-Right.com*, 2017. Disponível em [https://altright.com/2017/08/11/what-it-means-to-be-alt-right/]. Acesso em 25/01/2020.

SPILLMANN, Kurt R., SPILLMANN, Kati. *On enemy images and conflict escalation*. *International Social Science Journal*, 1991.

STEWART, Katherine. *The Power Worshipers: Inside the Dangerous Rise of Religious Nationalism*. Nova Iorque: Bloomsbury Publishing, 2020.

STOKKE, Kristian. Peace-building as Small State Foreign Policy: Norway's Peace Engagement in a Changing International Context. *International Studies*, Vol. 49, Nº 3-4, 2014. Disponível em [<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0020881714532334>]. Acesso em 08/01/2021.

STUENKEL, Oliver. *Big Data: What does it mean for international relations?*. Post Western World, 2018. Disponível em: [<http://www.postwesternworld.com/2016/03/06/mean-international-relations/>]. Acesso em 25/09/2018.

SUNSTEIN, Cass R. *Republic 2.0*. Nova Iorque: Princeton Press, 2007.

SWIFT, Art. Americans' Trust in Mass Media Sinks to New Low. Gallup, 2016. Disponível em [<https://news.gallup.com/poll/195542/americans-trust-mass-media-sinks-new-low.aspx>]. Acesso em 11/12/2019.

SZUCKO, Angélica. BREXIT: As negociações de fevereiro e o referendo britânico. *Revista Mundorama*, 2016. Disponível em [<https://www.mundorama.net/?p=19259>]. Acesso em 5/10/2018.

_____. Percepções Identitárias no Reino Unido: Antes e depois do referendo Britânico. *Rev. Carta Inter.*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 2018.

TAIT, Joshua. Mencius Moldbug and Neoreaction In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

TAN et al. "Analyzing the Impact of Social Media on Social Movements: A Computational Study on Twitter and the Occupy Wall Street Movement". *Advances in Social Networks Analysis and Mining (ASONAM)*, 2013. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/262287594_Analyzing_the_impact_of_social_media_on_social_movements_a_computational_study_on_Twitter_and_the_occupy_wall_street_movement]. Acesso em 1/11/2019

TAYLOR, Jared. *What is the Alt-Right?*. American Renaissance, 2018. Disponível em [<https://www.amren.com/news/2016/10/what-is-the-alt-right-jared-taylor/>]. Acesso em 14/11/2019.

TEITELBAUM, Benjamin R. Daniel Friberg and Metapolitics in Action In SEDGWICK, Mark (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Londres: Oxford University Press, 2019.

_____. *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers*. Nova Iorque: Dey Street Books, 2020.

TEIXEIRA, Carlos G. P. Qual conservadorismo? Da América de Trump ao Brasil de Bolsonaro. *Estado da Arte*, 2018. Disponível em [<https://estadodaarte.estadao.com.br/conservadorismos-da-america-de-trump-ao-brasil-de-bolsonaro/>]. Acesso em 16/12/2019.

TEIXEIRA, Ulysses T. *Promoção de Democracia e apoio a governo autoritários pelos Estados Unidos: Transições de regime e realinhamento de política externa no Irã e no Egito*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. (2016) Democracy Index 2016. Publicado em *The Economist* em [<http://www.eiu.com/Handlers/WhitepaperHandler.ashx?fi=Democracy-Index-2016.pdf&mode=wp&campaignid=DemocracyIndex2016>]. Disponibilidade: 5/12/2017

_____. (2017) Democracy Index 2017. Publicado em *The Economist* em [<https://www.eiu.com/topic/democracy-index>]. Disponibilidade: 4/10/2018.

THE ECONOMIST (2018). Russian disinformation distorts American and European democracy. Publicado em [<https://www.economist.com/briefing/2018/02/22/russian-disinformation-distorts-american-and-european-democracy>]. Disponibilidade: 15/08/2018.

_____. *A trolls life*. *The Economist Print Edition*, Fev., 2018.

THE RIGHT STUFF. The Fight for the Alt Right: The Rising Tide of Ideological Autism Against Big-Tent Supremacy. *The Right Stuff*, 2016. Disponível em [<https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/alt-right>]. Acesso em 03/10/2019.

_____. "Now I Am Become President, Leader of the Free World". *The Right Stuff*, 2015. Disponível em [<http://therightstuff.biz/2016/11/09/now-i-am-become-president-leader-of-the-free-world/>]. Acesso em 07/11/2019.

THE SOUTHERN POVERTY LAW CENTER (SPLC). “The Alternative-Right”, 2019. Disponível em [<https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/alternative-right>]. Acesso em 03/10/2019.

_____. “The Council for National Policy: Behind the Curtains”, 2016. Disponível em [<https://www.splcenter.org/hatewatch/2016/05/17/council-national-policy-behind-curtain>]. Acesso em 21/11/2019.

THE WHITE HOUSE. *National Security Strategy*, 2017. Disponível em [<https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>]. Acesso em 28/09/2018.

TOLBERT, Caroline J; REDLAWSK, David P; GRACEY, Kellen J. Racial attitudes and emotional responses to the 2016 Republican candidates. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, Vol. 28, Nº2, 2018. Disponível em [<https://doi.org/10.1080/17457289.2018.1441846>]. Acesso em 16/01/2020.

TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence. The Rise of the Tea Party. In TROST, Christine; ROSENTHAL, Lawrence (eds.) *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Los Angeles: University of California Press, 2012. Disponível em [<https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1pptvz.4>]. Acesso em 30/01/2020.

TRUMP, Donald. Entrevista ao *The New York Times*, 2016. Disponível em [<https://www.nytimes.com/2016/11/23/us/politics/trump-new-york-times-interview-transcript.html>]. Acesso em 06/11/2019.

_____. Made in America? @BarackObama called his ‘birthplace’ Hawaii “here in Asia”, 18 nov. 2011. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em [<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/137559273394802690>]. Acesso em 21/01/2020.

_____. Let's take a closer look at that birth certificate. @BarackObama was described in 2003 as being "born in Kenya." 18 mai. 2012. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em [<https://twitter.com/i/events/776795610817007616>]. Acesso em 21/01/2020

_____. An 'extremely credible source' has called my office and told me that @BarackObama's birth certificate is a fraud. 6 ago. 2012b. Twitter: @realDonaldTrump. Disponível em [<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/232572505238433794>]. Acesso em 21/01/2020.

TUCKER, Joshua; GUESS, Andrew; BARBERÁ, Pablo; VACCARI, Cristian; SIEGEL, Alexandra; SANOVICH, Sergey; STUKAL, Denis; NYHAN, Brendan. Social Media, Political Polarization, and Political Disinformation: A Review of the Scientific Literature. Hewlett Foundation, 2018. Disponível em [<https://www.hewlett.org/wp-content/uploads/2018/03/Social-Media-Political-Polarization-and-Political-Disinformation-Literature-Review.pdf>]. Acesso em 19/08/2021.

TUCKER, Patrick D; TORRES, Michelle; SINCLAIR, Betsy; SMITH, Steven S. Pathways to trump: Republican voters in 2016. *Electoral Studies*, 2019. Disponível em [[10.1016/j.electstud.2019.03.011](https://doi.org/10.1016/j.electstud.2019.03.011)]. Acesso em 13/01/2020.

UNIÃO EUROPEIA. Regulation (EU) 2016/679 of the European Parliament and of the Council of 27 April 2016 on the protection of natural persons with regard to the processing of personal data and on the free movement of such data, and repealing Directive 95/46/EC (General Data Protection Regulation). Disponível em [<http://data.europa.eu/eli/reg/2016/679/oj>]. Acesso em 04/10/2018

VAN ELTEREN, Mel. Celebrity Culture, Performative Politics, and the Spectacle of “Democracy” in America. *The Journal of American Culture*, Vol. 36, Nº4, 2013. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/jacc.12049>]. Acesso em 03/02/2021.

VASQUEZ, John A, *The Probability of War; 1816-1992, Presidential Address to the International Studies Association*, New Orleans, 2002.

VERGARA, Camila. Populism as Plebeian Politics: Inequality, Domination, and Popular Empowerment. *The Journal of Political Philosophy*, Vol. 0, Nº 0, 2019. Disponível em [<https://doi.org/10.1111/jopp.12203>]. Acesso em 29/01/2021.

VINOCUR, Nicolas. Emmanuel Macron aide blames Russia for hacking attempts. *Politico*, 2017. Disponível em [<https://www.politico.eu/article/emmanuel-macron-aide-blames-russia-for-hacking-attempts/>]. Acesso em 4/10/2018

V-DEM. (2017) Democracy at Dusk? V-Dem Annual Report 2017. Publicado em [https://www.v-dem.net/media/filer_public/b0/79/b079aa5a-eb3b-4e27-abdb-604b11ecd3db/v-dem_annualreport2017_v2.pdf]. Disponibilidade: 5/12/2017

VOLKAN, V. D. *The need to have enemies and allies: A developmental approach. Political Psychology*, 1985.

WANG, Yu; LUO, Jiebo; NIEMI, Richard; LI, Yuncheng; HU, Tianran. Catching Fire via "Likes": Inferring Topic Preferences of Trump Followers on Twitter. 10th International AAAI Conference on Web and Social Media, 2016. Disponível em [<https://arxiv.org/abs/1603.03099>]. Acesso em 03/02/2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Towards an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Conselho da Europa, 2017.

WARZEL, Charles; THUY VO, Lam. "Here's Where Donald Trump Gets His News," BuzzFeed News, 2016. Disponível em [<https://www.buzzfeednews.com/article/charliwarzel/trumps-information-universe#.hhxxJnvK4>]. Acesso em 26/01/2021.

WEEKS, Brian E; GARRET, Kelly R. Electoral Consequences of Political Rumors: Motivated Reasoning, Candidate Rumors, and Vote Choice during the 2008 U.S. Presidential Election. *International Journal of Public Opinion Research*, Vol. 26, N° 4, 2014. Disponível em [<https://doi.org/10.1093/ijpor/edu005>]. Acesso em 10/01/2020.

WELLS, Chris; SHAH, Dhavan; PEVEHOUSE, Jon C.; YANG, Jung Hwan; PELLED, Ayellet; BOEHM, Frederick; LUKITO, Josephine; GHOSH; Shreenita; SCHMIDT, Jessica L. How Trump Drove Coverage to the Nomination: Hybrid Media Campaigning. *Political Communication*, Vol. 33, N° 4, 2016. Disponível em [<http://dx.doi.org/10.1080/10584609.2016.1224416>]. Acesso em 01/02/2021.

WEYRICH, Paul. "A moral minority? An open letter to conservatives from Paul Weyrich". Free Congress Foundation, 1999. Disponível em [<http://web.archive.org/web/20010715110456/http://www.freecongress.org/fcf/specials/weyrichopenltr.htm>]. Acesso em 28/11/2019.

WOLFE, Alan. *The rise and fall of the Soviet threat: Domestic sources of the cold war consensus*. Washington, DC: *Institute for Policy Studies*, 1983.

_____. *The irony of anti-communism: Ideology and interest in post-war American foreign policy*. In *The uses of anti-communism*, editado por R. Miliband, J. Saville, e M. Liebman. London: Merlin, 1984.

WOOLEY, Samuel; GUILBEAULT, Douglas. "Computational Propaganda in the United States of America: Manufacturing Consensus Online." Working Paper. Oxford: Project on Computational Propaganda, 2020. Disponível em [<https://blogs.oii.ox.ac.uk/politicalbots/wp-content/uploads/sites/89/2017/06/Comprop-USA.pdf>]. Acesso em 15/02/2021.

YIN, Robert K. *Case study research and applications: design and methods*. Los Angeles: SAGE, 2018.

ZANNETTOU et al. *The Fourth Workshop on Computational Methods in Online Misbehavior (CyberSafety 2019) -- WWW'19 Companion Proceedings*, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1145/3308560.3316495>. Acesso em 19/08/2021.

ZINGHER, Joshua N. An analysis of the changing social bases of America's political parties: Group support in the 2012 and 2016 presidential elections. *Electoral Studies*, Vol. 60, Nº 1, 2019. Disponível em [<https://doi.org/10.1016/j.electstud.2019.04.006>]. Acesso em 13/01/2020.

Anexos

Anexo 1. Orçamentos em milhões de dólares de Organizações que financiaram o Partido Republicano

Type	Name (Koch organizations in bold blue)	2001-02	2013-14
Party committees	GOP national committees	\$914.4	\$668.4
Think tank	Heritage Foundation	\$69.1	\$112.7
Think tank	American Enterprise Institute	\$22.7	\$64.0
Think tank	Cato Institute	\$22.5	\$28.4
Think tank	Mercatus Center	\$5.8	\$20.7
Think tank	Council for National Policy	\$1.6	\$2.4
Non-party funder	Club for Growth	\$3.7	\$7.0
Non-party funder	Chamber of Commerce	\$100.7	\$164.9
Constituency organization	National Rifle Association	\$225.5	\$348.0
Constituency organization	National Federation of Independent Business	\$125.5	\$100.4
Constituency organization	Christian Coalition of America	\$7.0	\$0.1
Constituency organization	National Right to Life Committee/ Education Fund	\$5.4	\$1.4
Constituency organization	Republican Jewish Coalition	\$6.3	\$3.0
Issue advocate	Citizens for a Sound Economy/ Foundation	\$4.8	
Issue advocate	Americans for Tax Reform/ Foundation	\$6.5	\$5.2
Issue advocate	Focus on the Family	\$166.6	\$91.0
Issue advocate	National Organization for Marriage	\$0.7	\$1.7
Issue advocate	National Pro-Life Alliance	\$5.0	\$6.7
Issue advocate	National Right to Work Committee/ Foundation	\$18.0	\$20.7
Issue advocate	60 Plus Association	\$1.6	\$19.0
Issue advocate	Gun Owners of America	\$2.0	\$3.2

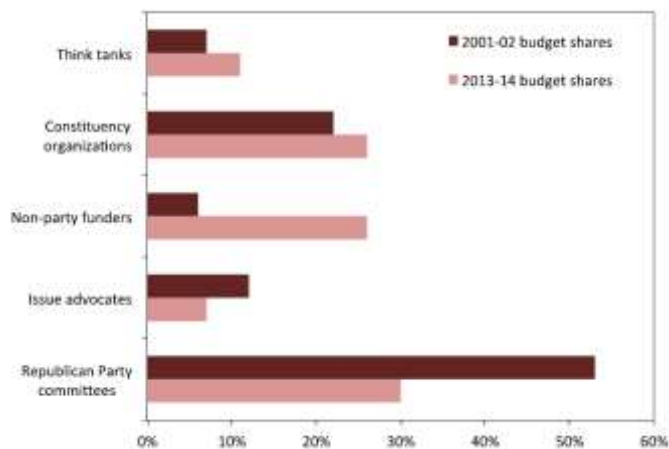
Fonte: Skocpol e Hertel-Fernandez, 2016.

Anexo 2. Orçamentos em milhões de dólares de Organizações fundadas após 2002 que financiaram o Partido Republicano

<i>Founded after 2002</i>		
Non-party funder	American Crossroads/Crossroads GPS	\$47.9
Non-party funder	Koch Seminars	\$290.0
Non-party funder	Freedom Partners Chamber of Commerce	\$35.9
Non-party funder	Heritage Action	\$8.8
Non-party funder	Congressional Leadership Fund	\$12.6
Non-party funder	Senate Conservatives Action	\$3.41
Constituency organization	FreedomWorks / Foundation	\$15.1
Constituency organization	Americans for Prosperity/ Foundation	\$57.6
Constituency organization	Libre Trust/ Institute	\$10.5
Constituency organization	Faith and Freedom Coalition (Ralph Reed)	\$7.5
Constituency organization	Concerned Veterans of America	\$3.8
Constituency organization	Generation Opportunity	\$4.1
Constituency organization	Tea Party Patriots	\$20.9
Issue advocate	American Energy Alliance/ Institute for Energy Research	\$2.2
Issue advocate	Center to Protect Patient Rights/American Encore	\$10.0
Think tank	American Action Network/Forum	\$13.2

Fonte: Skocpol e Hertel-Fernandez, 2016.

Anexo 3. Mudanças nas origens dos recursos de financiamento do GOP



Fonte: Skocpol e Hertel-Fernandez, 2016.

Anexo 4. Lista de Tweets de Donald Trump sobre o movimento Birther



- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 30 de mai de 2012
 In his own words, @BarackObama "was born in Kenya, and raised in Indonesia and Hawaii." This statement was made, (cont) [tl.gd/hkim3j](https://t.me/hkim3j)
 284 783 587
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 30 de mai de 2012
 My @CNN interview with @wolfblitzerCNN where I discuss @BarackObama's 'birth certificate' and why @CNN has low ratings
 Video News - CNN
 Watch breaking news videos, viral videos and original video clips on CNN.com.
edition.cnn.com
 103 158 105
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 17 de jul de 2012
 I wonder what the answer is on @BarackObama's college application to the question: place of birth? Maybe the (cont) [tl.gd/icf5vc](https://t.me/icf5vc)
 154 163 37
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 18 de jul de 2012
 Congratulations to @RealSheriffJoe on his successful Cold Case Posse investigation which claims @BarackObama's 'birth certificate' is fake
 1,9 mil 5,4 mil 3 mil
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 18 de jul de 2012
 Why does HI Revised Statute 338-17.8 allow an HI resident who doesn't have to be US citizen to procure an official Hawaii birth certificate?
 122 256 133
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 19 de jul de 2012
 Via @BreitbartFeed--why doesn't @BarackObama release his original book proposal which says he was born in Kenya?

- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 6 de ago de 2012
 An 'extremely credible source' has called my office and told me that @BarackObama's birth certificate is a fraud.
 8,5 mil 23,8 mil 21,3 mil
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 27 de ago de 2012
 Why do the Republicans keep apologizing on the so called "birther" issue? No more apologies--take the offensive!
 592 1,3 mil 665
- Donald J. Trump** @realDonaldTrump · 27 de ago de 2012
 @BarackObama is petrified of the birther issue so they go on the offensive to try & make the Republicans feel (cont) [tl.gd/j2711e](https://t.me/j2711e)
 140 135 56

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 20 de jul de 2012
 With @BarackObama listing himself as "Born in Kenya" in 1999 <http://bit.ly/2AHQW0> HI laws allowed him to produce a fake certificate. #SCAM

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 23 de jul de 2012
 Read this--@BarackObama's birth certificate "cannot survive judicial scrutiny" because of "phantom numbers"



Secret of Obama's phantom numbers uncovered - WND
 The lead investigator in Sheriff Joe Arpaio's ongoing quest to discover the truth about Barack Obama's birth certificate told a radio host today ... wnd.com

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 28 de ago de 2012
 Media silent when @BarackObama called @MittRomney a murderer & felon. Mitt mentions 'birth certificate' and they go nuts. Double standard!

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 29 de ago de 2012
 What a coincidence--Michelle Obama called Kenya @BarackObama's "homeland" in 2008 bit.ly/U8uNH0

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 13 de set de 2012
 Wake Up America! See article: "Israeli Science: Obama Birth Certificate is a Fake" bit.ly/U1fG7B

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 1 de out de 2012
 In debate, @MittRomney should ask Obama why autobiography states "born in Kenya, raised in Indonesia."

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 11 de out de 2012
 So Obama used to tell classmates that he was Kenyan royalty and an Indonesian prince to.pbs.org/W14WJ Sounds like his book bio!



The FRONTLINE Interview: Kristen Caldwell – The Ch...
 Kristen Caldwell grew up with Obama in Hawaii, and recalls their early days playing tennis, his doting ... pbs.org

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 28 de out de 2012
 A lot changed when David Letterman said " he was probably born in this country"--- the word probably is a total disaster for Obama.

Donald J. Trump @realDonaldTrump · 18 de mar de 2013
 "TRUMP HITS BACK AT CHRIS MATTHEWS' BIRTHER RANT: 'HE USED TO BE A MUCH MORE INTELLIGENT MAN'" bit.ly/Yz9h0W @MadeleineBlaze

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 22 de mar de 2013

*@CTrain_ [@realDonaldTrump](#) Honestly who gives a shit where Obama was born? It's where he lives now that's the problem! Interesting!!!!

113 191 105

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 7 de mai de 2013

*@artlab_ [@realDonaldTrump](#) Still waiting for the apology on the birth certificate thing. You must be kidding Joker!

88 119 66

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 30 de jun de 2013

*@davidrhythnguit: [@realDonaldTrump](#) @Chuffman48 Mark Cuban accepts the fact that the President of the United States was born here." Doubt it

51 61 24

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 11 de ago de 2013

@jorkari interviews me on This Week during which time he stated that he was "pretty sure" President Obama was born in the U.S. Bad question!

26 50 15

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 20 de set de 2013

*@HoppMar: [@realDonaldTrump](#) I saw his brother in Kenya interviewed, HE may be wiser, actually." I'm so surprised his brother lives in Kenya

28 47 25

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 12 de dez de 2013

How amazing, the State Health Director who verified copies of Obama's "birth certificate" died in plane crash today. All others lived

6 mil 15,2 mil 17,3 mil

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 19 de dez de 2013

Pres. Obama is about to embark on a 17 day vacation in his "native" Hawaii, putting Secret Service away from families on Christmas. Aloha!

953 2,1 mil 1,9 mil

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 15 de jan de 2014

*@johnnyb23390: [@realDonaldTrump](#) - the only confidentiality agreement he signed was for his real birth certificate. keep up the great work!"

19 75 79

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 12 de dez de 2013

How amazing, the State Health Director who verified copies of Obama's "birth certificate" died in plane crash today. All others lived

6 mil 15,2 mil 17,3 mil

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 19 de dez de 2013

Pres. Obama is about to embark on a 17 day vacation in his "native" Hawaii, putting Secret Service away from families on Christmas. Aloha!

953 2,1 mil 1,9 mil

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 15 de jan de 2014

*@johnnyb23390: [@realDonaldTrump](#) - the only confidentiality agreement he signed was for his real birth certificate. keep up the great work!"

19 75 79

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 29 de jun de 2014

Always remember, I was the one who got Obama to release his birth certificate, or whatever that was. Hilary couldn't, McCain couldn't.

880 1,1 mil 1,6 mil

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 6 de set de 2014

Attention all hackers: You are hacking everything else so please hack Obama's college records (destroyed?) and check "place of birth"

2,6 mil 9,6 mil 8,5 mil

Donald J. Trump  [@realDonaldTrump](#) · 23 de nov de 2014

*@futurecorn: [@pinkugarf1](#) Obama also fabricated his own birth certificate after being pressured to produce one by [@realDonaldTrump](#)"

152 475 344

Anexo 5. Tweets de Mike Pence associados ao CNP¹⁰³

¹⁰³ Disponível em [<https://twitter.com/vp/status/865670477460656130>]. Acesso em 28/11/2019



Fonte: Twitter, 2019¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Disponível em [<https://twitter.com/VP/status/1180535368279572481>]. Acesso em 28/11/2019